Mateus Américo Gaiotto

# O P. E. N. CLUBE DO BRASIL (1936 - 1954):

## a era Cláudio de Souza

Assis
2018

Mateus Américo Gaiotto

# O P. E. N. CLUBE DO BRASIL (1936 - 1954):

## a era Cláudio de Souza

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Mestre em História (Área de Conhecimento: História e Sociedade)

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Tania Regina de Luca

Bolsista processo n°: 2015/23877-0, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)

Assis
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – Unesp

G143p

Gaiotto, Mateus Américo
O P. E. N. CLUBE DO BRASIL (1936 - 1954): a era Cláudio de Souza / Mateus Américo Gaiotto. Assis, 2018.
181 f. : il.

Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientador: Drª Tania Regina de Luca

1. PEN Clube do Brasil. 2. Souza, Cláudio de, 1876-1954. 3. Intelectuais. 4. Brasil- Vida intelectual. 5. Escritores brasileiros - Sociedades, etc. I. Título.

CDD 869.909

## CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: O P. E. N. Clube do Brasil (1936-1954): a era Cláudio de Souza

**AUTOR: MATEUS AMÉRICO GAIOTTO**
**ORIENTADORA: TÂNIA REGINA DE LUCA**

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Mestre em HISTÓRIA, área: HISTÓRIA E SOCIEDADE pela Comissão Examinadora:

X
Profa. Dra. TÂNIA REGINA DE LUCA
Depto. de História / UNESP/Assis

X
Profa. Dra. ANA LUIZA MARTINS CAMARGO DE OLIVEIRA
CONDEPHAAT/São Paulo / SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

X
Prof. Dr. NELSON SCHAPOCHNIK
USP / São Paulo

Assis, 01 de agosto de 2018

## Agradecimentos

Essa pesquisa teve apoio financeiro por meio do processo nº 2015/23877-0 da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), e pela Bolsa Estágio de Pesquisa no Exterior (BEPE), processo n°2017/03440-2, da mesma fundação, que me proporcionou a consulta aos acervos do PEN Clube Internacional, no Harry Ransom Center da Universidade do Texas em Austin.

A respeito dessa visita, destaco a gentileza do professor doutor Seth William Garfield, presidente do *Institute for Historical Studies* daquela Universidade, na ocasião, por ter me recebido e auxiliado naquela pesquisa, além de ter proporcionado minha participação no ambiente acadêmico do Instituto, oportunidade ímpar para minha formação. Agradeço também a ajuda da Coordenadora Administrativa do Departamento de História, Courtney L. Meador, aos funcionários do arquivo Harry Ransom e aos amigos e funcionários da *Teresa Lozano Long Institute of Latin American Studies* (LILLAS): Susanna Sharpe (e seu marido Sérgio Santos) e Carla Silva Muhammad.

Agradeço ao PEN Clube do Brasil na figura de seu presidente, Cláudio Aguiar, e a secretária Núbia Nunes, por abrirem as portas do clube e de seu arquivo para que eu pudesse realizar essa pesquisa.

Agradeço a leitura atenta e as sugestões da banca, constituída pelos professores doutores Ana Luiza Martins e Nelson Shapochnik, e a orientação da professora doutora Tânia Regina de Luca, da qual me sinto privilegiado em ser aluno.

Aos amigos de Assis que contribuíram para esse trabalho, seja por meio de palavras de incentivo, correções e/ou sugestões: Camila Bueno, David Ribeiro, Victor Barroso Cruz, Anelize Vergara, Carlos Almeida, Dirceu Rodrigues, Raphael Lino, Edson Alves, Kamila Czepula e Gilvana Gomes. Aos amigos do Texas: Edward Shore, Elizabeth McKinnon, Kirsten Dike, Robert Kilgore, Adrian Masters, Henry Alexander, Chris Baggiano, Miguel Daza, Kylie Morgan, Jenna Belvedere, Chloe Ireton, Marco Antônio Santos, Juliana Silveira, Fernanda Cantarim, Fernanda Gibi e Thais Carvalho. E aos amigos de Itapetininga: Luiz, Raquel, Carol e Jefferson.

Aos meus pais (Roberto e Aline) e minha família, obrigado por sempre apoiarem meus projetos. Sem vocês nada disso seria possível.

A todos, meu muito obrigado.

GAIOTTO, Mateus Américo. **O P.E.N. Clube do Brasil (1936-1954):** a Era Cláudio de Souza. 2018. 181 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em História) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2018.


## Resumo

O P.E.N. Clube do Brasil é uma associação de escritores, fundada em 1936 por Cláudio Justiniano de Souza (1876-1954) nos moldes do P. E. N. Internacional e que desfruta de autonomia em termos de procedimentos administrativos e culturais. O acrônimo P.E.N., que tinha por significado "Poetas, Ensaístas e Novelistas", posteriormente ampliado para "Poetas, *Playwrights* [dramaturgos], Editores, Ensaístas e Romancistas", foi organizado em 1921 na cidade de Londres pela poetisa Catherine Amy Dawson-Scott (1865-1934) e tinha a ambição de representar a classe intelectual em âmbito mundial. A pesquisa tem por objetivo principal analisar, durante o período da presidência de seu fundador (1936-1954), os projetos e os ideais defendidos pelo P. E. N. Clube do Brasil que tinham como destinatários os "homens de letras", tanto no que diz respeito às questões dos escritores nacionais, quanto aos assuntos supranacionais que circulavam pelo globo. Entre as fontes merece destaque os documentos produzidos pela própria instituição, que são confrontados com o material disponível sobre a agremiação em jornais e revistas da época.



**Palavras-Chave:** P.E.N. Clube do Brasil; Cláudio de Souza; Intelectuais; História dos intelectuais.

GAIOTTO, Mateus Américo. **The P.E.N. Club of Brazil (1936-1954)**: *the Cláudio de Souza Era*. 2018. 181 p. Dissertation (Masters in History). São Paulo State University (UNESP), School of Sciences, Humanities and Languages, Assis, 2018.


**Abstract**

*The P.E.N. Club of Brazil is an association of writers founded in 1936 by Claudio de Souza (1876-1954) in accordance with the International P.E.N. and enjoys autonomy in terms of administrative and cultural procedures. The acronym PEN, which has as meaning "Poets, Essayists and Novelists", later expanded to "Poets, Playwrights, Editors, Essayists and Novelists", was organized in 1921, in London, by the poetess Catherine Amy Dawson-Scott (1865-1934) and had the ambition to represent the intellectual class worldwide. The main objective of the research, during the period of the presidency of its founder (1936-1954), is to analyses the projects and the ideals defended by the P.E.N. Club of Brazil which were addressed to "men of letters", both with regard to questions of national writers, as to the supranational issues that circulated around the globe. Among the sources worth mentioning are the documents produced by the institution itself, which will be confronted with the material available about the association in newspapers and magazines of the epoch.*



**Keywords:** P.E.N. Club of Brazil; Claudio de Souza; Intellectual; Intellectual History.

**Sumário**

**Introdução** ..... 6
**Capítulo 1 - Origens e organização do P.E.N. Clube do Brasil** .... 12
1.1 A fundação do P.E.N. Internacional ..... 14
1.2 O Brasil do início do século XX e a questão associativa ..... 24
1.3 O PEN Clube do Brasil ..... 30
1.3.1 Os *Boletins* ..... 35
1.3.2 O grupo intelectual entorno do P.E.N. Clube do Brasil ..... 47
1.3.3 "O P.E.N. Clube, no Brasil, é Cláudio de Souza" ..... 54
**Capítulo 2 – O P.E.N. Clube em prol dos escritores brasileiros** .. 72
2.1 O congresso internacional dos PEN Clubes em Buenos Aires ..... 73
2.2 O Projeto de Assistência aos Escritores ..... 79
2.3 Concursos, teatro, rádio, publicações e divulgação. ..... 90
2.4 As conferências literárias do P.E.N. Clube do Brasil ..... 101
**Capítulo 3 - O P.E.N. Clube do Brasil e o contexto internacional** 124
3.1 O PEN e a Segunda Guerra Mundial ..... 125
3.1.1 Escritores exilados ..... 132
3.2 As conferências acerca da paz e o pós-Guerra ..... 134
3.3 A "ameaça comunista" ..... 140
O fim de uma Era ..... 149
**Considerações finais** ..... 154
**Anexos** ..... 158
1. 1° Estatuto do P.E.N. Clube do Brasil (setembro de 1937) ..... 158
2. Os membros fundadores do P.E.N. Clube do Brasil ..... 163
3. Membros das diretorias do P.E.N. Clube do Brasil (1936-1954) ..... 174
4. Lista completa das obras de Cláudio de Souza ..... 175
**Bibliografia** ..... 178

## Introdução

Trabalhar com a documentação do PEN Clube do Brasil a respeito dos anos da presidência de Cláudio de Souza (1936-1954), e, consequentemente, com sua história, mostrou-se uma experiência desafiadora em muitos aspectos, mas, na mesma medida, interessante e enriquecedora.

O interesse pelo trabalho em questão surgiu durante os estudos do jornal *Dom Casmurro* (1937-1946), realizados durante minha iniciação científica (2011-2012). Entre os diversos debates abordados pela publicação de Brício de Abreu (1903-1970), o PEN Clube do Brasil apareceu como um antagonista notável, mas que, até então, não havia sido contemplado pela historiografia nacional. Assim, a vontade de preencher parte dessa lacuna e contribuir com os estudos que envolvem as conturbadas décadas de 1930/40, essenciais para a história intelectual e da intelectualidade no Brasil, foi central.

Analisar o centro brasileiro do PEN em seus diversos aspectos e acompanhar o seu envolvimento com as questões do período apresentava-se como uma necessidade, tendo em vista a escassez de pesquisas sobre essa agremiação que participou ativamente dos debates do, e no, mundo literário brasileiro da primeira metade do século XX, o que nos coloca questões instigantes, entre as quais, a motivação do seu quase esquecimento.

O período que compreende os primeiros anos de formação do PEN foi marcado pela complexidade de experiências históricas, tanto nacional quanto internacionalmente. As crises e guerras pelas quais passou a humanidade nas décadas de 1920 e 1930, deram ensejo a rearranjos culturais, à ascensão de regimes políticos totalitários e, em consequência, aos eventos que levaram os países à II Guerra Mundial. No âmbito nacional, a década de 1930 constituiu ponto de inflexão no andamento da política, da economia e dos projetos de cultura para o Brasil, cujos contornos se tornaram mais nítidos após a instauração do regime do Estado Novo. Analisar todos esses processos por meio das experiências do centro brasileiro do PEN e de seus membros, constitui vivência única que se espera ter passado para o leito no decorrer desse texto.

Boa parte dos homens de letras brasileiros, desde o século XIX até, principalmente, meados do 1900, tinham a França como modelo mais acabado de cultura e erudição, suspiravam por Paris e consumiam grandemente a produção que provinha do Hexágono. Em fins do século XIX, a poderosa indústria editorial francesa tinha no continente americano um de seus principais mercados, liderados pelos Estados Unidos, seguidos da Argentina e do Brasil. Nas palavras de Deaecto: "[...] o que se observa é uma longa conjuntura de domínio das edições francesas no continente americano, reforçando, mais uma vez, as raízes intelectuais fundadas na Ilustração e na Revolução Francesa".[1] Isto posto, nota-se outro ponto ainda pouco discutido por nós, que é a troca cultural entre o Brasil e outras nações que não a França, mais especificamente com a Inglaterra, no caso do PEN.

Pode-se afirmar que o PEN Clube do Brasil, enquanto uma entidade de intelectuais, buscou sua própria forma de posicionar-se frente às questões de seu tempo, em âmbito nacional e internacional, o que não significa a adoção de uma postura altruísta ou pautada apenas por valores universais e superiores, na chave proposta por Julien Benda, mas também comportou doses significativas de corporativismo. Assim, a relação entre o pessoal e o coletivo mostrava-se complexa.

No que diz respeito ao período em análise, as questões de ordem política eram incontornáveis, sobretudo após a implantação da ditadura do Estado Novo. A relação entre intelectuais e o governo de Getúlio Vargas foi marcada por tensões que não podem ser resumidas ao par oposição-adesão. Segundo Capelato:

> O apoio de intelectuais e artistas ao Estado Novo e a convivência pacífica dos que se opunham ao governo autoritário com o Ministério da Educação representam uma das características peculiares do regime, que se explica, segundo alguns autores, pela postura controvertida de Gustavo Capanema à frente desse ministério entre 1934 e 1945.[2]

O Ministro Gustavo Capanema foi célebre pela capacidade de conciliar contrários, como evidenciam os trabalhos enfeixados no livro *Capanema: o ministro*

---

[1] DEAECTO, Marisa Midori. B. L. Garnier e A. L. Garraux: destinos individuais e movimentos de conjunto nas relações editoriais entre a França e o Brasil no século XIX. In. VIDAL, Laurent; LUCA, Tania Regina de (orgs.). *Franceses no Brasil:* séculos XIX-XX. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

[2] CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Multidões em cena:* propaganda política no varguismo e no peronismo. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 121.

*e seu ministério*,[3] que bem evidenciam as articulações entre os projetos políticos do Estado e o lugar aí reservado aos intelectuais, questão chave para o entendimento da política cultural da época. O PEN Clube precisa ser inserido nesse contexto tenso, marcado pelo cerceamento da liberdade de expressão e, ao mesmo tempo, pelas exigências de engajamento dos intelectuais. Aliás, não se pode esquecer que a instituição surgiu na Inglaterra, no contexto do pós Primeira Guerra Mundial e que não se furtou a discutir os dilemas do seu tempo.

Isto posto, este trabalho pretende analisar e discutir a documentação produzida e recebida pelo centro brasileiro do PEN, com ênfase especial aos *Boletins* da instituição. Quanto a essas fontes, o volume documental encontrado compõe-se por mais de 200 Boletins, entre publicações nacionais e internacionais, atas, relatórios, discursos, correspondências, imagens, projetos, enfim, uma profusão de fontes documentais, quantia que fez o esforço organizacional e de sistematização serem um dos pontos centrais do trabalho, afinal, era fundamental construir uma visão panorâmica do clube de Cláudio de Souza. Além disso, tratava-se de objeto de análise inédito, razão pela qual se fez necessária a apresentação dessas informações de forma metódica e objetiva, para que o leitor conseguisse perceber a riqueza do centro e suas diversas posições na cultura nacional e internacional.

Faz-se necessário apontar que a constituição do acervo do PEN Clube do Brasil possui características próprias que colocam questões desafiadoras para o historiador que se propõe a trabalhar com o mesmo. Uma primeira observação diz respeito ao foco dessa documentação, que se adensa nos anos em que a instituição foi presidida por Cláudio de Souza, sem que se observe nítida separação entre o que é próprio da entidade e a vida pessoal do fundador, cuja presença é das mais marcantes, o que acaba por configurar clara interface com um arquivo de ordem pessoal.[4]

---

[3] GOMES, Ângela Maria de Castro (org). *Capanema:* o ministro e o seu ministério. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2000.

[4] Vale constatar que o acervo foi movido para o apartamento onde morava Cláudio de Souza, o que pode ter acarretado num acréscimo de documentos pessoais do escritor ao montante.

De acordo com Priscila Fraiz, quando não é possível restabelecer a ordem original de um arquivo e a sua lógica de acumulação, é o usuário, ou seja, o pesquisador, que acaba por estipular seu "valor de prova", na medida em que capta, daquele conjunto, as 'provas' de que precisa para sua pesquisa".[5]

Não se pode menosprezar o caráter memorialístico e de auto enaltecimento de Cláudio de Souza, que se dedicou à construção da agremiação, dotada com contornos de um projeto de vida, implicando, inclusive, na doação de seus bens pessoais.

O acervo documental do PEN Clube brasileiro é um arquivo institucional,[6] que reúne 80 anos de história, cabendo assinalar que não se trata de séries completas, mas de um conjunto que só recentemente recebeu alguma atenção no sentido de higieniza-lo e dota-lo de organização mínima. A maior parte da documentação, contudo, relaciona-se aos anos em que Cláudio de Souza esteve na presidência (1936-1954), visto que a dedicação de seu fundador para com o clube foi além dos assuntos estritamente sociais e corporativos.[7]

As fontes privilegiadas compõem rol diversificado, que inclui correspondências, *Boletins*, relatórios, participação dos sócios em eventos nacionais e internacionais, além de recortes publicados na imprensa periódica, sobretudo fluminense (*Jornal do Comércio*, *Correio da Manhã*, *A Manhã, Diário de Notícias, O Globo*), e que foram conservados no acervo da própria instituição, o que já introduz importante viés analítico.

Somado a essa diversidade de documentos presentes na sede do centro brasileiro, pudemos, com apoio da FAPESP, consultar o acervo do Harry Ransom Center da Universidade do Texas em Austin, centro que guarda e conserva a documentação da sede inglesa do PEN desde a década de 1980 e que trouxe para nós um novo horizonte no entendimento de como se construiu essa verdadeira federação de clubes literários/intelectuais pelo mundo após sua fundação internacional em 1921. Da mesma forma, a quantidade surpreendente de fontes presentes nesse acervo se faz impossível de ser incorporada ao trabalho em

---

[5] FRAIZ, Priscila. *A dimensão autobiográfica dos Arquivos Pessoas:* o arquivo de Gustavo Capanema. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.11, n. 21, p.63, 1998.

[6] BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: BASSANEZI, Carla Pinsky (org). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto 2005.

[7] Cláudio de Souza afirmou, em várias ocasiões, que o PEN Clube do Brasil era sua "criação e devoção", tal como na carta publicada no jornal *Gazeta de Notícias*, por exemplo, em resposta a um artigo de Wladimir Bernardes: "Se soubesses que o PEN Clube do Brasil é criação e devoção minha". Entre amigos... *Gazeta de Notícias*, 18 de abril de 1942, p. 3.

questão, sendo assim, foi introduzida pontualmente conforme o trabalho com a documentação brasileira avançava e necessitava de informações complementares.

Compreender o papel do PEN Clube do Brasil dentro do campo intelectual no qual se inseria, e abordar a relação estabelecida com as outras associações intelectuais brasileiras e com os demais centros do PEN Internacional, se mostra uma forma de evidenciar a importância do clube nas tomadas de decisões dentro desses espaços. Somado a isso, buscamos caracterizar o grupo intelectual reunido no clube, demarcando, na medida do possível, as ações públicas dos seus componentes, além de dar conta do processo de recrutamento e da composição social do quadro de membros, responsável em grande parte pela forma com que o PEN se inseriu nos debates da época, principalmente nos assuntos relativos à profissionalização dos escritores, destacando-se os projetos propostos ou encampados pelo clube.

A despeito da tentativa de assegurar ao PEN destacado lugar social, o fato é que, do ponto de vista historiográfico, o clube não conta com vasta fortuna crítica e sua trajetória não foi objetivo de nenhum estudo sistemático. Não basta constatar o fato, é preciso entender não apenas o papel desempenhado pela entidade no período estudado, mas também as razões que selaram a sua perda na batalha pela memória, uma vez que

> (...) torna-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores destes mecanismos de manipulação da memória coletiva.[8]

Conhecer o meio intelectual, num determinado tempo e espaço, implica em analisar a dinâmica entre certa tradição e projetos estético-políticos, que se expressa, como bem assinalou Ângela de Castro Gomes, em salões, academias, redações de periódicos, cafés e outros espaços que se constituem em eixos poderosos para a compreensão do "pequeno mundo dos intelectuais", para retomar a expressão consagrada por Sartre.[9]

---

[8] LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003. p. 408.

[9] GOMES, Ângela de Castro. *Essa gente do Rio...:* modernismo e nacionalismo. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999, p. 22, vale-se do termo.

O texto divide-se em três capítulos com vistas a atender aos objetivos propostos pela pesquisa. Num primeiro momento apresenta-se os pontos principais da estruturação do PEN Clube do Brasil, desde a origem londrina do clube, passando pelos membros fundadores do centro brasileiro e a posição deles no cenário literário nacional. Por fim, analisa-se os dispositivos legais da associação – Estatuto, *Boletins*, Assembleias Gerais etc. – com o intuito de familiarizar o leitor com o grupo formado entorno de Cláudio de Souza.

É no em torno de Cláudio de Souza que também se forma o foco da análise aqui presente, tendo nesse personagem o destaque na construção do primeiro capítulo ao percebermos que "O P.E.N. Clube, no Brasil, é Cláudio de Souza", como afirmou a sócia fundadora do centro, Maria Eugênia Celso (1886-1963).

No segundo capítulo do trabalho, "O P.E.N. Clube em prol dos escritores brasileiros", concentram-se os esforços na análise dos projetos desenvolvidos pelo PEN com foco em melhorar a situação dos escritores nacionais. Discute-se nessa parte a respeito do quão abrangente foram tais propostas para os intelectuais do país, além de demonstrar os movimentos contrários à essas ideias, causados pela divisão dos escritores em diversos outros grupos em defesa de seus próprios ideais. Assim, por meio das informações trazidas pelos *Boletins* e pelas notícias vinculadas pela imprensa, procurou-se discutir as várias implicações dessas ações por parte do PEN e sua efetividade.

No terceiro e último capítulo, "O P.E.N. Clube do Brasil e o contexto internacional", a atenção volta-se para o cenário internacional e visa compreender o posicionamento do centro brasileiro do PEN nas questões que permeavam o meio intelectual da época, com destaque para a 2ª Guerra Mundial (1939-1945) – escritores refugiados, censura, ataques a cultura, entre outros – e o Comunismo. Procura-se aqui demonstrar como o ideal do clube de manter-se alheio às discussões políticas se opôs às suas ações, motivo dos diversos atritos internos e externos ao PEN.

Por fim, cabe ressaltar que o trabalho aqui apresentado não teve a pretensão de esgotar os assuntos em torno do PEN Clube do Brasil, e nem poderia, mas tem a ambição de apresentar uma base para o entendimento do centro sob a presidência de Cláudio de Souza, médico, industrial e escritor que foi em grande parte a razão desse centro ter o destaque e a longevidade que tem.

# Capítulo 1 - Origens e organização do P.E.N. Clube do Brasil

O PEN Clube do Brasil foi fundado no dia 02 de abril de 1936, na cidade do Rio de Janeiro, nos moldes do PEN internacional, e destinava-se ao intercâmbio entre escritores brasileiros e estrangeiros. Organizado pelo médico e escritor Cláudio Justiniano de Souza (1876-1954), o centro brasileiro foi o sétimo a ser criado no continente americano, que na época já contava com similares na Argentina, Bolívia, Canadá, Chile, Estados Unidos e México.[10]

Se o PEN brasileiro não foi o primeiro criado no continente, tão pouco a iniciativa de Cláudio de Souza pode ser considerada inédita. No dia 23 agosto de 1932, na seção "Diversas Notas" do *Jornal do Brasil,* foi reproduzida carta do poeta francês Luc Durtain (1881-1958), membro do PEN Club de Paris, endereçada a Renato de Almeida (1895-1981) e que versava "sobre a fundação no Brasil de uma seção de Pen Club".[11] Dias antes, Durtain participara de um jantar informal em Paris, em companhia de escritores brasileiros, dentre eles Renato de Almeida, a quem a carta foi endereçada, e descrevera o encontro com "Ribeiro Couto e muitos outros escritores de elevado talento", que tinham em mira "dotar o Brasil com um Pen Club". O convidado, surpreendido pela iniciativa, alertou seus anfitriões a respeito da burocracia e formalidades necessárias para a criação do clube:

> É ao eminente presidente do Pen-Club e ao Comité Central que uma ratificação deve ser solicitada, bem como é indubitável que se faz mister pedir indicações sobre a forma de criar uma secção do Pen-Club. Em segundo lugar, é preciso acentuar – como disse o Sr. Galsworthy, de maneira emocionante, há alguns meses, no Congresso de Budapest, e como o declararam os delegados franceses Srs. Jules Romains e Benjamin Crémioux, e o delegado Alemão, Sr. Toller – que o Pen-Club não é uma simples sociedade de escritores.

Até 1933, o PEN Internacional contava apenas com a chamada resolução "Canby", de 1927,[12] para regular a criação de novas seções, e o escritor francês insistia nos requisitos:

> O Pen tem princípios orientadores os quais, na crise que atravessa atualmente o mundo, lhe conferem autoridade. Espírito internacional e fraternal largamente desenvolvido entre os povos; abstenção absoluta, durante as reuniões, de qualquer política; admissão apenas dos escritores qualificados pelas suas obras; representação ampla

---

[10] *Boletim,* Ano I, n.1, p.1, jul. de 1936.
[11] DIVERSAS NOTAS. *Jornal do Brasil,* Rio de Janeiro, p.6, 23 ago. 1932.
[12] A resolução Canby e a resolução Raymond, constituem a chamada "Carta de Princípios" do PEN, que guia as ações do clube e que será apresentada e analisada durante o texto.

> de cada literatura nacional pela totalidade de sua elite, posto que parte qualquer espírito de parcialidade literária.[13]

O tema voltou às páginas do jornal com Ribeiro Couto (1898-1934), na época cônsul de terceira classe de Paris, que afirmou datar de “mais de quatro anos” a intensão de criar a seção brasileira do PEN e que os “princípios que Luc Durtain recorda em sua carta (dirigida a Renato Almeida, quando seria mais natural que a dirigisse às pessoas que lhe ofereceram o jantar)”[14] já eram de conhecimento de todos. Além de sublinhar a deselegância do escritor francês, irritava-se com o suposto desconhecimento dos brasileiros sobre as normas do PEN.

Na sequência do artigo, Couto declarou ter recebido, justamente no dia seguinte ao jantar, mensagem de Alfonso Reyes (1889-1959), poeta e fundador do PEN mexicano, comunicando que “há dois anos recebera do Pen Club de Buenos Aires a incumbência de organizar a filial carioca” e que estava feliz com a notícia. Nas palavras de Ribeiro Couto: “O Pen Club ficou, pois, mais ou menos fundado, não oficialmente, mas de facto”.[15] Tal fundação “mais ou menos” não surtiu qualquer efeito prático, visto que não há qualquer nota ou evidência de funcionamento do centro brasileiro até 1936, quando ocorreu sua fundação definitiva.

O embate entre os escritores brasileiros e Durtain oferece pistas sobre o funcionamento da agremiação, que atuava no modelo federativo e demandava dos centros estrangeiros elevado grau de exigência, presente desde a fundação. Assim, antes de tratar da instauração do PEN no Brasil, é importante ter em conta o contexto e as razões que levaram à organização da agremiação internacional.

## 1.1 A fundação do P.E.N. Internacional

As décadas iniciais do século XX testemunharam o questionamento das práticas políticas ancoradas nos ideais liberais de representação, voto e democracia. A conduta econômica pautava-se pela disputa de territórios e exploração da África e da Ásia, o que originou tensões crescentes no cenário internacional. É certo que o desenvolvimento do sistema capitalista assegurou a alguns países “o domínio de poderosas forças naturais, de fontes de energia cada vez mais potentes, de novos

---

[13] Idem.
[14] BEM E MAL. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p.5, 24 de ago. 1932.
[15] Idem.

meios de transporte e comunicação, de armamentos e conhecimento especializados",[16] mas bastou um acontecimento circunstancial, o assassinato do arquiduque Franz Ferdinand no dia 28 de junho de 1914, em Sarajevo, para que tivesse início um confronto aberto e de dimensões inéditas.

Os horrores vivenciados durante a Grande Guerra (1914-1918) fizeram com que se disseminasse a convicção de que conflitos como aquele não poderiam se repetir, ideia largamente compartilhada e que propiciou o surgimento de várias instituições, nas mais diversas esferas da sociedade, com o objetivo de manter a paz. Nesse contexto surgiu a Sociedade das Nações (ou Liga das Nações), criada em junho de 1919 durante a Conferência da Paz que resultou no Tratado de *Versailles*, e cuja meta precípua, que acabou não sendo atingida, era reunir num mesmo organismo representantes dos mais diversos países com vistas à assegurar a paz entre as nações.

Várias comissões compunham o órgão, cada uma responsável por questões específicas, entre as quais cabe destacar a Comissão Internacional de Cooperação Intelectual (CICI), precursora da UNESCO e responsável pelo Instituto Internacional de Cooperação Intelectual (IIIC), organismo importante para os objetivos da Sociedade. Como pontuou Juliette Dumont: "*Dans le contexte particulier d'un entre-deux-guerres nourri d'utopies pacifistes et de rêves de paix perpétuelle, la coopération intellectuelle apparaît en effet comme l'un des moyens possibles pour prévenir les conflits*".[17] Vale destacar, ainda, que o Instituto possuía braços em vários países, inclusive no Brasil, e contava com a participação de diversos intelectuais nacionais, entre eles Cláudio de Souza. Participar da IIIC fortalecia a imagem de um Brasil civilizado e legitimado internacionalmente, além de reforçar a nossa ambição de potência regional hegemônica, mesmo ocupando cadeira provisória.[18]

Já no contexto londrino, diferente dos demais países envolvidos com as discussões culturais para a paz, predominava outra tradição, como destacou Stefan Collini:

---

[16] SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI:* no loop da montanha-russa. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p.14.

[17] "No contexto particular de um período entre guerras alimentado por utopias pacifistas e de sonhos de paz perpétua, a cooperação intelectual aparece, de fato, como um dos meios possíveis para prevenir os conflitos". DUMONT, Juliette. *L'Institut International de Coopération Intellectuelle et le Brésil:* le pari de la diplomatie culturelle. Collection "Chrysalides", n°4, editions de l'IHEAL, 2008, p.12.

[18] Idem, p.13.

> *It was through references to the Dreyfus Affair that the term 'intellectuals' in its plural form seems to have acquired any general currency in English, though it was still usually garlanded with quotation marks to signal its alien origins and to indicate that is was not easy to point to either an existing term or a corresponding reality in Britain.*[19]

Durante a década de 1910, os homens de letras britânicos aglutinavam-se em torno dos semanários *The New Age* e seu editor, Alfred Richard Orage (1873-1934), que reunia seus colaboradores nos fins de noite em bares e cafés para discutir temas filosóficos, literários e políticos; e do *The Nation*, chefiado por Henry William Massingham (1860-1924), que optava por fazer o mesmo com escritores e políticos que desfrutavam de distintos almoços[20] em sala no "*National Liberal Club in Whitehall Place*".[21]

O *The New Age* possuía, segundo Collini, um "*unconventional socialism*" como ideal e contava com a colaboração de grande parcela dos escritores nacionais que, em sua maioria, publicavam no jornal por meio de pseudônimos. Já o *The Nation* partia de um "*radical liberalism*" e era próximo "*to certain key members of the government of the time, notably to Lloyd George, Chancellor of the Exchequer from 1908, and Winston Churchill, who held a series of posts in the years before 1914,*

---

[19] "Foi através de referências ao caso Dreyfus que o termo '*intellectuals*' em sua forma plural parece ter adquirido qualquer tipo de ocorrência em Inglês, embora ainda fosse usualmente adornada com aspas para sinalizar suas origens estrangeiras e para indicar que não foi fácil indicar um termo existente ou uma realidade correspondente na Grã-Bretanha". COLLINI, Stefan. *Absent Minds:* intellectuals in Britain*.* New York: Oxford University Press Inc, 2006, p.22. As traduções livres em língua estrangeira são de responsabilidade do autor. Stefan Collini faz uma análise profunda e sistemática a respeito do termo *Intellectual* na Grã-Bretanha entre o século XIX e as primeiras décadas do XX, evidenciando que, durante os anos da Guerra de 1914-1918, em alguns contextos, "*the nouns 'intellectual' and 'highbrow' could be used interchangeably*", mesmo que continuassem a fazer referência aos estrangeiros. Assim, na referência aos letrados ingleses, o termo intelectual deve ser utilizado com ressalvas, ainda que não configure erro, visto que o papel que em outras sociedades atribuía-se aos intelectuais também foi desempenhado por vários escritores britânicos.

[20] "*The formalities were observed, guests were introduced, and then the company fell to discussing current issues, politics above all, sometimes with na eye on the line they would like to take or see taken in next week's issue, sometimes not*". COLLINI, Stefan. *Op. cit,* p.91.

[21] Principal residência dos reis da Inglaterra em Londres entre 1530 e 1698, teve sua função modificada devido à incêndios e às guerras, servindo de casa de banquetes no período.

*including that of Home Secretary*",[22] além de contar com colaborações assíduas dos escritores Arnold Bennett, Bernard Shaw, H. G. Wells e John Galsworthy.[23]

Em 1921, em busca de ampliar esse cenário nacional, uma "*little-known poet and novelist*", "*overwhelmed by the suffering, hate and misery generated during and after the first world war*",[24] Catherine Amy Dawson-Scot (1865-1934), organizou um clube para escritores, o *P.E.N*, acrônimo para "*Poets, Playwrights, Editors and Novelists*",[25] além de formar a palavra inglesa *pen* [caneta], referindo-se ao instrumento de trabalho utilizado pelo público alvo da associação.

Catherine, nascida em Londres no ano de 1865, iniciou sua carreira na literatura ao publicar, com recursos próprios, o poema épico "Sappho" (1889), "*a very young, very romantic call to women to claim intellectual, educational and evert other kind of freedom*".[26] A partir de então, ficou conhecida como "Mrs. Sappho" e a fama garantiu-lhe entrada no grupo de William Heinemann (1863-1920), editor de notáveis ingleses, como J. B. Priestley e do já citado H. G. Wells, e suas "*Lunch Parties*", que lhe possibilitou a convivência com outros jovens escritores e personalidades inglesas, além de envolver-se com movimentos feministas.[27] Anos depois, com o início da Guerra, seu marido alistou-se na Royal Army Medical Corps (RAMC) e foi enviado à França, deixando Catherine sozinha com seus três filhos, que sustentou com artigos e crítica literária para os jornais londrinos. Nas palavras de sua filha, Marjorie Watts,

> *It was in the first months of the war that mother showed that extraordinary organising skill and ability to get the people to do things which were later to enable her to get P. E. N. started. Following the publication in The Times of a letter from her which had suggested the setting up of an organization of women 'willing to undertake civil or semi-military work which would enable more men to enlist' people wrote to her from all over the country welcoming the idea and urging*

---

[22] "A certos membros-chave do governo do período, com destaque para Lloyd George, Chanceler do Tesouro de 1908, e Winston Churchill, que assumiu uma série de postos nos anos anteriores a 1914, incluindo a de Secretário". Idem, p.93.

[23] H.G. Wells e John Galsworthy tornar-se-iam anos mais tarde presidentes do *P.E.N. Club* e utilizariam amplamente dessas relações políticas que possuíam, uma entre outras das características que o *The Nation* e o *P.E.N. Club* compartilhavam no período, além dos almoços e jantares já citados.

[24] "Pouco conhecida poetisa e novelista", "sobrecarregada pelo sofrimento, ódio e miséria gerados durante e após a primeira guerra mundial". WILFORD, R. A. *The PEN Club*, 1930-50*. Journal of Contemporary History*, v. 14, n. 1, p.99, jan. 1979.

[25] Posteriormente ampliado para "*Poets, Playwrights, Editors, Essayists and Novelists*".

[26] "Uma muito jovem, muito romântica chamada para mulheres para reivindicar intelectual, educacional e qualquer outro tipo de liberdade". WATTS, Marjorie. *P.E.N. The early years (1921 – 1926)*. London: Archive Press, 1971, p. 2-3.

[27] Idem.

> *her to be the founder. She did so and within a few weeks there were a thousand members of the Women's Defence Relief Corps busily forming branches and she was asked to address meetings all over England, speaking in public for the first time in her life.*[28]

Pela destruição causada pelo conflito, a autora decidiu afastar-se dos assuntos a respeito da guerra e passou a liderança da *Women's Defense Relief Corps* para outros membros mais envolvidos com a causa, dedicando-se exclusivamente à literatura e aos jovens escritores, constantemente convidados para um chá em sua casa.

Dessas reuniões surgiu o primeiro clube de escritores de Catherine, o *To-Morrow Club*, fundado na primavera de 1917 e que tinha como modelo os clubes de jantares, prática frequente da sociabilidade intelectual do período, ao lado dos encontros informais nos cafés, outro espaço importante para a intelectualidade inglesa, pois abriam oportunidades para que os jovens escritores e integrantes do mundo da cultura estabelecessem intercâmbio e firmassem reputações em âmbito nacional e internacional.

Anos mais tarde, Catherine narrou em carta a sua filha que "*Mary Austin, the biggest American publicist and journalist, was sent here to write up our authors (valuable publicity for our books in America) and there was no organization here to receive her and put her wise to our movements in literature*".[29] Pautada nessas questões, Catherine decidiu criar uma entidade que facilitasse o encontro e a troca de experiência entre os escritores em viagem, uma espécie de "*League of Nations for Men and Women of Letters*", como descrito por Galsworthy.[30] Assim, num jantar, realizado a 05 de outubro de 1921, que reuniu 41 escritores e escritoras, surgiu o P.E.N.

---

[28] "Foi nos primeiros meses da guerra que minha mãe mostrou aquela habilidade de organização extraordinária e capacidade de levar as pessoas a fazer coisas, que mais tarde permitiram que o P. E. N. começasse. Na sequência da publicação no *The Times* de uma carta dela, que havia sugerido a criação de uma organização de mulheres 'dispostas a realizar obras de construção civil ou semi-militar que permitiria mais homens alistarem-se', as pessoas escreveram para ela de todo o país acolhendo a ideia e exortando-a a ser sua fundadora. Ela fez isso e dentro de algumas semanas havia mil membros da *Women's Defence Relief Corps* ocupadas formando ramos e ela foi convidada para dirigir reuniões por toda a Inglaterra, falando em público pela primeira vez em sua vida". Idem, p.5.

[29] "Mary Austin, a maior publicista e jornalista norte-americana, foi enviada para escrever a respeito de nossos autores (publicidade valiosa para nossos livros na América) e não havia nenhuma organização aqui para recebê-la e colocá-la em contato com nossos movimentos na literatura". Idem, p.12-13.

[30] "Uma Liga das Nações para homens e mulheres de letras". *PEN Internacional. Our History*. Disponível em: <http://www.pen-international.org/our-history/>. Acesso em: 14 mar. 2016.

No evento, ainda foi estipulada a primeira diretoria do clube e o primeiro comitê executivo.[31] Veja-se a lista completa dos que compareceram ao evento que ficaram conhecidos como *The Fundation Members.*

**Quadro 1: Lista dos presentes no primeiro jantar e diretoria**

| ***The Fundation Members*** | |
|---|---|
| Beverley Baxter | Ethel Colborne Mayne |
| Victor Bridges | Edgar Middleton |
| E. Coxon | Mrs Middleton (Yevonde) |
| Elizabeth Craig | Elinor Mordaunt |
| C. S. Evans | Hermon Ould |
| John Farquharson | E. T. Raymond |
| John Galsworthy | Hylda Rhodes |
| W. L. George | Kathlyn Rhodes |
| Muriel Morgan Gibbon | Marion Ryan |
| Louis Golding | Horace Shipp |
| Austin Harrison | May Sinclair |
| Edith Shackleton Heald | Stephen Southwold |
| M. T. Hogg | Winifred Stephens |
| Percy Hord | Muriel Stuart |
| Violet Hunt | Netta Syrett |
| Edgar Jepson | Rebecca West |
| Fryn Tennyson Jesse | Kate Douglas Wiggin |
| Sheila Kaye-Smith | Stanley Wrench |
| Mr and Mrs Lamburn | Mrs Stanley Wrench |
| L. Rose McLeod | And C. A. Dawson Scott |
| A. E. Mann | Marjorie Dawson Scott |

Fonte: WATTS, Marjorie. *P.E.N. The early years (1921 – 1926)*. London: Archive Press, 1971.

[31] Mrs. Sappho não integrou o corpo diretivo sob o argumento de que o clube não deveria depender apenas de sua figura.
[32] WATTS, Marjorie. *Op. cit.* 1971. p.15.

| Primeira diretoria e Comitê executivo | | |
|---|---|---|
| **Presidente** | John Galsworthy | (1867-1933) – Novelista e Dramaturgo. Nobel de Literatura em 1932. |
| **Tesoureiro Honorário** | Austin Harrison | (1873-1928) – Jornalista e Editor da *The English Review*. |
| **Secretária Honorária** | Marjorie Dawson-Scott | Filha de Catherine Amy Dawson-Scott. |
| **Comitê Executivo** | Austin Harrison | -------- |
| | L. Rose McLeod | Sem dados biográficos |
| | Rebecca West | (1892-1983) – Autora do livro "Black Lamb and Grey Falcon" (1941). |
| | Elizabeth Craig | (1883-1980) – Jornalista escocesa. |
| | Horace Shipp | (1891-1961) – Escritor, Crítico e Poeta Inglês. |
| | C.S. Evans | (1883-1944) – Escritor inglês, autor de "*The Sleeping Beauty*" e "*Cinderella*". |
| | Louis Golding | (1895-1958) – Escritor inglês. |

Fonte: WATTS, Marjorie. *P.E.N. The early years (1921 – 1926)*. London: Archive Press, 1971.

Não demorou muito para o recém-criado clube receber críticas, como a da novelista May Sinclair (1863-1946) que, em correspondência, alegava que o país já recebia muito bem as personalidades estrangeiras, sem a necessidade de se organizar uma entidade para tal fim. De forma incisiva, lembrava que Amy tinha uma circulação muito ampla pelo cenário literário inglês, o que seria um problema, visto que, na visão polarizada de Sinclair a respeito do cenário britânico, "*the sucess of a club of this sort depends as much on the people you keep out as on those you let in*".[33] O fato é que o PEN, com a ajuda do editor norte americano Robert Gregg e a poetisa Muriel Stuart, não apenas teve boa aceitação nas rodas literárias de Londres, como tornou-se um clube internacional.

Além dos parceiros americanos, o trabalho ativo de John Galsworthy no meio literário e o alcance internacional de suas obras, foi fundamental para que o PEN possuísse, em 1922, centros na Noruega, Suécia, Romênia, Holanda, França, Itália, Bélgica, Catalunha e nos Estados Unidos.

Organizados num programa descrito como "*liberal and humanitarian*",[34] era de se esperar que uma organização como o PEN colocasse em marcha estratégias que assegurassem um conjunto de objetivos comuns, sem deixar de respeitar a

[33] "O sucesso de um clube desse tipo depende tanto das pessoas que você mantém fora como aquelas que você deixa entrar". Idem.
[34] "Liberal e humanitário". WILFORD, R. A. *Op. cit.*, 1979, p.100.

autonomia de cada centro. As relações internacionais entre os centros do PEN fundamentam-se em seus Congressos Internacionais, realizados anualmente desde o Congresso de Londres (1923). Composto pela Assembleia de Delegados, "formada por representantes de todos os Centros PEN que debatem e votam sobre temas chaves para a administração e a direção estratégica de organização"; as reuniões de comitês e por um programa literário, "uma oportunidade para celebrar o trabalho de grandes escritores do Centro anfitrião", esses eventos usam seus programas administrativos e sociais para reforçar os princípios defendidos pela entidade.[35]

Exemplo desse reforço ocorreu durante o 4° Congresso Internacional, realizado em Berlim no ano de 1926.[36] Na ocasião, John Galsworthy reuniu-se com "*several young German writers including Bertolt Brecht, Alfred Döblin, and Robert Musil"*, que *"express concern that the German PEN center does not represent the true face of German Literature. Playwright Ernst Toller insists that PEN cannot ignore politics, saying, 'it is everywhere and influences everything'".*[37] A decisão que remontava à fundação do clube, que estipulava a restrição de tratar apenas assuntos culturais, revelava-se problemática em vários contextos, principalmente nessas questões nacionais entre esquerda e direita dos países, que fazia com que diversos centros fossem dominados por escritores de uma ou de outra vertente. Em resposta a esses problemas enfrentados pelo centro alemão, Galsworthy apresentou três resoluções base para a criação de futuros centros do PEN. Foram elas:

> *1. Literature, national though it should be in origin, knows no frontiers, and should remain common currency between nations in spite of political or international upheavals.*
> *2. In all circumstances, and particularly in time of war, works of art, the patrimony of humanity at large, should be left untouched by national or political passion.*
> *3. Members of PEN should at all times use what influence they have in favour of good understanding and mutual respect between nations; they pledge themselves to do their utmost to dispel race, class and*

---

[35] Como se realizam os Congressos Internacionais do PEN. Disponível em: http://www.penclubedobrasil.org.br/congressos.html. Acesso em: 01 dez. 2016.

[36] The first such international gathering hosted in Germany since the end of World War One - *Our History.* PEN International. Disponível em: http://www.pen-international.org/our-history/. Acesso em: 14 mar. 2016.

[37] "Vários jovens escritores alemães, incluindo Bertolt Brecht, Alfred Döblin, e Robert Musil" que "expressam preocupação que o centro alemão do P.E.N. não representa a verdadeira face da literatura alemã. O dramaturgo Ernest Toller insiste que o P.E.N. não pode ignorar a política, dizendo, 'está em todo lugar e influencia a tudo'". Idem.

> *national hatreds, and to champion the ideal of one humanity living in peace in one world*.[38]

Assim, no ano de 1927, durante o 5° Congresso dos P.E.N. em Bruxelas, os delegados da Inglaterra, França, Alemanha e Bélgica aprovaram unanimemente o documento, que fundamentou o funcionamento do clube onde quer que fosse constituído um de seus centros, com o intuito de diminuir esses conflitos.[39]

Por outro lado, os anos seguintes à resolução marcaram o ápice da crise iniciada no Ocidente do pós-Guerra, em função da instabilidade sócio-política. A quebra da bolsa de valores nos Estados Unidos, em 24 de outubro de 1929, teve consequências econômicas desastrosas para os países capitalistas, com especial destaque para a Alemanha.

A instabilidade econômica do país possuía raízes profundas, que remetem para a cláusula de "Culpa de Guerra" estabelecida pelo Tratado de Versalhes e que obrigou o país a arcar com os custos do conflito. A crise interna, instaurada após 1929, não pode ser dissociada das mudanças políticas, que levaram ao poder grupos que questionavam os preceitos democráticos e a capacidade das posturas liberais e do livre comércio serem capazes de resolver a depressão. A ascensão de Adolf Hitler e do partido nazista ao poder foi acompanhada, desde a primeira hora, por ataques à esfera cultural, que culminaram com a queima de livros e a proibição de autores que não compactuassem com o partido. Na lista de autores banidos estavam alguns membros do PEN alemão, como Thomas Mann e Ernst Toller.

Ainda em 1933, o então recém empossado presidente do PEN, Herbert George Wells, iniciou campanha contra os nazistas e suas práticas: "*We must clearly state where we stand and what we advocate – progress or return to the Middle Ages"*.[40] No congresso internacional de 1933, Henry Seidel Canby (1878-1961), editor e membro do PEN dos EUA, "*proposes the need for delegates to 'take*

---

[38] "1. A literatura e o pensamento nacional devem, por origem, não ter fronteiras, e devem permanecer moeda comum entre as nações, apesar das convulsões políticas ou internacionais. 2. Em todas as circunstâncias, particularmente em tempo de guerra, obras de arte, o patrimônio da humanidade em geral, devem ser deixados intocados pela paixão nacional ou política. 3. Os membros do PEN devem em todos os momentos usar a influência que têm em favor do bom entendimento e do respeito mútuo entre as nações; eles comprometem-se a envidar todos os esforços para dissipar os preconceitos de raça, classe e ódios nacionais, e para defender o ideal de uma humanidade vivendo em paz em um mundo uno". Idem.

[39] The International P.E.N. Club (Fédération P.E.N.) – RULES. Acervo do P.E.N. Clube do Brasil, p.7.

[40] "Devemos afirmar claramente nossa posição e o que defendemos – progresso ou retorno à Idade média". Idem.

*appropriate measures' against centres violating the terms and spirit of the International Charter"*.[41] Em resposta, os delegados alemães

> *attempt to obstruct Canby's resolution and seek to prevent the exiled German-Jewish writer Ernst Toller from adressing Congress. After a majority vote in favour of Toller's right to speak, German delegates leave the Congress in protest. The German Centre is subsequently expelled.*[42]

O projeto de união internacional começava a apresentar suas fragilidades, ainda mais devido a opção de afastar as questões relacionadas a política, como destacaram os escritores alemães. Após esse episódio, elaborou-se outra resolução com o claro intuito de resolver os conflitos entre os centros e a sede internacional. Então, durante o Congresso Internacional na Escócia, em 1934, a resolução "Raymond" foi acrescida no estatuto do clube:

> *The P.E.N. stands for liberty of expression throughout the world and views with apprehension the continual attempts to encroach upon that liberty in the name of social security and international strategy. It affirms its belief that the necessary advance of the world towards a more highly organized political and economic order renders a free criticism of administrations and institutions imperative from all points of view.*[43]

Porém, os atritos continuavam, e não se restringiam apenas aos alemães. No 14° Congresso Internacional em Buenos Aires (1936), o presidente do centro italiano, Filippo Tommaso Marinetti (1876-1944), foi questionado pelo presidente do PEN Internacional, Jules Romains (1885-1972), sobre declaração publicada em sua revista que tomava a guerra como a "saúde dos povos". O episódio acabou por levar ao cancelamento do Congresso que se realizaria em Roma, sob o auspício do

---

[41] "Propôs a necessidade para que os delegados 'tomem medidas apropriadas' contra os centros que violam os termos e o espírito da Carta Internacional". Idem.

[42] "Tentam obstruir a Resolução Canby e buscam impedir que o escritor exilado Judeu-Alemão Ernst Toller se dirigisse ao Congresso. Após uma votação majoritária a favor do direito a fala de Toller, os delegados alemães deixam o Congresso em protesto. O Centro Alemão é subsequentemente expulso". Idem.

[43] "O P.E.N. defende a liberdade de expressão em todo o mundo e pontos de vista com apreensão as contínuas tentativas de usurpar a liberdade em nome da segurança social e estratégia internacional. Afirma sua crença na necessidade do avanço mundial em sentido a uma ordem política e econômica altamente organizada que rende uma livre crítica das administrações e instituições imperativas de todos os pontos de vista". Acervo do P.E.N. Clube do Brasil. The International P.E.N. Club (Fédération P.E.N.) – RULES, p.7.

governo de Mussolini, o que aprofundou o desconforto entre a entidade e os regimes de força.[44]

Outro exemplo ocorreu durante o Congresso Internacional de Escritores, realizado em Paris no ano de 1935. O evento herdou os debates do 1° Congresso de Escritores Soviéticos, realizado em Moscou no ano anterior que, denominado de "doces para revolucionários" pela revista *Espirit*, foi marcado por calorosas discussões a respeito do papel da cultura e da política na literatura.[45] Em Paris, a audiência dividiu-se entre os comunistas, para quem "*Si la culture n'est pas une marchandise comme les autres, il s'agit donc bien de la défendre contre sa banalisation*",[46] enquanto os escritores de países capitalistas apontavam a censura e a falta de liberdade como o efetivo problema para o mundo da cultura.[47]

A questão de fundo residia na relação entre liberdade do escritor e os regimes de força, problema que estava longe de ser exclusividade desses congressos, mas estava em pauta também em diversas reuniões de escritores, explicitando a gravidade da temática para o meio literário.

## 1.2 O Brasil do início do século XX e a questão associativa

Não foi apenas no contexto internacional que as disputas políticas se acirravam. Se, no âmbito internacional, a conjuntura dos anos 1920 teve papel fundamental na construção das bases do PEN Internacional, não foi diferente no Brasil, que também assistiu a importantes mudanças políticas que mobilizaram a intelectualidade brasileira e que desaguou na instauração do regime do Estado Novo, em novembro de 1937, desferido em pleno processo eleitoral para a escolha do novo presidente da República.

---

[44] O P.E.N. e a Academia Brasileira. *Boletim*, Ano IV, n.8, p.3, jan. de 1940.

[45] ROCHE, Anne**.** *Une crainte qui les rassemblait: Paris 1935.* Pour la défense de la culture. Les textes du Congrès international des écrivains, Paris, juin 1935*.* Les Temps Modernes*,* 2006/1 (n° 635-636).

[46] "Se a cultura não é uma mercadoria como qualquer outra*,* é bom, portanto, defendê-la contra a banalização". Idem, p.251.

[47] A respeito do Congresso de Paris de 1935, o texto citado de Anne Roche apresenta brevemente o que foi discutido de forma inicial por Sandra Teroni e Wolfgang Klein no livro "*Pour la défense de la culture. Les textes du Congrès international des écrivains, Paris, 1935*". A obra contém os textos publicados integralmente, uma crítica a respeito dos contextos, notas biográficas dos participantes e passagens censuradas, ou cortadas, reproduzidas graças as consultas realizadas nos arquivos de Moscou e Berlim.

Como destacou Lúcia Lippi Oliveira, “O governo do Estado Novo foi centralizador, concentrou no nível federal a tomada de decisões antes partilhada com os estados, e foi autoritário, centralizando no Executivo as atribuições anteriormente divididas com o legislativo”. Ainda segundo a autora, o regime, “em sua complexa trama de ‘tradição’ e ‘modernização’”, passou a intervir mais na economia e a investir no processo de industrialização do país.[48]

Em relação ao projeto político-cultural, a educação “talvez seja uma das traduções mais fiéis daquilo que o Estado Novo pretendeu no Brasil”, ou seja, a de

> formar um ‘homem novo’ para um Estado Novo, conformar mentalidades e criar o sentimento de brasilidade, fortalecer a identidade do trabalhador, ou por outra, *forjar* uma identidade positiva no trabalhador brasileiro, tudo isso fazia parte de um grande empreendimento cultural e político para o sucesso do qual contava-se estrategicamente com a educação por sua capacidade universalmente reconhecida de socializar os indivíduos nos valores que as sociedades, através de seus segmentos organizados, querem ver internalizados.[49]

Crucial para a realização desse projeto do poder que se configurava foi a criação do Ministério da Educação e Saúde, órgão com largo espectro de atuação e que formulou parte significativa da política cultural do governo, centrada na defesa da nacionalidade. Junto do Ministro Gustavo Capanema, cuja capacidade de conciliação sempre foi reconhecida, o regime conseguiu reunir uma plêiade de intelectuais[50] e artistas que, mesmo abraçando ideologias muito diversas das professadas pelo Executivo, não deixaram de colocar suas habilidades à disposição

---

[48] OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta; GOMES, Ângela Maria de Castro. *Estado Novo:* ideologia e poder. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1982, p.10.

[49] BOMENY, Helena M. B. Três decretos e um ministério: a propósito da educação no Estado Novo. In. PANDOLFI, Dulce (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999, p.139.

[50] Entende-se aqui o conceito de intelectual pelo significado atribuído após o chamado “*Affaire* Dreyfus”, caso no qual o capitão do exército francês foi acusado de alta traição por supostamente cooperar com o inimigo durante a Guerra Franco-Prussiana. Em meio aos embates decorrentes da revisão do processo, vários escritores reuniram-se em apoio a inocência do réu, que era judeu, com destaque para Émile Zola, ícone dos chamados *dreyfusarts*, e cujo artigo intitulado “*J’accuse*”, tornou-se célebre. Ainda que se possa encontrar o termo em momentos anteriores, é a partir dessa polêmica, que dividiu a França, que o termo se proliferou no sentido moderno e acabou por se consagrar enquanto sinônimo de engajamento na vida política, ao lado da verdade, ainda que esta pudesse ferir o orgulho nacional, como no caso em apreço. Não se imagine, porém, que a definição dê conta de uma situação imutável, bem ao contrário, é mais apropriado adotar uma “geometria variável, mas baseada em invariantes”, e englobar tanto o “jornalista como o escritor, o professor secundário como o erudito” além de alguns dos “receptores da cultura”. SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. *Por uma história política.* Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Ed. FGV, 1996; ZOLA, Émile. *J’accuse:* a verdade em marcha. Porto Alegre: L&PM, 2010; WILNOCK, Michel. *O século dos intelectuais*. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

do regime.[51] Em missiva ao Presidente Vargas, datada de junho de 1937, Capanema esclarecia: “O Ministério da Educação e Saúde se destina a preparar, a compor, a afeiçoar o homem do Brasil. Ele é verdadeiramente o Ministério do Homem”. Neste sentido, a formação do “homem novo” comportava o desenvolvimento da alta cultura, a partir da qual se “elevaria o nível” das camadas populares.[52]

Ao lado da multiplicação da oferta de cargos públicos, no contexto de um estado centralizado e que formulou um sofisticado projeto de cultura política, o período também foi marcado por um crescimento do mercado editorial e pela proliferação de associações de escritores, na esteira do movimento internacional.

A análise desses grupos demanda entender suas motivações iniciais e a sociabilidade que os envolvia. Nos termos formulados por Jean-François Sirinelli,

> A atração e a amizade e, *a contrário*, a hostilidade e a rivalidade, a ruptura, a briga e o rancor desempenham igualmente um papel às vezes decisivo. Isto, alguns poderão objetar, se aplica a toda microssociedade. Mas, de um lado, esse peso da afetividade adquire uma significação específica, num meio teoricamente colocado sob o signo da clarividência, e cuja garantia, aos olhos do resto da sociedade, é saber julgar suas paixões, a serviço exclusivo da Razão.[53]

Durante a primeira metade do século XX o Brasil contava com diversas agremiações, dos mais variados tipos, que objetivavam a reunião de intelectuais. Os ideais culturais franceses e o exemplo de organização econômica e política vindos da Inglaterra fizeram-se presentes no dia-a-dia dos brasileiros entre os anos finais do século XIX e a primeira metade do século seguinte, principalmente no Distrito Federal e em São Paulo, expoentes nesse cenário. Mas, apesar dessa constante influência europeia, que se tornou norte americana com o passar dos anos, houve no Brasil uma vida associativa de contornos próprios, alinhada às especificidades do país e dos nossos intelectuais.

---

[51] Sobre o Ministro Gustavo Capanema ver: CAPELATO, Maria Helena. O Estado Novo: o que trouxe de novo? In. FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de A. N. (org.). *O Brasil Republicano.* Vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003; BOMENY, Helena (org.). *Constelação Capanema:* intelectuais e políticas. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2001; GOMES, Ângela Maria de Castro (org.). *Capanema:* o ministro e seu ministério. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2000.

[52] CAVALCANTI, Lauro. Modernistas, arquitetura e patrimônio. In PANDOLFI, Dulce (org.). *Op. cit.*, 1999, p.180.

[53] SIRINELLI, Jean-François. *Op. cit.*, p. 250.

Como apontado, o eixo Rio-São Paulo ganhou evidência pelo destaque econômico e cultural das duas cidades, que acabavam por atrair talentos dos demais Estados do país em busca de melhores condições de vida e, para aqueles que trabalhavam com a pena, meios de propagar suas obras e seu nome para dentro e fora do Brasil.

Para esse meio heterogêneo que era o dos intelectuais, todos os espaços em que esses personagens se encontravam – redações de jornais e revistas, livrarias, bibliotecas, editoras, universidades, museus, repartições públicas e espaços privados - tornaram-se lugares de associação, pois reuniam por meio dos gostos particulares, interesses econômicos, ou simples coincidência, pessoas que estavam diariamente ligadas ao ofício literário, de forma profissional ou não.

São Paulo, centro econômico de destaque e em plena ascensão a partir das décadas finais do 1800, passava no período republicano por mudanças estruturais que buscavam eleger a cidade não apenas com uma liderança econômica, a qual já possuía, como também com a proeminência cultural, amparando-se em tradições regionais, históricas e em uma mentalidade modernizadora. A inauguração do Museu Paulista (1890), a fundação do IHGSP (1894) e da APL (1909), representavam cada uma um passo no caminho científico/cultural, que teve em 1922 seu momento de maior destaque, com a semana de arte moderna.[54]

Afora as instituições, a capital paulista contou também com uma vida social bastante ativa nos salões, principalmente das famílias tradicionais da cidade. Por serem espaços privados, familiares, e que não necessitavam de uma organização burocrática, os salões espalharam-se de forma fácil pela cidade, mas poucos foram tão representativos desse movimento com o de José de Freitas Valle, batizado de “Villa Kyrial”,[55] como bem resumiu Antônio Cândido:

> A Villa Kyrial foi o mais completo exemplar que houve em São Paulo de um traço característico da *Belle Époque*: a estetização da vida, baseada na concepção segundo a qual o quotidiano deve transformar-se em obra de arte. Segundo essa concepção, seria preciso não só fazer literatura e arte, mas viver como se a vida

[54] A respeito das instituições paulistas na Primeira República, ver: FERREIRA, Antonio Celso. *A epopeia bandeirante*: letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940). São Paulo: Editora UNESP, 2001.

[55] Outro salão paulista objeto de estudo foi a chamada Pensão Humaitá, de Yan de Almeida Prado, e representava, nas palavras de seu estudioso, João de Scantimburgo, o “último autêntico salão de São Paulo". SCATINBURGO. João de. *Memória da pensão Humaitá:* Crônica nostálgica da legendária casa de Yan de Almeida Prado. São Paulo: Editora Nacional, 1992.

> pudesse ser uma obra de arte e literatura. Com grande capacidade e invenção e organização, Freitas Valle estabeleceu uma decoração, um ritual, uma ordem honorífica e nesse quadro elevou o convívio intelectual, a culinária, o vinho, o perfume a traços integrados em sistema, de maneira a formar um estilo próprio, certamente único no Brasil.[56]

Lugares privilegiados, os salões eram inspirados no modelo parisiense, "genuínos grupos de *status*. Ser reconhecido como um de seus membros tornava-se vital para o sucesso em inúmeras atividades, da obtenção de cargo público bem-remunerado à realização de um casamento vantajoso", como bem destacou Marcia Camargos.

> Os salões representavam um palco ideal para as senhoras exibirem vestidos importados, para as moças conhecerem rapazes do seu meio tendo em vista futuras núpcias e para os homens poderosos fecharem negócios, arquitetarem lances políticos e ratificar sua importância ostentando riqueza e distinção. Para os artistas de magros proventos, tais tertúlias significavam a ocasião de marcar presença e assegurar o prosseguimento das subvenções – no caso dos protegidos – ou a oportunidade de ingressar em um circuito social de outra forma a eles vetado – caso dos novatos. Constituíam, enfim, uma vitrina em que se desfilava, no intuito de ver e ser visto, em uma época em que o aspecto exterior se transformara na obsessão contemporânea, (...).[57]

O Rio de Janeiro, mais à frente desse movimento cultural por sua posição histórica entre outros fatores, também contou com seus salões, como vemos na análise de Brito Broca a respeito do 1900 brasileiro:

> O período de reajustamento político-social, que sucedeu à proclamação da República, não era de molde a favorecer os hábitos mundanos. Mas no começo do século, a crescente valorização das letras e a espécie de aliança que elas então fizeram com o mundanismo, contribuíram para que surgissem alguns salões de caráter acentuadamente literário. Um dos mais notáveis teria sido o de Laurinda Santos Lobo, no alto de Santa Teresa.[58]

---

[56] CAMARGOS, Marcia. *Op. cit.* 2001, p.12.
[57] CAMARGOS, Marcia. *Villa Kyrial:* crônica da Belle Époque paulistana. São Paulo: Editora SENAC, 2001, p.38.
[58] BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil:* 1900. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975, p.24.

Somados ao salão de Laurinda Santos Lobo, espaço da conhecida mecenas dita “marechal da elegância”, e um dos mais relevantes no período,[59] podemos destacar o de Araújo Viana, e outros tidos como mais mundanos, como os de Sampaio Araújo, do casal Azeredo, o de Coelho Neto, Souza Bandeira e o salão de Inglês de Sousa, sem contar ainda o de Júlia Lopes de Almeida, que demonstram uma rede ampla de salões.[60]

Apesar desse cenário, que também abrangia grupos reunidos nos diversos cafés e livrarias pela cidade, o foco da cidade sempre foi o das grandes instituições, desde o Império, com o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB, 1838), e, principalmente, após o início do regime republicano, com a fundação da Academia Brasileira de Letras (ABL, 1897), inspiradoras de suas congêneres paulistas.

Após duas tentativas, uma anterior ao novo regime, com o Conde de Afonso Celso, e outra nos primeiros anos de 1890, com Medeiros de Albuquerque, a ABL foi fundada em 1897 por um grupo de escritores em torno de Lúcio de Mendonça (1854-1909) e da redação da *Revista Brasileira*, dos quais faziam parte nomes de peso da literatura nacional, como o de seu primeiro e perpétuo presidente, Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Visconde de Taunay, José Veríssimo, Coelho Neto, Olavo Bilac, entre outros. Os proponentes do projeto buscaram inicialmente obter uma ligação direta com o novo regime, que interessava aos acadêmicos, pois permitiria uma base econômica mínima para a sobrevivência da associação naquele primeiro momento, e poderia render-lhes cargos públicos melhor remunerados, o que soa controverso a ideia inicial que era a de dar destaque à literatura e proporcionar melhores condições para os escritores viverem de suas próprias obras.[61]

Além da ABL, o rio contou com agremiações de diversos tipos, desde as mais organizadas e de maior porte, às associações informais, realizadas em propriedades particulares, como bem resumiu o dramaturgo Álvaro Moreyra (1888-1964).

---

[59] A respeito, ver: MACHADO, Hilda. *Laurinda Santos Lobo*: mecenas, artistas e outros marginais em Santa Teresa. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.

[60] EL FAR, Alessandra. *A encenação da imortalidade*: uma análise da Academia Brasileira de Letras nos primeiros anos da República (1897-1924). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000. p,73-74.

[61] Pela relação conturbada entre o poder público e os intelectuais nacionais, muitos deles funcionários desse poder, poucos foram os auxílios Estatais conquistados, não só pela Academia, como para os profissionais da pena como um todo. A respeito da relação dos fundadores da Academia e o governo republicano, ver: EL FAR, Alessandra. *Op. Cit.* 2000. A respeito da questão dos escritores em geral no início da República, ver: SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1999.

> Há a academia propriamente dita. Há a Academia carioca. Há a Federação das Academias de Letras. Há a Fundação Graça Aranha. Há a Sociedade Felipe d'Oliveira. Há o Pen Club. Há, também, o consultório de Jorge de Lima. Cada Academia tem quarenta membros, incompletos em geral, porque a morte implica com esta dezena. A fundação retém oito companheiros, menos Peregrino Júnior, que não pode mais. A Sociedade, entre ausentes e presentes, conserva quinze. O Pen espera que os brasileiros cumpram com o seu dever. O consultório abre a porta a todas as compreensões. Poetas, romancistas, cronistas, jornalistas, autores teatrais, pintores, arquitetos, músicos, intérpretes, masculinos, femininos, etc., de maior ou menor idade, católicos, protestantes, espíritas, judeus, – os melhores, "a fina flor", – quem desejar conhecer, suba ao décimo primeiro andar do Edifício Fontes, ao lado da Avenida, passando pelo Café Amarelinho. As Academias, a Fundação, a Sociedade, o Pen, com pagamento ou de graça, se juntam em dias certos, datas marcadas. O consultório está em sessão permanente, mesmo nos domingos e feriados. Nas Academias se toma chá. Na Fundação, laranjada. Na Sociedade, café. No Pen, o que se quiser. No Consultório, injeções. As Academias, a Fundação, a Sociedade, o Pen distribuem prêmios em dinheiro. O Consultório, não. Mas dá direito a um telescópio. Pelo telescópio, de bolso vazio, os escritores e os artistas veem a Favela, a Guanabara, Niterói e, com alguma teimosia, o céu...[62]

Ao lembrar das que mais se destacavam em sua memória do período, destacar o PEN Clube do Brasil é significativo para a instituição que, baseada numa construção oficial e burocrática como as demais, manteve características de salão, à beira do espaço privado, como veremos a seguir.

## 1.3 O PEN Clube do Brasil

Partindo da auto concepção que reafirmava fins puramente literários, a exemplo da agremiação congênere inglesa, o PEN Clube do Brasil possuí suas especificidades, aliás, como era comum em todos os países nos quais a entidade se organizava. Os estatutos, fossem os que se aplicavam a todos os centros filiados ou os específicos de cada grupo membro, foram construídos e conheceram alterações ao longo do tempo. No caso brasileiro, o registro oficial remonta ao dia 25 de setembro de 1937, um ano após o jantar de fundação, e deu-se no Cartório do 1° Oficio de Notas do Rio de Janeiro. Composto de 24 artigos, além dos nomes de

---

[62] MOREYRA, Álvaro. *As amargas, não...*: lembranças. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007, p. 198-199.

seus diretores e sócios fundadores, logo na página inicial esclarecia o documento que o clube "terá por programa estreitar as relações dos escritores nacionais, defender-lhes os direitos e pô-los em comunicação com os escritores de outros países"[63] (Anexo 1).

A filiação do centro brasileiro ao PEN Internacional não poderia ser efetivada sem a incorporação nos estatutos locais das Resoluções Canby e Raymond e da previsão de eleições para a diretoria, normas basilares na organização dos centros estrangeiros. Para responder às demandas, em reunião de 11 de outubro de 1937, no Casino Atlântico, a diretoria foi aclamada pelos sócios presentes, com a necessária exceção de Vitor Viana, falecido pouco antes, e do Barão de Ramiz Galvão, então bastante doente. Oficializava-se, em conformidade com as estipuladas pelo PEN Internacional, a primeira diretoria eleita, com mandato de três anos:

**Quadro 2: 1ª Diretoria eleita do PEN Clube do Brasil (1937).**

| 1ª Diretoria do P.E.N. Clube do Brasil | |
|---|---|
| **Presidente** | Cláudio Justiniano de Souza |
| **Secretário Geral** | Múcio Leão |
| **Secretário** | Raul Pedroza |
| **Tesoureiro** | Raul Azevedo |
| **Diretores** | Affonso Celso<br>M. Paulo Filho<br>Miguel Osório de Almeida |

Fonte: Ata de aprovação dos Estatutos reformados. *Boletim*. Ano II, n.5, p. 7, nov. 1937.

Já de saída, nos primeiros artigos do Estatuto, que tratavam das condições para se afiliar ao clube, tratou o centro brasileiro de oficializar a presença dos diretores de jornais de grande circulação, numa postura diversa da consagrada no PEN Internacional, que reunia escritores, deixando clara a preferencia por "prosadores, poetas, ensaístas e novelistas", ou seja, excluía os jornalistas. No caso brasileiro, optou-se por incluir como membros natos "diretores de jornais e revistas", que possuíssem "edição comprovada de mais de dez mil exemplares".[64] No seu

[63] Estatuto do P.E.N. Clube do Brasil. Rio de Janeiro, 25 set. 1937.
[64] Estatuto do P.E.N. Clube do Brasil. Art. 2°. Rio de Janeiro, 25 set. 1937.

primeiro *Boletim*, Cláudio de Souza salientou que “O P. E. N. Internacional não inclui jornalistas em seus quadros, apesar de serem eles, também, escritores”.[65]

Note-se que entre os sócios fundadores estavam Elmano Cardim, diretor do *Jornal do Commercio*, Manoel Paulo Filho, diretor do *Correio da Manhã*, e Oswaldo Souza e Silva, diretor da revista *Ilustração Brasileira*, razão pela qual se decidiu “como homenagem e voto de fraternidade”, estender a pertença “a todos os diretores de jornais e revistas de grande circulação, já que não podemos estendê-la a todos os confrades jornalistas”.[66]

Pode-se supor que essa decisão fosse uma estratégia para, de saída, fortalecer a entidade e contar com a simpatia dos principais órgãos de imprensa do país, além de alertar para o funcionamento do campo intelectual brasileiro, num contexto em que as universidades ainda eram muito jovens e a dependência financeira do emprego público persistia. Não se tratava, portanto, de desconhecimento das regras, mas respondia às particularidades locais, pois não se podia menosprezar o papel da imprensa escrita, que criou

> Condições necessárias ao desenvolvimento de um campo intelectual, cujos integrantes vão participar diretamente das instituições e dos grupos que irão exercer a própria dominação. A dependência dessas posições intelectuais do poder político faz com que o recrutamento, as trajetórias possíveis, os mecanismos de reconhecimento e outras condições necessárias à consagração intelectual dependam fundamentalmente da participação como profissionais do jornalismo.[67]

Assim, ficava estabelecido quem poderia ser sócio e a forma com que poderiam se candidatar à uma vaga, por meio do artigo quarto e décimo quinto do Estatuto:

> Art. 4° - Só podem ser sócios efetivos os escritores brasileiros residentes no Rio de Janeiro, propostos por dois sócios e aceitos por maioria de votos, e os escritores estrangeiros com residência de mais de cinco anos ininterruptos no Brasil. (...).
> Art. 15° - Consideram-se sócios correspondentes todos os sócios dos outros centros mundiais do P.E.N. que, como tais, serão recebidos e acompanhados quando em visita ao Brasil.[68]

---

[65] Breve relatório do P.E.N. *Boletim,* Ano I, n.1, p.2, jul. 1936.
[66] Idem.
[67] BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa:* Brasil, 1800-1900. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010, p.141.
[68] Estatuto do P.E.N. Clube do Brasil, Rio de Janeiro, 25 set. 1937. s/p.

Na sequência do documento, nos artigos 6 e 7, temos as normas referentes aos jantares, na esteia do projeto original do PEN. Mais do que espaços de convivência e confraternização, esses encontros também se constituíam em Assembleia Geral,[69] órgão máximo da associação. Veja-se a concepção de Cláudio de Souza, para quem esses encontros eram a essência mesma da entidade que, na sua perspectiva, "não se fundou como entidade de combate ou de produção", pelo contrário.

> Terminada a Grande Guerra, o escritor sentiu mais do que ninguém o vácuo que a destruição criara ao redor do homem, e principalmente, do homem culto. (...). Quem se vê só em campo assim desolado, no qual apenas se divisam os aspectos fantasmagóricos de raros cimos ainda em pé, mas criados pela foto das baterias, sente necessidade de chamar por alguém, de ouvir uma voz qualquer, para sentir-se em mundo ainda vivo.[70]

Evidencia-se, desta forma, a importância e centralidade desses eventos na vida social e institucional. Não surpreende que o presidente fizesse uma analogia entre o PEN e uma família, cujo ideal era realizar "um Jantar por mês em que se reunissem, conversassem, trocassem expressões afetuosas". E prosseguia ao considerar o "*Boletim* como uma carta de parente a parente: 'Jantamos ontem juntos. Pensamos muito em vocês. Mande-nos notícias suas'", enquanto o "congresso, anualmente variando de país, como reunião de ano-bom, à qual acodem parentes que moram em regiões distantes".[71] Aparava-se, dessa forma, qualquer possibilidade de discussão, desacordo ou debate, como se somente pudesse reinar o tom harmonioso e condescendente que domina as relações entre entes queridos.

Tal percepção é reforçada num artigo para a revista *Illustração Brasileira,* que objetivava apresentar o clube recém-criado. Cláudio de Souza recorreu aos salões literários e lembrou que "a ideia é antiga e, portanto, boa. Desde a Grécia. Na França foram famosas as ceias literárias organizadas por Molière e Boileau. Os *diners joyeu*x presididos por Piron e Crebillon, tornaram-se efemérides literárias", ocasiões marcadas por formalidades próprias:

---

[69] Estatuto do P.E.N. Clube do Brasil. Rio de Janeiro, 25 set. 1937.
[70] Dois anos de vida social. *Boletim,* Ano I, n.5, p.1, nov. 1937.
[71] Idem.

> Nesses jantares os escritores faziam epigramas, uns aos outros, para educar-se na tolerância, sistema inverso ao das sociedades de elogio mutuo. Quando o epigrama agradava, devia a vítima aceita-lo, e beber em sinal de resignação um copo d'água, pois a agua só entrava naqueles ágapes de bom vinho de França como elemento de penitência. Se, porém, a sátira desagradava, o copo d'água era projetado na cabeça do epigramista para purificar-lhe o gênio. E assim terminavam amigos, juiz e réu, realizando o aforismo de Delavigne: "*Qui dine avec son juge a gagné son proces*".[72]

Assim, as bases do centro brasileiro do PEN estavam postas: um clube de sociabilidade, voltado para os jantares e encontros que buscavam agregar os trabalhadores da pena em conversas fraternais a respeito das necessidades pelas quais passavam e possíveis formas de revertê-las.

Com o passar do tempo e com o amadurecimento da agremiação, viu-se a necessidade de novas atenções à elaboração do documento estatuário e, das quatro alterações realizadas no Estatuto durante o período em análise,[73] a do ano de 1942 foi a mais significativa. Como destacou um dos presidentes do clube, Cláudio Aguiar: "Por essa época, surgiu no seio do PEN Clube do Brasil a ideia da jurisdição da entidade, (...). O artigo primeiro[74] mencionava ser o PEN Clube do Rio de Janeiro, quando o artigo 18° o designava como sendo PEN Clube do Brasil".[75] Visto que a pretensão inicial era a de que o clube fosse nacional, e não regional, tal equívoco foi solucionado. Nessa esteira, acrescentou-se a possibilidade da fundação de centros filiados do PEN brasileiro, opção que já era discutida desde 1936,[76] mas que não surtiu efeito, pois os únicos Estados a demonstrarem interesse, a Bahia e o Ceará, não levaram o projeto adiante.[77]

Alterou-se, ainda, a duração do clube, que passou de 20 para 50 anos; estipulou-se no Artigo 7° do novo documento, a distinção entre os sócios (Titulares, Efetivos, Correspondentes, Aderentes, Honorários, Beneméritos e Grandes

---

[72] SOUZA, Cláudio de. Uma Associação de escritores brasileiros. *Ilustração Brasileira*, Rio de Janeiro, n.16, p.5, ago. 1936.

[73] As reformas ocorreram em 1942, 1943, 1945 e 1948. Em 1945 e 1948 as alterações foram pequenas e não figuram nenhuma mudança no funcionamento administrativo do clube.

[74] Cabe destacar aqui um erro na informação, sendo os artigos 2° e 4° os que se referiam à cidade do Rio de Janeiro.

[75] PEN Clube do Brasil (Org.). *Op. cit.* 2016, p.30.

[76] Registro do P.E.N. Filiais do P.E.N. nos Estados. *Boletim*, Ano I, n.2, p.2, nov. 1936.

[77] Não descrito nas publicações oficiais do clube, o interesse do Ceará em criar uma seção regional do PEN foi dirigida ao centro do Rio por Adonai de Medeiros em nome dos escritores: João Perboyre e Silva, Pedro Albano, Quintino Cunha, Renato Soldon, Jader de Carvalho e Djacir Menezes, em dezembro de 1939. Arquivo do P.E.N. Clube do Brasil, caixa 182, s/p.

beneméritos);[78] restringindo-se o direito de voto apenas aos titulares e efetivos, e o pagamento da taxas de inscrição e contribuição anual (80 Cruzeiros) para todos, com exceção dos honorários e beneméritos; foram criados novos cargos para a diretoria (presidente, vice-presidente, primeiro e segundo secretários e um tesoureiro, além do Conselho Consultivo, Conselho Administrativo e a Comissão de Contas) e, na contramão do que se esperava em um momento como aquele, seguiu-se o destaque para o fato de que o clube "não se envolverá em questões políticas, religiosas ou partidárias", posição essa causadora dos mais diversos problemas, como visto anteriormente.[79]

Essas mudanças foram devidamente justificadas nos *Boletins* do clube, publicações que davam conta de detalhes do cotidiano da entidade e também constituíam numa obrigação estatutária (Artigo 8°). Por sua periodicidade e publicação constantes durante o período de presidência de Cláudio de Souza, e seu conteúdo abrangente, constituem os *Boletins* documentação privilegiada das atividades e realizações do centro brasileiro do clube durante o período em análise e, por essas e demais características que serão apresentadas a seguir, são eles as principais fontes deste estudo.

### 1.3.1 Os *Boletins*

Ao lado dos jantares, os *Boletins* também assumiram funções tanto administrativas quanto sociais. Com periodicidade trimestral no momento de sua criação,[80] segundo o artigo que o estabeleceu, a publicação ficaria a cargo dos

---

[78] A saber: "a) Titulares: os sócios efetivos quites a 31 de Dezembro de 1942, cabendo o nome de titulares fundadores aos que dentre eles assinaram a ata de instalação do P.E.N. Clube do Brasil; b) Efetivos: os escritores brasileiros natos, ou estrangeiros com residência ininterrupta de mais de dez anos no Brasil, com obra de prosa ou verso publicada em volume, e diretores de jornal ou de revista de edição comprovada de mais de dez mil exemplares, que solicitarem sua inscrição em proposta assinada por um sócio titular e aceita pela diretoria; c) Correspondentes: os escritores nas condições precedentes que residam fora da sede social; d) Aderentes: os escritores que ainda não tenham obra publicada em volume e os escritores de assuntos científicos com livro publicado. Devem ser convidados pela diretoria para se inscreverem, e terão os direitos e deveres dos efetivos, menos o de voto nas assembleias gerais; e) Honorários: os escritores que a assembleia geral por proposta da diretoria julgar dignos dessa distinção por serviços prestados à associação; f) Beneméritos: os que concorrem para os cofres sociais com donativo em dinheiro ou em propriedades, de vinte mil cruzeiros, ou mais; g) Grandes beneméritos: os que concorrem com donativos de trinta mil cruzeiros ou mais. Parágrafo Único: Os sócios beneméritos terão seu nome num quadro de honra e os grande beneméritos terão seu retrato no salão da sede social". Estatutos do P.E.N. Clube do Brasil. *Relatório,* Ano VII, n.11, p.22, abr. 1943.

[79] Idem. p.21-23.

[80] A publicação tornou-se anual a partir de 1938.

secretários do clube, portanto, os escritores Múcio Leão (1898-1969), secretário-geral, e Raul Pedroza (1892-1962). Apesar de o segundo ser pouco abordado pela literatura especializada, provavelmente por ter sua formação toda na França e se dedicar a pintura (anexo 2), o escritor designado como o primeiro secretário-geral era uma presença marcante para o PEN.

Jornalista e poeta, Leão também secretariou, entre 1937 e 1939 a ABL, razão pela qual seu nome deve ter sido lembrado por Cláudio de Souza e outros membros do clube no momento de escolherem os ocupantes dos cargos administrativos. Com uma trajetória já legitimada no meio intelectual e uma produção diversificada, Múcio foi importante colaborador do PEN. Alinhado à postura conservadora de seu fundador e de outros membros, sua proximidade com a ditadura de Vargas ocorreu de forma mais intensa em 1941 quando, junto com Cassiano Ricardo e outros intelectuais, participou ativamente do jornal *A Manhã*, órgão oficial do Estado Novo e que "pretendia divulgar as diretrizes propostas pelo regime junto a um público o mais diversificado possível".[81] Múcio foi responsável pela organização do suplemente literário "Autores & Livros", iniciativa que desfrutou de grande prestígio no meio literário nacional pela sua proposta e cuidado na organização.

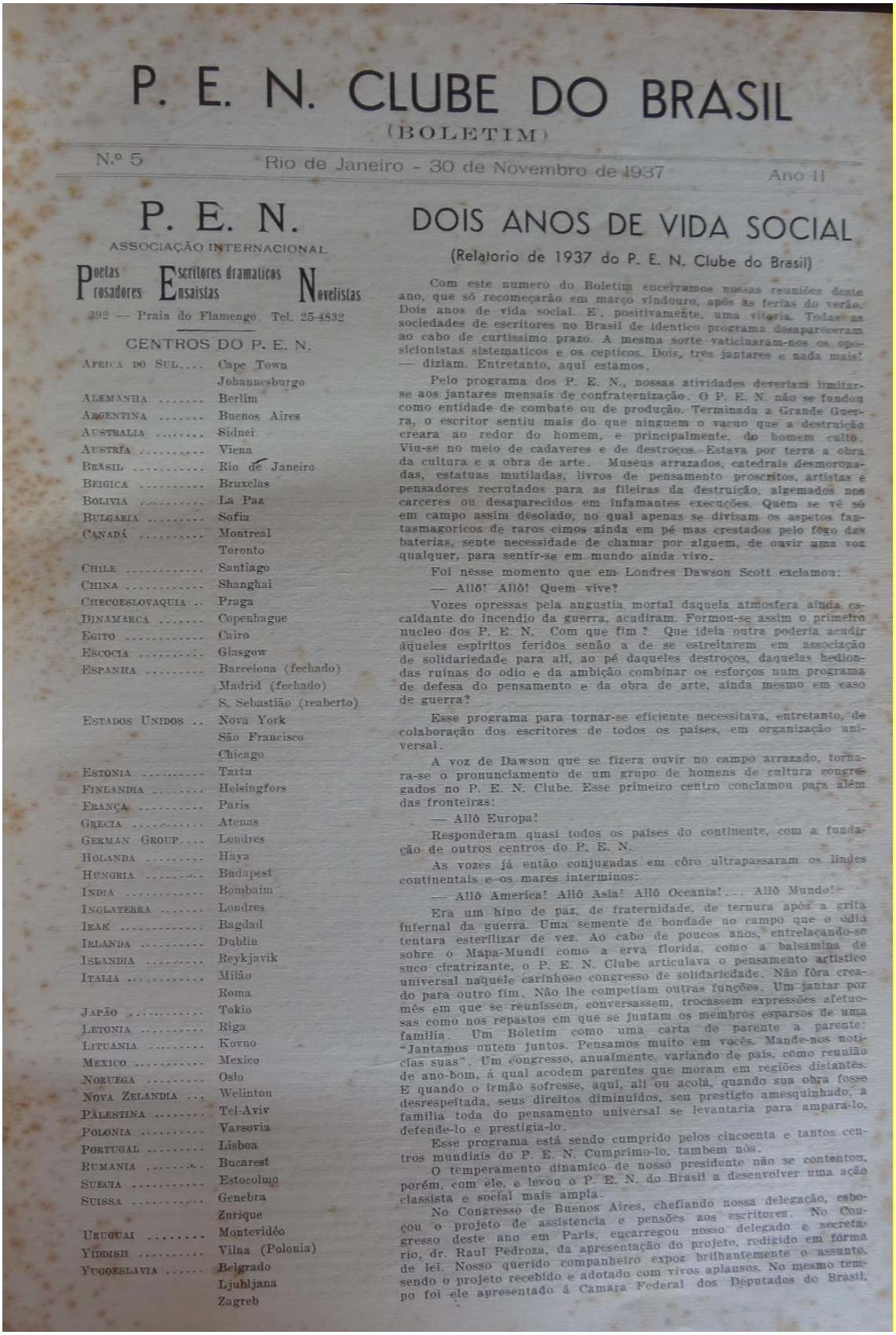
Quanto à publicação do PEN, figuravam nas páginas do *Boletim* do clube as deliberações tomadas nas Assembleias/Jantares, bem como um resumo da vida social e administrativa da entidade. Inspirados claramente na publicação da sede inglesa, denominada *PEN News* e publicada entre 1927 e 1964 (Figuras 1 e 2), o impresso brasileiro assemelhava-se materialmente aos primórdios da publicação inglesa, tanto no padrão estético, quanto na organização do conteúdo,[82] apresentado em seções. Em sua capa, na parte do cabeçalho, apresentava-se o título, número, local, data e ano da publicação, enquanto a coluna da esquerda dedicava-se exclusivamente às referências ao PEN internacional, o significado de seu acrônimo e a lista de centros associados, com o resto da página dedicado às considerações sobre as atividades desenvolvidas no período, que fazia as vezes de editorial.

---

[81] Diretrizes do Estado Novo (1937 - 1945) > A Manhã. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/EducacaoCulturaPropaganda/AManha Acesso em: 20 de ago. 2018.

[82] Entre as diversas diferenças entre as publicações, estão o Editorial e a presença de publicidade como as características do *PEN News* que não se verificaram na publicação do centro brasileiro durante o período. A questão da publicidade fica evidente, visto que o *Boletim* do PEN brasileiro possuía financiamento de seu presidente.

**Figura 1: Capa do *Boletim* n°5 do P.E.N. Clube do Brasil**



# P. E. N. CLUBE DO BRASIL

(BOLETIM)

N.º 5 — Rio de Janeiro - 30 de Novembro de 1937 — Ano II

## P. E. N.

ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL

Poetas Prosadores Escritores dramaticos Ensaistas Novelistas

392 — Praia do Flamengo. Tel. 25-4832

CENTROS DO P. E. N.

| | |
|---|---|
| Africa do Sul | Cape Town |
| | Johannesburgo |
| Alemanha | Berlim |
| Argentina | Buenos Aires |
| Australia | Sidnei |
| Austria | Viena |
| Brasil | Rio de Janeiro |
| Belgica | Bruxelas |
| Bolivia | La Paz |
| Bulgaria | Sofia |
| Canadá | Montreal |
| | Toronto |
| Chile | Santiago |
| China | Shanghai |
| Checoeslovaquia | Praga |
| Dinamarca | Copenhague |
| Egito | Cairo |
| Escocia | Glasgow |
| Espanha | Barcelona (fechado) |
| | Madrid (fechado) |
| | S. Sebastião (reaberto) |
| Estados Unidos | Nova York |
| | São Francisco |
| | Chicago |
| Estonia | Tartu |
| Finlandia | Helsingfors |
| França | Paris |
| Grecia | Atenas |
| German Group | Londres |
| Holanda | Haya |
| Hungria | Budapest |
| India | Bombaim |
| Inglaterra | Londres |
| Irak | Bagdad |
| Irlanda | Dublin |
| Islandia | Reykjavik |
| Italia | Milão |
| | Roma |
| Japão | Tokio |
| Letonia | Riga |
| Lituania | Kovno |
| Mexico | Mexico |
| Noruega | Oslo |
| Nova Zelandia | Welinton |
| Palestina | Tel-Aviv |
| Polonia | Varsovia |
| Portugal | Lisboa |
| Rumania | Bucarest |
| Suecia | Estocolmo |
| Suissa | Genebra |
| | Zurique |
| Uruguai | Montevidéo |
| Yiddish | Vilna (Polonia) |
| Yugoeslavia | Belgrado |
| | Ljubljana |
| | Zagreb |

## DOIS ANOS DE VIDA SOCIAL

(Relatorio de 1937 do P. E. N. Clube do Brasil)

Com este numero do Boletim encerramos nossas reuniões deste ano, que só recomeçarão em março vindouro, após as ferias do verão. Dois anos de vida social. E', positivamente, uma vitoria. Todas as sociedades de escritores no Brasil de identico programa desapareceram ao cabo de curtissimo prazo. A mesma sorte vaticinaram-nos os opositicionistas sistematicos e os cepticos. Dois, tres jantares e nada mais! — diziam. Entretanto, aqui estamos.

Pelo programa dos P. E. N., nossas atividades deveriam limitar-se aos jantares mensais de confraternização. O P. E. N. não se fundou como entidade de combate ou de produção. Terminada a Grande Guerra, o escritor sentiu mais do que ninguem o vacuo que a destruição creara ao redor do homem, e principalmente, do homem culto. Viu-se no meio de cadaveres e de destroços. Estava por terra a obra da cultura e a obra de arte. Museus arrazados, catedrais desmoronadas, estatuas mutiladas, livros de pensamento proscritos, artistas e pensadores recrutados para as fileiras da destruição, algemados nos carceres ou desaparecidos em infamantes execuções. Quem se vê só em campo assim desolado, no qual apenas se divisam os aspetos fantasmagoricos de raros cimos ainda em pé mas crestados pelo fogo das baterias, sente necessidade de chamar por alguem, de ouvir uma voz qualquer, para sentir-se em mundo ainda vivo.

Foi nesse momento que em Londres Dawson Scott exclamou:

— Allô! Allô! Quem vive?

Vozes opressas pela angustia mortal daquela atmosfera ainda escaldante do incendio da guerra, acudiram. Formou-se assim o primeiro nucleo dos P. E. N. Com que fim? Que ideia outra poderia acudir áqueles espiritos feridos senão a de se estreitarem em associação de solidariedade para ali, ao pé daqueles destroços, daquelas hediondas ruinas do odio e da ambição combinar os esforços num programa de defesa do pensamento e da obra de arte, ainda mesmo em caso de guerra?

Esse programa para tornar-se eficiente necessitava, entretanto, de colaboração dos escritores de todos os paises, em organização universal.

A voz de Dawson que se fizera ouvir no campo arrazado, tornara-se o pronunciamento de um grupo de homens de cultura congregados no P. E. N. Clube. Esse primeiro centro conclamou para além das fronteiras:

— Allô Europa!

Responderam quasi todos os paises do continente, com a fundação de outros centros do P. E. N.

As vozes já então conjugadas em côro ultrapassaram os lindes continentais e os mares interminos:

— Allô America! Allô Asia! Allô Oceania!... Allô Mundo!

Era um hino de paz, de fraternidade, de ternura após a grita infernal da guerra. Uma semente de bondade no campo que o odio tentara esterilizar de vez. Ao cabo de poucos anos, entrelaçando-se sobre o Mapa-Mundi como a erva florida, como a balsamina de suco cicatrizante, o P. E. N. Clube articulava o pensamento artistico universal naquele carinhoso congresso de solidariedade. Não fôra creado para outro fim. Não lhe competiam outras funções. Um jantar por mês em que se reunissem, conversassem, trocassem expressões afetuosas como nos repastos em que se juntam os membros esparsos de uma familia. Um Boletim como uma carta de parente a parente: "Jantamos ontem juntos. Pensamos muito em vocês. Mande-nos noticias suas". Um congresso, anualmente, variando de país, como reunião de ano-bom, á qual acodem parentes que moram em regiões distantes. E quando o irmão sofresse, aqui, ali ou acolá, quando sua obra fosse desrespeitada, seus direitos diminuidos, seu prestigio amesquinhado, a familia toda do pensamento universal se levantaria para ampara-lo, defende-lo e prestigia-lo.

Esse programa está sendo cumprido pelos cincoenta e tantos centros mundiais do P. E. N. Cumprimo-lo, tambem nós.

O temperamento dinamico de nosso presidente não se contentou, porém, com ele, e levou o P. E. N. do Brasil a desenvolver uma ação classista e social mais ampla.

No Congresso de Buenos Aires, chefiando nossa delegação, esboçou o projeto de assistencia e pensões aos escritores. No Congresso deste ano em Paris, encarregou nosso delegado e secretario, dr. Raul Pedroza, da apresentação do projeto, redigido em fórma de lei. Nosso querido companheiro expoz brilhantemente o assunto, sendo o projeto recebido e adotado com vivos aplausos. No mesmo tempo foi ele apresentado á Camara Federal dos Deputados do Brasil,

Fonte**:** *Boletim*, Ano II, n. 5, capa, 30 nov. 1937. Acervo do P.E.N. Clube do Brasil.

**Figura 2: Capa *P.E.N. NEWS*. n°1, março de 1927.**

# P.E.N. NEWS

MARCH 15th, 1927 — No. 1.

## P.E.N. Club

AN · INTERNATIONAL · ASSOCIATION · OF

Poets Playwrights Editors Essayists Novelists

*Founder :* C. A. DAWSON SCOTT
*President :* JOHN GALSWORTHY

*Offices :* 107, Great Russell St., London, W.C.1

*Telephone :* Langham, 3028. *Telegrams :* Lonpenclub, Swiss, London
(The new telephone number and telegraphic address have not yet been fixed)
*Office Hours :* Monday to Friday from 10 a.m. to 1 p.m.
*Secretaries :* HERMON OULD
MARJORIE SCOTT
*Treasurer :* NORMAN CROOM-JOHNSON.

### P.E.N. CENTRES

| | |
|---|---|
| AMERICA | New York. |
| | San Francisco. |
| ARGENTINE | Buenos Aires. |
| AUSTRIA | Vienna. |
| BELGIUM | Brussels. |
| BULGARIA | Sofia |
| CANADA | Montreal. |
| | Toronto. |
| CHILI | Santiago. |
| CZECHO-SLOVAKIA | Prague. |
| DENMARK | Copenhagen. |
| ENGLAND | London. |
| FRANCE | Paris. |
| GERMANY | Berlin. |
| | Hamburg. |
| HOLLAND | The Hague. |
| HUNGARY | Budapest. |
| ITALY | Milan. |
| | Rome. |
| JUGO-SLAVIA | Belgrade. |
| | Ljubljana. |
| | Zagreb. |
| LITHUANIA | Kaunas. |
| MEXICO | Mexico City. |
| NORWAY | Oslo. |
| POLAND | Warsaw. |
| PORTUGAL | Lisbon. |
| ROUMANIA | Bucarest. |
| SPAIN | Barcelona. |
| | Madrid. |
| SWEDEN | Stockholm. |
| SWITZERLAND | Geneva. |

* * * * *

### CHANGE OF ADDRESS.

From the 21st March, the offices of the P.E.N. Club will be at

107 Great Russell Street,
London, W.C. 1.

All communications, whether for the Secretary or the Treasurer, should be sent to this address.

### IMPORTANT.

¶ Members are asked to note that in future *all* announcements will be made in *P.E.N. News*. Separate cards will *not* be sent.

* * * * *

## ANNOUNCEMENTS

*A Reminder.*
Madame AINO KALLAS has kindly invited members of the P.E.N. Club to an

### AT HOME.

On 23rd March, from 4 to 7.

*R.S.V.P. to Estonian Legation, 187 Queen's Gate, S.W. 7.*

* * * * *

### DINNER.

The next Dinner will take place on Tuesday, April 5th, 1927, at 8 p.m. at the Garden Club, 9 Chesterfield Gardens, W. 1.

*Chairman :* JOHN DRINKWATER.
*Guest of Honour :* JAMES JOYCE.

Other Guests of the Club :
HENRI BERNSTEIN (France).
HALIDE EDIB-ADNAN (Turkey).
LOUIS PIERARD (Belgium).

Members intending to be present should notify the Secretary a few days before the date of the dinner, saying whether they intend to bring guests. A member may bring only one guest.

Price of dinner : 7/6.

Tips not allowed. 1/- is added for service. Tickets not required.

*N.B.—Members who have already accepted and fail to give the Secretary twenty-four hours' notice of their inability to attend will render themselves liable for the cost of the dinner.*

* * * * *

### LECTURE.

A Public Lecture will be given by
LOUIS PIÉRARD
(Member of the Brussels Chambre des Députés)
At KING'S COLLEGE, STRAND, W.C.
on
THURSDAY, APRIL 7th, at 8.30 p.m. (Doors open at 8 p.m.)

*Subject :*
"WALLOONS AND FLEMINGS"

*Chairman :*
G. K. CHESTERTON.

Admission 1/- Tickets can be obtained before the lecture from the Secretary, or at the doors.

*N.B.—Members are urged to attend this lecture and to make it known to others.*

Fonte: *P.E.N. News*. n.1, capa, 15 mar. 1927. Acervo do Harry Ransom Center.

**Quadro 3: *Boletins* do P. E. N. Clube do Brasil (1936 – 1954).**[83]

| Número e Data de publicação (mm/aaaa) | N° de páginas | Número e Data de publicação (mm/aaaa) | N° de páginas | Número e Data de publicação (mm/aaaa) | N° de páginas |
|---|---|---|---|---|---|
| N°1 - 07/1936 | 4 | N°8 - 01/1940 | 8 | N°15 - 01/1947 | 20 |
| N°2 - 11/1936 | 5 | N°9 - 01/1941 | 10 | **N°16 - 03/1948** | **28** |
| N°3 - 04/1937 | 4 | **N°10 - 01/1942** | **20** | N°17 - 03/1949 | 28 |
| N°4 - 07/1937 | 4 | N°11 - 04/1943 | 22 | **N°18 - 03/1950** | **44** |
| N°5 - 11/1937 | 8 | N°12 - 03/1944 | 20 | N°20 - 03/1952 | 36 |
| N°6 - 11/1938 | 10 | N°13 - 03/1945 | 22 | N°21 - 03/1953 | 36 |
| N°7 - 08/1939 | 8 | N°14 - 03/1946 | 22 | N°22 - 03/1954 | 42 |

Durante os anos de 1936 e 1937, os *Boletins* seguiram o cronograma de publicação trimestral, estipulado pelo Estatuto e, até 1941, contaram com um número de páginas entre quatro e dez, como se verifica na tabela acima. Na reunião de 19 de junho de 1936, segundo jantar do clube, Cláudio de Souza abriu a sessão com as seguintes palavras: "Pela convenção que estabelecemos estão abolidos os discursos em nossos jantares. Para garantir essa convenção, nosso consócio, o Ministro Rodrigo Octávio, pediu a palavra no 1° jantar, e guardou-a no bolso",[84] como uma tentativa de garantir o caráter apolítico do clube, atitude que não era exclusiva dos escritores brasileiros, e sim, uma tradição do PEN internacional:

> *Members of the P.E.N. are neither expected nor encouraged to make speeches – at least not at P.E.N. dinners. Our objective at these functions it not to hear each other talk, but to welcome our guests, to encourage them to talk and to give ourselves the pleasure of making their personal acquaintance (…).*[85]

Ao deixar de lado, fosse por parte da diretoria e/ou dos sócios, os tradicionais discursos, presentes na grande maioria das reuniões de intelectuais, os encontros acabaram por resumirem-se nesse primeiro momento a simples momentos de confraternização entre os sócios. Assim, a constância no número de páginas durante os primeiros anos não era simples coincidência ou diretriz estatuária, mas um reflexo da forte ligação entre a publicação e os ideais professados pelo PEN. É provável

[83] O *Relatório* de número 19 não consta no acervo do P.E.N. Clube do Brasil, mas suas informações foram resgatadas por meio dos livros de recortes montados por Cláudio de Souza, dos quais o presidente retirava as informações para a construção da publicação do clube.
[84] Breve relatório do P. E. N. *Boletim*, Ano I, n.1, p.2, jul. 1936.
[85] "Membros do P.E.N. não são esperados nem encorajados a fazer discursos - pelo menos não nos jantares do P.E.N. Nosso objetivo nestas funções não é o de ouvir o outro falar, mas dar as boas-vindas aos nossos convidados, encorajá-los a conversar e dar a nós mesmos o prazer de velos dar seu conhecimento pessoal". *PEN News*, n.64, p.6, feb. 1935.

que a imposição desse silêncio tivesse pouca efetividade, pois não havia como coibir possíveis discussões de bastidores que, contudo, não encontraram espaço nos documentos oficiais da associação.

Resumidos aos informes gerais – falecimentos, prêmios recebidos, publicações, correspondências e viagens – e na reprodução do balanço das contas, lista de sócios e estatuto, os *Boletins* do clube apresentavam-se, até 1942, como publicações modestas, que davam conta do dia a dia da instituição, daí a pequena quantidade de páginas.

Sem menosprezar a importância de tais informações, fundamentais para a compreensão do funcionamento administrativo da associação, é difícil acreditar que nada mais fosse discutido. Contudo, foi a partir de 1942 que os jantares ganharam um novo tom que se refletiu nos *Boletins* do PEN Clube do Brasil, substancialmente maiores em número de páginas e, consequentemente, de conteúdo. Durante o jantar de "Confraternização da Cultura Americana", realizado no dia 04 de julho - aniversário de independência dos Estados Unidos - e que reuniu "em torno do embaixador Caffery, os homens de letras que desejavam dar um testemunho de admiração a Washington",[86] Elmano Cardim proferiu, após fazer referência à Rodrigo Octavio e o primeiro jantar do clube em 1936, a seguinte oração:

> Hoje, quebra-se o compromisso tácito e levanta-se uma voz, mofina e desautorizada, permitindo, no entanto, que outras, cintilantes e prestigiosas, compensem esta assistência da sensaboria do seu eco. Para isso, tivemos que ir pedir, ao Ministro Rodrigo Octavio, no tugúrio do seu recolhimento, entre livros e reminiscências, a palavra que ele cautelosamente detinha desde a primeira hora. (...). Queríamos reaver a palavra para uma homenagem pública, altissonante e sincera, aos escritores da América no dia de maior significação para o continente (...).[87]

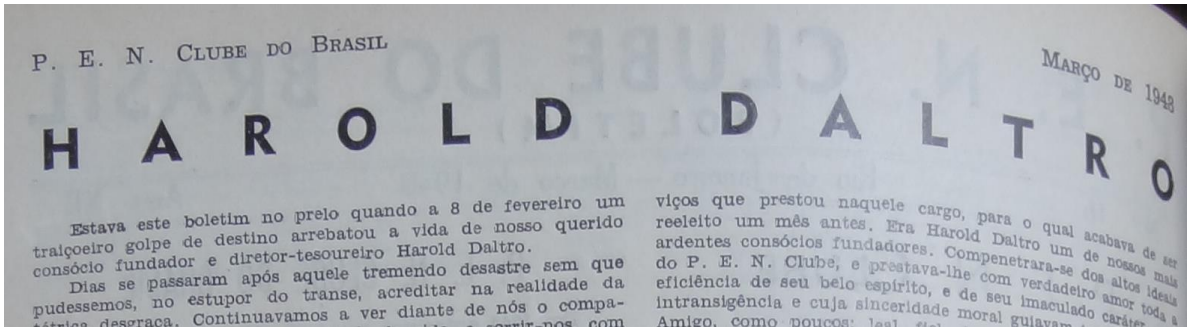
Em meio aos elogios e congratulações aos estadunidenses e seu papel no cenário mundial, houve então a primeira quebra de protocolo quanto aos discursos em jantares do PEN. O *Boletim,* na figura de Cláudio de Souza muito criticado anteriormente pela proibição de tais manifestações, aproveitou a deixa e passou a reproduzir os discursos na publicação, daí em diante permitidos.[88]

---

[86] Confraternização da cultura americana. *Relatório*, Ano VI, n.10, p.3, jan. 1942.
[87] Discurso de Elmano Cardim. Idem, p.4.
[88] A partir da publicação de n°9 (*Relatório,* Ano V, n.9, jan. 1941), o impresso do PEN muda seu nome de *Boletim* para *Relatório*, entretanto, continua a ser chamado de *Boletim* nos Estatutos do clube e

Já entre 1948 e 1950, marcados pelo início da Guerra Fria, percebe-se mudanças no teor das discussões, mais voltadas para o comunismo e assuntos internacionais, com destaque para a associação entre o PEN Internacional e a UNESCO, além de uma leve mudança na estética da publicação brasileira, com a utilização de novas fontes tipográficas (Figuras 3 e 4).

**Figura 3:** Cabeçalho da seção a respeito da morte de Harold Daltro.


P. E. N. CLUBE DO BRASIL

MARÇO DE 1948

HAROLD DALTRO

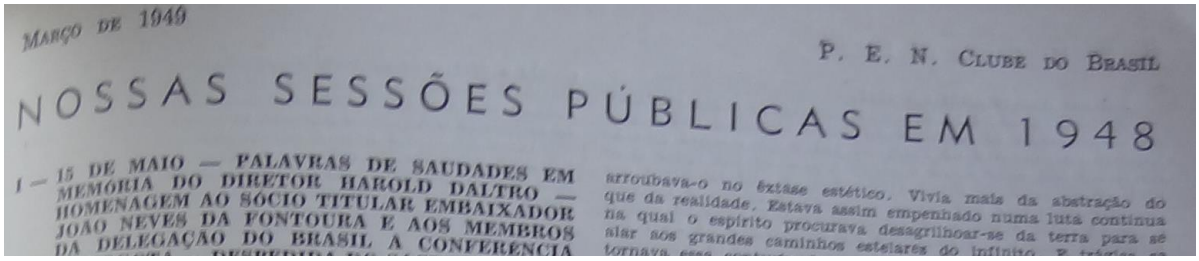
Estava este boletim no prelo quando a 8 de fevereiro um traiçoeiro golpe de destino arrebatou a vida de nosso querido consócio fundador e diretor-tesoureiro Harold Daltro.

Dias se passaram após aquele tremendo desastre sem que pudessemos, no estupor do transe, acreditar na realidade da

viços que prestou naquele cargo, para o qual acabava de ser reeleito um mês antes. Era Harold Daltro um de nossos mais ardentes consócios fundadores. Compenetrara-se dos altos ideais do P. E. N. Clube, e prestava-lhe com verdadeiro amor toda a eficiência de seu belo espírito, e de seu imaculado caráter, a intransigência e cuja sinceridade moral guiava

Fonte: *Relatório*, ano XII, n. 16, p.2, mar. de 1948. Acervo do P.E.N. Clube do Brasil.

**Figura 4:** Cabeçalho da seção *Nossas Sessões Públicas em 1948*.


MARÇO DE 1949

P. E. N. CLUBE DO BRASIL

NOSSAS SESSÕES PÚBLICAS EM 1948

I — 15 DE MAIO — PALAVRAS DE SAUDADES EM MEMÓRIA DO DIRETOR HAROLD DALTRO — HOMENAGEM AO SÓCIO TITULAR EMBAIXADOR JOÃO NEVES DA FONTOURA E AOS MEMBROS DA DELEGAÇÃO DO BRASIL À CONFERÊNCIA

arroubava-o no êxtase estético. Vivia mais da abstração do que da realidade. Estava assim empenhado numa luta contínua na qual o espírito procurava desagrilhoar-se da terra para se alar aos grandes caminhos estelares do infinito.

Fonte: *Relatório*, ano XII, n. 17, p.3, mar. 1949. Acervo do P.E.N. Clube do Brasil.

O último momento em que se verifica um aumento significativo no número de páginas do *Boletim* foi durante as comemorações dos 25 anos de Cláudio de Souza na Academia Brasileira de Letras. No volume encontram-se diversos artigos e crônicas, além das correspondências e homenagens recebidas pelo presidente do PEN.

Para a análise contida neste trabalho, a sistematização dos *Boletins* permitiu divisar certa continuidade em determinados assuntos que, de uma forma ou de outra, foram contemplados em todos os exemplares, fosse em seções específicas ou nos textos avulsos que formavam cada número.

Em face do caráter internacional da entidade, é natural que o impresso trouxesse recorrentemente as seções: *Outros Centros* e *Congressos Internacionais*. Na primeira, encontram-se dados relativos ao cotidiano dos homens de letras ao

---

por aqueles que escreveram a seu respeito, sendo assim, optamos por continuar a referenciar a publicação como *Boletim*.

redor do mundo, o que possibilitava interações, aliás um dos objetivos do clube, e que tinha na correspondência um elemento privilegiado. Encontravam-se, ainda, avisos sobre prêmios literários internacionais, fundação de novos centros, conferências realizadas ao redor do mundo e notas sobre o posicionamento dos centros a respeito de assuntos do momento.

O ponto culminante das atividades dos PEN espalhados ao redor do mundo eram os Congressos Internacionais e, a partir de 1942, os *Boletins* trouxeram uma seção própria para tais eventos, com tema, assuntos tratados, presenças ilustres e a programação cultural. Realizados anualmente desde 1923, essas reuniões tinham por objetivo a discussão de agendas próprias ao mundo intelectual, numa ação conjunta que deveria reunir o maior número possível de centros. A análise da participação brasileira indica que o centro ganhou crescente destaque iniciado já no congresso de 1936, em Buenos Aires, o maior e mais importante que até então ocorrera na América do Sul. O Brasil apresentou o projeto de "Assistência aos Escritores", muito bem recebido pela comunidade internacional e que consumiu grande parte dos esforços do clube durante toda a presidência de Cláudio de Souza.

No que respeita ao cenário brasileiro, descavam-se as seções: *Nossos Sócios*, *O P.E.N. e a Imprensa* e *O P.E.N. e a Academia Brasileira*, sendo esta última dedicada a apresentar notas rápidas, informativas e elogiosas na sua totalidade.

A seção *Nossos Sócios*, nas palavras de Cláudio de Souza, representava um esforço da associação em criar "um precioso arquivo da vida pública e das obras de nossos sócios, servindo para perpetuar-lhes os serviços que prestaram à causa da cultura",[89] dessa forma atribuía-se uma função para a seção, a de ser um espaço memorialístico do clube e de seus membros. Prova do valor desse arquivo construído aparece em meio aos elogios do médico e escritor paulista, Mário Graciotti. Originalmente publicada no *Fanfula*, no dia 25 de março de 1952, a crônica a respeito do *Boletim* do PEN Clube do Brasil trazia informações importantes ao leitor, como a confirmação de que o impresso era feito por Cláudio de Souza, por mais que o Estatuto apontasse para o secretário em exercício. Autoria a parte, Graciotti dedicou uma parte de seu texto à questão dos sócios e destacou que a

[89] Notícias referentes aos nossos sócios. *Relatório,* Ano VII, n.11, p.13, abr. 1943.

seção “confirma o sentido fraternal (quase ia dizendo paternal) que Cláudio de Souza põe em tudo o que faz pelo P.E.N. Clube do Brasil”.[90]

Para a construção de tal conjunto, que auxiliava na construção e divulgação internacional dos escritores brasileiros, o clube atuava como suporte propagandístico de seus sócios e necessitava do auxílio dos mesmos, cobrando uma reciprocidade. Ao final do ano de 1938, na comemoração dos resultados atingidos pelo clube até então, o *Boletim* trouxe, em tom de desânimo por parte da administração, um apelo à participação nas atividades sociais do PEN, um “pedido aos sócios”:

> A vida de nossa sociedade, no ano que encerramos com o jantar de novembro, decorreu com crescente entusiasmo. Não chegamos, porém, aos resultados que acabamos de relatar pelo concurso de todos os sócios, como desejávamos que sucedesse. Alguns de nossos companheiros supõem que com o pagamento das quotas trimestrais cumprem o dever de cooperação na nobre tarefa que nos constitui o programa.
> (...). Desculpam-se alguns de não comparecerem a nossos jantares por suas múltiplas ocupações ou porque residem em pontos longínquos. Nossas reuniões pretendem, justamente, interromper por algumas horas aqueles árduos trabalhos e trazer os que estão distantes às concentrações da família.[91]

De forma indireta é possível encontrar cobranças por parte da administração a seus sócios. Tais notas constituíam-se em agradecimentos individuais àqueles que atendiam aos pedidos do clube, esperando que o exemplo levasse outros a realizarem o mesmo ato, como no caso do artigo “Nossas Iniciais em Livros”.

> **Nossas Iniciais em Livros**
>
> Muitos de nossos sócios acompanham seus nomes com o de nosso instituto (sócio do P.E.N. Clube), o que muito nos penhora e devia ser adotado por todos. Se alguns não o têm feito, há outros que até mesmo nos seus cartões de visita o fazem, como nossos queridos consócios Hyldeth Favila, Michel Kamenka, Aldo Prado, Raimundo Maranhão Aires e outros, o que merece nosso aplauso e reconhecimento.
> Nos livros publicados em 1944 por nosso muito ilustre ex-diretor e conselheiro, o Dr. Carneiro Leão, da Academia Brasileira de Letras e por nossos sócios titulares a consagrada escritora D. Francisca de Bastos Cordeiro e o insigne botânico Meira Penna, figura o P.E.N. abaixo do nome do autor, o que sempre tem feito nosso presidente,

---

[90] Nosso Boletim. *Relatório,* Ano XVI, n.20, p.32, mar. 1952.
[91] Pedido aos sócios. *Boletim,* Ano II, n.6, p.6, nov. 1938.

> colocando-o ao lado dos da Academia Brasileira, da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia de Artes y Letras, de Cuba, de que é membro.
> Esperamos que todos nossos sócios acompanhem esse costume, que muito prestigia nosso instituto.[92]

Essa busca por engajamento dos sócios era retribuída com algumas iniciativas por parte da associação. Dentre os vários projetos realizados pelo PEN Clube do Brasil, temos na seção *Nossos Sócios* um local no qual os meios intelectuais estrangeiros poderiam retirar informações a respeito dos intelectuais brasileiros, informações essas constantemente requisitadas, e que expunham a produção nacional em outros círculos literários.

*O P. E. N. e a Imprensa* figura como o único assunto a aparecer de forma indireta na construção do impresso e não consta como uma seção propriamente dita. Como descrito anteriormente, a receptividade que o centro brasileiro teve com os diretores de jornais da época levou à uma parceria entre eles e, dessa forma, todos os jantares, conferências, discursos, avisos, notícias e convocações referentes ao PEN do Brasil circularam regularmente pela imprensa nos jornais *Correio da Manhã*, *A Manhã, A noite* e principalmente no *Jornal do Commércio*. Tradicional e mais antigo impresso do país,[93] o *Jornal do Commércio* dedicou especial atenção ao PEN e figurou como o espaço central para a publicação das atas, notícias e artigos produzidos pelo clube durante todo o período da presidência de Cláudio de Souza, porém não possui ainda estudo de fôlego a seu respeito.

Não admira que a imprensa tenha recebido atenção especial no texto de Raul Pedroza, datado de 1940, e que, apesar do título, *História do P.E.N. Clube do Brasil*, não ultrapassava duas páginas. O breve artigo elogiava o que considerava como uma importante agremiação para o meio intelectual brasileiro.

Após os tradicionais elogios, Pedroza relembrou a política de aproximação do centro brasileiro em relação aos diretores de periódicos:

> Os diretores dos nossos jornais e das nossas revistas, ao lado do frémito quotidiano das notícias sensacionais, oferecem ao público, páginas de serena beleza, assinadas por nomes que honrariam qualquer literatura. O lado cultural da nossa imprensa não podia ser

---

[92] Nossas iniciais em livros. *Relatório*, Ano IX, n.13, p.12, mar. 1945.
[93] Com 189 anos de história, o Jornal do Commércio encerrou suas atividades no dia 29 de abril de 2016.

> esquecido. Ampliando os estatutos dos outros P.E.N. Clubes espalhados em mais de cinquenta nações (...).[94]

O texto prossegue com a descrição e nomeação de cada diretor e jornalista membro do centro brasileiro na época. No caso: Herbert Moses (Fundador de *O Globo* e Presidente da Associação Brasileira de Imprensa), Elmano Cardim (diretor do *Jornal do Commércio*), Oswaldo Souza e Silva (diretor da revista *Ilustração Brasileira*), Dario de Almeida Magalhães, Austregésilo de Athayde e Jayme de Barros (*Diários Associados*), Joaquim Inojosa (*Meio-Dia*), Barbosa Lima Sobrinho e Piros do Rio (*Jornal do Brasil*), Raul de Azevedo (*Aspectos*), Leão de Vasconcellos (*Vida literária*), Julio Barata (*A Batalha*), M. Paulo Filho (*Correio da Manhã*), Carvalho Netto (*A Noite*) e Jenny Pimentel do Borba (diretora da revista feminina, *Valquírias*).

Ao final dos *Boletins* figuram os informes administrativos: *Estatuto, Membros e Balanço das Contas*, e há no espaço destinado a essas questões apenas a reprodução de tais documentos. Quanto ao Estatuto em voga e a lista atualizada de sócios (correspondentes, titulares, etc.), as informações presentes não geraram comentários ou qualquer outra reação por parte dos leitores do impresso, visto que eram informações recorrentes, por outro lado, o *Balanço das Contas* dava ao centro brasileiro destaque internacional.

Segundo os artigos 13° e 14° do Estatuto caberia aos sócios do PEN o pagamento de uma quota trimestral fixada em vinte mil reis “para despesas do expediente” que seria ampliada conforme a inflação e os custos da associação.[95] Somadas às joias pagas pelos novos sócios, as mensalidades constituíam então a única fonte de renda permanente da associação.

De acordo com o balanço final do ano de 1937, o clube contava com um saldo de 4:363$100 e não demorou para que um projeto de investimentos e construção do patrimônio da entidade começasse a ser colocado em prática. Pela visão, que podemos chamar de empreendedora, de Cláudio de Souza, foram adquiridas pelo clube “20 apólices de sorteio do Estado de S. Paulo, do empréstimo de 1935 (...) que vencem os juros de 5% ao ano, concorrendo anualmente a prêmios de mil e oitocentos contos de réis”,[96] uma prática de investimento comum na época e que permaneceu recorrente na forma de aplicação do saldo da instituição. De forma

---

[94] PEDROZA, Raul. História do P. E. N. Clube do Brasil. *Boletim*, Ano IV, n.8, s/p, jan. 1940.
[95] Estatuto do P.E.N. Clube do Brasil. Rio de Janeiro, 25 set. 1937.
[96] Nosso patrimônio em apólices. *Boletim*, Ano II, n.5, p.2, nov. 1937.

“quase milagrosa”, como descrito por Oswaldo de Souza e Silva, o patrimônio do PEN Clube do Brasil cresceu de forma expressiva. Do saldo inicial registrado em 1937, o total salta para Cr$310.694,50 em 1944,[97] e Cr$472.020,70 em 1946 – posto que Cr$266.663,60 eram referentes aos imóveis e Cr$14.870,00 em mobílias da associação.[98]

Como apontou Múcio Leão em um artigo para o jornal *A Manhã,* havia no PEN Clube do Brasil um movimento contrário ao de outras associações de homens de letras:

> Um capítulo, porém, existe ali que não pode passar sem comentário especial, e é o que se refere aos fundos do P.E.N. Clube. Vemos que a sociedade possui hoje um patrimônio. Temos assim esta coisa espantosa, e que pela primeira vez se vê no Brasil: uma sociedade de puros homens de letras, que prospera financeiramente![99]

Com razão, o PEN se destacou, principalmente durante meados da década de 1940, como uma associação próspera quanto a sua situação financeira, vide o crescimento expressivo de seu patrimônio, porém, na continuação do texto, o acadêmico comete um equívoco ao dizer que o êxito financeiro da Academia Brasileira não deveria ser considerado como comparativo para sua afirmação. Para Leão, mesmo passando por problemas financeiros em seus primórdios, a Casa de Machado de Assis contava com substanciosas doações, sendo a herança de Francisco Alves decisiva para seu funcionamento e saúde financeira.

O PEN mostrava-se uma associação próspera no âmbito financeiro, mas o foi, assim como a Academia, graças a doações, principalmente de Cláudio de Souza. Anos antes do artigo em questão, o *Boletim* do PEN já apresentava alguns sinais a respeito do auxílio financeiro vindo de seu presidente, que só aumentou desde então. Dos gastos permanentes do clube, toda a correspondência expedida pelo centro, a redação e impressão do *Boletim* e a sua publicidade, além da sala na qual funcionava a sede social, eram pagos por Cláudio de Souza.[100] Tal fortuna figura repetidas vezes nos discursos a respeito de Souza, como no caso da construção de uma casa de repouso para escritores. Na ocasião, Mario Guastini, cronistas do Diário de S. Paulo, ao falar de tal iniciativa, disse:

---

[97] O P.E.N. do Brasil em 1944. *Relatório*, Ano IX, n.13, p.1, mar. 1945.
[98] Balanço geral. *Relatório*, Ano X, n.14, p.22, mar. 1946.
[99] Um Juízo de A Manhã. *Relatório*, Ano VII, n.11, p.12, abr. 1943.
[100] Nosso patrimônio*. Relatório*, Ano V, n.9, p.1, jan. 1941.

> Cláudio, todos o sabem, é homem que não dispõe apenas do capital talento; possui o outro capital que, aliás, por desventura da maioria, está tão mal distribuído na superfície do globo. Rico, bem rico de inteligência e de dinheiro, o presidente do PEN vive preocupado com a sorte dos confrades menos favorecidos pela fortuna. Daí o seu trabalho incansável no sentido de obter uma casa, fora do Rio, onde possam convalescer escritores enfermos ou descansar os necessitados de férias.[101]

### 1.3.2 O grupo intelectual entorno do P.E.N. Clube do Brasil

O historiador Françoise-Sirinelli apontou em um de seus estudos que "todo grupo de intelectuais organiza-se também em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver",[102] além de justificar-se pelo compartilhar de leituras e interpretações de mundo. Tais gostos e afinidades não necessariamente se restringem à noção de geração entendida na sua dimensão cronológica, mas que pode comportar o partilhar de um elemento fundador que une indivíduos para além de marcos temporais.

> No meio intelectual os processos de transmissão cultural são essenciais; um intelectual se define sempre por referência a uma herança, como legatário ou como filho pródigo: quer haja um fenômeno de intermediação ou, ao contrário, ocorra uma ruptura e uma tentação de fazer tábua rasa, o patrimônio dos mais velhos é, portanto, elemento de referência explícita ou implícita.[103]

Como destacado anteriormente, no caso do PEN não há distância significativa entre as duas tentativas de sua fundação (1932 e 1936) e, mais importante, tampouco o cenário cultural sofreu abalos que justificassem cisões

---

[101] Um retiro para os escritores. *Relatório*, Ano VI, n.10, p.15, jan. 1942.
[102] SIRINELLI, Jean-François. *Op. cit.* p. 248.
[103] Idem, p. 255. Em outra oportunidade o autor retoma o assunto e destaca que "Certamente a geração, no sentido "biológico", é aparentemente um fato natural, mas também um fato cultural, por um lado modelado pelo acontecimento e por outro derivado, às vezes, da auto representação e da autoproclamação: o sentimento de pertencer – ou ter pertencido – a uma faixa etária com forte identidade diferencial. Além disso, e a constatação vai no mesmo sentido, a geração é também uma reconstrução do historiador que classifica e rotula", assim, pretende destacar a relevância do conceito para as análises historiográficas. SIRINELLI, Jean-François. A geração. In. AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). *Usos e abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p.133.

internas. Noutros termos, compartilhava-se a mesma herança cultural, construída a partir de um ponto em comum: a Academia Brasileira de Letras. No primeiro *Boletim* da nova agremiação, afirmava-se que "entre os fundadores [do PEN] contam-se vinte e um membros da Academia Brasileira de Letras, dos vinte e cinco que no momento estavam no Rio de Janeiro",[104] entre eles o presidente, Laudelino Freire, e os diretores da instituição.[105] Nos dias subsequentes, outros setes acadêmicos juntaram-se ao PEN: Affonso Taunay, Magalhães de Azeredo, Luís Guimarães Filho, Guilherme de Almeida, Paulo Setúbal, Xavier Marques e Ribeiro Couto.

A ABL, organizada para ser um espaço de consagração e sociabilidade entre os maiores escritores brasileiros e que pretendia ser arbitro nas questões relativas à língua portuguesa,[106] ocupava naquele momento lugar privilegiado e ainda não questionado,[107] tanto que houve estreita relação ente as duas entidades. Ainda no *Boletim* inaugural, a Academia foi comparada à Academia Francesa, ou seja, uma instituição nacional, a exemplo do Senado e do supremo tribunal para os julgamentos de natureza literária.[108] Havia mesmo uma divisão de competências, cabendo à ABL a soberania nas questões nacionais e ao PEN representar os escritores brasileiros em âmbito internacional, o que garantia espaços próprios de atuação e permitia que as duas instituições pudessem conviver.

Se parte significativa dos imortais prestaram seu apoio ao novo clube, resta saber porque nomes como Cassiano Ricardo, Levi Carneiro, Hélio Lobo, Aloísio de Castro, Dom Aquino Correia, Ataulfo de Paiva, Afrânio Peixoto, Alcides Maya e Alcântara Machado não o fizeram.

---

[104] *Boletim*, Ano I, n.1, p. 1, jul. 1936.

[105] Cláudio de Souza encontrava-se nesse grupo pois já constava no quadro de membros da academia desde 1924 quando eleito para a Cadeira de número 29.

[106] Nas palavras de João Paulo Rodrigues: "A fundação de Academia Brasileira de Letras é utilizada como um exemplo da mudança de concepção do papel dos escritores no Brasil *fin-de-siècle*. Mais reflexo do que motor deste desvio de rumos, a centenária instituição teria nascido como fruto da angústia existencial dos principais homens de letras da época. Acuados frente a dureza e a violência dos anos de chumbo dos primeiros anos da República, nos quais campeavam a censura, o Estado de Sítio, o empastelamento de jornais e o exílio de adversários do governo, um núcleo bastante heterogêneo de destacados literatos resolveu deixar de lado suas divergências políticas e somar esforços para demarcar fronteiras da defesa contra as arbitrariedades da nova ordem institucional". RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza. A dança das cadeiras: literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913). Dissertação de Mestrado. *Universidade Estadual de Campinas* – Programa de Pós-Graduação em História. Campinas, São Paulo. 1998. p.22.

[107] Mesmo que não possua função clara na sociedade atual, a casa de Machado de Assis apresentava-se à sociedade como o espaço por excelência do melhor que o país dispunha em sua literatura e que buscava, com seu projeto "academicista", um lugar de proeminência. Diante da preocupação em construir e consolidar o cânone brasileiro, a língua e sua forma eram de primordial importância, visto que ela é a ferramenta com a qual os escritores constroem suas obras.

[108] A Academia Brasileira de Letras e o P.E.N. *Boletim*, Ano I, n.1, p. 2, jul. 1936.

Um dos pontos de tensão se deu poucos meses após a fundação do PEN, a 17 de setembro de 1936, quando entrou na pauta da Academia um pedido do Ministério das Relações Exteriores solicitando que a entidade

> (...) promovesse, à semelhança do que fizera com o escritor Stefan Zweig, duas sessões públicas em homenagem aos escritores Georges Duhamel, da Academia Francesa, e Emil Ludwig, os quais, de volta de Buenos Aires, se demorarão alguns dias nesta cidade.[109]

Os três escritores citados eram sócios do PEN e estavam em Buenos Aires em função do 14° congresso da associação. Os indicados para a tarefa declinaram o convite: Gustavo Barroso, designado para saudar Ludwig, recusou-se sob o argumento "que são bem conhecidas as suas ideias relativas aos judeus", enquanto Fernando Magalhães, proposto para substituir o colega, também recusou sob o argumento que escrevera para a *Gazeta de S. Paulo* artigo de crítica ao Congresso dos P.E.N. e aos discursos de Ludwig e Duhamel, "por conter ideias subversivas", além de não considerar adequado que a Academia recebesse "em sessão pública escritores comunistas".

Fica evidente que a questão residia na posição política dos membros do PEN, o que é corroborado pela filiação, logo seguida de desligamento, de Alceu Amoroso Lima. Conhecido por suas posições conservadoras,[110] o escritor figurou entre os membros fundadores no Estatuto de 1937, mas relatou que "escrevera uma carta ao presidente do P. E. N. Cube do Brasil, desligando-se dessa associação, porque tem motivos para acreditar que a política não é de todo excluída de suas atividades".[111]

Em verdade, as denúncias e preocupações dos acadêmicos e demais escritores que não se filiaram ao PEN quanto a real natureza do clube se estenderam por todo o período, inclusive, entre os centros da associação, como se verá no decorrer deste texto, todavia, a despeito das divergências, o PEN sempre contou com número expressivos de sócios que também pertenciam à ABL, o que inclui diretorias inteiramente compostas por membros do clube entre 1936 e 1954:

---

[109] Arquivo Cláudio de Souza. Academia Brasileira de Letras. Ata do dia 17 de setembro de 1936, p.219.

[110] MOURA, Carlos André Silva de. "Restaurar todas as coisas em cristo": Dom Sebastião Leme e os diálogos com os intelectuais durante o movimento de recatolização no Brasil (1916-1942). In. RODRIGUES, Cândido Moreira; PAULA, Christiane Jalles de (org.). *Intelectuais e militância católica no Brasil*. Cuiabá: EdUFMT, 2012.

[111] Arquivo Cláudio de Souza. Academia Brasileira de Letras. Ata da reunião realizada dia 3 de outubro de 1937, p.232.

> Como tem sucedido desde o ano de nossa fundação, a Academia Brasileira de Letras em sua diretoria eleita para 1948 terá na sua presidência um sócio titular fundador do P.E.N. Clube, pois nosso sócio titular o Embaixador João Neves da Fontoura, que sucedeu a nosso presidente na diretoria da Academia em 1947, passou este cargo para 1948 por eleição unânime ao desembargador Adelmar Tavares, nosso sócio titular fundador. Para Secretário Geral, que corresponde ao lugar de vice-presidente, foi eleito nosso sócio titular fundador, Dr. Mucio Leão, que já exerceu com grande brilho o cargo de presidente.
> Assim com dois de seus cintilantes espíritos na direção do mais alto instituto literário do Continente pode o P.E.N. Clube congratular-se consigo mesmo pela consagração desses altos valores que muito prestigiam seu quadro social.[112]

Quanto a outra parcela de membros do PEN que não integrava a Academia, temos grupos advindos dos demais espaços pelos quais Cláudio de Souza transitava, como a universidade, local de onde surgia a maioria de nossos escritores daquele período. Veja-se, a título de exemplo, o depoimento de Gastão Cruls, importante romancista, fundador e diretor, ao lado de Agripino Grieco, do *Boletim de Ariel*, que se referiu à importância da vivência nas faculdades quando respondeu à questão: "- Arrepende-se, então, de ter estudado Medicina?"

> - De modo algum. No meu tempo de estudante não havia ainda aqui Escolas de Filosofia e Letras. Portanto, mesmo para aqueles que se quisessem dedicar à Literatura, o melhor curso seria ainda Medicina. Pelo menos esse curso, com sua obrigatória frequência aos hospitais, lhes daria um rico campo de observações, um grande contato com a vida, com as faces dolorosas da vida. E dores nem sempre apenas físicas. Dramas também muitas vezes morais.[113]

Não por acaso, Medicina e Direito eram opções tão frequentes, aliás como atesta o fato de 41,3% dos membros fundadores do PEN tivessem essa formação.

---

[112] O P.E.N. e a Academia Brasileira. *Relatório*, Ano XII, n.16, p. 24, mar. 1948.
[113] SENNA, Homero. *República das Letras:* entrevista com 20 grandes escritores brasileiros. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996, p.236-237.

**Quadro 4: Filiação e Formação dos sócios fundadores**

| Filiação/Formação | N° / % total de sócios fundadores |
|---|---|
| **Membros da A.B.L antes de 1936** | **20 / 46%** |
| **Membros da A.B.L.[114]** | **26 / 60%** |
| **---** | |
| **Médicos** | **7 / 16%** |
| **Advogados[115]** | **11 / 25,3%** |
| **Jornalistas** | **10 / 23%** |
| **Outros[116]** | **15 / 34,5%** |

A imprensa, por seu turno, era outro espaço privilegiado de atuação dos intelectuais e, segundo se sabe, Cláudio de Souza "desde os 16 anos colaborava na imprensa carioca, em *O Correio da Tarde* e *A Cidade do Rio* (...) e continuou colaborando na imprensa paulista"[117] após seu retorno à cidade, uma vez formado. Tendo em vista a centralidade de jornais e revistas nesse momento, não surpreende que vários jornalistas também estivessem no PEN, caso de Berilo Neves, Elmano Cardim, João Luso, Luís Edmundo, Múcio Leão, M. Paulo Filho, Raul de Azevedo, Victor Viana e Viriato Correia.

Quanto ao assunto, a bibliografia tem insistido que

> Em relação ao intelectual carioca, o perfil construído é o de um produtor de bens simbólicos que está marcado por uma dupla e contraditória inscrição social. De um lado, ele possuiria um estreito vínculo com o Estado, pois seria com muita frequência um funcionário público, o que o impregnaria de um misto de dependência, atração e desprezo por seu "patrão". De outro, por não conseguir um grande reconhecimento social ou não conseguir ascender às altas esferas do poder político, integrando e influenciando suas instituições de maneira profunda, acabaria por eleger a "rua" como seu *lócus* de sociabilidade por excelência, tendo na vida boêmia e na convivência com a população marginal um de seus traços definidores.[118]

---

[114] Número total de membros fundadores do PEN que pertenceram a Academia Brasileira de Letras.
[115] O destaque dos advogados sempre esteve em voga no meio literário e com a faculdade de Direito do largo São Francisco destacada como o grande centro formador desses pensadores, porém, com a exceção do Conde de Afonso Celso, o grupo formador do PEN não compartilhava dessa formação paulista.
[116] Aqui encontra-se reunidos: Escritores Profissionais / Engenheiros / Historiadores / Geógrafos / Funcionários Públicos / Políticos / Artistas.
[117] ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Biografia de Acadêmicos: Cláudio de Sousa. Disponível em: http://www.academia.org.br/academicos/claudio-de-sousa/biografia. Acesso em: 16 ago. 2016. (Nota-se que o sobrenome Sousa, escrito com "S", configura um erro presente no site da instituição).
[118] GOMES, Ângela Maria de Castro. *Op. cit,* p.24

Sem o objetivo de realizar um estudo prosopográfico clássico, visto que por si só constitui um campo extenso de trabalho, vale destacar aqui, ainda, que dos 42 fundadores do PEN Clube do Brasil, em sua maioria provenientes de camadas mais abastadas, relacionadas ao poder público (Anexo 2) e imersos no cenário carioca, deles foram escolhidos 9 nomes para compor a diretoria do clube durante seus primeiros anos, eram eles: Múcio Leão, Raul Pedroza, Victor Viana, Affonso Celso, Ramiz Galvão, M. Paulo Filho, Raul Azevedo, Miguel Osório de Almeida e Oswaldo Orico, portanto, cabe a nós um olhar mais atento a eles.

Múcio Leão, nascido no Recife em fevereiro de 1898, após bacharelar-se em direito (1919) mudou-se para o Rio onde veio a trabalhar como redator do jornal *Correio da Manhã*. Eleito para a ABL em 1935, ocupou até 1944 o cargo de Secretário Geral do PEN, ao lado de Raul Pedroza (1892-1962), pintor e dramaturgo natural do Rio Grande do Norte, realizou seus estudos em Pau, França, e na Escola de Belas Artes da Universidade do Brasil, chegando ao posto de diretor da Associação dos Artistas Brasileiros entre 1942 e 1943, além de presidente da associação em 1953.

Victor Viana (1881-1937), ao lado do Conde de Afonso Celso (1860-1939) e o Barão de Ramiz Galvão (1846-1938), fazem parte de um grupo que, falecidos logo após a formação do clube, deixaram o quadro administrativo e foram substituídos por Raul Azevedo (1875-1957) e Miguel Osório de Almeida (1890-1952).

Viana, eleito como primeiro tesoureiro do PEN, falecido antes mesmo do Estatuto do clube ser redigido, era natural do Rio de Janeiro e formado em Direito, porém não exerceu a profissão, tendo dedicado sua vida ao jornalismo. “Colaborou nos jornais *O século*, *Cidade do Rio*, *Imprensa* (de Alcindo Guanabara), passando para *O Paiz* e, finalmente, para o *Jornal do Commercio*, do qual chegou a ser o redator principal e diretor.”[119] Vale destacar ainda que, antes de sua eleição para a ABL, em 1935, Vitor havia sido redator do boletim do Ministério das Relações Exteriores, entre 1926 e 1929.

Afonso Celso, filho do Visconde de Ouro Preto, portanto, natural de Minas Gerais, figura como um dos grandes nomes da intelectualidade brasileiro do período. Destacado como um dos membros fundadores da Academia Brasileira de Letras, teve uma carreira extensa, marcada pela forte ligação com a política, principalmente

---

[119] Academia Brasileira de Letras. Biografia: Vitor Viana. Disponível em: http://www.academia.org.br/academicos/vitor-viana/biografia Acesso em: 13 de abril de 2018.

imperial, e a presidência perpétua do IHGB. Ao lado do Barão de Ramiz Galvão, destacado professor do Colégio Pedro II e da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, além de tutor do Príncipe imperial D. Pedro, seus nomes traziam relevância quase que instantânea a qualquer instituição intelectual da qual participassem, e muito provavelmente, como demonstra a "História do PEN Clube do Brasil", de Raul Pedroza, o fizeram também na formação do PEN Clube brasileiro.

> Seu fundador, Cláudio de Souza, o autor glorioso de *Flores de Sombras*, apareceu certa manhã na minha residência em Copacabana. Mostrou-me os estatutos da nova associação. Falou-me. Sua palavra arrebatadora descreveu, em alguns traços rápidos, largos e seguros, o grande sonho de fraternização que surgiu no mundo após 1918 (...). A ata de fundação já continha os nomes venerados do Conde de Afonso Celso e do Barão de Ramiz Galvão.[120]

Os últimos nomes que completam esse primeiro quadro administrativo do PEN durante os primeiros 6 anos foram, o já citado, Manoel Paulo Filho, diretor do *Correio da Manhã*, e Oswaldo Orico (1900-1981), escritor natural do Pará, onde foi um dos editores da revista *Guajarina*, conhecida pelo movimento modernista do Estado, membro da ABL a partir de 1936 e deputado federal.

Podemos notar nesse grupo, que permaneceu no comando do PEN até o ano de 1944, quando houve uma reformulação geral dos cargos e seus ocupantes (anexo 3), que ele representa bem o conjunto dos membros do clube, visto que não fogem a regra dos espaços de sociabilidade nos quais Cláudio de Souza circulou e que serviram de base para a criação do centro brasileiro, com a Academia Brasileira de Letras e seus integrantes sempre em destaque.

Porém, em meio a esse círculo administrativo e suas mudanças durante os anos, sejam elas por falecimento, afinidade e/ou os diversos assuntos particulares, uma figura permaneceu e se destacou, pois, além de circular pelos espaços intelectuais cariocas, também tinha sua importância na capital paulista e seus esforços foram responsáveis por dar vida e longevidade ao PEN. Como destacou Maria Eugênia Celso:

---

[120] PEDROZA, Raul. História do P.E.N. Clube do Brasil. *Boletim*, ano IV, n.8, s/p, jan. 1940.

### 1.3.3 “O P.E.N. Clube, no Brasil, é Cláudio de Souza”[121]

No dia 23 de dezembro de 1945, em meio as comemorações da nova sede do PEN e as homenagens feitas a Cláudio de Souza por sócios e amigos das mais diversas áreas, a escritora Maria Eugênia Celso reservou parte de seu discurso para uma das questões em pauta na ocasião: “Mas afinal, o que é o P.E.N. Clube?”; e, segundo a própria autora, “a resposta salta, espontânea e naturalíssima: - ‘O P.E.N. Clube, no Brasil, é Cláudio de Souza’”,[122] resposta que evidencia como os contemporâneos compreendiam a agremiação e aponta para a centralidade da figura de seu fundador/presidente.

Nascido no dia 20 de outubro de 1876, na cidade de São Roque, interior do Estado de São Paulo, Cláudio de Souza era filho do escrivão Cláudio Justiniano de Souza, do qual herdou a homonímia, e de Antônia Barbosa de Souza.[123] Pouco se sabe a respeito das origens de sua família, apenas que não fazia parte da elite paulista da época. Segundo nota publicada em março de 1883, no jornal *A Província de São Paulo*, o casal Souza inaugurou um “estabelecimento de instrução primaria e secundária do sexo feminino” que, segundo eles, possuía excelência atestada pela criação das suas quatro filhas.[124] Em 1888, seu pai deixou o cargo de escrivão,[125] e em 1909, na ocasião de sua morte, seu obituário apontava que no final da vida desfrutava de certo prestígio no meio comercial paulista, além de ser referenciado com o título de coronel.[126]

Após realizar seus estudos primários em São Roque, Cláudio de Souza seguiu para o Rio de Janeiro, onde formou-se médico em 1897, cumprindo assim trajetória frequente das elites letradas brasileiras, que se dedicavam ao estudo do Direito, da Medicina e, já na passagem para o século XX, das Engenharias na Escola Politécnica. Exerceu a profissão até 1913, sempre em trânsito entre as cidades do interior e a capital do Estado de São Paulo.[127]

---

[121] O discurso da Sra. Maria Eugênia Celso. *Boletim,* ano X, n.14, p.9, mar. 1946.
[122] Idem.
[123] ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Biografia de Acadêmicos: Cláudio de Sousa. Disponível em: http://www.academia.org.br/academicos/claudio-de-sousa/biografia. Acesso em: 16 ago. 2016.
[124] Collégio Claudio. *A Província de São Paulo*, ano IX, n.2435, p.2, 02/05/1883.
[125] Actos Officiaes. *A Província de São Paulo*, ano XIV, n.3865, capa, 18/02/1888.
[126] Fallecimentos. *O Estado de S. Paulo*, ano XXXV, n.11.053, p.4, 15/03/1909.
[127] Sua atuação principal deu-se na capital paulista, mas entre os anos de 1902 a 1906, estabeleceu consultório fora da capital, na cidade de Amparo. Carnet do “Estado”. *O Estado de S. Paulo*, ano. XXVIII, n.8661, p.2, 15/08/1902.

Seu lado associativo remete a esse mesmo período quando, no ano de 1906, fundou a *Liga Paulista de Prophylaxia Moral e Sanitária* ao lado dos médicos Bueno de Miranda, Eugênio Alberto Franco e Luiz Pinto Cardoso, destinada a "luta humanitária contra o alcoolismo e a sífilis",[128] e, em 27 de novembro de 1909, juntamente com trinta e nove outros escritores, capitaneados pelo também médico e escritor Joaquim José de Carvalho (1850-1918), participou da fundação da Academia Paulista de Letras, presença que chama a atenção, pois, na ocasião havia publicado apenas duas obras de ficção: *Mata-a ou ele te matará* (1896), comédia; e *Pela Mulher* (1898), romance; sendo assim, eram suas obras a respeito dos estudos médicos - *Os nevropatas e degenerados*, laureada com distinção pela faculdade de medicina do Rio de Janeiro, 1908; *A responsabilidade civil dos sifilíticos*, 1904; *Do alcoollismo*, 1905; *Sur l'Anaphylarie*, 1905; *Os primeiros sinais de turbeculose*, 1906 - que davam a Souza seu destaque, como ocorreu com a maioria dos outros nomes presentes na Academia Paulista em seus primórdios, muito criticada por esse viés quase que exclusivo aos médicos.[129]

Além dessa relação com os círculos literários paulistas, Cláudio de Souza contribuiu ativamente na imprensa, atividade desenvolvida desde seus 16 anos, quando colaborou para os jornais cariocas *O Correio da Tarde* e *A Cidade do Rio*.[130] Apesar disso, foi o incentivo e a contribuição para o periódico fundado por sua irmã, Virgilina Salles de Souza (-1918), denominado *Revista Feminina* (1915-1936), que destaca seu papel nesse meio.[131]

A *Revista Feminina* foi lançada num período em que "as mulheres ganhavam espaço nas matérias e propagandas das revistas de maior circulação, mas não tinham, então, uma publicação que a elas se dedicasse exclusivamente. Esse

---

[128] Liga Paulista de Prophylaxia Mortal e Sanitária. *O Estado de S. Paulo*, ano XXXII, n. 10.058, p. 3, 21/06/1906; Liga Paulista de Prophylaxia Mortal e Sanitária. *O Estado de S. Paulo*, ano XXXII, n.10.180, p. 3, 20/10/1906.

[129] FERREIRA, Antônio Celso. *A epopeia bandeirante*: letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940). São Paulo: Editora UNESP, 2002.

[130] ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Biografia de Acadêmicos: Cláudio de Sousa. Disponível em: http://www.academia.org.br/academicos/claudio-de-sousa/biografia. Acesso em: 16 ago. 2016.

[131] A respeito da imprensa feminina nacional e do papel desempenhado pela *Revista Feminina*, ver: BUITONI, Dulcília Schroeder. *Mulher de papel.* A representação da mulher pela imprensa feminina. 2ed. São Paulo, Summus Editorial, 2009; MASCARO, Sônia de Amorim. *A Revista Feminina*: imagens de mulher (1914-1930). Dissertação (Ciências da Comunicação). São Paulo, ECA/USP, 1982; SCHPUN, Mônica Raisa. *Beleza em jogo.* Cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20. São Paulo: SENAC; Boitempo Editorial, 1999.

espaço veio a ser preenchido pela *Revista Feminina*".[132] Distribuída gratuitamente até o exemplar de n°7, a fundação e a longevidade da revista só foram possíveis graças aos incentivos de Cláudio, que na época era proprietário de uma indústria de produtos de beleza feminina, "que produzia a tintura para cabelo Petalina e o creme Dermina":[133]

> Vale destacar que, nesse momento, a beleza integrava o campo de preocupações médicas e era associada à posse de boa saúde, obtida e preservada por intermédio de hábitos adequados de higiene, vida disciplinada, cuidados com a alimentação, o corpo e a moradia, capazes de assegurar vigor físico, aparência saudável e evitar enfermidades.[134]

Escrita em tom coloquial na busca por atrair a simpatia das mulheres, principalmente as da elite, o destaque da revista recaía sobre uma colaboradora em especial, Ana Rita Malheiros, "a voz mais alta da revista, que falava em tom mais incisivo e melhor refletia seu pensamento, estava em suas crônicas, que abriam cada edição, sempre muito bem escritas, voltadas para o assunto de maior interesse no momento".[135] Não apenas a maior defensora dos ideais da publicação, Ana Rita, personagem construída cuidadosamente nas páginas da revista era, na verdade, Cláudio de Souza, informação nunca revelada aos leitores.

Permanecer na chefia de uma coluna feminina, sob um pseudônimo feminino, e conquistar destaque nesse meio, era uma forma de propagar ideias, marcadas por uma visão masculina, a respeito da medicina e dos tratamentos de beleza julgados necessários para as mulheres da época.

Em seu retorno para o Rio de Janeiro, no ano de 1913, Souza passou a dedicar-se a literatura e a indústria química, negócio que lhe garantia rendimentos expressivos. Autor de obras, até aquele momento, de maioria acadêmica, foi em 1913 com o romance *Pater!* e, em 1916, com sua comédia *Flores de Sombra*, que Cláudio de Souza alcançou o êxito literário. Segundo ele próprio, ao descrever o sucesso de sua peça:

---

[132] LIMA, Sandra Lúcia Lopes. *Imprensa feminina, Revista feminina*. A imprensa feminina no Brasil. *Projeto História*, São Paulo, n.35, p. 225-240, dez. 2007.
[133] Idem.
[134] LUCA, T. R. de. Mulheres em revista. In: PEDRO, Joana Maria; PINSKY, Carla. (Org.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 455.
[135] Idem, p. 234.

> No teatro, alguns críticos quiseram bondosamente ver radicação em minha peça *Flores de Sombra*. Essa comédia alcançou em sua época tal popularidade, subiu tanto no favor público, que pareceu querer asfixiar toda minha produção literária.[136]

Com razão, *Flores de Sombra* foi tida como renovadora do teatro nacional e alcançou evidência na época.

> O Teatro Boa Vista, em São Paulo, é o palco escolhido para estrear *Flores de Sombra*, em 1916. No ano seguinte é encenada no Rio de Janeiro e completa quase 300 representações, um estrondoso sucesso naquela temporada. Hoje *Flores de Sombra* seria apontada como um drama exacerbado, cuja trama se passa na fazenda da matriarca de uma família tradicional [paulista], que aguarda, com certa inquietação, o retorno do filho, longo tempo afastado, trazendo visitas importantes da cidade grande, inclusive a filha de um ministro, por quem ele é apaixonado. Uma história recheada de amores secretos, temperada por um humor leve e com mordaz crítica ao idioma francês, predominante naquele período, escrita por um autor inteligente, em 1916.[137]

Se, na imprensa paulista, a peça teve recepção singela, limitada aos informes de cunho publicitário, quando de sua apresentação no Rio de Janeiro logo despertou o interesse dos jornais, a exemplo do *Jornal do Commercio* que assim descreveu a primeira que a peça de Cláudio de Souza ficou em cartaz:

> FLORES DE SOMBRA – Não podia ter obtido maior sucesso a suave comedia de costumes “Flores de Sombra” do Dr. Cláudio de Souza, que em S. Paulo foi representada durante 50 noites sucessivas e aqui, no Trianon, acaba de atravessar de uma semana a outra, sempre com enchentes reais e com calorosos aplausos.
> Vai ter o público ocasião de vê-la ao mesmo tempo em italiano, pois a Companhia Cittá di Napoli fei-a traduzir pelo escritor italiano Vicente Natale, e, depois de a ter representado em S. Paulo com enorme sucesso, vai apresentá-la aos cariocas no próximo sábado, no Phoenix.[138]

Em 1924, ainda na esteira do sucesso da peça, foi recebido por Alfredo Pujol (1865-1930) na Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira de número 29 – que tem Martins Pena como Patrono e Artur Azevedo como fundador – e, em 1938,

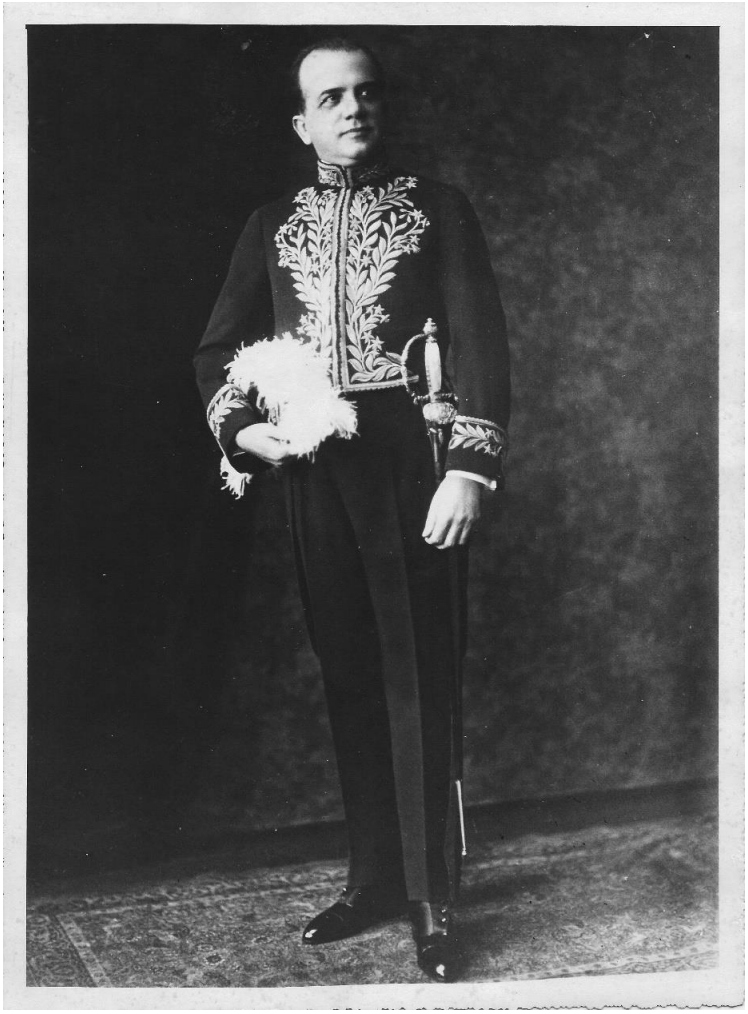
---

[136] *Relatório,* Ano XVIII, n.22, p.26, mar. 1954.
[137] FONTA, Sérgio. Teatro no PEN Clube do Brasil: um palco nas mãos de Eurídice. In.: PEN Clube do Brasil (Org.). *PEN Clube do Brasil: 80 anos (1936-2016):* promovendo a literatura e a liberdade de expressão. Rio de Janeiro: Batel, 2016, p.127.
[138] *Jornal do commercio*, Rio de Janeiro, n.122, p.4, 03 maio 1917.

quando eleito presidente da instituição pela primeira vez, foi destacado por sua contribuição para a dramaturgia nacional, principalmente pela importância destinada a renovação do teatro ligeiro. Saudado por Armando Gonzaga, presidente da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT) à época, entidade da qual Cláudio também fazia parte, ouviu-se as seguintes palavras:

> Como o velho Martins Pena, no século XIX, coube a Cláudio de Souza, no século XX, o papel de consolidador da cena brasileira. Pertence-lhe a glória de ter marcado o início do movimento que tem sido, queiram ou não, o mais frutuoso do teatro nacional.[139]

**Figura 5: Cláudio de Souza com o fardão da Academia Brasileira de Letras**



Posse de Cláudio de Souza na Academia Brasileira de Letras, 1924. Acervo do PEN Clube do Brasil.

[139] Idem.

Ao conquistar lugar nos espaços de consagração literária, tanto em São Paulo, quanto no Rio de Janeiro, além de possuir uma posição financeira de destaque graças as suas empresas, percebe-se a partir de então que Cláudio de Souza passou a buscar nobilitação também para sua história.

Casado com Luiza Leite de Sousa, filha de Luís Leite de Sousa, Senador do Estado de São Paulo, e Deolinda Leite de Souza Arantes - os Barões do Socorro -[140] em seu livro *Os Paulistas: seu passado, seu presente*, volume resultante de conferências realizadas no Clube Piratininga, entre 1935 e 1936, o escritor inseriu, ao final da publicação, duas extensas notas, uma a respeito das origens de sua família e outra a propósito da esposa.[141]

No início de sua primeira conferência, anotou para os ouvintes sua origem mameluca, mas deu ênfase na parte em que remetia sua história aos bandeirantes paulistas, transmitida na forma de uma suposta conversa que teve com seu pai quando criança:

> [Pai] - Tenha sempre orgulho de seus avós. Foram eles que à custa de muito heroísmo e de muito sofrimento fizeram o Brasil assim tão grande. Veja quanto conquistaram de território os bandeirantes paulistas, através de terríveis lidas.[142]

Segundo ele, sua família descendia de “um dos ramos da família Lemes, do antigo condado de Flandres, que passou para Portugal em tempo de Afonso V, onde de Lemes se tornou Leme”, e que posteriormente viria a se junta aos Barros, “tão numerosos e tão acatado nos seus atuais descendentes”.[143] Quanto a sua esposa, Cláudio refere-se ao “5° volume” a respeito da genealogia da família, escrito por seu sogro: “Teve começo esta família em Henrique da Cunha, amigo do almirante português Martim Affonso de Souza, que com ele passou a S. Vicente, em 1531, com sua mulher d. Filippa Gago”. A referência termina ao dizer que “Henrique da

---

[140] Não há informações na grande imprensa paulista da época a respeito do casamento, porém, visto que em 1906 Cláudio de Souza abriu seu consultório na cidade de Amparo, cidade de Luiza, é de se entender que o casal se conheceu nesse período, ou pouco antes, o que justificaria a mudança de Souza para a cidade.

[141] SOUZA, Cláudio de. *Os Paulistas:* seu passado, seu presente. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Rio de Janeiro: Livraria Civilização Brasileira S.A., s/d, p.103-107.

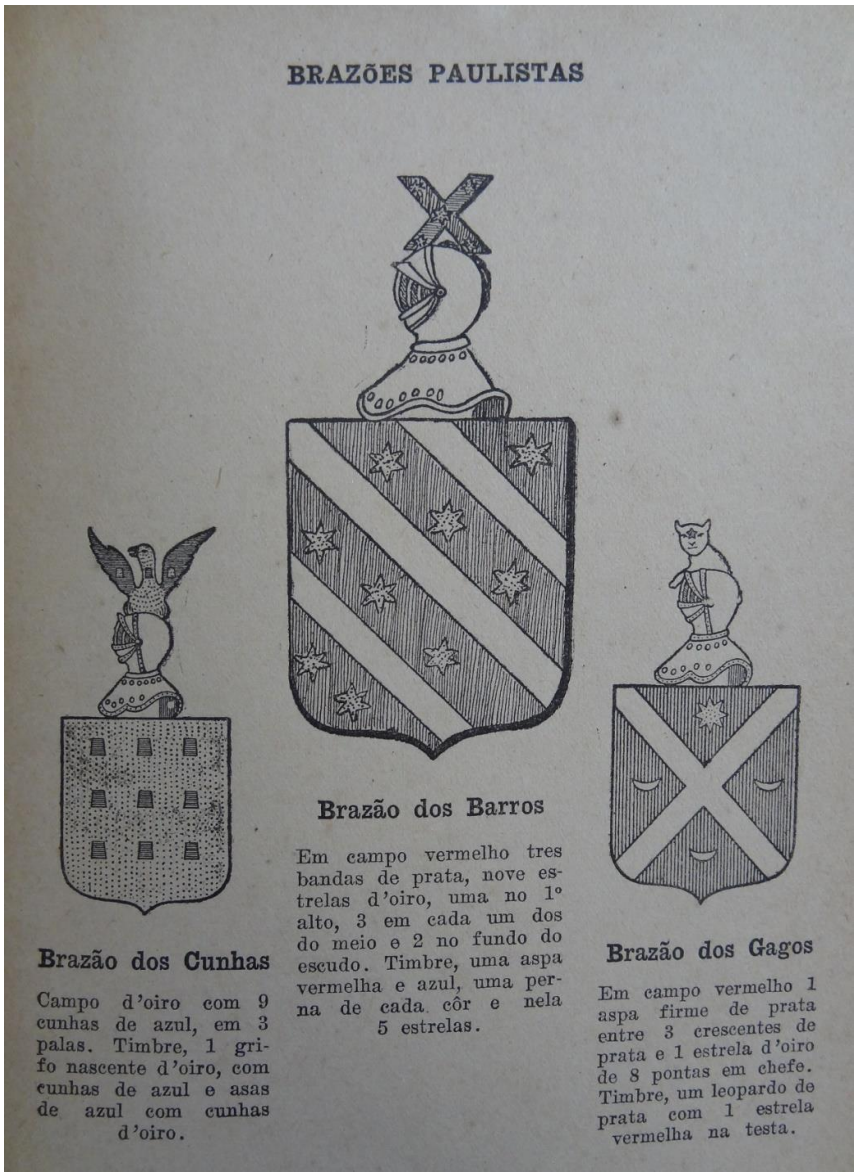
[142] Idem. p,12.

[143] Idem. p, 103-105.

Cunha Gago Neto casou-se em 1632, em S. Paulo, com dona Ana de Almeida Prado, e deles deriva a descendência Almeida Prado".[144]

Fica claro a partir de então que, ao relacionar suas origens com o bandeirantismo e com as famílias tradicionais paulistanas, a mais importante e representativa do ciclo do café, no caso dos Prado,[145] Cláudio de Souza inseria-se por iniciativa própria como herdeiro de uma tradição na qual não fazia parte, mas que era de primeira importância para alcançar o reconhecimento daquela sociedade.

**Figura 6: Brasões das famílias paulistas**




Fonte: SOUZA, Cláudio de. *Os Paulistas:* seu passado, seu presente. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Rio de Janeiro: Livraria Civilização Brasileira S.A., s/d, p. 109.

---

[144] Idem. p,106.

[145] BERRIEL, Carlos Eduardo Omelas. *Tietê, Tejo e Sena*: a obra de Paulo Prado. Campinas: Papirus, 2000.

**Figura 7: Cláudio de Souza e D. Luizinha em trajes de gala na ABL**

Julho de 1938. Acervo do PEN Clube do Brasil.

Somado a esse esforço retórico, Souza construiu, entre 1907 e 1911, um palacete para ele e sua esposa na capital paulista, localizado na Avenida Brigadeiro Luiz Antônio, n° 826, com projeto de autoria do arquiteto italiano Giuseppe Sacchetti. Segundo o arquiteto Carlos Lemos, que se manifestou a respeito da construção em relatório apresentado ao Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (CONDEPHAAT):

> (...) pretendeu fazer uma arquitetura “art-nouveau”, cujo mestre em São Paulo era Victor Dubugras. Talvez não tenha sido muito feliz, porque incorreu no erro em que a maioria dos projetistas da época caía: sobre um risco tradicional, sobre uma estrutura convencional, apunham ornatos “art nouveau” importados, principalmente gradís, portões e caixilhos de vidros lapidados a jato de areia. Casas realmente “art nouveau”, cujos espaços internos eram concebidos corretamente dentro dos postulados daquela corrente, foram poucas: a de Horácio Sabino, na Avenida Paulista esquina da Rua Augusta, a Vila Nenê, na Avenida Higienópolis, a mansão de Alvares Penteado (FAU velha) e mais um ou outra casa. Este exemplo da Brigadeiro Luiz Antônio está num meio termo. Seu portão principal é claramente inspirado nos modelos que surgiam amiúde em álbuns de arquitetura e de ornatos gravados para orientação didática nas escolas profissionais.[146]

**FIGURA 8: Fachada da casa de Cláudio de Souza em São Paulo/SP**

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Castelinho_da_Brigadeiro

[146] CONDEPHAAT. Pedido de tombamento, processo n°250/73. 11 de jan. de 1973.

**FIGURA 9: Detalhes do portão e da grade frontal da casa**

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Castelinho_da_Brigadeiro

Na sequência do relatório, informa-se: “Cláudio nela morou até mudar-se para o Rio de Janeiro, na época do Primeiro Centenário da Independência”, e que, após a sua morte, a morada foi doada para o Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários. Posteriormente, a posse coube ao Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), atitude que, mais uma vez, atesta sua preocupação com temas de cunho previdenciário, uma das marcas de sua atuação conforme se destacará.[147]

Com sua volta ao Rio de Janeiro, Cláudio de Souza manteve o padrão de suas atitudes e, então, passou a assumir práticas comuns às elites do Distrito Federal, ainda muito ligadas aos costumes imperiais. Em 1929, adquiriu um casarão na cidade de Petrópolis,[148] ao final da avenida Koeler, famosa por suas diversas mansões datadas do império, como o palacete de verão da Princesa D. Isabel, o

[147] Idem.
[148] Atualmente a casa faz parte do Museu Imperial: Casa Cláudio de Souza. Localizado num dos lados da praça Rui Barbosa (Praça da Independência).

Palácio Rio Negro,[149] além da Catedral de São Pedro de Alcântara. A propriedade na serra, que conta com um salão no térreo, uma biblioteca no andar superior e diversos cômodos somados ao quarto do casal, servia de casa de campo, ou de descanso, como demonstra uma das fotografias presentes no acervo do PEN clube, na qual figuram Cláudio de Souza, em pose descontraída, diferentemente de suas outras fotografias, e D. Luizinha, lendo, num cômodo luxuosamente mobiliado (Figuras 10). Somado a esse lado tranquilo, o prédio foi também muito utilizado na recepção de escritores e figuras de destaque, principalmente internacional, como no caso do escritor austríaco, Stefan Zweig.[150]

**Figura 10: Fachada da Casa de Cláudio de Souza em Petrópolis/RJ**

Fonte: http://www.museuimperial.gov.br/claudio-de-souza/claudio.html

[149] Residência de verão da presidência da República até meados da década de 1970.

[150] A relação do escritor Stefan Zweig com Cláudio de Souza e o PEN Clube será abordada no terceiro capítulo desse texto e também aparece em: PEN Clube do Brasil (Org.). *PEN Clube do Brasil: 80 anos (1936-2016):* promovendo a literatura e a liberdade de expressão. Rio de Janeiro: Batel, 2016. p.31-44.

**Figura 11: Cláudio de Souza e Luiza Leite de Sousa na casa em Petrópolis.**

Interior da residência, sem datação. Acervo do PEN Clube do Brasil

A observação atenta da imagem evidencia o gosto do casal e a predominância de um padrão estético que remete ao século anterior, bem distante da renovação modernista. Essa preferência aponta para um padrão de vida sofisticado e não parece fora de propósito supor que tais hábitos acabaram por se impor às práticas do PEN desde sua fundação.

Inserido em diferentes redes de sociabilidade e com uma produção bastante expressiva no final dos anos de 1930 - o escritor já havia publicado mais de 40 obras ao final daquela década (Anexo 4) - além das associações nacionais, e de presidir a Casa de Machado de Assis em duas oportunidades (1938 e 1948), Souza também integrou a Academia de Ciências de Lisboa, a Academia de Artes y Letras de Havana e o Instituto Internacional de Cooperação Intelectual, da Liga das Nações,[151] evidenciando relações com entidades dentro e fora do país.

[151] Sobre o Instituto, ver: DUMONT, Juliette. *Op. cit.* 2008.

Essa trajetória diversificada, que inclui a prática da medicina, negócios na florescente indústria de cosméticos, autoria de obras teatrais festejadas por seus contemporâneos, e que o levaram à ABL, além do transito entre o distrito federal e a capital paulista, Cláudio de Souza destacou-se como um personagem caleidoscópico e que, a partir de 1936, dedicou grande parte de suas energias ao PEN Clube do Brasil, como ele próprio declarou em seu último discurso, proferido poucos meses antes de sua morte:

> Se nada, porém, ficar de minha produção literária, espero que reste e jamais finde a obra que nesta casa juntos construímos: A aproximação dos escritores de todo mundo para que trabalhem unidos pela cessação das guerras selvagens que vem inundando de sangue e de lágrimas, de viuvez e de orfandade o mundo inteiro.[152]

A propósito, foi em relação a sua morte que Cláudio de Souza tornou-se mais uma vez assunto na imprensa carioca. Em meados de 1949, no cemitério São João Batista, o escritor iniciou a construção de um mausoléu para ele e sua esposa. Com proporções significativas em relação as demais construções presentes no entorno, a estrutura, emoldurada por duas colunas principais em estilo grego/jônico, encontra-se na aleia principal do cemitério e conta com uma espécie de arquibancada à frente do monumento e ao redor dos jazigos. Também figuram esculturas em alto relevo que representam as máscaras do teatro - a Comédia e a Tragédia - e estátuas em tamanho natural das *Moiras* – mito grego no qual três irmãs cegas seriam incumbidas de fabricar, tecer e cortar o “fio da vida” dos mortais, portanto, responsáveis pelo destino das pessoas.

---

[152] Discurso do Sr. Cláudio de Souza. *Relatório,* Ano XVIII, n.22, p.25, mar. 1954.

**Figura 12: Mausoléu de Cláudio de Souza**

Templo Grego em granito. Ao fundo vê-se as moiras e, no centro da arquibancada, os jazigos de Cláudio de Souza e Luiza Leite de Sousa. Cemitério de S. João Batista. Rio de Janeiro, 2015. Acervo do PEN Clube do Brasil.

**Figuras 13 e 14: Tragédia e Comédia / Detalhes do Mausoléu de Cláudio de Souza**

Alto-relevo em granito. Acervo do PEN Clube do Brasil

O monumento fúnebre evoca a relação de Souza com o teatro e, por ser uma figura pública, suscitou comentários variados nos jornais da capital, que não nos cabe o debate, porém, reflete o ideário do autor quanto a sua importância em vida e o legado que buscava deixar para o seu nome, legado esse vinculado a literatura e a dramaturgia.

Sua importância para o PEN Clube do Brasil foi percebida já nos primórdios da associação, tanto que o já citado, dramaturgo e membro fundador da entidade, Raul Pedrosa, procurado por Cláudio de Souza para tratar da criação da versão brasileira, em 1940, portanto pouco tempo depois da fundação, fez questão de anotar: "Sua palavra arrebatadora descreveu, em alguns traços rápidos, largos e seguros, o grande sonho de fraternização que surgiu no mundo após 1918", para em seguida concluir: "O entusiasmo de Cláudio de Souza era contagioso".[153]

Por sua dedicação e devoção ao PEN Clube, além de todo o auxílio financeiro oferecido à instituição, durante a Assembleia Geral Ordinária, realizada no dia 30 de março de 1943, na sala do Conselho da Associação Brasileira de Imprensa, a nomeação de Cláudio de Souza para mais um mandato foi interrompida por Harold Daltro. Segundo ele, "diante dos serviços dedicadíssimos que tem prestado à sociedade, integrando-se inteiramente em seu programa", Daltro apresentou uma emenda à proposta de eleição "para que fosse aclamado o Dr. Cláudio de Souza como presidente perpétuo",[154] aprovada unanimemente. Anos mais tarde, durante a última sessão pública do PEN daquele ano, já citada neste trabalho, foi inaugurada aquela que seria a maior doação feita por seu presidente, a nova sede do clube, descrita por Herbert Moses em artigo para o *Jornal do Commércio*:

> A nossa sede, situada no Castelo, a dois passos da Avenida, à Avenida Nilo Peçanha, 26, ocupa o último andar, e dispõe de longo terraço coberto, com vista para a baía. O salão de conferências, de gosto sóbrio e apurado, com poltronas confortáveis de cinema, tem lugar para 250 pessoas. Um pequeno palco, com as necessárias instalações, com rico pano, oferece-se para representações teatrais. Está sendo ainda instalada uma biblioteca.[155]

---

[153] História do P. E. N. Clube do Brasil. *Boletim*, Ano IV, n.8, s/p, jan. 1940.
[154] Assembleias Gerais. *Relatório*, Ano VII, n.11, p.20, abr. 1943.
[155] Última sessão pública de 1945*. Relatório,* Ano X, n.14, p.6, mar. 1946.

O evento foi realizado em homenagem à Cláudio de Souza com a presença de quase todos os membros da Academia Brasileira, do Corpo Diplomático brasileiro e dos Embaixadores da Suécia, Grécia e Paraguai, além de outros convidados ilustres. Discursaram Elmano Cardim, Rodrigo Octavio Filho, Maria Eugênia Celso, Leopold Stern e Faustino Nascimento e, em todas as falas, concentraram-se em descrever a amizade dos conferencistas com o homenageado e a trajetória de Cláudio de Souza a frente do PEN.[156] Elmano Cardim, incumbido de presidir a sessão, reforçando todos os pontos já apresentados anteriormente a respeito da importância de Souza para a associação, resumiu

> O P.E.N. Clube nasceu por ele e dele vive e viverá. Conquistou graças a ele só, desde o berço, a fortaleza, a exuberância, o encantamento dos que nascem bem-dotados. (...). O P.E.N. Clube nasceu sadio e cresceu feliz, porque teve pai rico. Rico não só de pecúnia, porque isso de nada lhe valeria, sem o coração amoroso que transbordasse em dedicação e ternura para com o objeto do seu amor.[157]

---

[156] Durante o evento, Rodrigo Octavio Filho lembrou o início do clube, da descrença de seu pai, Rodrigo Octavio, que não via futuro ao clube em 1936 assim como as associações "*Panelinha* e do *Club Rabellais*", e da significativa presença dos membros da A.B.L. em sua fundação, "21 dos 25 membros da Academia Brasileira que se encontravam no Rio". (Discurso do Sr. Rodrigo Octavio. *Relatório*, Ano VI, n.10, p.8, jan. 1942.) Coube a Maria Eugênia Celso relembrar que "era a única mulher entre aqueles a que a persuasão de Cláudio de Souza e o enleio irresistível da sua gentileza levavam aos primeiros e saudosos jantares da nascente instituição" e fortalece o coro iniciado por Cardim, como apresentado anteriormente, de que o papel de Cláudio de Souza era fundamental para o funcionamento do clube.
O evento foi divido em duas partes, com seu auge durante o descerrar do busto de Cláudio de Souza, feito pelo escultor Zadig. Na segunda parte realizou-se a inauguração do palco com a representação da comédia em 1 ato de Cláudio de Souza, *Rosas de Espanha*. A companhia responsável pela apresentação foi o grupo cênico da Associação dos Artistas Brasileiros, sob a direção da atriz Esther Leão.

[157] As palavras do Dr. Elmano Cardim. Idem.

**Figura 15: Imagens do evento de inauguração da sede do PEN.**

P. E. N. CLUBE DO BRASIL — MARÇO DE 1946

INAUGURAÇÃO DE NOSSA SEDE PRÓPRIA

EM CIMA — Os oradores e o busto de Claudio de Souza ainda encoberto. Da esquerda para a direita: Dr. Elmano Cardim, falando, Claudio de Souza, Harold Daltro, Rodrigo Octavio Filho, Maria Eugenia Celso, Faustino Nascimento, Leopold Stern.

AO CENTRO E EM BAIXO — Aspetos da sala durante a sessão.

Na primeira fila da gravura do centro vê-se, entre a senhora Claudio de Souza e o ministro Diamantopolus, da Grécia, o ministro Kumlin, da Suécia, onde se vai realizar o X Congresso Mundial do P. E. N.

— 7 —

Fonte: *Relatório*, Ano X, n.14, p.7, mar. 1946.[158]

[158] Legenda: "EM CIMA – Os oradores e o busto de Cláudio de Souza ainda encoberto. Da esquerda para a direita: Dr. Elmano Cardim, falando, Cláudio de Souza, Harold Daltro, Rodrigo Octavio Filho, Maria Eugênia Celso, Faustino Nascimento, Leopold Stern. AO CENTRO E EM BAIXO – Aspetos da sala durante a sessão. Na primeira fila da gravura do centro vê-se, entre a senhora Cláudio de Souza e o ministro Diamantopolus, da Grécia, o ministro Kumlin, da Suécia, onde se vai realizar o X Congresso Mundial do P.E.N.".

**Figura 16: Busto de Cláudio de Souza exposto na sede do P.E.N. Clube do Brasil, no Rio de Janeiro.[159]**

Acervo do PEN Clube do Brasil.

[159] Placa: "Homenagem do P.E.N. Clube do Brasil a Cláudio de Souza. Seu fundador, Presidente Perpétuo e Grande Benemérito. Rio de Janeiro, 21 de dezembro 1945".

# Capítulo 2 – O P.E.N. Clube em prol dos escritores brasileiros

Ainda em 1936, o PEN Clube do Brasil projetava tornar realidade um Instituto de Assistência Social, voltado para a proteção dos escritores, para o que Cláudio de Souza e seus colegas esperavam poder contar com a proximidade que alguns dos membros da instituição mantinham com o poder. Entretanto, a proposta enfrentou resistência da parte do governo e mesmo no seio dos futuros beneficiados, uma vez que não era simples definir quais os interesses capazes de unir, se não a todos, pelo menos a maioria dos escritores

Note-se que, ao lado desse projeto, o centro brasileiro desenvolveu, entre 1936 e 1954, uma série diversificada de atividades que iam desde uma emissão de rádio, passando por uma companhia de teatro, a publicação e a divulgação de livros, até um longevo programa de conferências literárias, que apresentavam para um público amplo os escritores envolvidos com o clube. Com tal gama de atividades e propostas, o que se tinha em mira era dar visibilidade às ações daqueles que se dedicavam às letras no cenário nacional.

## 2.1 O congresso internacional dos PEN Clubes em Buenos Aires

Por muito tempo, a imagem da Argentina e do Brasil, os dois países sul americanos de maior proeminência, foi construída menos por uma política de aproximação recíproca do que pelo interesse de estreitar laços com as potências europeias, principalmente a França e a Inglaterra, bem como com os Estados Unidos. Com uma população em expansão[160] e investimentos crescentes, o centro argentino do PEN em Buenos Aires, considerada a mais europeia das capitais sul-americanas, candidatou-se para sediar em 1936 o congresso internacional do PEN Club.

Ser escolhido para receber evento dessa proporção, portanto, poderia sugerir que, finalmente, europeus e norte-americanos voltavam sua atenção para o continente e que se iniciavam trocas culturais efetivas, ainda que os sul-americanos fossem tomados como povos jovens, com culturas relativamente recentes e em formação. Não à toa, dois anos após haver submeter o seu pedido, o centro argentino do PEN foi questionado pelo comitê executivo internacional a respeito da

---

[160] "*The population of the city of Buenos Aires increased more than eightfold between 1869 and 1914, from nearly 178.000 to more than 1.5 million. Another million more people lived in Buenos Aires when census takers counted residents in 1936*". BROWN, Jonathan. *A brief History of Argentina*. *Facts On File*, 2003, p.154.

viabilidade de se realizar um congresso mundial na América do Sul, devido a distância e aos altos custos da viagem.[161] A seção argentina prontamente se dispôs a arcar com todas as despesas de transporte e estadia dos delegados internacionais interessados em participar do evento, além de proporcionar descontos para os demais membros da associação:

> *Argentine Congress: The Committee expressed its concern lest matters of vital importance should be disposed of at the Argentine Congress at which in the nature of things a small attendance was to be expected and suggested that the matter should be brought up at the Congress in Barcelona for decision.*[162]

> *Argentine Congress: It is announced that the Argentine P.E.N. is prepared to pay the travelling expenses and give hospitality to the official delegates to the Congress next year.*[163]

Vencida a eleição, Buenos Aires preparava-se para tornar-se um centro cultural internacional, pelo menos durante alguns dias, pois não apenas seria a sede do congresso em questão, mas também receberia uma das reuniões do Instituto Internacional de Cooperação Intelectual, como fez questão de enfatizar o escritor francês Jules Romains (1885-1972) durante seu discurso em nome das delegações estrangeiras, na sessão de abertura do evento:

> *Buenos Aires is going to be, with a brief interval, the seat of two gatherings to which the world is sending its delegations: The Congress that we open today and the conversations of the International Institute of Intellectual Cooperation.*[164]

---

[161] Preocupava a duração da viagem, que chegava aos 30 dias entre ida e volta de Londres, o que impediria os escritores mais idosos ou adoecidos de comparecer ao evento, incluindo o presidente da associação, H. G. Wells. XIVth International Congress of the P.E.N. *PEN News*, n.80, mai. 1936, p.3.

[162] "Congresso argentino: O Comitê expressou sua preocupação de que questões de importância vital fossem descartadas no Congresso argentino, nas quais a natureza das coisas era uma pequena participação, e sugeriu que o assunto fosse levantado no Congresso em Barcelona para decisão". *Minutes of Executive Committee*. 01 may 1935. p. 4. PEN Records. Harry Ransom Center - University of Texas at Austin.

[163] "Congresso argentino: Foi anunciado que o argentino P.E.N. está preparado para pagar as despesas de viagem e dar hospitalidade aos delegados oficiais no Congresso no próximo ano". *Minutes of Executive Committee*. 23 oct. 1935. p.3. PEN Records. Harry Ransom Center - University of Texas at Austin.

[164] "Buenos Aires será, com um breve intervalo, a sede de duas reuniões para as quais o mundo está enviando suas delegações: o Congresso que abrimos hoje e as conversas do Instituto Internacional de Cooperação Intelectual". *XIV: International Congress of the P.E.N. Clubs*, September 5 to 15, 1936: Speeches and Discussions. Buenos Aires, 1937. p. 28.

Entre 05 e 16 de setembro de 1936, realizou-se o XIV Congresso Internacional dos PEN Clubes, que reuniu 86 delegados oficiais e convidados de honra do PEN Clube, representando 47 centros, dos 60 existentes, dois deles "*non-geographical centres*",[165] e um total de 39 países,[166] além, é claro, de diversos outros membros da associação, autoridades, correspondentes de outras entidades literárias e do público em geral.

O "Projeto de Assistência aos Escritores" foi apresentado por Cláudio de Souza no dia 7 de setembro, na segunda sessão daquele primeiro dia de trabalhos do congresso. Ao dirigir-se à uma plateia internacional, achou por bem iniciar por explicar a realidade brasileira e o pensamento dos escritores que representava. Assim, Souza explicitou que "*By Social Assistance we mean – in Portuguese – State Assistance*",[167] ponto chave na construção do imaginário da época a respeito da relação político-econômica em que se apoiava o Estado Novo. Como demonstrou Ângela da Castro Gomes, retomando análise de Wanderley Guilherme dos Santos,

> o que se chamava de cidadania não se definia pelo gozo de direitos políticos ou mesmo de direitos civis. A "cidadania regulada", definida pelo Estado a partir da inserção profissional no mundo da produção, consistia no gozo de direitos sociais sancionados por lei.[168]

Portanto, o escritor, devido à falta de empregador formal, conclamava o Estado para auxiliá-lo, já que se encontrava nas mãos dos editores, figuras muitas vezes tidas como nefastas, que apenas colhiam os frutos das obras por eles escritas. Excetuando-se os letrados que provinham de família abastadas, ou os que eram funcionários públicos, ou seja, que tinham outras fontes de rendas e que não precisavam viver de sua pena, predominava entre escritores e editores relações muito desiguais.

---

[165] Entende-se por "*non-geographical centers*" os centros que não representavam um país, e sim, um grupo com características em comum, até mesmo a nacionalidade, como o centro de escritores alemães, retirado da Alemanha pelo governo nazista, e o centro Yiddish, que reunia escritores em torno de uma língua em comum.

[166] Segundo relatório de 1937, o P.E.N. Clube contava naquele ano com um total de 60 centros, em 42 países e, em uma estimativa conservadora, em torno de cinco mil membros. "XVth Interntional Congress of the P.E.N. Paris, 20th June, 1937. General Secretary's Report". PEN Records. Harry Ransom Center - University of Texas at Austin.

[167] *XIV: International Congress of the P.E.N. Clubs*, September 5 to 15, 1936: Speeches and Discussions. Buenos Aires, 1937. p.185.

[168] GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. p.23.

Em 1939, o escritor Jorge Amado, recém nomeado chefe de redação do jornal *Dom Casmurro*, no artigo *E vamos andando*, fez análise crítica e bastante lúcida a respeito da indústria editorial nacional. Como destacou Ana Amélia de Melo:

> Diria ele: "Os capitais investidos na indústria editorial brasileira são, relativamente aos outros países (mesmo em relação à Argentina), incrivelmente pequenos. E essas editoras, com raríssimas exceções, se dedicam quase que exclusivamente à literatura estrangeira, enchendo 90 por cento do seu programa com traduções; considerando literatura brasileira objeto de luxo. Tem um santo horror aos estreantes e só acolhem um escritor nacional com certa consideração quando ele já está vitorioso e representa a certeza de um lucro bastante apreciável"[169]

Outra denúncia foi feita em 1943, pela escritora Maria Eugênio Celso, em artigo para o *Jornal do Brasil*, no qual destacou "o verdadeiro monopólio exercido presentemente pelas traduções", "os quilométricos romances americanos vão dia a dia tomando mais incremento" e "o nosso gosto literário assim avassaladoramente submetido a um jato continuo de tradução, vai a lento e lento perdendo o contato com o livro nacional",[170] indicando que nada havia sido feito a respeito até então.

Excetuado o comércio de livros didáticos, que sempre foi dotado de maior relevância no Brasil, a receita com direitos autorais não era suficiente para garantir a sobrevivência de um romancista ou poeta, daí o exercício de outras atividades que se valiam da pena para garantir rendimentos e do recurso ao emprego público. Como explica Sergio Miceli,

> A expansão da imprensa modifica a relação que os escritores mantêm com suas obras, uma vez que ela expropria os produtores do monopólio que detinham sobre seus instrumentos de produção e, ao mesmo tempo, modifica a própria estrutura das instâncias de consagração e o volume e as espécies de ganhos daí derivados.[171]

A análise ancora-se em Pierre Bourdieu, que se referiu aos "efeitos libertadores" ofertados "à nova '*Intelligentsia* proletaróide' a possibilidade de viver,

---

[169] AMADO, Jorge. Um novo concurso de romance: prêmios "Dom Casmurro" e "Vecchi Editor". *Dom Casmurro*, Ano III, n.113, p.1, ago. 1939, apud MELO, Ana Amélia M. C. de. *Jorge Amado: a militância das letras. Latin American Research Review*, vol. 51, n.1, p.186, 2016.
[170] Primeiro o livro nacional. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p.5, 20 jul. 1943.
[171] MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p.56-57.

sem dúvida muito miseravelmente, de todos os pequenos ofícios ligados à literatura industrial e ao jornalismo”.[172]

Comparando a realidade brasileira à francesa, na qual era possível viver do trabalho da pena, Adolfo Caminha em suas *Cartas Literárias*, descreveu o desânimo dos escritores abalados pelo “monopólio, a ganância, a desenfreada ambição do elemento editor”[173]. O discurso era o mesmo de sempre, a falta de um público leitor e de gêneros que agradassem os compradores, porém esses elementos podem nos dar uma falsa percepção da realidade econômica em que vivia o mercado editorial no Brasil. É certo que no período várias livrarias foram fundadas e fechadas rapidamente, como descreve a literatura a respeito do assunto,[174] mas os livreiros de maior relevo (destacadamente José Olympio) estavam longe da falência.

Essa dependência dos intelectuais brasileiros face ao Estado causou estranhamento entre alguns dos escritores presentes no congresso, como expressou, por exemplo, o escritor belga, Louis Piérard (1886-1951), que levantou diversas preocupações em relação à proposta no debate que se seguiu à proposta de Cláudio de Souza. A questão chave para o escritor, além das questões práticas da proposta, era se “*is the State under any obligation to the writer of the artist?*”,[175] dúvida de extrema importância para os escritores europeus, visto que o clima na Europa, em vista dos governos nazifascistas, era o de apreensão quanto ao controle do Estado.

Para Piérard, e a maioria dos escritores ali presentes, temia-se principalmente o cerceamento da liberdade de expressão visto que colocaria em jogo, por conta do subsídio estatal, o poder dos governantes frente ao que seria ou não publicado, atitude que ia contra os ideais do PEN e, principalmente, das democracias europeias, e que causaria uma grave repercussão no meio intelectual.

Sem retirar os créditos da ideia de Cláudio de Souza e do centro brasileiro, e com o intuito de demonstrar que apoiava tal discussão, destacou o escritor francês que a questão básica do projeto apresentado era válida e que poderia funcionar,

---

[172] BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte:* gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. pg. 72.
[173] CAMINHA, Adolfo. *Cartas literárias*. Fortaleza: Editora UFC, 1999. p.119.
[174] Aqui fazemos referência principalmente ao livro: HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil:* sua história. tradução de Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza, 2a ed., São Paulo: Edusp, 2005.
[175] *XIV: International Congress of the P.E.N. Clubs*, September 5 to 15, 1936: Speeches and Discussions. Buenos Aires, 1937. p.187.

> *It partly consists, as a matter of fact, in making dead writers pay for the living, since it aims at supporting the National Literary Fund by means of a small tax on works, plays or publications fallen into the public domain.*[176]

Assim, propôs que os membros do centro inglês preparassem para outro momento uma fala a respeito do *Royal Literary Fund,* fundo este estabelecido na Inglaterra desde a década final do século XVIII e que possuía posição de destaque justamente por não receber nenhum subsídio do governo, tendo todo seu dinheiro vindo de assinaturas, doações e legados.[177]

Com o tempo escasso para aquela sessão de trabalhos, o debate se encerrou por ali e não obteve desdobramentos significativos no cenário internacional, tendo o centro brasileiro sido responsabilizado por dar andamento as especificidades da proposta dali em diante. Todavia, de volta ao Brasil, apesar da resistência encontrada no cenário internacional, a proposta foi anunciada com destaque e otimismo no boletim do clube brasileiro:

> Propôs nosso presidente que se batessem os P.E.N. pela criação de uma taxa sobre o preço de venda do livro, e uma taxa sobre os direitos de autor, e que com elas se organizasse o fundo de assistência.
> O projeto foi unanimemente aplaudido. A delegação italiana – Marinetti, Ungaretti e Puccini – comunicou que na Itália já se criara com tal fim uma taxa para os livros e obras de arte caídos no domínio público, e que trabalharia pela adoção da medida proposta pelo Brasil. Idêntica declaração fez o delegado e deputado belga Louis Piérard.
> O projeto assim apoiado passou ao Comitê Internacional de Londres, para sua organização final. Se por acaso lograr na prática bons resultados, caberá ao Brasil a iniciativa de uma medida que beneficiará os escritores de todo o mundo.[178]

Devido a esse receio internacional frente aos termos do projeto, restou ao centro brasileiro bater-se sozinho pela implementação nacional de sua ideia que enfrentou, também, rápida resistência por parte de outras instituições, isso apesar de a assistência aos trabalhadores dos mais variados setores estar na agenda do dia.

---

[176] Idem. p.188.
[177] SMITH, Janet Adam. *A short History of the RLF.* Disponível em: https://www.rlf.org.uk/wp-content/uploads/2013/10/RLFShortHistory.pdf acesso em: 28 de maio 2018.
[178] *Boletim*, Ano I, n.2, p.1, nov. 1936.

## 2.2 O Projeto de Assistência aos Escritores

No dia 13 de maio de 1937, quase um ano após a fundação oficial do PEN, circulou pelas ruas do Rio de Janeiro o primeiro exemplar do jornal literário *Dom Casmurro*, aquele que foi o primeiro a concorrer com o PEN no que respeita ao projeto de assistência aos escritores. Inspirado nas publicações francesas, sobretudo no *Paris Soir*, o hebdomadário devia suas características, que muito se aproximavam dos ideais professados pelo clube do Cláudio de Souza, a seu fundador e editor, Brício de Abreu (1903-1068), ou mesmo de outras entidades culturais da época, visto que

> Brício de Abreu insistiu no distanciamento do impresso perante questões de cunho político, e não se cansava de repetir o bordão segundo o qual *Dom Casmurro* era um órgão devotado exclusivamente à divulgação cultural e intelectual, distante dos partidarismos e para o qual a coloração ideológica dos colaboradores pouco importava, desde que dotados de capacidade e inteligência.[179]

O que separava a publicação de Abreu das instituições intelectuais brasileiras era justamente o olhar crítico de Brício a essas entidades, as quais estavam amplamente representadas no PEN, como no caso da Academia:

> A falta de peias estendia-se aos grupos que dominavam o ambiente culto da capital do país e que, na sua avaliação, aglutinavam-se em torno de algumas livrarias e editores. Para a Academia Brasileira de Letras sobravam palavras duras, que a tomavam como “cemitério forçado, enterro fardado dos nossos intelectuais”.[180]

Foi por intermédio de *Dom Casmurro* que Brício bateu-se pela organização da Sociedade de Gente de Letras, inspirada na instituição francesa de mesmo nome, cujo objetivo era o de proteger os escritores brasileiros, garantindo-lhes direitos de cunho previdenciário, o que deu margem a disputas exacerbadas, abrindo o debate em torno do pioneirismo da iniciativa.[181] Por ser dono de jornal, Brício contava com

---

[179] LUCA, Tania Regina de. O jornal literário *Dom Casmurro* e a condição do intelectual. In: ENGEL, Magali Gouveia; SOUZA, Flavia Fernandes de; GUERELLUS, Natália de Satanna (Orgs.). *Os intelectuais e a imprensa*. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2015, p.167-168.
[180] Idem.
[181] De fato, a Sociedade idealizada por Brício não chegou a funcionar, ainda que se anunciasse a organização dos estatutos, o que não impediu o jornalista de continuar a propugnar, nas páginas do semanário, leis específicas para os trabalhadores da pena. Como declarou durante o banquete

espaço fixo para expor e fazer com que suas ideias circulassem nos meios intelectuais do Rio, porém, o PEN também possuía em seus quadros jornalistas e editores chefes, o que acabou por levar o debate para o espaço público.

Brício de Abreu utilizava-se principalmente do editorial de *Dom Casmurro* para endereçar suas críticas e defender suas posições. Todavia, em outubro de 1937 "o debate extrapolou o espaço editorial e o jornal incumbiu D'Almeida Victor de organizar uma enquete" intitulada *Como os intelectuais encaram o projeto de amparo à classe*, que,

> pode ser lida como uma estratégia para conferir legitimidade à campanha e manter a questão na ordem do dia, mas também aponta para o grau de indefinição da proposta, que ora parece contemplar apenas quem vive da pena, ora amplia-se de modo a incluir os que se dedicam às artes em geral, como na amostra dos entrevistados.[182]

No que se refere ao PEN, sua iniciativa contava com menção honrosa em crônicas e artigos em jornais, como nos casos de M. Paulo Filho e do texto escrito pelo conde de Affonso Celso, este publicado no *Jornal do Brasil*. O primeiro, por ser diretor do jornal *Correio da Manhã* e membro fundador do PEN, veiculou nas páginas de seu periódico avisos a respeito das reuniões para tratar do projeto, além de haver escrito sobre a proposta e sua viabilidade. Paulo Filho discerniu entre aqueles que viviam apenas do seu trabalho com a pena e os "que fazem ciência ou literatura, cuidando de outras atividades", explicitando que "a minoria" seria beneficiada pelo instituto, razão pela qual não havia motivos para oposição ao projeto.[183] É interessante notar que o autor admitia que a grande maioria tinha outra fonte de renda e que esta provinha, sobretudo, do Estado, via emprego público.

---

oferecido por *Dom Casmurro* aos ficcionistas de 1939: "Na condição de idealizador, esclarecia que vinha estudando o assunto e nada mencionara até o evento, 'para que não aparecesse por aí outro clube para atrapalhar', estocada explícita no PEN Club. Informava que a associação tinha em mira a proteção do intelectual, a defesa dos direitos autorais e, sobretudo, a luta para que a atividade do homem que escreve (nada se dizia sobre as mulheres...) passasse do amadorismo a uma verdadeira profissão". LUCA, Tania Regina de. *Op. cit,* 2015, p.176.

[182] LUCA, Tania Regina de. *Op. cit,* 2015, p.174.

[183] Ideal e Real. *Correio da Manhã,* Rio de Janeiro, p.4, 12 Nov. 1937.

Quanto a Affonso Celso, o escritor reservou-se ao papel de enaltecer tanto Cláudio de Souza, quanto a proposta do clube:

> Notadamente o Dr. Cláudio de Souza, pela sua oportuna e eloquente intervenção nos debates [do Congresso de Buenos Aires], ampla cultura, distinção de maneiras, e por ser autor da proposta de genuína valia pratica ali apresentada: - a de assistência e pensões aos homens de letras.
> Adotado e aplaudido pelos congressistas o projeto, Cláudio de Souza, que lhe propugna a aceitação entre nós, com o habitual indefesso discernimento, foi levado ao Congresso Federal, subscrito por vários deputados, sócios do nosso P.E.N.
> Submetido à apreciação do St. Getúlio Vargas, mereceu simpática acolhida por parte de S. Ex. que, autorizado pela recente Constituição, bem pode torna-lo efetivo, mediante um decreto-lei.[184]

Interessante notar que o texto do conde foi publicado dias após a instauração do regime do Estado Novo e que demonstrava certo otimismo quanto às ações do agora ditador, Getúlio Vargas. Frente à proposta do PEN, este otimismo era bem fundamentado, visto que o governo Vargas vinha ampliando os direitos trabalhistas, ainda que, de forma abrupta, mudasse as regras.

Naquele mesmo ano, o clube apresentava, por meio de seu secretário Raul Pedroza, o seu novo projeto, agora em formato de lei, ao Congresso dos PEN em Paris e, simultaneamente, à Câmara dos Deputados, por meio de seus sócios Levi Carneiro, Pedro Calmon e Fernando Magalhães, quando, nos meses seguintes, configurava-se o golpe de Vargas.

Diante da dissolução do Parlamento, o PEN perdeu o auxílio dos membros que levaram a proposta à Câmara, visto que agora se tratava de ex-deputados, como no caso de Calmon e Magalhães, o que fez com que os esforços do clube para a implementação do projeto tivessem de encontrar novas estratégias, por certo mais morosas.

> Extinta aquela Câmara pela Constituição decretada ultimamente, designou nosso presidente uma comissão para entender-se com o Sr. Presidente da República, que lhe prometeu apoio ao projeto, como se verá em outras notícias neste Boletim.[185]

---

[184] *Relatório.* Ano VI, n.10, p.5, jan. 1942.
[185] *Boletim*, Ano II, n. 5, p.2, nov. 1937.

Via-se assim necessária a reformulação do projeto e a nomeação de uma nova comissão para tratar do assunto, dessa vez diretamente com Vargas, e que foi composta pelos escritores Anna Amélia Carneiro de Mendonça (1896-1971), Adelmar Tavares (1888-1963), Múcio Leão, Oswaldo Orico, M. Paulo Filho e Raul de Azevedo.[186]

Foi com esse novo projeto que o PEN, aparentemente satisfeito por ser reconhecido como pioneiro no debate pelos direitos dos escritores e assumir papel de interlocutor nas negociações, convidou outras instituições para unirem-se ao clube na empreitada, ação que sugere o esforço do clube para aumentar a sua capacidade de pressão frente ao governo. A frente ampla a favor dos direitos dos escritores também era uma estratégia para enfrentar as críticas recebidas, tanto que o próprio editor de *Dom Casmurro,* Brício de Abreu, um crítico contumaz do Pen Club,[187] foi convidado a participar:

> O P.E.N. Clube do Brasil vem se ocupando do problema da assistência aos escritores desde sua fundação. Ao Congresso Internacional dos P.E.N. em Buenos Aires em 1936 apresentou um projeto nesse sentido. No mesmo ano obteve que seu sócio Dr. Levi Carneiro, com a cooperação de seus outros sócios Dr. Pedro Calmon e Dr. Fernando Magalhães, então deputados, apresentassem ao Congresso um projeto de lei com aquele fim. Dissolvido o Congresso antes da aprovação do projeto, o P.E.N. convidou diversas associações literárias para o estudo do assunto. Fizeram-se representar nessas reuniões a Academia Brasileira de Letras, pelos acadêmicos João Neves, Pedro Calmon e Fernando Magalhães; a Associação Brasileira de Imprensa, por seu presidente Herbert Moses, Elmano Cardim e Pinheiro Lemos; a S.B. de Autores Teatrais por seu vice-presidente Paulo de Magalhães e Geysa Boscoli; *Dom Casmurro* por seu diretor Brício de Abreu.[188]

Renomeado então "Projeto de assistência e pensões a escritores e jornalistas", permanecia um problema fundamental os custos do projeto. Isso porque era difícil incluir escritores e jornalistas nos termos das leis já existentes, visto que não possuíam relações empregatícias iguais aos demais trabalhadores. Como se

---

[186] *Boletim.* Ano II, n.5, p.3, nov. 1937.
[187] O projeto de Brício só voltou a ser tratado nas páginas de *Dom Casmurro* em maio de 1938, e "sem meias-palavras, esclarecia que a campanha fora atropelada pelos elementos ricos, com influência e 'mais bonitos' do PEN Clube". Assim, foi deixado de lado em virtude de outros projetos do jornal e seu editor. LUCA, Tania Regina de. *Op. cit,* 2015, p.174.
[188] *Boletim.* Ano III, n.6, p.2, nov. 1938.

sabe, as leis previam contribuições obrigatórias e contínuas de patrões e empregados, solução pouco adequada para a realidade do trabalho intelectual.

Após dois anos de espera e pressão para que o governo desse andamento à proposta, no final de 1940 o projeto foi novamente negado, agora pelo Ministério da Fazenda, forçando o PEN a criar nova comissão para prosseguir com o seu intento. Frente aos diversos pedidos encaminhados para a criação de auxílio oficial a grupos específicos, resolveu o ministério que criaria um projeto de abrangência ampla, no qual todas aquelas profissões, a saber: escritores, jornalistas, trabalhadores intelectuais e artistas, estariam amparadas pela mesma lei, o que configurava nova derrota para o clube liderado por Cláudio de Souza.

Segundo o PEN, a falta de sucesso era resultado da opinião de certos funcionários do governo e que tais opiniões não refletiam a vontade geral dos ministérios, comissões, e principalmente, do presidente Vargas que, sempre que consultado, demonstrava apoiar à iniciativa.

A relação do presidente com os intelectuais era vista como de mútua admiração, o que parecia se confirmar com a eleição do chefe do governo, em agosto de 1941, para integrar a Academia Brasileira de Letras. A esse respeito, entre os usuais elogios, destacou o PEN em seu boletim:

> Agora, de perto, poderá verificar como essa família continua abandonada da assistência oficial e, com os amplos poderes de seu mandato nacional, tornará realidade a justíssima aspiração dos operários do espírito, a de possuírem, como todas as outras classes, um instituto de proteção a seu trabalho e da assistência e aposentadoria.[189]

Julgavam os membros do PEN que haviam conquistado o avanço necessário para o sucesso de seu projeto. A presença de Vargas na Academia traria, enfim, o ditador para próximo das necessidades e dificuldades vivenciadas pelos letrados, sobretudo porque as ações da ditadura dependiam, em larga medida, das decisões presidenciais:

> Como a história trabalhista de nosso país se dividia em dois tempos básicos – antes e depois de 1930 -, todas as providências tomadas desde a revolução envolvendo a resolução da questão social eram atribuídas diretamente a Vargas. Era dele que todas as instruções

[189] *Boletim.* Ano VI, n.10, p.18, jan. 1942.

> emanavam, era ele o inspirador executor de toda a legislação elaborada. (...). Vargas era sempre o sujeito da ação: Vargas criou, determinou, estabeleceu, assinou, mandou executar ou cuidar para que etc. (...). Assim, nada se tinha feito ou se fazia nesta área sem o prévio e direto conhecimento e aprovação de Vargas.[190]

Em 1943, a convite do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), Cláudio de Souza viajou a São Paulo para apresentar o novo projeto do PEN aos escritores paulistas e membros do DEIP de São Paulo, e também aprender com a conquista dos paulistas, visto que o convite resultava dos eventos promovidos pela instituição paulista para tratar da recém implementação, no Estado de São Paulo, do Serviço de Assistência ao Trabalhador Intelectual:

> S. Paulo teve a felicidade de obter com mais brevidade um primeiro posto desse serviço. Por determinação do Interventor Fernando Costa o D. Estadual de Imprensa e Propaganda, e sob a direção do nosso sócio correspondente, grande jurista e notável escritor, prof. Candido Mota Filho, foi criado o Serviço de Assistência ao Trabalhador Intelectual.[191]

Afinado com os interesses do governo federal, como não poderia deixar de ser, pontuava-se pelos promotores do evento que a proposta paulista era a de utilizar a estrutura estatal já existente do Instituto Nacional do Livro, do Conselho das Bibliotecas do Estado, da Secretaria de Educação e do Departamento de Assistência Social, com o intuito de proporcionar "conforto da assistência médica, farmacêutica e dentária"[192] e, dessa forma, não criar novos gastos para o Estado.

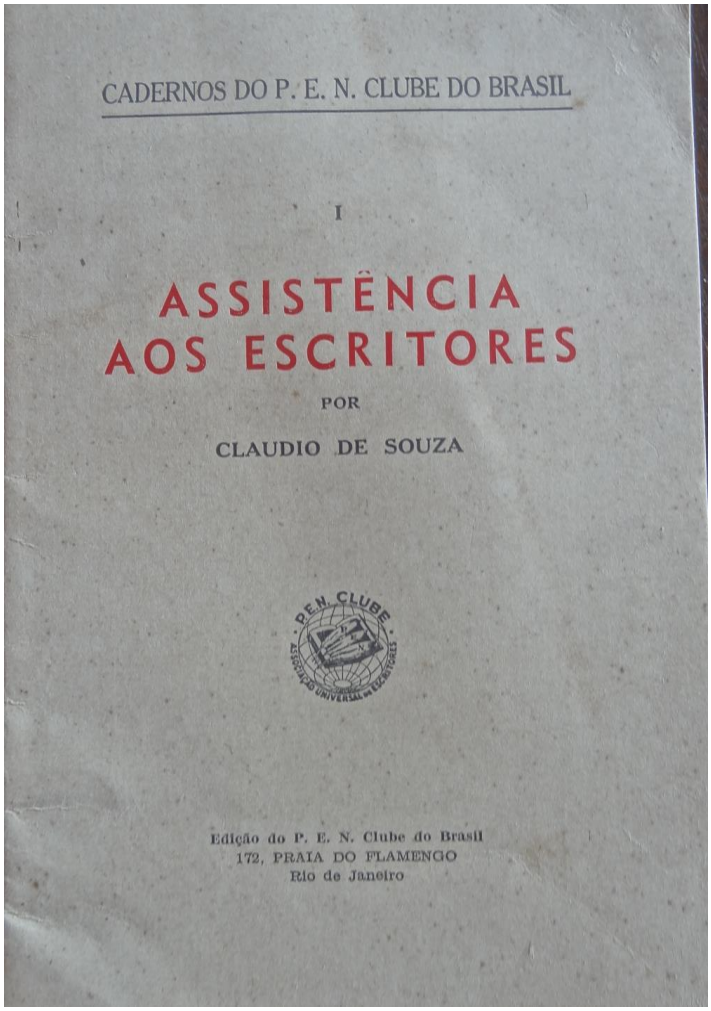
Quanto à fala de Cláudio de Souza, após os tradicionais elogios e agradecimentos, buscou o escritor demonstrar suas críticas frente a posição que encontrava-se o intelectual no Brasil, lugar esse "do pobre, do indigente, que se deve valer da caridade particular, da esmola, em caso de invalidez",[193] e que as prisões pareciam mais convidativas ao escritor do que o trabalho com a pena: "por essa hospedagem prazerosa parece, pois, que menos vale escrever uma biblioteca

---

[190] GOMES, Ângela de Castro. *Op. cit.* 2005. p.220.
[191] *Relatório.* Ano VIII, n.12, p.12, mar. 1944.
[192] Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda - S.P. (D.E.I.P.). *Assistência ao trabalhador intelectual*. Edição eletrônica: Ed. Ridendo Castigat Mores. Disponível em: http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/deip.html. Acesso em: 02 mai 2018.
[193] *Relatório.* Ano VIII, n.12, p.9, mar. 1944.

de obras imortais do que extirpar as vísceras de alguém com uma laparotomia sinistra”.[194]

**Figura 17: Cadernos do P.E.N. Clube do Brasil – Assistência aos Escritores por Cláudio de Souza**




Fonte: SOUZA, Cláudio de. *Assistência aos escritores*. Rio de Janeiro: Edição do P.E.N. Clube do Brasil, 1946. Acervo do P.E.N. Clube do Brasil

O presidente do PEN não se limitou a criticar apenas o desamparo em que se encontravam os escritores, mas também dirigiu palavras pesadas ao grupo, visto o pouco interesse que a maioria demonstrava nos assuntos referentes aos direitos trabalhistas, além daqueles que “substituem a displicência pela perversidade, *acafelando* a face e vestindo-se de guizos para divertir a maledicência pública com palhaçadas ferinas contra seus confrades”.[195]

---

[194] SOUZA, Cláudio de. *Assistência aos escritores.* Edição do P.E.N. Clube do Brasil. p.11.
[195] Idem. p12.

A crítica à desunião dos escritores fundamentava-se, naquele momento, na conquista inglesa de 1942, que recebia do governo o chamado *Beveridge Report* (ou *Social insurance and Allied Services*), relatório do governo britânico que contou com o envolvimento de mais de uma centena de instituições intelectuais do país, com o objetivo reformar as leis, atitude que teve repercussões na criação do Estado de Bem Estar Social (*Welfare State*).[196]

Dentre outros projetos bem-sucedidos mencionados pelo presidente do PEN brasileiro para exemplificar o que poderia ser feito no Brasil, destaca-se o da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT) que, com o apoio do governo e das autoridades públicas, foi autorizada "a requerer às autoridades policiais sem maior processo, a interdição de qualquer espetáculo cuja empresa se recusasse a exibir o recibo do pagamento dos direitos de autor",[197] e elevou seus ganhos de 14 mil cruzeiros em seu segundo ano de existência para, "aproximadamente, três milhões de cruzeiros" após o reconhecimento oficial.[198]

> A formação de caixas idênticas para os diversos ramos de trabalho intelectual, parece-me mais útil do que a de um só instituto, por serem dispares as atividades de cada profissão, e consequentemente as contribuições que deverão colher.

Assim, a partir dessa conquista da SBAT, o novo projeto do PEN, apresentado à Vargas em agosto de 1943, incorporou a ideia de uma taxa, no caso para o consumidor, "buscando a segunda contribuição com o cliente, ou com quem gozar dos proveitos do seu trabalho".[199]

> Lembramos a criação de uma taxa igual à que cobra a empresa fornecedora de luz, que é de 2%. Poderia ser estabelecida uma taxa mínima de cinco centavos, excluindo-se dela os livros de menos de um cruzeiro de venda.
> As frações de taxa seriam completadas. Assim pois, o livro do valor de seis cruzeiros, pagaria 15 centavos em vez de doze.
> (...).

---

[196] Após analisar a fundo o projeto inglês, Cláudio de Souza deteve-se as dificuldades de sua adaptação a realidade brasileira, muito diferente da inglesa por motivos diversos, mas que não deixariam de dar inspiração aos legisladores brasileiros.
[197] SOUZA, Cláudio de. *Assistência aos escritores.* Edição do P.E.N. Clube do Brasil. p.21.
[198] Idem. p.22. A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT) foi fundada no Rio de Janeiro no ano de 1917 por iniciativa de Chiquinha Gonzaga (1847-1935) e outros intelectuais, tendo como seu primeiro presidente o escritor João do Rio (1881-1921). Sua atuação principal sempre se deu no auxílio na arrecadação dos direitos do autor.
[199] Idem. p.19-20.

> Devem ser isentos dela os livros de instrução primária e de assuntos técnicos para operários, e os de distribuição gratuita.
> A taxa de 5% sobre os direitos do autor, e o pagamento de uma mensalidade seria a contribuição dos escritores.[200]

Num país que sempre teve dificuldade em construir uma base de leitores significativa e que, no início do século XX, ainda lutava contra o analfabetismo, a possibilidade de tal proposta ser efetiva era baixa e Cláudio de Souza sabia disso. Contudo, em sua visão, os escritores teriam poucas opções: uma em sintonia com os autores teatrais, aumentando os preços do livro e dificultando ainda mais a ampliação do seu público leitor, ou buscar o apoio do Estado, que seria também o apoio de toda a sociedade, por meio de impostos e taxas.[201]

> Vejamos agora como procede o Estado para cumprir aqueles deveres com o indivíduo. Reclamando dele próprio por meio de tributos, tanto quanto necessita para fazê-lo. Nada lhe custa, pois, esse exercício: recebe e distribui. Pode assim corrigir as abstinências e as avarezas da caridade particular, impondo a todos o pagamento de uma taxa fraternal de assistência.[202]

Entre a conferência e a posterior reformulação do projeto seguiu-se nova espera de quase dois anos, para receber novo parecer negativo a respeito de seu projeto pelo Ministério do Trabalho.

No mesmo período há menção, nos documentos do PEN, a um novo ator que buscava protagonismo na questão dos direitos dos escritores: trata-se da Sociedade dos Escritores Brasileiros, fundada em 28 de março de 1942 e rebatizada, ainda em novembro daquele ano, de Associação Brasileiro de Escritores (ABDE). Esse grupo, aglutinado em torno de Sérgio Milliet e outros modernistas, como Mário de Andrade, intencionava unir os letrados brasileiros e desempenhou papel relevante nos momentos finais da ditadura do Estado Novo.[203]

Entre as propostas da nova entidade estava a criação de “Caixas Estaduais/Municipais”, com seus regimentos internos e que teriam que ter a aprovação da Associação, que esperava ser reconhecida como de utilidade pública e, portanto, isenta de impostos. Previa-se a criação da “Casa do Escritor”, sede da

---

[200] Idem.
[201] SOUZA, Cláudio de. *Assistência aos escritores.* Edição do P.E.N. Clube do Brasil. p.8
[202] Idem
[203] LIMA, Felipe Victor. *Literatura e Engajamento na trajetória da Associação Brasileira de Escritores (1942-1958)*. Tese (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2015. p.177.

Associação Brasileira de Escritores, que prestaria assistência aos escritores e manteria uma biblioteca.[204] Tal proposta aproximava-se muito do que o PEN Clube já vinha pleiteando há tempo. Veja-se os artigos 17, 18 e 23 do documento em questão:

> Art°17 – As fontes de receita da Caixa serão as seguintes:
> a) Percentagem sobre o valor dos contratos firmados entre escritores e editores ou entre escritores e tipografias.
> b) Percentagem sobre as edições dos livros incorporados ao domínio público.
> c) Taxa sobre os livros vendidos pelos livreiros.
> d) As doações, legados e quaisquer valores adventícios, assim como outras fontes de receita que forem instituídas pela legislação federal, estadual ou municipal.
>
> Art°18 – A quota a que se referem as letras a e b do artigo antecedente é fixada da seguinte forma:
> - 2% a cargo do escritor residente no Brasil sobre a importância a lhe ser paga pelo editor.
> - 2% a cargo do editor sobre o valor total dos preços da venda dos livros editados.
> - 3% a cargo do escritor sobre o valor total dos preços da venda de volumes editados quando contratar diretamente com a tipografia a impressão do seu livro.
> - 4% a cargo do editor sobre o valor total dos preços de venda de volume editados quando se tratar de obra já incorporada ao domínio público ou de autor residente fora do Brasil.
>
> Art°23 – Às livrarias caberá pagar uma taxa de assistência aos escritores, sob forma de selo no valor de Cr$0,40, aplicado obrigatoriamente em cada volume.[205]

Ao contrário da iniciativa do PEN, esse projeto da ABDE não saiu dos limites da associação, dado que esta questão não era central para a entidade, que voltou seus esforços para o debate político e a derrubada do regime varguista. Porém, é importante por demonstrar a divisão reinante no seio dos escritores brasileiros e a profusão de propostas que, somada aos recorrentes pareceres negativos vindo dos órgãos do governo, desgastavam os membros do PEN, desgaste que se evidenciava nos artigos de seu *Boletim*, que deixavam de lado o tom otimista para assumir uma postura melancólica e arrastada:

---

[204] Projeto de Decreto-Lei. Institui a Caixa de Assistência aos Escritores Brasileiros. Acervo do PEN Clube do Brasil.
[205] Idem. s/p.

> Como se embebe de tinta negra da tristeza nessa pena ao escrever este título de notícia! Parece o de uma praga, de um mau augúrio invencível!... Há nove anos vimo-nos batendo, sem trégua, para obter que o escritor, o operário máximo de nossa grandeza nacional, tenha o que os poderes públicos não negaram ao operário mínimo: - assistência em caso de invalidez. Pois o que todos obtiveram no Brasil, o escritor não consegue conquistar!...
> (...).
> Esperávamos a promulgação da lei, quando, repentinamente, como uma carga de dinamite, explode um decreto-lei reformando todo o sistema de assistência, para unifica-lo. Dias depois, recebíamos uma comunicação do Ministério que só depois dessa reforma – que talvez não venha mais... – se poderia voltar a estudar o caso...[206]

O uso de reticências no final das frases demonstra e reforça essa ideia de desgaste e desânimo por parte do clube frente aos acontecimentos em torno do malfadado projeto. Restava aos escritores o medo de que, mesmo que o Instituto fosse criado, ele seguisse uma ordem própria, ligada aos interesses do governo, como acontecia na França, onde os editores contribuíam com a Caixa Nacional da Letras, entregando “50% dos direitos do autor... o que significa sangrar o escritor para depois vir em seu auxílio com seu próprio sangue”.[207]

O medo era real. Declarações publicadas no jornal *O Estado de S. Paulo*, em 30 de dezembro de 1948, feitas pelo Ministro do Trabalho, apontavam para essa possível saída:

> O Sr. Honório Monteiro mencionou depois a questão do amparo ao trabalhador intelectual. Informou haver designado uma comissão para estudar um projeto de amparo a essa classe. Não fazendo parte de uma categoria econômica, mas sendo muitas vezes um interprete de aspirações alheias, tomando parte, pela sua condição, no interesse de todas as categorias, ele fica em situação especial e por isso, deve merecer cuidados especiais. Não pode o intelectual perecer, no final de sua vida, sem a assistência e os cuidados a que tem direito. Declarou que na França a luta pelo amparo ao trabalhador intelectual, que durava há mais de vinte anos, conseguiu agora uma grande vitória. É o que se deseja aconteça aqui.[208]

---

[206] *Relatório.* Ano X, n.14, p.17, mar. 1946.
[207] *Relatório.* Ano XII, n.16, p.24, mar. 1948.
[208] Declarações do Ministro do Trabalho. *O Estado de S. Paulo,* São Paulo, p.20, 30 dez. 1948.

A comissão destacada pelo ministro[209] teve vida longa, enfrentou a mudança de governo, a volta de Vargas e apenas em 1954 publicou-se no *Boletim* do PEN o novo projeto, agora ainda mais descaracterizado e que foi o último apresentado antes da morte de Cláudio de Souza, condenado ao mesmo fim dos anteriores, como se lê em breve nota no *Boletim* do mesmo ano:

> Esta comissão entregou o projeto com algumas alterações ao Ministro Monteiro, numa audiência solene... E até hoje não se sabe do paradeiro desse projeto. (...). Santo da terra não faz milagre....[210]

**2.3 Concursos, teatro, rádio, publicações e divulgação.**

Por mais que a questão assistência aos escritores brasileiros ainda tivesse longo caminho a seguir, além desse projeto, o PEN Clube do Brasil mostrou-se um dos centros mais ativos da associação internacional, tendo promovido, em diversas outras frentes, debates e buscado divulgar o trabalho intelectual por meio de diferentes atividades culturais.

A respeito da realidade editorial e das dificuldades encontradas na hora de publicar suas obras, Jorge Amado referiu-se ao concurso de romances promovido regularmente pelo jornal *Dom Casmurro*, pontuando que os prêmios em dinheiro não eram os que chamavam mais a atenção, pois o laureado preferia a edição e publicação de obras, principalmente quando se tratava de jovens estreantes:

> Não tínhamos dinheiro para dotação da láurea, mas obtive com Omer Mont'Alegre, diretor literário da Edições Vecchi, contrato de publicação do romance vencedor e constituí júri mais valioso do que um cheque magro.[211]

O autor de *Capitães da areia* questionava o papel das associações e instituições literárias quanto ao auxílio prestado por elas nessas questões, visto que muito se esperava do Estado, mas que pouco era comumente cobrado das instituições civis, ou seja, a ABL e o PEN.

---

[209] A comissão era composta Menotti del Picchia, representando a ABL, Cláudio de Souza, representando o PEN, Herbert Moses, pela ABI, Clovis Romathete, da SAT, Leopoldo Aires, Ministro do Trabalho, e Geraldo Faria Batista, além de Cândido Mota Filho, assessor jurídico convidado.
[210] *Relatório.* Ano XVIII, n.22, p.32, mar. 1954.
[211] AMADO, Jorge. *Navegação de Cabotagem*. Rio de Janeiro: Record, 1992, p.238, apud MELO, Ana Amélia M. C. de. *Op. cit.* p.187.

> Havia uma insatisfação com a representatividade da Academia Brasileira de Letras (ABL) e do Pen Club como instituições que de fato refletissem a renovação da literatura desse momento e os interesses dos escritores.[212]

A oferta de prêmios literários era prática comum e uma das formas de legitimação dos escritores na época. Muito diversificados no início do século XX, eram oferecidos por praticamente todas as instituições intelectuais, voltavam-se a todos os estilos literários e falavam a todos os gêneros literários, dessa forma, serviam de incentivo aos escritores, dos mais jovens e iniciantes aos já consagrados.

Coube também ao governo promover seu próprios concursos, muitos dos quais por iniciativa do Ministro Capanema, que vinha de uma crescente atuação na criação de instituições voltadas à educação e promoção da cultura – Comissão Nacional de Literatura Infantil (1936), Instituto Nacional de Cinema Educativo (1936), Instituto Nacional do Livro (1937), Comissão Nacional do Livro Didático (1938) – que, como bem apontou Ângela de Castro Gomes, constitui:

> Uma enumeração que não deixa dúvidas quanto à preocupação do ministério com uma política de incentivo à leitura, particularmente a da juventude, como era chamada a faixa etária em idade escolar, isto é, em idade de formação de hábitos e valores, em relação aos quais o Estado tinha interesses e responsabilidades.[213]

Quanto ao PEN, o seu primeiro concurso literário, com inscrições abertas em 1938 e realizado em 1939, foi denominado, como não poderia deixar de ser, de "prêmio Cláudio de Souza de romance ou novela do P.E.N. Club do Brasil", tendo em vista o donativo feito pelo presidente do PEN de "dois contos de réis à nossa associação para que com ele estabelecêssemos um prêmio de romance ou de

---

[212] MELO, Ana Amélia M. C. de. *Op. cit.* Idem.

[213] A historiadora foca sua análise em questão no Prémio de Literatura Infantil do Ministério da Educação, recebido por Graciliano Ramos e sua obra *A terra dos meninos pelados*, em 1937, um dos diversos concursos literários oferecidos naquele momento. GOMES, Ângela de Castro. *As Aventuras de Tibicuera*: literatura infantil, história do Brasil e política cultural na Era Vargas. REVISTA USP, São Paulo, n.59, p. 118, setembro/novembro 2003.

novela em 1939".[214] Tal quantia, segundo o artigo 6° do edital, seria convertida na publicação do texto vencedor:

> 6 - O prêmio deste concurso consiste na publicação imediata em volume da obra premiada, e na entrega gratuita a seu autor de metade da edição, sendo o restante de propriedade do P.E.N., que poderá expô-la a venda, para, com seu produto escriturado em fundo especial, constituir novos prêmios. Esta condição valerá apenas para a primeira edição, podendo o autor dispor livremente das seguintes.[215]

A premiação relativamente baixa vai de encontro com a crítica realizada por Jorge Amado quanto aos "cheques magros", visto que a quantia destinada aos custos da publicação, se comparada aos dez contos recebidos por Manuel Bandeira, do prêmio oferecido pela Sociedade Felipe d'Oliveira, dois anos antes,[216] era realmente pequena aos olhos dos escritores consagrados. Outro crítico da iniciativa, Múcio Leão, com base nesse fato, fez questão de destacar que o prêmio se projetava para os escritores jovens e iniciantes:

> (...) anunciada a criação desse prêmio, o qual há de encontrar, sem dúvida, o melhor acolhimento por parte dos jovens escritores brasileiros.
> Dos escritores jovens – creio que digo bem.
> Porque o *Prêmio Cláudio de Souza* destina-se, evidentemente, aos que estão estreando nas letras, a esses inúmeros rapazes que, tendo talento e sensibilidade, começam a sonhar o sonho das coisas literárias, (...).
> Bem sei que a importância de dois contos de réis pode parecer aos olhos dos autores consagrados uma insignificância.[217]

Apesar da questão a respeito da quantia oferecida ser suficiente ou não, o que já justificaria uma certa quantia de críticas ao prêmio que recebia o nome de um escritor rico como Cláudio de Souza, o ponto central desse desconforto por parte dos literatos brasileiros se deu com o anúncio do ganhador daquele prêmio, ou melhor, a falta de um.

---

[214] *Boletim*, Ano II, n.6, p.7, nov. 1938. No mesmo texto figuram a possibilidade de se estabelecer futuramente prêmios para livros de versos, teatro e contos, caso fossem realizadas doações entre 1:000$000, 1:500$000 e 3:000$000 respectivamente.
[215] Prêmio Cláudio de Souza. *Boletim*, Ano II, n.6, p.7, nov. 1938.
[216] GOMES, Ângela de Castro. *Op. cit.* 1999, p.90.
[217] LEÃO, Múcio. Concurso do PEN. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p.6, 03 dez. 1938. Grifo do autor.

A comissão composta pelos escritores Múcio Leão, Harold Daltro e Austregésilo de Athayde, “achou que nenhum dos trabalhos dos concorrente reúne as qualidades indispensáveis de imaginação, de poder de criação, e de forma literária”[218] e decidiu que nenhum dos concorrentes era digno da vitória, “nem sequer menção honrosa, a nenhum dos livros mandados ao concurso”.[219] Sem a premiação, não foi possível revelar os candidatos, o que mantém a dúvida se realmente as obras eram de pouca qualidade, ou se os jurados foram rigorosos demais.

O certo é que, devido a esses problemas o prêmio Cláudio de Souza não passou de sua primeira edição. Além de ter que arcar com todas as críticas veiculadas pela imprensa, o clube só voltaria a promover tais concursos uma década depois, quando da sua segunda tentativa com o prêmio Osório Dutra “para um livro inédito de poesia de autor brasileiro”,[220] ofertado em 1947 e 1948.[221]

É de se notar, por fim, que a utilização do nome dos patrocinadores nos prêmios, uma forma de agradecimento pela sua generosidade, demonstram nas iniciativas do clube a busca por promoção social, já que era de praxe os prêmios serem batizados com nomes de autores famosos ou inspiradores para aqueles que o promoviam e não os seus próprios. Com o fiasco ocorrido, a questão se inverte e acabou por prejudicar de certa forma a imagem do ofertante.

> Temos então o seguinte fato estranho: enquanto os concursos lançados por casas editoras e jornais literários tem uma extraordinária aceitação, entre os intelectuais e o público, os concursos de duas associações que deveriam ser as mais altas entre as forças intelectuais do país não despertam interesse algum, passam despercebidos.[222]

Assim, as críticas de Amado se fazem muito pertinentes para entendermos a falta de sucesso que obteve o PEN, devido aos prêmios escassos e julgamentos

---

[218] Estavam inscritos os livros: *Trio; Sombras; Zona; Cidade Paraizo; A menina da casa das janelas verdes; O pardieiro n. 53*; todos de autores não informados por normas do edital. *Nossos concursos literários.* Prêmio Cláudio de Souza. *Boletim,* Ano III, n.7, p.7, ago. 1939.
[219] O parecer da comissão julgadora. Idem.
[220] Prêmio literário Osório Dutra. *Relatório,* Ano XII, n.16, p.24, mar. 1948.
[221] O poeta J. M. Delgado Tubino foi o premiado da segunda edição do prêmio, com a publicação de seu “primeiro livro de versos” no valor de cinco contos de réis. (*Relatório.* Ano. XIII, n.17, p.25, mar. 1949) A primeira edição do prêmio, realizada em 1947, é apenas mencionada no *Boletim* do PEN e não possui informações a respeito do prêmio ou de seu vencedor.
[222] AMADO, Jorge. Prêmios Literários. *Dom Casmurro*, Ano III, n.117, p.1, set. 1939, apud MELO, Ana Amélia M. C. de. *Op. cit.* p.186.

controversos de seus prêmios literários durante a presidência de Cláudio de Souza.[223]

Mesmo não tendo êxito na promoção de seus concursos, o PEN Clube do Brasil conseguiu manter seu destaque por ser o primeiro do gênero no país, ou seja, ser fruto de uma atividade supranacional – internacional de nascença – e, por esse motivo, fazer-se com que as notícias vinculadas por seu *Boletim* fossem lidas por todo o globo, o que, invariavelmente, atraía o interesse pelas obras de seus membros.

O destaque aqui recai sobre os convites para publicação de obras brasileiras por editoras estrangeiras. O primeiro partiu da casa editora londrina Aldor,[224] com o mote de que fossem editadas as obras em inglês "sem compromisso", o que significava o não pagamento de direitos autorais "tanto na Inglaterra como em todo o Império Britânico e nos Estados Unidos".[225]

Nem o autor, nem a obra escolhida foram divulgados pelo *Boletim* do PEN, o que nos deixa a questão de se essas ofertas realmente trouxeram vantagens em termos de divulgação internacional para a produção dos membros do clube, visto que não houve procura por parte dos escritores, pelo menos nesse primeiro momento, como nos mostra o anúncio a respeito publicado no número seguinte do *Boletim.*

**Apelos de editores ao P.E.N.**

> No número passado pedimos a nossos sócios que nos enviassem uma lista dos romances e livros de ficção em prosa publicados nos últimos 10 anos, e que no seu parecer merecem especial destaque, pois a Editora Aldôr, de Londres, nos havia pedido aquela indicação, para editar alguns deles em inglês. Apenas um sócio escreveu-nos a respeito. Chega-nos, agora, idêntico pedido da *International Book House*, de Bombaim, na Índia. Deseja a diretoria que essa escolha seja feita pelos sócios e renova o pedido a que acima aludimos.

---

[223] Mesmo o prêmio denominado "PEN", que contempla autores de diversos gêneros literários – romance, novela, contos e teatro – e que é descrito como um evento anual e recorrente desde 1938 até os dias de hoje, não aparece em nenhum momento na publicação ou na grande imprensa da época. O último prêmio foi concedido para autores de obras publicadas no ano de 2015 nas categorias: Poesia: Izacyl Guimarães Ferreira, *Altamira e Alexandria* (Scortecci Editora); Ensaio: Ana Luiza Almeida Ferro, *1612 - Os Papagaios Amarelos na Ilha do Maranhão e a Fundação de São Luís* (Editora Juruá); e, Narrativa: Cyro de Mattos, *Os Ventos Gemedores* (Letra Selvagem). Disponível em: http://www.penclubedobrasil.org.br/docs_pdf/Historia2016.pdf. Acesso em: 21 dez. 2016.

[224] Um concurso do P.E.N. *Boletim*, Ano II, n.3, p.3, abr. 1937.

[225] Idem.

Propostas como essa eram uma via de mão dupla para os autores brasileiros, pois possibilitavam a divulgação de seus trabalhos no exterior, ainda que não lhes desse o direito de usufruir dos lucros de sua produção. Entretanto, a filiação ao PEN internacional e esses convites tratavam-se de privilégio, não acessível, por exemplo, aos membros da ABL.

Se por um lado a procura voluntária dos escritores por terem suas obras publicadas no exterior não ocorreu, o PEN brasileiro não perdeu a chance de usar essas rotas abertas para remeter aos demais países filiados ao clube as remessas do "saldo de edições não esgotadas que, passada a oportunidade, ficam encalhados"[226] para que, por meio do financiamento de Cláudio de Souza, que pagaria os custos do frete, fossem distribuídas tanto no Brasil quanto no exterior.

Ao contrário das edições, tal empreitada obteve relativo sucesso e a distribuição inicial destes exemplares gerou maior procura pelas obras, segundo nota divulgada no *Boletim*:

> Recebemos centenas de cartas de agradecimento e, procedendo a inquérito nas editoras respectivas, verificamos que aquela distribuição provocou aumento de venda de outros livros daqueles autores.[227]

Junto aos exemplares enviados seguia carta anexa convidando a pessoa, ou instituição de destino, a juntar-se ao PEN, alertando que "o P.E.N. incumbe-se de enviar qualquer obra de seus sócios, com o abatimento de 20% sobre o preço, desde que com os pedidos venham as respectivas importâncias".[228] A distribuição de livros foi expressiva até 1941, quando foram distribuídos mais de mil exemplares, mas entrou em decadência durante o correr dos anos ao bater 302 exemplares distribuídos em 1945 e não obter nenhuma outra menção a partir de 1949.

Algumas instituições internacionais para as quais o PEN enviou livros regularmente foram: a Academia de Ciência de Lisboa; a Academia Nacional de Artes y Letras, de Havana; a Internacional de Livros, de Caracas; a Academia de Letras, de Montevidéu; as Associações Literárias do México; a American Library, em Nova Iorque; o Instituto Argentino de Cultura Histórica, de Buenos Aires; a Hispanic

---

[226] *Boletim*, Ano II, n.5, p.2, nov. 1937.
[227] Idem.
[228] Modelo de carta enviado pelo P.E.N. Clube do Brasil junto dos livros distribuídos em território nacional. Arquivo do P.E.N. Clube, *clipping* 1940-1941, s/p.

Foundation, na Biblioteca Nacional de Washington; o Instituto Bibliográfico, de Assunção no Paraguai; a Associacion Colombiana de Letras; a Biblioteca União Pan-Americana de Washington; a Sociedade de Escritores Chilenos; a Aliança de Intelectuales Chilenos e a Book Abroad, dos Estados Unidos; além dos centros do PEN Clube espalhados pelo mundo.

A questão que fica é o motivo pelo qual houve a decadência dessas doações. A primeira resposta para tal pergunta vem com o início da guerra, que fez as doações para entidades estrangeiras serem quase extintas devido aos altos preços do frete e demais riscos. Com o foco maior, após 1940, para o território nacional, alguns sócios deixaram de enviar seus exemplares, diminuindo assim significativamente o número de doações.

> Não cessamos no ano findo a distribuição gratuita de livros nacionais, para divulgar nas cidades do interior do país a leitura da literatura brasileira. Não dispondo de avultados recursos, não nos é possível comprar grande quantidade desses livros, somos ainda muito sobrecarregados pelas despesas de remessa e dos selos. (...). Recebemos em 1942 menos do que nos anos anteriores. Não querendo cessar a distribuição, adquirimos certa quantidade de livros, mas toda nossa remessa não excedeu a quinhentos e vinte exemplares, contra mil do ano anterior.

Todavia, com tal infraestrutura se formando e os convites internacionais chegando ainda em larga escala, nos meses finais de 1937 alguns membros mais ativos do clube rapidamente perceberam que era necessária uma mudança em seu programa, visto que "não se fundou como entidade de combate ou de produção",[229] mas que agora tinham a oportunidade não só de produzir, como de propagar essa produção. Com o objetivo de fomentar a circulação de livros dos seus sócios, o PEN, na figura de Cláudio de Souza, iniciou um projeto de edição de livros.

> Acaba o P.E.N. Clube de abrir suas edições com a publicação de seu primeiro volume, a novela histórica "*Os Amores Não Correspondidos*", ao qual se seguirão outros a curto prazo.[230]

Note-se que as edições eram pagas pelos próprios autores, ou seja, não havia investimento direto do PEN, que se limitava a oferecer auxílio na contratação e na direção dos serviços tipográficos para os interessados, isso num momento em

[229] Dois anos de vida social. *Boletim*, Ano II, n.5, p.1, nov. 1937.
[230] Idem, p.2. Grifo do autor.

que a alta do papel começava a ser sentida em função da guerra.[231] Após a edição de *Os amores não correspondidos*, de Cláudio de Souza, publicou-se*: As confissões de Uma solteira*, de Joaquim Thomaz (1938); *Viagem a Região do Polo Norte* e *Terra do Fogo* (1939); *Os últimos dias de Zweig* (1942) e a peça *Le Sieur de Bessmarchais* (1942), as três de Cláudio de Souza, sendo que as duas últimas foram vendidas ao custo de 5 e 20 cruzeiros respectivamente. *O prisioneiro do mundo*, poemas de Martins Napoleão, e *Boutades et paradoxes sur l'amour*, de Leopold Stern, levadas a público em 1943, foram as últimas edições citadas no *Boletim* do PEN, tendo o serviço diminuído de ritmo, mas, ainda assim, o selo não desapareceu até 1951, quando sobrevivia apenas com as obras de Cláudio de Souza.[232]

Com a diminuição da procura e a incapacidade de arcar com os altos custos de edição de extensas obras em meio à crise do papel que minava as editoras nacionais, a solução encontrada foi a de criar os *Cadernos do P.E.N.,* publicações menores que divulgavam assuntos de interesse dos escritores. O primeiro exemplar foi dedicado as conferências realizadas por Cláudio de Souza a respeito do projeto de *Assistência aos Escritores*, seguido do *Conversa sobre Graça Aranha*, de Rodrigo Octavio Filho, e *Moeda comum nos países americanos*, de Jarbas de Carvalho.[233]

---

[231] As edições do P.E.N. Idem, p.5.
[232] A última obra editada pelo PEN foi *A luta das gerações* (1951) de Cláudio de Souza.
[233] Os cadernos do P.E.N. *Relatório*, Ano X, n.14, p.14, mar. 1946.

**Figura 18: Cadernos do P.E.N. Clube do Brasil – Conversa sobre Graça Aranha - por Rodrigo Octavio Filho**

FILHO, Rodrigo Octavio. *Conversa sobre Graça Aranha.* Rio de Janeiro: Edição do P.E.N. Clube do Brasil. 1945.

Em complemento às edições e a distribuição de exemplares, as feiras de livros constituíam espaços privilegiados para a compra, venda e divulgação da produção literária. A primeira a ser realizada pelo PEN, em novembro de 1941, num edifício da Avenida Atlântica, não chamou atenção, mas a edição seguinte, de 1942, ganhou destaque nacional e foi realizada nos moldes das feiras internacionais, "na praça pública, no centro da cidade". Além de contar com o patrocínio "e a presença no ato da abertura" do Presidente Getúlio Vargas,[234] a prefeitura cedeu a Cinelândia para ser o palco dessa segunda exposição, que contou com mais de 50.000 livros provenientes das editoras Civilização Brasileira, José Olympio, Irmãos Pongetti, Cia. Editora Nacional, entre outras.[235]

[234] Nossa 2ª exposição de livros. *Relatório*, Ano VIII, n.12, p.9, mar. 1944.
[235] Outras editoras colaboradoras do evento de 1942 foram: H. Antunes, Livros de Portugal, Livraria Ideal, Editora Vecchi, Loja do Livro, Alba Editora, Casa do Estudante, Editora Pan-Americana, Editorial Inquérito, Livraria Jacinto, Zélio Valverde e a Livraria Martins. Idem.

Aberta até às 23h00, oferecia desconto mínimo de 10% nos volumes novos e que poderia chegar aos 80%. Outro ponto alto do evento foi o protagonismo dado as obras nacionais, como destacou o cronista do *Correio da Noite*, Garcia Júnior:

> O livro nosso, o trabalho nosso, tudo que fala das atividades culturais brasileira. É uma feira de livros digna de aplausos e que mostra pelo menos que se os editores brasileiros foram a tal também é porque já se lê no Brasil.[236]

Vale ressaltar o enfoque dado por Brício de Abreu em *Dom Casmurro*, que definiu a exposição do PEN como

> uma iniciativa que merece os maiores louvores porque visa, unicamente, um fim de interesse cultural qual o de proporcionar ao público a aquisição fácil de livros. Assim o P.E.N. em estreita colaboração com os editores oferece-lhe uma oportunidade, promovendo essa monumental feira.[237]

Além dessas inciativas, há de se destacar, ainda, os projetos que o PEN realizou em parceria com outras instituições. Juntamente com notícia da edição da primeira obra do PEN, informava-se no *Boletim* o oferecimento de assistência jurídica aos membros, sob a responsabilidade do Dr. Thomas Leonardos, pertencente aos quadros da associação,[238] além da futura criação de um programa de rádio, a *Rádio PEN*, proposta apresentada por Raul Pedroza no XV Congresso Internacional dos PEN Clubes, e que procurava reservar “um quarto de hora diário ou semanal” para a divulgação de notícias literárias.

Estabelecida efetivamente em 1938, a *Rádio PEN* foi levada a cabo por uma parceria entre o PEN brasileiro e o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), na figura de Lourival Fontes, diretor da instituição.[239] Realizadas na língua francesa, tais irradiações foram realizadas pela estação *Paris-Mondial* e contaram com a participação de Jules Romains na inauguração francesa, e Cláudio de Souza na

---

[236] Nossa 2ª exposição de livros. *Relatório*, Ano VIII, n.12, p.9, mar. 1944.
[237] Idem, p.10.
[238] Passaram os membros do P.E.N. Clube do Brasil, a partir de então, a contar com apoio jurídico de Thomas Leonardos, auxilio esse incorporado aos valores pagos na mensalidade, sem acréscimos. Assistência judiciária do P.E.N. *Boletim*, Ano II, n.5, p.6, nov. 1937.
[239] A relação com Lourival Fontes trouxe outros privilégios para o PEN Clube, como o convite para que fossem expostos os livros de sócios do clube no Pavilhão Brasileiro da Feira Mundial de Nova York de 1941, pavilhão organizado pelo DIP e pelo Ministério do Trabalho. Exposição de livros. *Relatório*, Ano V, n.9, p.7, jan. 1941.

inauguração da hora brasileira, em 31 de maio de 1939.[240] As transmissões traziam programação dedicada às notícias referentes à cultura pelo mundo, o que significava, naquele primeiro momento, falar da guerra em curso e suas consequências para a população mundial.

Já na década de 1940, houve a criação do Conservatório Teatral Cláudio de Souza. Reconhecido por suas peças, o autor ligou-se ao teatro desde o início de sua carreira literária. *Flores de Sombras*, como visto, rendeu-lhe recursos e renome dentro do teatro de revista, tornando-o um autor celebrado, ao lado de Juraci Camargo, Viriato Correia e Álvaro Moreira. Durante a ditadura do Estado Novo, o teatro teve grande destaque nas ações do governo e viveu um período de grandes investimentos, graças ao Serviço Nacional do Teatro (SNT, 1937).[241]

Assim, com o intuito de formar novos nomes para o teatro nacional, o Conservatório Teatral foi criado em parceria com a Associação de Cultura Franco-Brasileira, tendo Henriette Risner-Morineau (1907-1990) como presidente. Henriette destacava-se "pelos altos títulos que lhe consagram o nome", principalmente pelo "Primeiro prêmio no concurso de 'Comédia' e laureada pelo Conservatório de Paris".[242] Ao lado dela, os nomes do Ministro Gustavo Capanema e do Embaixador da França, Conde Doynel de Sr. Quentin, figuravam como presidentes de honra da instituição, indicando a proximidade do PEN com o poder, fosse com a presença de Lourival Fontes na inciativa da rádio e agora com o Ministro da Educação e Saúde.

Segundo a cartilha disponibilizada na época, revia-se montagem de textos de grandes poetas românticos (Victor Hugo, Lamartine, Castro Alves, Gonçalves Dias), parnasianos (Theophile Gaurier, Baudelaire, Olavo Bilac, Martins Fontes), simbolistas (Verlaine, Rimbaud, Cruz e Sousa, Felix Pacheco) e contemporâneos (Rostand, A. Rivoire), além das obras de dramaturgos consagrados (Molière, Corneille, Mariaux, José de Alencar, Manoel Azevedo), complementados por aulas ministradas por professores universitários.[243] É de se destacar que não constam na

---

[240] Radio Rio-Paris Mondial. *Boletim*, Ano III, n.7, p.5, ago. 1939.

[241] Sobre esse assunto, ver: SOUZA, Camila Maria Bueno. *Ziembinski, o encenador dos tempos modernos:* a construção de uma trajetória na crítica de Décio de Almeida Prado (1950-1959). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

[242] *Conservatório Teatral*. Arquivos do P.E.N. Clube do Brasil. Rio de Janeiro. s/p.

[243] Não são citados os nomes dos professores responsáveis pelos cursos. A lista completa de autores descritos no programa: Românticos: André Chénier, Lamartine, Victor Hugo, Alfred de Musset, Alfred de Vigny, Desbordes Valmore, Auguste Brizeux, Gonçalves Dias, Castro Alves, Alvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Fagundes Varella, Machado de Assis e Ramos de Azevedo; Parnasianos: Theophile Gaurier, Baudelaire, Theodore de Banville, José Maria de Heredia, Sully-Prudhomme, Leconte de l'Isle, Comresse de Noailles, Luiz Delfino, Olavo Bilac, Raymundo Correa, Vicente

lista nomes de autores vivos, uma forma de não levantar polêmicas sobre o repertório.[244]

Menina dos olhos de Cláudio de Souza, o Conservatório Teatral foi uma ação duradoura e que rendeu bons frutos, como a realização de cursos de teatro na sede do PEN, dirigidos pela atriz Ester Leão, que se apresentavam em conferências literárias e eventos de destaque do clube.

Após esse primeiro momento de criação efervescente de projetos,[245] coube ao PEN mantê-los ativos, o que sempre foi um de seus maiores problemas. Entre 1936 e 1954, não foram poucos os projetos rapidamente descontinuados. As exposições de livros acabaram logo após sua segunda e maior edição, em 1942, as edições deixaram de ser noticiadas no *Boletim* em 1943 e sobreviveram apenas com obras do presidente; as irradiações do programa intitulado *Rádio PEN*, após o final do conflito mundial em 1945, tornaram-se cada vez mais esparsas e logo deixaram de figurar nos *Boletins*.

Conclui-se até aqui que mais do que nunca, a vitalidade dos empreendimentos encabeçados pelo PEN dependia da ação, da vontade e do dinheiro de seu presidente. Dono de vários empreendimentos e de fortuna proveniente da indústria cosmética, ele pode dedicar recursos para as atividades literárias desenvolvidas pela agremiação que presidia, atitude que não encontraria seguidores.

## 2.4 As conferências literárias do P.E.N. Clube do Brasil

Na esteira dessa proliferação de iniciativas pós fundação, a partir de 1938, o PEN passou a promover suas próprias conferências literárias, que contaram com nomes da literatura nacional e internacional, e abordaram temas os mais diversos. Anteriormente havia-se destacado o problema que poderiam gerar os discursos nos jantares do PEN, pois não seriam tolerados assuntos políticos no seio do clube.

---

Carvalho, Emilio de Menezes, Alberto d'Oliveira e Martins Fontes; Simbolistas: Verlaine, Rimbaud, Mallarmé, Cruz e Silva, Felix Pacheco, Alphredo de Guimarães; Contemporâneos: Zamacois, Rostand e A. Rivoire. Quanto aos autores de peças de teatro estão: Molière, Corneille, Racine, Beaumarchais, Mariaux, A. de Musser, Pailleron, Emile Augier, Fr. Coppée, Rostand, Courteline, José de Alencar, Manoel de Azevedo, Martins Penna, França Junior, Arthur Azevedo, Domingos Magalhães, Gonçalves Dias e Machado de Assis. Idem.

[244] O primeiro curso foi realizado entre os dias 20 de maio e 20 de novembro de 1941.

[245] No ano de 1943, o PEN auxiliou ainda na criação do Museu Santos Dumont, inaugurado naquele mesmo ano na casa de verão de Dumont, no município de Petrópolis.

Diferentemente desses que o improviso poderia extrapolar essa regra, a adoção de conferências fazia com que fosse possível conciliar a exposição de ideias e o debate intelectual programados dentro do PEN com a promessa de que a política não teria espaço naquele ambiente.

Realizadas comumente em "locais centrais, que facilitassem e atraíssem o público. A entrada franca e a audiência concorrida, com predominância de mulheres e jovens, (...)",[246] as conferências literárias do período pós-1930 tratavam de "recuperar uma prática de grande tradição, popularidade e êxito na cidade [do Rio de Janeiro], e que datava de inícios do século XX, com as conferências literárias e humorísticas, de que eram mestres vários membros da 'geração *Fon-Fon*'".[247] No espaço do PEN esse molde foi reeditado:

> A concorrência de acadêmicos, sócios do PEN, escritores, diplomatas, jornalistas e homens e senhoras de nosso meio cultural e educativo (...) encheu completamente o salão, o que demonstra o interesse que estão despertando essas conferências (...).[248]

Assim, no dia 12 de abril de 1938, o escritor e diplomata hispano-cubano Alfonso Hernández Catá (1885-1940) realizou a primeira conferência promovida pelo PEN Clube do Brasil, sob o título "A vida amorosa de D. Juan". Não se conta com muitas informações seja nos *Boletins* do clube ou na imprensa sobre esses primeiros eventos, que eram mencionados de maneira breve:

> Realizaram-se em 1938 por iniciativa do P.E.N. Club as seguintes conferências literárias:
> No salão nobre da Academia Brasileira: - a 12 de abril, falou brilhantemente o ministro Hernandez Catá a respeito da *Vida amorosa de D. Juan*; a 29 de junho dissertou com grande erudição o professor Roberto Garric acerca do novo classicismo de François Mauriac e Duhamel, tendo sido precedido pelo então presidente Múcio Leão, que em elegante e formosa oração exaltou o programa de nossa associação, lembrando a frase do grande novelista G. Wells: "As mãos de P.E.N. Clube estendem-se fraternalmente aos escritores de boa vontade de todas as raças, nações e línguas".
> Em agosto, no salão de conferências da Academia Nacional de Belas Artes René Huyghe, professor da Escola do Museu do Louvre, de Paris, hospede oficial do governo brasileiro, a convite da Associação dos Artistas Brasileiros e do P.E.N., discorreu sobre a arte contemporânea, colhendo grandes aplausos da assistência, o que

[246] GOMES, Ângela de Castro. *Op. cit.* 1999, p.92.
[247] Idem.
[248] As conferências da paz do P.E.N. Clube. *Jornal do Commercio.* Ano 116, n. 290, p.5, 10 set. 1943.

> também sucedeu com a oração do nosso secretário Raul Pedroza (...).[249]

Apesar disso, a presença de um diplomata na abertura de um novo projeto é muito representativa para um clube internacional Por estarem envolvidos em assuntos relacionados à guerra e paz, comércio exterior, promoção cultural e, principalmente, na coordenação de organizações internacionais, esses funcionários públicos transitavam por espaços oficiais e civis de forma privilegiada, além de serem reconhecidamente eruditos, o que permitia a integração dos mesmos nos quadros do clube, conferindo notoriedade à associação. Aliás, foi comum o convite e a presença de Ministros, Embaixadores e toda a sorte de representantes de governos, quase sempre, convidados por Cláudio de Souza a ocuparem o assento de presidente da sessão ou comporem a mesa diretora.

Os outros três eventos realizados no decorrer daquele ano, “O novo classicismo de François Mauriac e Duhamel”, por Robert Garric (1896-1967); “A arte contemporânea”, por René Huyghe (1906-1997); e a recepção oferecida ao Ministro francês Zerega Fombona (1889-1968), confirmam que o objetivo do clube na era Cláudio de Souza era o de aproximar o meio intelectual brasileiro às letras estrangeiras, por meio de uma diversidade de temas e eventos.

Por não possuir espaço próprio para realizar tais tertúlias até 1945, quando foi inaugurada a sua sede, o PEN aproveitou da posição dos seus sócios e usufruiu do salão nobre da ABL e do auditório da Associação Brasileira de Imprensa para promover seus eventos.

---

[249] As conferências do P.E.N. *Boletim.* Ano II, n.6, p.7, nov. 1938.

**Figura 19: Salão Nobre da Academia Brasileira de Letras**

Fonte: http://www.academia.org.br/o-ano-do-centen%C3%A1rio/atividades-culturais

No total, foram publicadas no *Boletim* informações a respeito de 120 conferências/recepções promovidas pelo PEN Clube do Brasil, ou em parceria com outras instituições, com média de quatro eventos anuais até 1943, passando para dez a partir de 1944. Dos eventos citados na documentação do clube, 108 tomaram a forma de conferências literárias, proferidas por 65 intelectuais brasileiros e 28 convidados estrangeiros (Quadros 5 e 6).[250]

**Quadro 5: Conferencistas brasileiros**

| Ano | Conferencistas | Título da conferência |
|---|---|---|
| **1938** | --- | --- |
| **1939** | **Cláudio de Souza e Oswaldo Orico** | **-** Churchill |
| **1940** | --- | --- |
| **1941** | --- | --- |
| **1942** | --- | --- |
| **1943** | **Alcyon Baer Bahia** | **-** Psicologia da Arte Moderna |
| | **Maria da Glória R. de Almeida Portugal** | **-** Guatemala, terra de sol e de montanhas |
| | **Maurício de Medeiros** | **-** Psicologia da Anedota e do Riso |
| | **Pedro Vergara** | **-** A Moderna poesia rio-grandense |
| **1944** | **Austregésilo de Athayde** | **-** Tricentenário da Areopagitica de John |

[250] Nos quadros a seguir não constam os eventos dedicados a memória de algum intelectual, sem necessariamente uma conferência a respeito (como no caso do centenário de Ruy Barbosa, que contou com um recital de poesias e representações de peças de teatro variadas), ou que a informação acerca do conferencista responsável não consta nos documentos da associação. Portanto, não são a base para a contagem dos eventos realizados pelo clube, apenas servem para enumerar os intelectuais destinados ao posto de conferencista pelo PEN.

| | | |
|---|---|---|
| | | Milton |
| | **Cláudio de Souza** | **-** Assistência ao Trabalhador Intelectual |
| | | - As duas realezas, a dos reis e a dos poetas |
| | | - Vida e obra de Raul Pompéia |
| | **Clementino Fraga Jorge de Lima** | **-** A fatalidade mórbida e o gênio literário |
| | | **-** Homenagem à memória do Visconde de Taunay |
| | **Luiz Aníbal Falcão** | **-** Em memória de Graça Aranha |
| | **Stella Leonardos da Silva Lima** | **-** Leitura de seu novo poema dramático |
| **1945** | **Nelson Tabajara** | **-** Impressões do Oriente |
| | **Osório Dutra** | **-** Homenagem a Paul Valéry |
| | **P. Leão Velloso** | **-** Conferência de São Francisco |
| | **Stella Leonardos da Silva Lima** | **-** Leitura do poema “Ser livre!” |
| **1946** | **Cláudio de Souza** | **-** Em memória de H. G. Wells |
| | **Stella Leonardos da Silva Lima** | **-** Pelas rotas da América |
| **1947** | **Austregésilo de Athayde** | **-** 4° centenário de Cervantes |
| | **Cláudio de Souza** | **-** Centenário de Martins Penna |
| | | - O teatro de Pirandello |
| | **Ivan Lins** | **-** Erasmus de Rotterdam |
| | **Maria Eugênia Celso** | **-** A visita de André Maurois |
| **1948** | **Cláudio de Souza** | **-** Centenário de Chateaubriand |
| | **Ivan Lins** | **-** Tricentenário de Tirso de Molina |
| | **João Neves** | **-** “Sentido profundo do pan-americanismo” e a conferência em Bogotá |
| | **Oswaldo Orico** | **-** A Espanha Heroica e a Espanha Mística |
| **1949** | **Augusto Frederico Schmidt** | **-** Em memória de Maurice Maeterlinck |
| | **Austregésilo de Athayde** | **-** A crise espiritual de Joaquim Nabuco |
| | **Candido Mota Filho** | **-** Centenário de Goethe |
| | **Cláudio de Souza** | **-** Centenário de A. Strindberg |
| | **Ernani Fornari** | **-** Leitura de uma comédia de Ernani Fornari |
| | **Júlio Barata** | **-** O existencialismo de Sartre e o existencialismo cristão |
| | **M. Paulo Filho** | **-** A ação de Ruy Barbosa como jornalista |
| | **Nobre de Mello** | **-** Aspectos filosóficos do “amor” |
| | **Oduvaldo Viana** | **-** Representação da comédia “O feitiço” |
| | **Sebastião Sampaio** | **-** México |
| **1950** | **Adelmar Tavares** | **-** A memória do poeta Luís Carlos da Fonseca |
| | **Anna Amélia Carneiro de Mendonça** | **-** Recepção à escritora americana Rita Halle Kleeman |
| | **Candido Mota Filho** | **-** A vida e a obra de Guy de Maupassant |
| | **Cláudio de Souza** | **-** Centenário de morte de William Wordsworth |
| | | **-** A vida tormentosa de Edgar Poe |

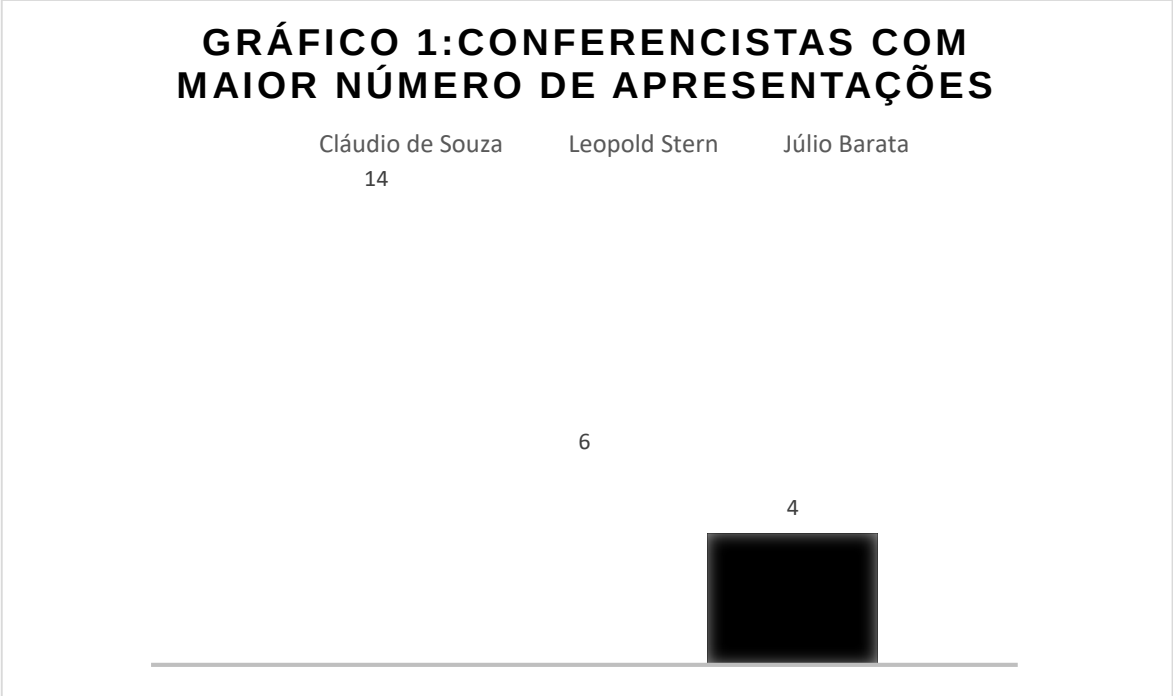
| | | |
|---|---|---|
| | **Herbert Moses** | **-** V Centenário da Descoberta da Imprensa |
| | **Ivan Lins** | **-** Descartes e o pensamento moderno |
| | **Luiz Aníbal Falcão** | **-** Um cotidiano brasileiro publicado em Paris |
| | **Malba Tahan** | **-** A vida de professor |
| | **Margarida Lopes de Almeida** | **-** Centenário de Guerra Junqueiro |
| | **Othon Costa** | **-** A memória de Coelho Neto |
| **1951** | **Candido Mota Filho** | **-** O centenário de Silvio Romero |
| | **Cláudio de Souza** | **-** Homenagem póstuma a Bernard Shaw<br>- As três Joanas D'Arc |
| | **Júlio Barata** | **-** O existencialismo católico versus o existencialismo de Sartre |
| | **Múcio Leão** | **-** O lirismo e sarcasmo de Henri Heine |
| **1952** | **Álvaro Moreira** | **-** Sobre a Comédia |
| | **Ciro dos Anjos** | **-** Teatro de Jean Anouilh |
| | **Cláudio de Souza** | **-** II Centenário do primeiro romance brasileiro |
| | **João N. da Fontoura e Pedro Calmon** | **-** Em memória do Conde Carlos Sforza |
| | **Júlio Barata** | **-** O existencialismo |
| | **Osório Dutra** | **-** As três musas de Baudelaire |
| **1953** | **Aloysio de Castro** | **-** "Falar e... calar" |
| | **Celso Kelly** | **-** "Síntese da trajetória da pintura desde sua origem até a pintura abstrata de nossos dias"<br>- Lançamento da comédia em 3 atos "Meus adoráveis maridos"<br>- Recital de epigramas |
| | **Júlio Barata** | **-** As mulheres e a filosofia |
| | **Oswaldo Orico** | **-** Centenário de José do Patrocínio |
| | **Peregrino Júnior** | **-** Despedida do Embaixador Olegário Mariano |
| | **Júlio Barata** | **-** As mulheres e a filosofia |
| | **Oswaldo Orico** | **-** Centenário de José do Patrocínio |
| | **Peregrino Júnior** | **-** Despedida do Embaixador Olegário Mariano |

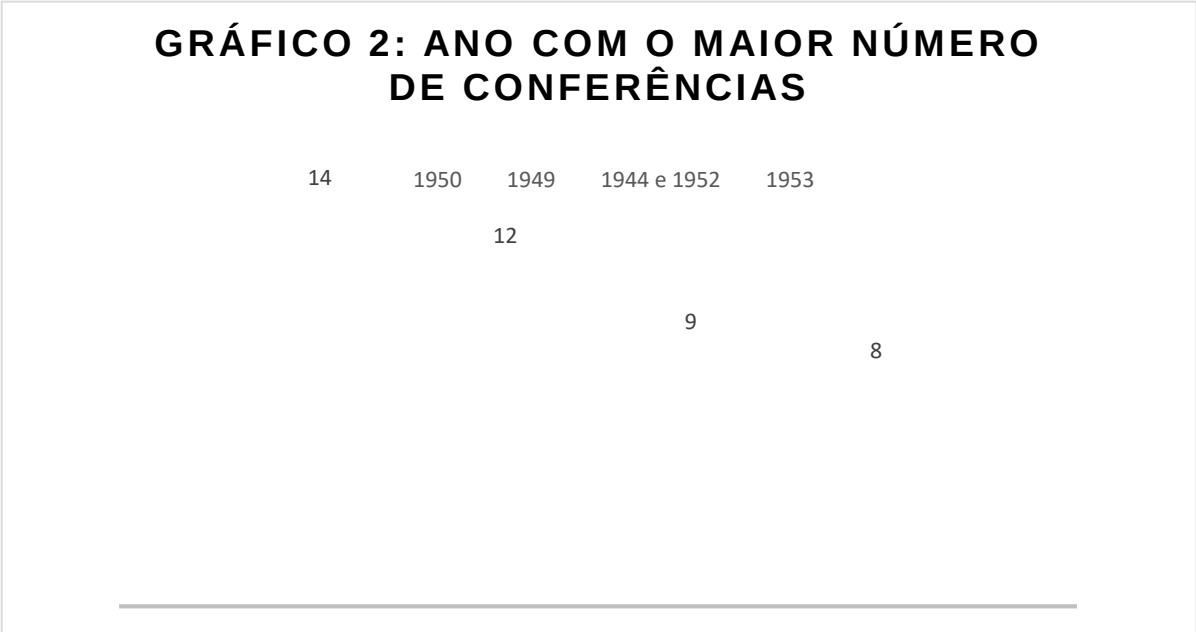
**Quadro 6: Conferencistas estrangeiros**

| Ano | Conferencistas | Título da conferência |
|---|---|---|
| **1937** | **Hernandez Catá** | **-** A vida amorosa de Don Juan |
| **1938** | **Pierre Bertin** | **-** A vida e obra de Molière |
| | **René Huyghe** | **-** A arte contemporânea |
| | **Roberto Garric** | **-** O novo classicismo de François Mauriac e Duhamel |
| **1939** | **Marie Louise Ferdière** | **-** Arte etrusca |
| | **Marie Thérèze Nizot** | **-** Confederação Internacional dos Trabalhadores Intelectuais |
| **1940** | --- | --- |

| | | |
|---|---|---|
| **1941** | **Alfredo Agache** | **-** O “espírito francês” |
| | **Louis Jouvet** | **-** Teatro Atelier de Paris |
| | **Patrícia Morgan** | **-** Recital - Homenagem ao PEN do Chile |
| **1942** | **Abgar Regnault** | **-** Churchill |
| | **Francis Toye** | **-** A influência latina na literatura inglesa |
| | **Leopold Stern** | **-** A felicidade |
| **1943** | **Leopold Stern** | **-** *Paris d’hier et de demain* |
| | | - *Psychologie de la Jalousie* |
| **1944** | **Pedro M. Obligado** | **-** Viagem ao redor de meus versos |
| **1945** | **Leopold Stern** | **-** *La femme dans la philosophie de Nietzsche* |
| **1946** | **Américo Castro**[251] | **-** Lições sobre letras espanholas (Dom Quixote) |
| | **João Luso** | **-** Recepção do Sr. Fidelino Figueiredo |
| | **Louis Pierard** | **-** A Bélgica através de seus artistas |
| | **Nathan Bristritzky** | **-** Palestina, ponte entre o Oriente e o Ocidente |
| **1947** | --- | --- |
| **1948** | **Carlos Sabat Ercasty** | **-** Castro Alves |
| | **Leopold Stern** | **-** Augusto Comte e Clotilde de Vaux |
| **1949** | **Álvaro de Las Casas** | **-** Homenagem as letras argentinas (Martin Fierro) |
| | **Leopold Stern** | **-** A misoginia de Byron |
| **1950** | **André Maurois** | **-** O conceito da felicidade |
| | **Irene Hammerlink** | **-** A pintura moderna |
| | **Pierre Bertin** | **-** A Companhia Francesa de Comédia |
| **1951** | **Arnaldo San Tiago** | **-** A Divina Comédia de Dante |
| | **Gabriel Marcel** | **-** Existencialismo católico |
| **1952** | **André Chamson** | **-** A França e a vida |
| | **André Rousseaux** | **-** Poesia que precedeu a deste século |
| | **Economou-Gouras** | **-** A vida e a arte da poetisa francesa Mme. de Noailles |
| **1953** | **Philippe Greffet** | **-** Apresentação da poesia de Jacques Prévert |

[251] Américo Castro, mesmo nascido no Brasil, aqui é considerado estrangeiro visto que deixou o país aos cinco anos de idade e passou sua vida na Espanha.




Os quadros acima atestam a presença constante de Cláudio de Souza, bem como a ausência de escritores brasileiros nos primeiros eventos do clube e o aumento dos números de encontros nos anos iniciais da década de 1950. No que diz respeito à nacionalidade dos conferencistas estrangeiros, houve 15 franceses, quatro, espanhóis, dois argentinos e um representante dos seguintes países: Palestina, Chile, Romênia, Portugal, Grã-Bretanha, Grécia e Uruguai, todos, com

exceção de Gabriel Marcel, membros do PEN Clube de seus respectivos países. No que diz respeito ao grupo de conferencistas brasileiros, do total de 39, com exceção de Maria da Glória Rangel de Almeida Portugal, todos eram membros do centro brasileiro. Quanto ao gênero, coube às mulheres 10% do número total de convidados; delas, que participaram como conferencistas nos eventos patrocinados pelo PEN do Brasil, com a maior parte presente ali para recitais de poesia, 5 eram estrangeiras e 5 brasileiras.

A partir dessas constatações, e considerando que a análise detalhada de cada uma dessas solenidades não cabe nos limites desse trabalho, buscaremos representar, de maneira geral, os grandes temas e as figuras de maior destaque que passaram pelos salões do PEN.

A partir do grande tema que era a cultura, é possível distinguir algumas temáticas a ela associada: teatro, as artes plásticas, a música e a poesia (com 25 falas); escritores, biografias, homenagens e literatura (com 40); países e culturas (com 15); e a psicologia e filosofia (com 17). Tal como se afirmava no *Boletim*, as conferências atraíram grande quantidade de pessoas devido "a variedade de seus programas, ora de conferências literárias, ora de espetáculos gratuitos, ora de estudos filosóficos e sociais, ora de música e de canto".[252]

De antemão é bom destacar que, por mais que a cultura seja o principal subtema de todas as conferências apresentadas, em vários momentos, o clube não se ocupou apenas de assuntos relacionados a esse tópico, mas também de política e economia mundial, que aparecem de forma enviesada e patenteiam-se a partir da análise. Caso exemplar é a conferência realizada em 1942 em homenagem à Winston Churchill por ocasião de seu aniversário. No evento, a guerra e o posicionamento frente à dicotomia democracia/totalitarismo vigente no cenário mundial surgiram, ainda que houvesse esforço para enfatizar o indivíduo e sua produção cultural, como se fosse possível isolar a atuação e a figura política.

Portanto, parte das conferências acerca da a guerra e a paz não entram na contagem acima, às quais podemos reservar uma divisão própria.[253] Para tanto, aqui entramos num cenário supranacional, nas questões do PEN como uma entidade

---

[252] *Relatório.* Ano XVI, n.20, p.11, mar. 1952

[253] Somam-se a essas conferências a respeito da Guerra e da Paz (9 no total), os eventos a respeito dos projetos realizados pelo clube, destaque para o de Assistência aos Escritores; a inauguração da sede própria (1945), e as comemorações a respeito da Academia Brasileira de Letras e seu cinquentenário (1946).

internacional e no que diz respeito a sua relação com os assuntos em pauta nas mesas de discussão ao redor do globo. Somava-se a isso, o relacionamento entre o centro brasileiro e os demais centros da associação, tema paralelo às ações do clube descritas até aqui e que, portanto, será explorado no capítulo seguinte.

**O teatro, as artes plásticas, a música e a poesia**

Como um espaço dedicado à cultura e à convivência, todas as conferências/recepções realizadas pelo PEN Clube do Brasil, dentro ou fora de suas dependências, contaram com algum tipo de apresentação musical, literária e/ou teatral. Tais tertúlias eram divididas, em sua maioria, em dois blocos e iniciavam-se pela apresentação e exposição do convidado/homenageado, ao final da qual tinha início a confraternização e a apreciação cultural preparada para a ocasião.

Citado diversas vezes neste trabalho, o teatro começa seu protagonismo nos eventos do PEN no ano de 1939, um ano antes do início do projeto da companhia de teatro do clube. Já na abertura do ano social foi dedicada aos membros da *Comédie Française,*[254] que contou, como de costume, com uma grande afluência, avaliada, não sem certa dose de exagero, nas páginas do *Jornal do Commercio:* "milheiro de pessoas". Além da apresentação da companhia, o ator e diretor Pierre Bertin dissertou a respeito da vida de Molière, patrono dos atores franceses:

> Durante a conferência, ilustrando-a, fizeram-se ouvir com brilho raro de interpretação os artistas Ledoux e Giséle Casadesus, numa cena de *L'École des Femmes*. (...). A cena de *Le Misanthrope* – Escande, magnífico de emoção de vibratilidade, fazendo as palavras palpitarem como sangue vivo no ímpeto do ciúme, e Lise Delamare, bela e impositiva no seu ar displicente e seguro de seus encantos – foi outro triunfo da tarde, que se completou entre ruidosos e prolongados aplausos, após alguns versos ditos com fina arte pelo jovem e encantador galã Julien Berthaud.[255]

A partir do início da companhia do PEN em prol do teatro, foram homenageados, durante os anos seguintes, grandes nomes da dramaturgia como Pirandello e Jean Anouilh. Já o palco do PEN contou com representações de textos

---

[254] A *Comédie-Française* é uma companhia teatral fundada por decreto de Luís XIV, em 21 de outubro de 1680, que fundia as duas companhias parisienses existentes até então: a *Hôtel Guénégaud* e a *Hôtel de Bourgogne*. Para mais informações, ver: http://www.comedie-francaise.fr/histoire-et-patrimoine.php?id=526. Acesso em: 16 mar. 2017.

[255] *Boletim,* Ano III, n.7, p.2-3, ago. 1939.

de seus membros, festivais e um curso sobre o gênero comédia, realizado pelo dramaturgo e escritor Álvaro Moreira (quadros 5 e 6).

Já as artes plásticas e a música compareceram em menor número. Para tal, o PEN recebeu René Huyghe, professor da escola do Museu do Louvre, a respeito da arte contemporânea; Marie Louise Ferdière, do PEN da França e do Museu do Louvre, que discorreu a respeito da arte etrusca; Irene Hammerlink, vinda do PEN de Bruxelas, que tratou da "Pintura moderna"; o jornalista Celso Kelly (1906-1979), que fez uma "síntese da trajetória da pintura desde sua origem até a pintura abstrata de nossos dias", e Múcio Leão (1898-1969), programado para falar a respeito de Henri Heine, mas que acabou dissertando sobre Schumann, constituindo-se, assim, na única apresentação a respeito da música.

Outros utilizaram do espaço oferecido pelo PEN para divulgar/apresentar suas próprias obras, foram eles: a poetisa Stella Leonardos da Silva Lima, com a leitura de seu poema *Ser Livre!*, em 1945; Ernani Fornari (1899-1964), Oduvaldo Viana (1892-1972) e Celso Kelly, com suas comédias *As esposas acusam* (1948) e *Meus adoráveis maridos* (1953), respectivamente; o ator Pierre Bertin (1891-1984), apresentando a Companhia Francesa de Comédia (1950), e, como não haveria de se fazer presente, o incansável Cláudio de Souza, com três sessões de sua peça *Resposta às mãos de Eurídice* (1953).

Quanto às sessões dedicadas à poesia, coube às mulheres o papel central nessas apresentações, o que abre a oportunidade para tratar da questão da presença feminina na agremiação.

Em sintonia com o lugar social ocupado pela mulher nos anos 1930 e 1940, não surpreende que as mulheres figurassem no clube como autoras de poesias. Veja-se, a título de exemplo, como o tema foi tratado no *Boletim* de 1942, que descreveu o recital de poesia da escritora chilena, Patrícia Morgan (1902-1978):

> A propósito dos versos de Patrícia Morgan, que foram vibrantemente aplaudidos, escreveu Raul de Azevedo: "Foi uma cachoeira de belos versos. Alguns fortes, outros macios, veludosos, serenos – a própria alma nas suas revoltas e nas suas doçuras. A voz com as modalidades de sua artista, tocada de sentimento, toda ela comoção, sua sensibilidade dominou o auditório".[256]

[256] *Relatório*, Ano VI, n.10, p.12, jan. 1942.

Descrição semelhante encontra-se no *Boletim* do ano seguinte, agora a respeito da escritora Maria da Glória Rangel de Almeida Portugal, anunciada como "esposa do Embaixador Affonso Barbosa de Almeida Portugal", que apresentou um panorama da realidade da Guatemala, onde vivera com o marido:

> As plantas e as flores da Guatemala, os usos e costumes de suas 47 tribos nativas, o misticismo popular, as lindas festas tradicionais e muitos outros aspectos foram apresentados em estilo leve e bem colorido, granjeando a conferencista longa e entusiasmada salva de palmas, quando, com seu sorriso gracioso, deu as últimas pinceladas no seu quadro.[257]

Não se trata de analisar o lugar da mulher no meio literário da época, contudo, cabe abrir um breve parênteses e destacar a relação do PEN, fundado por uma mulher, e, em especial, de Cláudio de Souza com o mundo feminino, que remontava à Revista *Feminina.*

Com a chegada da República, alinhadas "no que o ideário republicano chamava de *exército contra o analfabetismo",*[258] coube às mulheres a confecção de textos pedagógicos, literatura escolar, tradução e composição de versos para crianças. "Escrever é para ela como a extensão da atividade de ser mãe, esposa ou professora, já que o exercício de outras profissões era algo ainda muito distante".[259]

O estudo realizado por Maria de Lourdes Eleutério mostra que, frente a esse ideário republicano, a produção feminina foi muito além, discutindo os mais variados temas, o que não significou sua entrada no meio intelectual, uma vez que ainda predominava visões negativas sobre a capacidade das mulheres, que idealmente deveriam ficar restritas ao espaço privado.

No PEN, as mulheres contaram com a representação das escritoras Maria Eugênia Celso (1886-1963) e Rosalina Coelho Lisboa (1900-1975) enquanto fundadoras do clube, ambas com destacada atuação política e literária nacional. A primeira era filha de Afonso Celso, que não mediu esforços para o crescimento da filha, "que parecem querer redimi-lo do estigma que acompanhava sua primogênita, acometida por paralisia infantil aos três anos de idade".[260] Apesar de sua condição, Maria Eugênia destacou-se por sua autonomia nos estudos e ação no meio literário

---

[257] *Relatório,* Ano VII, n.11, p.3, abr. 1943. (grifos nossos).
[258] ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. *Vidas de romances:* as mulheres e o exercício de ler e escrever no entresséculos. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005, p.18
[259] Idem.
[260] Idem. p.188.

nacional. “Ela tinha segurança no que escrevia, confiança em atuar em variadas atividades, assim como sabia expor-se, como o fez por toda a vida, participando ativamente da vida cultural carioca e brasileira”.[261]

Já Rosalina destacou-se por sua atuação política e jornalística. Tendo publicado seu primeiro soneto aos 14 anos, na revista *Fon-Fon*,[262] foi “entusiasta dos movimentos revolucionários da década de 1920”, e, “em artigo publicado pela imprensa carioca em 2 de maio de 1928, conclamava as mulheres brasileiras a promoverem a luta pela anistia”.[263] Por outro lado,

> “O apoio de Rosalina Coelho Lisboa ao golpe de Estado de 1937 é evidenciado pelos inúmeros artigos que escreveu sobre o mesmo, pelos discursos proferidos em solenidades cívicas e pela correspondência que trocou com Getúlio Vargas. Em carta de 12 de novembro de 1937, Alzira Vargas agradecia, em nome do pai, as informações enviadas por Rosalina, as quais tinham sido de grande utilidade nas articulações para a implantação do Estado Novo”.[264]

Além das duas ilustres fundadoras, dez outras conferencistas mulheres a passarem pelo salão do PEN, cinco delas brasileiras: Anna Amélia Carneiro de Mendonça, Margarida Lopes de Almeida, e as já citadas Maria da Glória Rangel de Almeida Portugal, Maria Eugênia Celso e Stella Leonardos da Silva Lima; e cinco estrangeiras: Economou-Gouras (Grécia), Irene Hammerlink (Holanda), Marie Louise Ferdière e Marie Thérèze Nizot (França), e Patrícia Morgan (Chile). Na maioria das vezes, não se ia além da leitura de poemas.

Quando referenciadas por outros conferencistas, o que predominava era o olhar machista, que lhe relegava o papel de amantes e esposas, ou pior, aludiam-se bases “científicas” para justificar a suposta incapacidade para o trabalho intelectual:

> Ora, se disséssemos “*A mulher e a filosofia”*, estaríamos ferindo assunto pouco agradável ás mulheres em geral. A mulher é sabidamente incompatível com a filosofia, com a ciência do rigor e da exatidão, assim definida por Edmund Hussel.
> (...).

---

[261] Idem. p,191.
[262] Cf. Sílvia PANTOJA. ROSALINA COELHO LISBOA LARRAGOITI. In: ABREU, Alzira Alves de *et al* (coords.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.
[263] Idem.
[264] Idem.

> E, ainda, para surpresa de muitos e para prova de que as mulheres, que já invadiram todas as províncias da inteligência e da vida, preparam, agora a invasão da filosofia, falaremos, brevemente, de algumas mulheres filósofas, filósofas, essas, sim, o sentido rigoroso da palavra.[265]

Na conferência de Júlio Barata destacada acima, Cláudio de Souza mostrou-se mais apaziguador, mas nem por isso menos misógino, ao posicionar os homens acima das mulheres, mas destacar que tal "posição" estava "ameaçada", assim como demarcou o ministro Barata:

> No século anterior, em que os homens consideravam as mulheres entes frívolos, ocupados, apenas das frioleiras do vestuário, do cultivo da beleza, ou se não eram bonitas dos consertos da fealdade, esse tema pareceria vazio de substância especulativa. Hoje, porém, se nós homens não tomarmos conta da posição, não tardará que a mulher, com muito mais tempo para o estudo e mais agilidade para a luta intelectual, nos ultrapasse e domine, o que talvez – anda tão desgovernado o mundo – seja pelo menos uma esperança de melhores tempos.[266]

A conferência, tal como concebida pelos seus idealizadores, objetivava enaltecer as mulheres, mostrar sua presença cada vez maior no meio intelectual, porém com suas falhas. Houve outros momentos em que o papel da mulher foi relegado a segundo plano. Na conferência de Leopold Stern, a respeito de Augusto Comte e Clotilde de Vaux, a resistência do intelectual frente à tentação da mulher foi o ponto destacado de sua obra, visto que a mulher deveria ser "símbolo da virgindade imaculada como a redenção do amor",[267] ideal em consonância com o pensamento católico dos membros do clube, assim como fez Cláudio de Souza em sua fala a respeito de Joana D'Arc, ao compará-la com a trindade católica e sua luta espiritual como única saída e exemplo.[268]

Osório Dutra propôs-se a discorrer sobre as "três musas de Baudelaire": Jeanne Duval, "a 'Vênus Negra' do poeta de *Flores do mal*; Madame Sabatier, "ou a 'presidenta'"; e Marie Brunaud "(de onde Daubrun por anagrama)", "sua Vênus

---

[265] Essas exceções seriam as filósofas: "Mary Calkins e Paulette Février (...). Para ufania ou para desencanto do sexo feminino, a filosofia é quase um contrabando na bagagem intelectual das mulheres". BARATA, Júlio. As mulheres e a filosofia. *Relatório.* Ano XVIII, n.22, p.17, mar. 1954.
[266] Idem. (Grifos nossos).
[267] *Relatório.* Ano. XIII, n.17, p.15, mar. 1949.
[268] *Relatório.* Ano XVI, n.20, p.17-19, mar. 1952.

Loura".[269] Dutra explorou a pretensa rivalidade entre elas, que disputavam o poeta. Na sua perspectiva, Jeanne era "um monstro", Sabatier era uma "amante" dos que passavam por sua casa, e Marie, a tentação final dos "pratos com molhos saborosos, as carnes grelhadas".[270]

As breves considerações indicam que, ainda que o PEN não estivesse vedado a mulheres, pelo contrário, contou com número até que expressivo delas durante o período em questão (quadro 7), a atuação por parte delas nas atividades promovidas, a exemplo das conferências, foi sim pouco significativa. Vistas como declamadoras e caracterizadas como intelectualmente inferiores, a agremiação estava, nesse aspecto, em harmonia com o pensamento dominante na sociedade brasileira de então.

**Quadro 7 – Sócias do PEN Clube do Brasil**

| Ano de afiliação | Nome - Nascimento e Morte[271] |
|---|---|
| **1936** | Hildeth Favilla Neuhausser<br>Maria Eugenia Celso (1886-1963)<br>Rosalina Coelho Lisboa Larragoiti (1900-1975) |
| **1937** | Anna Amélia Carneiro de Mendonça (1896-1971)<br>Francisca de Basto Cordeiro<br>Mercedes Dantas (?-1982) |
| **1938** | Ernesta Von Weber |
| **1939** | Ada Macaggi Bruno Lobo (1906-1947)<br>Heloisa Lentz de Almeida<br>Jenny Pimentel de Borba (1906 – 1984)<br>Nenê Macaggi (1913-2003) |
| **1943** | Corina Rebuá |
| **1944** | Povina Cavalcanti (1898-1974)<br>Stella Leonardos da Silva Lima (1923) |
| **1948** | Elorá Possólo (1905 - ?)<br>Lazinha Luis Carlos Caldas Brito<br>Maria Carvalhaes |
| **1949** | Beatrix dos Reis Carvalho |
| **1950** | Célia Goes Urrutigarey<br>Dinah Silveira de Queiroz (1911-1982)<br>Edith Mendes da Gama e Abreu (1903-1982)<br>Margarida Finkel<br>Maria Thereza de Andrade Cunha<br>Marita Vinelli Baptista<br>Mercedes Silveira |

[269] *Relatório.* Ano XVII, n.21, p.6, mar. 1953.
[270] Idem. p,8.
[271] Quando disponível.

| | |
|---|---|
| **1952** | Lisette Villar de Lucena Tácia (1909 - ?)<br>Mietta Santiago (1903-1995)<br>Maria Wanderley Menezes |
| **1954** | Dylma Cunha de Oliveira<br>Ilka Sanchez |

**Escritores, biografias e homenagens**

A constituição de um campo intelectual tem como elemento importante a definição dos antecessores e das relações que mantidas com um dado passado. Nas palavras de Sirinelli,

> (...) os processos de transmissão cultural são essenciais; um intelectual se define sempre por referência a uma herança, como legatário ou como filho pródigo: quer haja um fenômeno de intermediação ou, ao contrário, ocorra uma ruptura e uma tentação de fazer tábua rasa, o patrimônio dos mais velhos é, portanto, elemento de referência explícita ou implícita.[272]

Assim, a relação com o passado é crucial seja ele distante ou relativamente recente. Formado por escritores para escritores, é clara a importância da literatura e suas bases para os que frequentavam os salões do PEN.

Alinhando-se a outros grupos intelectuais, nacionais e internacionais, o PEN homenageou grandes nomes da literatura, com o intento de elencar um panteão a ser reverenciado, escolhas que demonstraram as preferências do clube e informam a respeito das referências dignas de serem cultuadas.

De saída, vale destacar os centenários comemorados nos salões do PEN. O primeiro deles, dedicado ao "Tricentenário da Areopagitica de John Milton", retomava em terras brasileiras evento realizado três meses antes pelo PEN londrino, contou com cinco conferências dedicadas ao tema. Segundo a publicação do clube internacional, *PEN News*, "*more than once referred to as the most important [conference] held in this country since the outbreak of war*".[273]

A partir de então, como explicou Cláudio de Souza numa apresentação, os membros do PEN reuniam-se para comemorar as "datas da cultura mundial",[274] caso dos centenários de Miguel de Cervantes (1547-1616), Tirso de Molina (1579-1648),

---

[272] SIRINELLI, Jean-François. *Op. cit.* p. 255.
[273] P.E.N. Areopagitica Conference. *PEN News*. n.136, p.6, dec. 1944.
[274] Centenário de Chateaubriand. *Relatório.* Ano. XIII, n.17, p.10, mar. 1949.

Erasmo de Rotterdam (1466-1536), François-René de Chateaubriand (1768-1848), Goethe (1749-1832), Auguste Strindberg (1849-1912), William Wordsworth (1770-1850) e Guerra Junqueiro (1850-1923), o que aponta para os esforços do clube de se manter alinhado aos ditames provenientes do exterior.

No que respeita aos centenários de brasileiros, registre-se o de Martins Penna (1815-1848); Ruy Barbosa (1849-1923); Joaquim Nabuco (1849-1910); Silvio Romero (1851-1914); Thereza Margarida da Silva Dorta (1711-1793) e José do Patrocínio (1854-1905), nomes de importância inquestionável para o nosso meio intelectual, além do bicentenário de publicação do, segundo o *Boletim* do PEN, "primeiro romance brasileiro" de Thereza Margarida da Silva Costa (1711-1793).

> Senhores. Neste ano corrente de 1952, cumprem centenários as duas obras seguintes de invulgar valor na história de nossas letras clássicas o que está passando quase em silêncio: *Reflexões sobre a vaidade dos homens, ou discursos morais sobre os efeitos da vaidade*, de Mathias Aires Ramos da Silva Eça, e *Aventuras de Diofanes*, de sua irmã Thereza Margarida da Silva Dorta, que adotou o pseudônimo-anagrama Dorothea Engrassía Tavares Dalmira e foi inelutavelmente a pioneira, a precursora do nosso romance. É seu livro o primeiro romance publicado de autor brasileiro.[275]

Fora os centenários, contam-se 21 escritores falecidos homenageados pelo PEN Clube do Brasil, sendo 8 deles brasileiros e 13 estrangeiros. Quantos aos intelectuais presentes, recepcionados no clube, 3 deles eram brasileiros (os embaixadores João Neves da Fontoura e Olegário Mariano; e Cláudio de Souza) e 8 estrangeiros (entre eles, Fidelino Figueiredo; o Ministro Zerega Fombona, da Venezuela; Georges Duhamel; André Maurois e Rita Halle Kleeman).[276]

Tais homenagens ainda contam com uma figura curiosa, um único personagem fictício, Don Juan, lenda que figura pela primeira vez na obra *El burlador de Sevilla y convidado de piedra,* do escritor espanhol Tirso de Molina (1579-1648) e que foi analisado por meio de sua vida amorosa pelo espanhol Hernandez Catá (1885-1940).[277]

Em meio a essas várias figuras, destaca-se a presença massiva de homenagens prestadas a membros do próprio PEN, sejam eles nacionais ou

---

[275] *Relatório.* Ano XVII, n.21, p.20, mar. 1953.
[276] Não destacamos as recepções feitas – e numeradas singularmente na nossa contagem - para os artistas da *Comedie Françoise,* em 1938, para a delegação do Uruguai junto do seu Chanceler e a despedida do Embaixador do Canadá, ambas em 1948.
[277] *Boletim*, Ano II, n.6, p.7, nov. 1938.

internacionais. Em conjunto de nomes de relevância no campo das letras, constituíram essas conferências em mais um ambiente para discutir o fazer literário dos escritores ali presentes e desses grandes nomes que os inspiravam a prestar tais homenagens.

Também destacou-se o ambiente do PEN como lugar de felicitações e confraternização, tanto que, em duas ocasiões, foram utilizadas as conferências como espaço para a saudação e premiação, como no caso do evento realizado em colaboração com a Cruz Vermelha Brasileira, em junho de 1950, para a entrega da Medalha Internacional Florence Nightingale à enfermeira Irene Cotegipe de Miranda,[278] e a saudação de escritores, membros do PEN, vitoriosos no prêmio concedido pela ABL em 1952.[279]

**Literatura, países e culturas**

Como não poderia deixar de ser, a literatura também se fez presente nas conferências do PEN Clube do Brasil, porém, sempre relacionada a alguém ou a algum lugar. Ao possibilitar aos membros do centro brasileiro o intercâmbio com outras partes do mundo, o PEN proporcionou a vinda de estrangeiros para cá, da mesma forma com que enviou nossos escritores para outros de seus centros. Dessa forma, somado aos escritores homenageados pelo conjunto de suas obras, entre relatos de viagem e depoimentos de vida, foi possível nos eventos do clube observar uma amostra dessa internacionalização baseada na literatura e cultura.

> O prestígio de que goza em mais de 50 países a Associação Mundial de Escritores PEN Clube Internacional faculta a seu centro brasileiro a primazia na apresentação dos grandes mestres das letras que visitam o Brasil, pois todos ou quase todos são membros da vitoriosa instituição. Assim tem sido com Stefan Zweig, com Duhamel, com Ludwig, com Jules Romains, com Américo de Castro, e ultimamente com André Chamson, presidente e André Rousseaux membro proeminente do P.E.N. Clube de França. A presença desses e de outros grandes vultos literários na tribuna do auditório da sua sede própria (...), assim como a de não menores vultos das letras brasileiras, explica a qualidade e a quantidade excepcional de sua assistência, ainda mesmo em tardes como a do último sábado,

[278] *Relatório.* Ano XIV, n.18, p.10, mar. 1950.
[279] *Relatório.* Ano XVII, n.21, p.10, mar. 1953.

> quando à mesma hora desabava sobre a cidade violento temporal, com dificuldade de condução.[280]

O comentário a respeito do exótico é o nosso destaque inicial para as conferências aqui destacadas e que configura bem as conferências desse tipo, não somente no PEN. Com o intuito de informas e entreter os leitores, retratar lugares e situações incomuns para o público alvo, não raro, tais conferências mesclavam o fazer literário e o jornalístico.

Em 1943, a escritora Maria da Glória Rangel de Almeida Portugal, esposa "de nosso conselheiro de embaixada Almeida Portugal",[281] falou da Guatemala, país no qual seu marido serviu:

> D. Maria da Glória, que dispõe de dotes notáveis de observação, apanhou com fino sentimento fatos e traços pitorescos daquela formosa nação e daquele bondoso povo. (...). As plantas e as flores de Guatemala, os usos e costumes de suas 47 tribos nativas, o misticismo popular, as lindas festas tradicionais e muitos outros aspectos foram apresentados em estilo leve e bem colorido.[282]

Na sequência, dois anos após a fala da escritora, foi a vez do ex-Cônsul do Brasil em Hong-Kong e Xangai, Nelson Tabajara (1904-1979), explorar suas "impressões do Oriente". Assim como fez Maria da Glória e como mandava o protocolo, "referiu-se às atrações de Changai, considerada pelos orientais como Paris do Oriente. Citou casos curiosos (...). Divertiu o auditório com umas anedotas curiosas (...)".[283]

Por fim, temos a apresentação do dramaturgo e poeta hebreu, Nathan Bristritzky que, apesar de também apresentar novidades para seu público, o fez em tom mais sério.

> O conferencista fez uma rápida excursão pela cultura hebraica para reforçar sua asserção, dizendo que as três demonstrações do gênio de Israel são: a religião, o monismo e o messianismo. Recordou que do seio de Israel saíram as três religiões mais importantes da humanidade.[284]

---

[280] *Relatório.* Ano XVII, n.21, p.15, mar. 1953.
[281] *Relatório.* Ano VIII, n.12, p.3, mar. 1944.
[282] Idem.
[283] *Relatório.* Ano X, n.14, p.3, mar. 1946.
[284] *Relatório*. Ano XI, n.15, p.4, jan. 1947.

Afora esses países e suas culturas pouco conhecidas pela maiorias dos brasileiros, os grandes centros europeus obtiveram mais espaço, como Paris, e a França como um todo, que contou com um total de 4 das 15 conferências aqui relacionadas (Alfredo Agache, "O espírito francês", 1941; Leopold Stern, "*Paris d'hier et de demain"*, 1944; Luiz Aníbal Falcão, "Um cotidiano brasileiro publicado em Paris", 1950; e André Chamson, que falou a respeito da sua vida na França, em 1952).

A cidade do Rio sempre foi um polo importante para os autores estrangeiros e viajantes brasileiros que buscavam espaço nos ambientes culturais de destaque no país, uma fonte privilegiada de intelectuais dispostos a contar suas experiências de vida para o público. Os exemplos dessas visitas à sede do PEN naquela cidade são vários. O Diretor da Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa, o inglês Francis Toye (1883-1964), falou a respeito da "A influência latina na literatura inglesa", uma análise panorâmica dos meios literários de seu país e como seus intelectuais se relacionavam com as línguas latinas, em 1942. Somadas a Inglaterra e França, teve o PEN exposições a respeito do Chile, apresentado no recital da poetisa Patrícia Morgan (?-1978) e na fala de seu Embaixador Mariano Fontecila, em 1941; da Espanha, feita pelo Professor, historiador e crítico literário, Américo Castro, "Lições sobre letras espanholas", 1946; e a Argentina, homenageada pelo escritor espanhol, Álvaro de Las Casas, em 1949.

Além dos escritores nativos dos países os quais expuseram, há também as conferências de dois embaixadores brasileiros e suas esposas,[285] que passaram pelo clube e que, por função, dedicavam seu trabalho ao estudo do país em que atuavam. Como apresentado anteriormente, o primeiro Embaixador a expor nas tribunas do PEN foi Nelson Tabajara ao falar das suas "impressões do Oriente", em 1945 e, anos mais tarde, em 1949, foi a vez de Sebastião Sampaio (1884-1963) dedicar sua fala ao México.

Tais exposições, muitas vezes noticiadas como que realizadas de certo improviso, com palavras que vinham a mente do conferencista, ou questões que surgiam da plateia, representavam, assim como a música, poesia e teatro, uma espécie de lazer intelectual no qual o tom pessoal e informal é que gerava o apreço do público por seu expositor.

---

[285] A esposa em questão é Maria da Glória Rangel de Almeida Portugal, que falou a respeito da Guatemala.

> O orador conquistou desde o início de sua palestra o interesse e a simpatia da assistência, pois começou a expor, sem afetação, de modo que parecesse familiar e íntimo, sem artifícios literários, (...).[286]

> O conferencista começou dizendo que não pediria desculpa por falar de improviso, numa conferência sobre o México, (...). Normalmente, cumpria-lhe estudar antes o assunto e trazer o seu discurso escrito. Tratava-se, porém, do México, e de alguém que lá viveu quase quatro anos, vendo, observando a beleza da terra, e sentindo a alma encantadora daquele povo"[287]

Cabe assinalar, por fim, a única conferência que fugiu à "regra", proferida pelo então presidente do Instituto Nacional de Ciência Política, Pedro Vergara, que falou a respeito do seu Estado natal, o Rio Grande do Sul, única região do Brasil abordada em tais tertúlias durante o período estudado.

**Psicologia e Filosofia**

Com o desenrolar dos conflitos e das crises internas e externas, de certa forma reacende no meio intelectual a necessidade de reflexão a respeito da moral e da construção psicológica do ser humano, principalmente do escritor, visto que seu trabalho é justamente o trato com as questões morais e éticas, suas e de seu público. No total contam-se 17 conferências a esse respeito, com temas que passaram de "felicidade", "riso", "amor" e "ciúme", às "fatalidades mórbidas do gênio literário", o "existencialismo" e o "pensamento moderno".

Quanto à felicidade, presente nesse primeiro grupo marcado por assuntos relativos à moral e à condição humana, destaca-se o antagonismo das falas de Leopold Stern e André Maurois. Em 1942, Stern fez sua conferência a respeito do tema, esforçando-se por não deixar transparecer seu pessimismo. Exilado de guerra, era esperado que tal assunto fosse para ele algo que beirava o inexistente. "E assim prosseguiu até quase o termo, quando, ainda sem dizer que a felicidade talvez não passe de uma palavra, (...)".[288]

As dores dos exilados de guerra, que viam a Europa consumida por chamas, refletiam-se nas palavras daqueles que de lá vinham Anos depois, já em 1950, o

---

[286] *Relatório.* Ano X, n.14, p.3, mar. 1946.
[287] Conferência do embaixador Sebastião Sampaio. *Relatório.* Ano XIV, n.18, p.19, mar. 1950.
[288] *Relatório*. Ano VII, n.11, p.6, abr. 1943.

escritor francês André Maurois apresentou no salão do PEN a mesma questão, “O conceito de felicidade”, mas agora com o foco na esperança, ou seja, na direção oposta à de Stern:

> Pretendo mostrar-vos que a felicidade não depende do tempo e de circunstâncias exteriores, mas, apenas, de nós mesmos. Esta afirmação parece temerária a alguns de vós que estareis pensando que há causas – como por exemplo, o acidente funesto, a doença, a guerra, o exílio, a rivalidade, as agressões de antipatias gratuitas, os golpes de fortuna – que não dependem de nós. [289]

E terminou sua fala com uma “receita de felicidade”, que pode ser resumida na “ação”, em todos os seus sentidos, da atitude até o exercício físico, como que a própria vontade fosse suficiente para atingir a felicidade. Para Maurois, apesar de ter conhecido o sofrimento da guerra e entender pelo que passaram diversos outros escritores, respirava-se agora no continente europeu os ares da paz.

Com a chegada da paz após as aflições da guerra, as conferências não se furtaram a tratar do assunto filosófico do momento: o existencialismo de Jean-Paul Sartre (1905-1980), com o seu *Existentialism is a Humanism* (1946). Para os intelectuais católicos, reunidos no PEN, a obra do filósofo francês apresentava-se como uma afronta. O Ministro Júlio Barata expressou o descontentamento do grupo frente às novas ideias em circulação. Ele valeu-se de palavras duras para descrever Sartre e destacou que o francês compunha o grupo dos “quatro cavaleiros do apocalipse existencialista”, a saber: Kierkegaard, Nietzsche, Heidegger e Sartre.[290]

Para defender posição contrária, o também francês, Gabriel Marcel (1889-1973), tido como o primeiro existencialista católico, definição com a qual não concordava, conforme expressou em conferência no PEN em 1951, meses após a exposição de Júlio Barata. Descreveu a si próprio não como o criador do existencialismo católico, “mas de uma compreensão cristã da filosofia da existência”.[291]

---

[289] Clipping – PEN 1950/1951/1952, Acervo do PEN Clube do Brasil, s/p.
[290] A exemplo das palavras duras do conferencista a respeito de Sartre, há uma frase utilizada na mesma conferência por Barata na qual resume suas ideias frente ao filósofo francês: “Sartre é o gozador, que acoberta com a lógica seus desmandos, e cobre de joias literárias a nudez de suas aberrações”. *Relatório.* Ano XVI, n.20, p.12, mar. 1952.
[291] Idem.

Para completar a trilogia de conferências a respeito do existencialismo, Barata apareceu mais uma vez, agora em 1952, para tratar da obra de Martin Heidegger. Na ocasião, como já apontado em sua primeira conferência, fez questão de salientar os problemas que decorrem da teoria do filósofo e definiu como “delirante” a ligação feita por Jean Beaufret entre Heidegger e Platão.[292]

Dessa forma, é possível perceber, mesmo que de passagem, a variedade de temas e pessoas que transitaram pelos espaços do PEN desde sua fundação até os anos iniciais da década de 1950. Assim foi que, com suas propostas para os escritores brasileiros, o PEN Clube do Brasil efetivou seu caráter mais distintivo dentre as associações intelectuais brasileira, sua internacionalidade. Apesar de todas as iniciativas terem sido implementadas em território nacional, tanto na rádio, produção e divulgação de livros, conferências literárias e o destacado Projeto de Assistência aos Escritores, todos tiveram sua parcela de ação em contexto internacional, seja na divulgação e ajuda na concepção e realização, seja com a efetiva participação de intelectuais estrangeiros, como no caso das conferências.

Com isso, a conclusão que se tem até aqui é a de que o PEN do Brasil, sob a presidência de Cláudio de Souza, foi uma instituição proativa no cenário intelectual do país. Seguindo uma corrente de ação e projetos ofertados que podem ser verificadas em outros grupos intelectuais do mesmo período, conseguiu o clube dar suas próprias características a elas, especificidades que vinham das personagens que compunham aquele grupo. Cabe na sequência, conferir o que dessa significativa produção foi destinada para os assuntos que circulavam o globo naquele momento.

---

[292] *Relatório.* Ano XVII, n.21, p.9, mar. 1953.

# Capítulo 3 - O P.E.N. Clube do Brasil e o contexto internacional

O PEN Clube do Brasil destacou-se no cenário brasileiro das décadas de 1930 a 1950 como um clube internacional desde a sua origem. Vinculado a uma sede internacional, graças à qual era possível estabelecer intercâmbios de ideias e de pessoas, isso num contexto de graves e acirrados conflitos ideológicos que marcaram o período imediatamente anterior à Segunda Guerra Mundial.

A relação do PEN Clube do Brasil com a guerra abarca diversas facetas, muitas delas conflitantes. Pela análise feita até aqui, é patente a aversão da instituição pelos assuntos políticos e seus efeitos práticos no dia-a-dia do clube. Entretanto, foi justamente esta postura que deu início às batalhas internas e externas dos escritores brasileiros filiados ao PEN, que tinham diante de si assuntos espinhosos a enfrentar.

## 3.1 O PEN e a Segunda Guerra Mundial

Foi citado anteriormente que o escritor H. G. Wells, quando eleito presidente do PEN Internacional, havia radicalizado a posição do clube e que seu sucessor, Jules Romains, tentou voltar ao discurso predominante sob a presidência de John Galsworthy. Porém, o início da II Guerra Mundial e a força do evento no mundo intelectual trouxe mudanças nessa ordem de pensamentos, explicitada nas palavras de Romains no Congresso de 1939:

> Por termos sido até agora moderados e prudentes, não abdicamos do direito de mudar de atitude. Temos feito esforços incríveis e quase paradoxais para não nos vermos envolvidos numa batalha de ideologias. Não queríamos, também, pronunciar-nos sobre o governo interno de qualquer país, até mesmo quando nos era impossível deixar de ver o perigo mortal para o espírito e para a consciência e para o futuro da civilização. Contivemo-nos tanto quanto pudemos.[293]

Iniciava-se assim a jornada do PEN em meio a um dos maiores conflitos armados da história da humanidade, e o primeiro golpe sofrido diretamente pela associação deu-se já naquele ano, com o cancelamento do seu Congresso, programado para ocorrer em Estocolmo, na Suécia.[294]

---

[293] *Boletim,* Ano III, n.7, p.6, ago. 1939.
[294] Congresso do P. E. N. *Boletim,* Ano IV, n.8, p.4, jan. 1940.

Como descreveu o secretário Hermon Ould, os membros do PEN estavam acostumados com conflitos e a contenção dos problemas, mas a crise gerada por um embate de larga escala estava longe de ter sido prevista:

> *The Hitler war had not been the first to attack us: we had already suffered from the war in China and the war in Spain, and long before September, 1939, we had to cope with such evils as suppressions, persecutions, book-burning, and other symptoms of the disease which reached its climax in the Second World War*.[295]

De fato, a primeira vítima do clube foi justamente o centro alemão, seguido dos centros da Bulgária, Iugoslávia, Romênia, Grécia, Letônia e Lituânia, que silenciaram-se permanentemente conforme o conflito avançava, assim, a cada dia, mais e mais países juntavam-se ao grupo dos que perdiam sua representação e deixavam a sede e os demais centros não apenas sem informações mas na incerteza sobre sua existência.

Fora da Europa a situação não era diferente. Na Ásia, o centro japonês também fora silenciado, na China as informações que conseguiam chegar ao velho continente eram escassas e restava a Índia, o único ponto de contato constante com os centros daquele continente, muito graças ao fato de o país pertencer ao Império Britânico. Na América, apesar de os centros estarem relativamente seguros em relação a uma possível invasão e/ou fechamento forçado pelo governo de seus países, a comunicação com a sede europeia tornava-se cada vez mais difícil frente à destruição de navios e aviões de transporte que rumavam para ou vinham da Europa. Os centros localizados nos Estados Unidos possuíam certa vantagem nesse panorama, muito devido à força militar do país, e conseguiram manter laços sólidos com a sede inglesa, tanto que Nova York despontou como um ponto de referência em relação ao auxílio aos escritores europeus.

Porém, ao sul do continente, essas dificuldades faziam-se sentir com maior intensidade, o que causava certo alívio quando a sede conseguia receber alguma contato, como quando no caso do secretário Ould, que informou aos leitores ingleses ter notícias sobre os centros no México, Peru, Venezuela, Colômbia, Bolívia e Chile, que ainda apresentavam "*a sign of life*, when newspaper cuttings come our

---

[295] International Secretary's Report: June, 1946. *PEN News*. n.144, p.14-18, jul. 1946.

way",'[296] e animava-se ao dizer que um novo centro em Cuba havia sido estabelecido.[297] Apesar dessa profusão de centros no continente, havia preocupação com a continuidade e o intercâmbio entre eles, que só ocorria de maneira regular com os centros argentino e brasileiro.

Não era para menos, pois o centro brasileiro do PEN, em seus primeiros anos de vida, estava em pleno crescimento, todavia, alguns dos problemas causados pelo avanço nazista e o início da guerra, mesmo que em menor escala, fizeram-se presentes no dia a dia do clube, o que levou-o a se posicionar e denunciar os ataques das potências totalitárias à cultura e à liberdade de expressão, questão que foi tratada em 1937 no terceiro *Boletim*:

> Essas potências na sua maioria são acumulações de ódios seculares, de heranças irreconciliáveis, de prevenções e preconceitos, que longamente soterrados e recalcados, o tufão da grande guerra, revolvendo a terra toda, expôs novamente ao sol suas paixões à humanidade do sangue derramado e das lágrimas sobre ele vertidas. Dessa sementeira apenas surgirão flores de sangue e labaredas de incêndio.[298]

Durante toda a guerra, a única atuação possível para o PEN brasileiro ocorria no âmbito das denúncias e notas de repúdio. Em 1938, durante o Congresso dos PEN Clubes em Praga, o alvo das suas críticas foram as perseguições raciais que, segundo eles, "os adeptos da cruz gamada pretendiam implantar em nosso país".[299]

Esse conjunto de ações, mesmo que em consonância com as orientações que vinham da sede e de seu presidente, Jules Romains, foram suficientes para que o centro brasileiro ganhasse certa relevância em meio aos outros países representados no PEN e, com isso, também fosse ouvido nos debates da organização. Exemplo disso deu-se quando Cláudio de Souza, em resposta à correspondência enviada por Jules Romains aos centros do PEN difundindo ideais aceitos no Congresso realizado no ano anterior, questionou a atitude do presidente e

---

[296] Idem. p.17.
[297] O Centro Cubano do PEN foi fundado com o auxílio do centro brasileiro, como anotado no boletim de 1942: "- Estreitamos nossas relações com os escritores cubanos e lhes fornecemos o material para a criação de um centro do P.E.N. em Havana. A Academia Nacional de Havana distinguiu nosso presidente Cláudio de Souza, elegendo-o unanimemente seu sócio correspondente", contudo, as informações a esse respeito são escassas no acervo da associação. *Relatório*, Ano VI, n.10, p.6, jan. 1942.
[298] *Boletim*, Ano II, n.3, p.1, abr. 1937.
[299] *Boletim*, Ano II, n.6, p.7, nov. 1938.

apontou o quão tênue era a linha que demarcava a autoproclamada natureza apolítica do clube.

O documento enviado por Romains que motivou o comentário defendia a ação irrestrita dos membros do PEN com vistas a acabar com a guerra. O pedido estava em consonância com a carta de princípios do clube, porém o que causou desconforto foi o tom belicoso utilizado pelo presidente, que clamava por atuação conjunta com os Estados:

> *Les PEN, n'étant pas des associations politiques, ne peuvent, de par leurs Statuts, prendre part, directement ou indirectement, à n'importe quelle manifestation politique ou hors de ses buts exclusivement littéraires, et il semblerait à première vue que votre appel outrepasse l'orbite que nous nous sommes tracés comme base fondamentale de notre action. Cependant, une motion, approuvée par un de nos Congrès mondiaux, celui de Bruxelles, a déterminé que les PEN doivent travailler à la concorde entre les nations, sans préventions politiques ou raciales. Cette résolution, excluant la politique, a voulu, toutefois, renforcer ce devoir, que la propre culture impose à tous les hommes de pensée.*
> *Le dessein d'écarter la politique, sans, toutefois, écarter les devoirs de solidarité humaine dans la défense de ses droits essentiels, a aussi inspiré le congrès de cette année-ci, à New York, qui, dans une résolution unanime, a déclaré: "Nous travaillerons, par tous les moyens à notre portée, à l'union pacifique des peuples et afin d'arrêter la marche de la violence et de l'agression. Pour y parvenir, chacun de nous, membres des PEN, mondiaux, étouffera ses préférences doctrinaires ou politiques et se bornera à aider le gouvernement de son pays à défendre la paire et la civilisation.*[300]

Esse tom de alarme e urgência, digno de alguém que vivia os horrores do conflito armado, também não foi bem recebido entre os escritores brasileiros. Após afirmar, no *Boletim* em que figura esse debate, que “O P.E.N. não surgiu da guerra ou para a guerra: nasceu como flor espiritual de ternura no coração de uma mulher

---

[300] “Os PEN, não sendo associações políticas, não podem, por seus estatutos, participar, direta ou indiretamente, de qualquer manifestação política ou de seus fins exclusivamente literários, e parece à primeira vista que seu chamado vai além da órbita que traçamos como base fundamental de nossa ação. No entanto, uma moção aprovada por um dos nossos Congressos Mundiais, o de Bruxelas, determinou que os PEN devem trabalhar por um acordo entre as nações, sem preconceito político ou racial. Essa resolução, excluindo a política, queria, no entanto, reforçar esse dever, que a própria cultura impõe a todos os homens de pensamento. A intenção de descartar a política, sem, no entanto, descartar os deveres da solidariedade humana na defesa de seus direitos essenciais, também inspirou o Congresso deste ano em Nova York, que, em uma resolução unânime, declarou: "Vamos trabalhar, por todos os meios ao nosso alcance, para a união pacífica do povo e para parar a marcha da violência e agressão. Para conseguir isso, cada um de nós, membros do PEN, mundo, sufocará suas preferências doutrinárias ou políticas e se limitará a ajudar o governo de seu país a defender a paridade e a civilização”. *Boletim,* Ano IV, n.8, p.2, jan. 1940.

ao fim das calamidades da Grande Guerra, para reconciliar vencedores e vencidos num hino reconfortante de paz",[301] prosseguia:

> *Les écrivains et les journalistes brésiliens membres du PEN Club se réjouissent de pouvoir donner leur adhésion à ces principes, en parfait harmonie avec le génie de leur peuple - qui a toujours défendu la paix, - et avec le gouvernement actuel de leur pays, qui vient de signer avec les autres nations de l'Amérique, à la Conférence de Panamá, "la condamnation unanime de la guerre comme moyen de résoudre les conflits internationaux".*
> *Dans ces limites, le PEN Club du Brésil sera toujours aux côtés de ceux qui se battent contre la guerre, surtout lá guerre de conquête, et des peuples qui, ayant épuisé tous les moyens d'éviter la guerre, soient contraints d'y prendre part pour la défense de la civilisation, de la justice et du droit.*[302]

A recriminação recebeu resposta quase imediata de Romains, que agradeceu a atitude do centro brasileiro, mas assegurou que não mudaria sua postura frente às observações apresentadas: "*Cette manifestation, généreuse et courageuse, me montra une fois de plus que je peux m'appuyer en toute confiance sur l'élite intellectuelle brasilienne dans la lutte pour les idées qui nous sont chères*".[303] O que se deseja evidenciar com o exemplo é a presença do PEN Clube do Brasil no cenário e nos debates internacionais.

A partir de 1942, com a entrada do Brasil no conflito ao lado dos Aliados, o cenário nacional modificou-se radicalmente e as declarações de apoio a este lado e de repúdio aos países nazifascistas ampliaram-se. Deixava-se de lado o receio de criticar abertamente os regimes totalitários, e isso apesar de se viver sob um governo que compartilhava alguns dos ideais defendidos pelos regimes de força.

Na esteira desses acontecimentos, o PEN do Brasil ergueu novamente sua voz e arvorou-se em pioneiro na luta contra o nazi-fascismo, que afirmavam haver denunciado desde 1937. O centro brasileiro lembrava que, após o início do conflito,

---

[301] Idem. p.1.

[302] Os escritores e jornalistas brasileiros que são membros do PEN Club têm o prazer de poder dar seu apoio a esses princípios, em perfeita harmonia com o gênio de seu povo - que sempre defendeu a paz - e com o atual governo de seu país, que vem assinar com as outras nações da América, na Conferência do Panamá, "a condenação unânime da guerra como meio de resolver conflitos internacionais. Dentro destes limites, o Clube do PEN do Brasil estará sempre ao lado daqueles que lutam contra a guerra, especialmente a guerra de conquista, e povos que, tendo esgotado todos os meios para evitar a guerra, são forçados a tomar parte para a defesa da civilização, justiça e lei". Idem.

[303] "Esta manifestação, generosa e corajosa, me mostrou mais uma vez que posso confiar na elite intelectual brasileira na luta pelas ideias que nos são caras". Idem.

"...fomos, quiçá, a única sociedade literária do país que a respeito disso se pronunciou publicamente".[304]

Tratava-se de fazer crer que o PEN já havia escolhido o lado dos Aliados desde antes do conflito, atitude que se amparava nos ideais de luta pela cultura e contra qualquer inimigo que a atacasse. A posição proclamada pelo clube dirigido por Cláudio de Souza era a de alguém que observava o contexto vigente nos países do Eixo e, valendo-se de capacidades premonitórias, antevia o desenrolar dos fatos e já se postava contra esses inimigos.

Apesar desse discurso triunfante a respeito da batalha entre a cultura e seus algozes, o PEN adequava sua posição segundo os novos ventos. Afinal a agremiação, sempre conservadora e cordial, aproximou-se de Vargas e mudou de postura apenas nos anos finais de seu governo, como se observa nos *Boletins* e nas conferências patrocinadas pelo clube. O que interessava, nesse momento inicial da entrada do Brasil na guerra e quando não havia indícios de enfraquecimento do Estado Novo, era centrar forças no conflito externo:

> Antes, porém, de lhe passar a palavra, aproveito este momento para reexprimir às nações aliadas nossa solidariedade e nossa inabalável confiança na vitória da cultura contra as forças do mal, para que possa a terra ser de novo habitada por um homem livre, consciente de seus direitos e segura de sua liberdade e do evangelho de sua fé.[305]

Declarações como essas somavam-se ao apoio do PEN à campanha militar do Brasil na Segunda Guerra Mundial, que se deu principalmente por meio de cartas e mensagens de apoio aos combatentes.[306] Havia membros do clube entre os envolvidos no conflito, a exemplo do Comandante da Marinha, Gerson de Macedo Soares.[307]

> E nós, os escritores, que com maior ou menor vulto representamos um dos capítulos do pensamento nacional, orgulhosos de vosso valor, de vossa intrepidez e da altura de vossos sacrifícios, vimos trazê-los as expressões de nosso reconhecimento e da gratidão de nosso povo.

---

[304] Idem. p.1.
[305] A influência latina na literatura inglesa. *Relatório,* Ano VII, n.11, p.5, abr. 1943.
[306] Afora as mensagens aqui destacadas, o P.E.N. Clube do Brasil enviou diversas outras, sempre no mesmo tom de incentivo e apoio, toda publicadas nos *Boletins* da agremiação durante, principalmente, o ano de 1943, vide a recém entrada do país na Guerra.
[307] Um sócio do P.E.N. Clube chefe de um Estado Maior. *Relatório.* Ano VIII, n.12, p.7, mar. 1944.

> Soldados do Brasil, e, ao mesmo tempo soldados da América e soldados do Mundo, batendo-vos pela rendição incondicional dos Inimigos da Justiça e do Direito, tereis na vitória um halo de sub-deuses do heroísmo na redenção da trindade de princípios de liberdade, de igualdade e de fraternidade, culminaram o homem nas regiões serenas e indispensáveis da cultura moral.[308]

Em resposta à mensagem, o Comandante Soares pontuou a importância de tais palavras para a moral de seus soldados, uma vez que o seu trabalho e de diversos outros marinheiros transcorria "silenciosamente", sem grandes alardes, "eis por que razão a minha alegria foi intensa ao receber o telegrama de meus caros consócios do P.E.N. Clube".[309]

Outra ação do PEN brasileiro, que seguia, nesse sentido, o exemplo do Internacional, foi a mobilização em prol da obtenção de apoio material e moral aos familiares de militares em guerra ou já mortos em campanha. O centro também ofereceu uma coleção de livros para angaria fundos para a comissão criada pela poetisa Beatrix Reynal, que tinha por objetivo auxiliar crianças francesas vítimas da guerra, além da doação de uma quantia em dinheiro para "O Natal das Famílias dos Expedicionários Brasileiros".[310]

A criação de fundos de auxílio espalhou-se por entre as nações Aliadas, com o Brasil integrando esse esforço. Mais uma vez, cabe apontar que os vários PEN mobilizaram-se, sendo o de Nova Iorque um dos mais ativos em relação à ajuda humanitária. Foram criadas diversas comissões com tal finalidade, a exemplo da "comissão para auxílio material e moral aos escritores que acabam de ser libertados da escravidão nazista"[311] e a "*P.E.N. International Relief Fund"*, destinada a enviar dinheiro, roupa e alimentos aos escritores necessitados,[312] atividades que se somavam ao acolhimento de diversos desses escritores que buscavam abrigo em países fora da Europa.

---

[308] Mensagem de escritores brasileiros às forças armadas. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro. Ano.69, n.177, p.4, 31 jul. 1943.
[309] *Relatório.* Ano VIII, n.12, p.8, mar. 1944.
[310] Pelas crianças vítimas da guerra. *Relatório.* Ano IX, n.13, p.11, mar. 1945.
[311] *Relatório.* Ano X, n.14, p.12, mar. 1946.
[312] Assistência Internacional do P.E.N. *Relatório.* Ano. XIII, n.17, p.23, mar. 1949.

### 3.1.1 Escritores exilados

Cabe destacar que um dos efeitos práticos da guerra e que atingiu a federação dos PEN de forma direta foi a questão dos intelectuais exilados, que tomou grandes proporções no período.

Após o fechamento do centro alemão, vários outros seguiram o mesmo caminho, a exemplo dos centros da Catalunha, Áustria, Tchecoslováquia, Polônia, *"and after that one by one the European centres were forced to cease functioning, as their countries were overrun by invading armies or cohorts of the secret police*". A última grande perda deu-se com a ocupação da França, cujo centro somente foi reaberto em 1944, com a liberação de Paris.

Observa-se, a partir de então, diversos esforços do clube para abrigar membros exilados e ajudar aqueles que não conseguiram fugir de seus países. O PEN da Inglaterra, país que não sofreu com ocupação direta de seu território por tropas estrangeiras, testemunhou naqueles anos a criação de oito centros de escritores exilados, eram eles: o centro polonês (57 membros); o austríaco (90 membros); o alemão (42 membros); o húngaro (32 membros); o tcheco, catalão, norueguês e belga, esses últimos menores e menos ativos, segundo o relatório de Ould. Destaque-se que essa solidariedade internacional estava de acordo com o programa do PEN. Mesmo que o ideal do clube parecesse cada vez mais utópico frente à realidade concreta, é digno de nota que escritores de países inimigos participassem de atividades nos centros ingleses, americanos e franceses, assim como os escritores desses países foram convidados a participar de eventos em território inimigo, dando continuidade e força ao programa do clube.

Quanto ao Brasil, país neutro até o início de 1942, coube ao PEN local receber alguns dos escritores que por aqui passavam em busca de asilo, como foi o caso do escritor austríaco, Stefan Zweig, do romeno, Leopold Stern e do francês Alfred Agache.[313]

Todos acabaram alugando/adquirindo residência na cidade de Petrópolis, no estado do Rio de Janeiro, a exemplo de Cláudio de Souza e das elites cariocas, o que propiciou convivência mais estreita. Mesmo que fossem autores com trajetórias

---

[313] Além desses escritores que vieram para o Brasil vinculados ao PEN Clube do Brasil, muitos estiveram aqui na mesma situação de exilados, como foi o caso de, entre outros, Paulo Rónai, Otto Maria Carpeaux e Zbigniew Ziembinsky.

muito diversas, não restam dúvidas sobre as marcas trazidas pela experiência do exílio.

No livro que comemora os oitenta anos do clube, Cláudio Aguiar, atual presidente do centro brasileiro, mesmo que sem o rigor historiográfico, apresenta informações relevantes sobre o contato do escritor judeu Stefan Zweig com outros membros do PEN, o que ocorreu, pela primeira vez, durante a sua passagem pelo Rio de Janeiro, oportunidade em que estava a caminho do Congresso dos PEN em Buenos Aires.[314] Segundo Aguiar, Zweig ocupou lugar de destaque:

> Em primeiro lugar, porque Stefan Zweig, (...), filiou-se ao quadro social do Centro Brasileiro. Depois, o escritor austríaco, valendo-se de sua condição de judeu, militou aberta e corajosamente em favor da liberdade de pensamento e da democracia nos mais diferentes países, defendendo, assim, os pilares fundamentais da associação mundial de escritores filiados aos Centros PEN. Finalmente, porque, ele, forçado pelas circunstâncias adversas daquele momento histórico, radicou-se com ânimo definitivo no Brasil, chegando, em 1942, ao desespero existencial que o levou ao suicídio juntamente com a mulher.[315]

De mudança definitiva para o Brasil em novembro de 1941 – antes disso o escritor havia buscado exílio na Inglaterra, Estado Unidos, Portugal e França – expressou a difícil situação dos que fugiam da guerra ao responder o convite feito por Cláudio de Souza para participar do jantar natalino do centro brasileiro:

> Em relação ao jantar do PEN Clube, digo-vos, com franqueza, que me é impossível, numa época em que todos os meus camaradas e compatriotas sofrem tão terrivelmente na Europa, assistir a qualquer coisa que se passe num quadro alegre e luxuoso; é um caso de consciência. Sinto-me feliz de ter o privilégio de poder viver e trabalhar neste país, que tem a dupla bênção da beleza e da paz. Mas quero evitar – diante de mim mesmo – tudo o que tenha um caráter de alegria, de gozo, de prazer: sem ter perdido nenhum parente, estou de *luto*.[316]

Em sua última carta, assinalava:

> Depois que eu vi o país de minha própria língua soçobrar e minha pátria espiritual – a Europa – destruindo-se a si própria, e quando alcanço 60 anos de idade, seriam necessários esforços imensos para

[314] PEN Clube do Brasil (Org.). *Op. cit.* 2016, p.31-44
[315] Idem. p.31.
[316] Dezembro de 1941. Idem. p.40. (grifo de Zweig).

> reconstruir minha vida, e minha energia está esgotada pelos longos anos de peregrinação como um sem pátria.[317]

Zweig, alquebrado pela situação em que se encontrava, acabou se suicidando, fato que marcou a situação dos exilados tanto no Brasil quanto em outras partes do mundo. Todavia, chama atenção que tal questão não tenha sido tematizada pelo centro brasileiro em suas conferências, cabendo notar que, no âmbito internacional, o assunto esteve em pauta apenas brevemente no Congresso Internacional realizado em Nova Iorque em 1939, portanto ainda no início do conflito e sem que se pudesse avaliar a dimensão que o problema tomaria. De fato, as declarações feitas naquele evento foram marcadas por tons otimistas: "O temporal passará. O direito reflorescerá. Então, essas terras serão proclamadas benditas e beneméritas. E de seus campos surgirá a nutrição da nova renascença".[318]

Aumentava, assim, a empatia dos escritores brasileiros em face dos sofrimentos causados pela guerra e evidenciava-se, agora mais do que nunca, a necessidade de discutir os problemas psicológicos e materiais que atingiam outra escala. O que poderiam os escritores esperar do mundo ao final do conflito? A resposta parecia cada dia mais cercada de prognósticos pessimistas, o que tornava urgente debater e posicionar-se, ainda mais para aqueles que assumiam a responsabilidade de indicar caminhos por meio da cultura, papel que a intelectualidade brasileira sempre se dispôs a desempenhar.

## 3.2 As conferências acerca da paz e o pós-Guerra

Com o passar dos anos e o fim do conflito desenhando-se no horizonte, cabia aos intelectuais refletirem sobre os rumos da sociedade após a conquista da tão sonhada paz. Lembremos que o PEN surgiu em meio a essas mesmas discussões, após o conflito de 1914, e que as guerras constituíam-se em ameaça para o seu projeto:

> A quimera reside em que somos poucos. Que é, de fato, menos de um milheiro de escritores espalhados pelo mundo nos quarenta e tantos centros do PEN Clube, diante dos bilhões dessa praga

[317] Stefan Zweig, Petrópolis, 22 de fev. de 1942. Idem. p.42.
[318] *Boletim,* Ano III, n.7, p.6, ago. 1939.

> armada de gafanhotos que caiu, esfomeada e sanguissedenta nos campos da civilização? (...).
> Não somos, porém, um exército, somos apenas os porta-bandeiras da consciência escravizada de todos os homens que estão sendo arrastados pela força ao sacrifício inglório da chacina. (...).[319]

Para tanto, o PEN Clube do Brasil organizou, em meio às suas atividades sociais do ano de 1943, uma série de conferências denominadas *Conferências do P.E.N. Clube sobre a paz*, ideia também levada a cabo em outros países,[320] e que aqui foi dirigida pelo escritor Hermes de Lima (1902-1978). A pauta girava em torno do "estudo dos problemas morais que se vão apresentar após a terminação desta guerra".[321]

Como acontecia com a maioria dos eventos do PEN antes da fundação de sua sede própria em 1945, as conferências foram realizados no salão nobre da Academia Brasileira de Letras, durante as quartas-feiras do mês de setembro daquele ano, e noticiadas no Jornal *do Commercio.* As conferências tinham em vista apresentar ao público "vistas nacionais, ou pessoais, que se modificam dum país a outro".[322] O Quadro 7 apresenta a lista completa, cabendo destacar que essas atividades não foram noticiadas no *Boletim*, ausência no mínimo intrigante.

**Quadro 7 – Programa das *Conferências do P.E.N. Clube sobre a paz*.** 323

| Data | Conferencista | Título da conferência |
|---|---|---|
| **01/09/1943** | Hermes de Lima<br>Afonso A. de Mello Franco<br>Arthur Ramos | *- Palavras de Abertura*<br>*- O pensamento político e a reconstrução do mundo democrático.*<br>*- A questão racial e o mundo democrático* |
| **08/09/1943** | Pedro Calmon<br>Prado Kelly | *- Contribuição da América à organização da paz*<br>*- O direito internacional e a paz no mundo democrático* |
| **15/09/1943** | Elmano Cardim<br>Antônio Carneiro Leão | *- Liberdade de pensamento e de imprensa no mundo democrático*<br>*- Educação para o mundo democrático* |

[319] Sessão dedicada ao PEN do Chile. *Relatório*, Ano VI, n.10, p.12, jan. 1942.
[320] Anunciava-se assim no *Relatório* de número 12 do PEN: "Na América do Norte e na Inglaterra tem-se formado muitas associações exclusivamente para esse trabalho. Pusemo-nos em correspondência com elas. E cumpre-nos aqui agradecer à *Commission to Study The Organization of Peace* de Nova York os relatórios e profusos dados que nos enviou a respeito de seus importantes trabalhos". *Relatório.* Ano VIII, n.12, p.3, mar. 1944.
[321] Idem.
[322] *Relatório.* Ano VIII, n.12, p.3, mar. 1944.
[323] Idem.

| | | |
|---|---|---|
| **22/09/1943** | Eugênio Gudin | *- Imperialismo e nacionalismo econômico e suas consequências na organização democrática do mundo* |
| **29/09/1943** | Roquette Pinto | *- Contribuição da ciência à reconstrução do mundo democrático* |
| | Themístocles Cavalcanti | *- Administração pública e funcionamento dos serviços públicos no mundo democrático* |
| | Cláudio de Souza | *- Palavras de encerramento* |

A análise dos títulos já evidencia o ponto central da questão: a democracia. Ao terminar sua exposição naquela que foi a primeira conferência do ciclo programado, afirmou Afonso Arinos:

> Intelectuais democráticos do Brasil proclamemos nossa convicção de que só com a liberdade do pensamento político se poderá reconstruir na terra uma democracia que seja a expressão verdadeira dos interesses do homem: Paz, justiça racial, liberdade e dignidade.[324]

Em seguida, para finalizar as atividades daquele primeiro dia de conferências, ocupou a tribuna o antropólogo Arthur Ramos (1903-1949), destacado por seu trabalho a respeito dos negros e a identidade brasileira, assunto para o qual fora chamado. Sem sair da temática, abordou a dominação racial e o ideal de superioridade do arianismo enquanto problema central dos conflitos enfrentados pela humanidade.

> A antropologia moderna entende que a paz não poderá ser no futuro menos instável do que foi no passado, se aquela vangloriosa e usurpadora concepção das que se denominam raças superiores não se harmonizar com a dignidade humana das outras. Para isto há que substituir o domínio pela cooperação, a escravidão pela colaboração, os racismos, os arianismos e os nacionalismos exclusivistas pelo humanitarismo.[325]

---

[324] Conferências do P.E.N. Clube sobre a paz. *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, n. 284, p.5, 03 de set. 1943.
[325] Idem.

No segundo evento, Pedro Calmon "apresentou, então o esquema de desenvolvimento do americanismo, como quadro particular de Direito Progressivo, para o qual contribui o Brasil com um século de política retilínea",[326] frente aos fracassos dos tratados de paz resultantes das guerras anteriores. Calmon inspirou-se na Doutrina Monroe[327] como exemplo de ordem e citou como "primoroso resumo" daquilo que pretendera abordar, a Carta do Atlântico, documento proposto para o mundo do pós-Guerra e assinado, em agosto de 1941, pelo primeiro-ministro britânico Winston Churchill e pelo presidente dos Estados Unidos, Franklin Roosevelt, que previa, em oito pontos, "um porvir mais auspicioso para o mundo".[328]

Prado Kelly, ao suceder a Pedro Calmon, apresentou ao público "uma oração fundamentada do ponto de vista jurídico sobre o Direito Internacional e sua evolução". Para tal, declarou que impunha-se "o refreamento das vocações imperialistas e usurpadoras" e que cabia aos responsáveis um olhar atento às medidas tomadas "para não se repetir o descrédito da Liga das Nações, por haver incorporado a seu pacto o tratado de Versalhes": [329]

> Aponta as causas e os fundamentos da crítica antidemocrática no mundo europeu para tentar definir com documentos contemporâneos a cogitação finalística da guerra, ponderando que a mira principal das operações intelectuais se desdobra em dois votos: a defesa universal da democracia e a organização societária dos Estados concordando assim com a conclusão do orador que o precedera, isto é, para a boa solução dos problemas da paz, a América, num só bloco solidário e fraternal, oferece o exemplo.[330]

Elmano Cardim somou-se ao coro ao afirmar que

> Todo regime restritivo do direito de expressão do pensamento se distancia das fórmulas democráticas e se integra no absolutismo. Não é possível conciliar um regime ditatorial, um sistema totalitário, uma organização personalista com a liberdade de crítica inerente à comunicação dos pensamentos e à difusão das ideias. Só os

---

[326] Conferências do P.E.N. Clube sobre a paz. *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, n. 290, p.5, 10 de set. 1943.
[327] Doutrina anunciada pelo presidente americano James Monroe, em 1823, que ficou conhecida pela frase "América para os americanos" que resumia o ideal de manter o continente americano alheio às intervenções internacionais e vice-versa.
[328] Carta do Atlântico – 1941. Disponível em: http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Documentos-Internacionais-da-Sociedade-das-Na%C3%A7%C3%B5es-1919-a-1945/carta-do-atlantico-1941.html Acesso em: 15 de maio de 2018.
[329] Conferências do P.E.N. Clube sobre a paz. *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, n. 290, p.5, 10 de set. 1943.
[330] Idem.

> regimes democráticos admitem hoje a permeabilização do pensamento humano em todas as suas manifestações.[331]

Antônio Carneiro Leão tratou da educação que, na sua perspectiva, deveria concentrar-se no engrandecimento do indivíduo e na política de bem-estar social, não sem apresentar a ressalva, no mínimo curiosa, que prescrevia cuidados de forma a evitar que essa prática anulasse a personalidade e comprometesse o próprio grupo, "pelo empobrecimento de seus membros".[332]

O quarto dia de conferências, reservado para o economista Eugênio Gudin (1886-1986), contou com menor espaço no *Jornal do Commercio*, porém, pelas informações disponíveis, percebe-se que o conferencista não tratou diretamente da democracia, mas concentrou-se nos problemas a serem enfrentados por uma "futura Liga das Nações",[333] frente ao despreparo de diversas nações pobres e aos avanços imperialistas observados desde o início do século XX.

Já na sessão de encerramento, o assunto democracia não somente voltou à pauta como foi tratado por Roquette Pinto. Já de saída, ele asseverou que era necessário o posicionamento claro dos intelectuais. Para o criador da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, o ideal democrático passava pela ciência, tema que tratou na sua conferência:

> Arte, ciência, técnica, indústria, linguagem, capital, religião, família, todas as construções fundamentais do desenvolvimento social da espécie hão de concorrer para a elevação das massas populares, esclarecendo-as e dirigindo-as no sentido do trabalho honesto e da paz. Mas a ciência há de ser a base da construção democrática.[334]

Fica óbvio, a partir dos temas escolhidos, que se objetivava não apenas a paz, mas um mundo no qual a democracia fosse a forma dominante de governo. Porém, pode-se perguntar se não havia também uma nota dirigida ao governo brasileiro. Até aquele momento, todas as críticas e denúncias veiculadas pelo clube foram direcionadas às questões de política externa. O governo federal, instância sempre prezada pelo PEN Clube do Brasil, agora encontrava-se em situação cada

---

[331] Conferências do P.E.N. Clube sobre a paz. *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, n. 296, p.5, 17 de set. 1943.
[332] Idem.
[333] Conferências do P.E.N. Clube sobre a paz. *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, n. 302, p.4, 24 de set. 1943.
[334] Conferências do P.E.N. Clube sobre a paz. *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, n. 001, p.5, 01 de out. 1943.

vez mais difícil e passou a ser alvo de críticas, mais ou menos diretas tanto por parte de alguns de seus membros quanto de seus convidados.

O que é mais instigante é o fato de o escolhido para fechar os trabalhos ter sido o Procurador da República, Themístocles Cavalcanti, cuja palestra parecia ser a mais esperada, tendo em vista a afluência de autoridades, ainda que estas pertencessem ao judiciário, poder que muito se enfraquecera sob o Estado Novo:

> Sob a presidência de Cláudio de Souza, que tinha ao seu lado o representante do Sr. Ministro Oswaldo Aranha, 1° secretário Dr. Ruy Pinheiro Guimarães, e os demais diretores, o Ministro Goulart de Oliveira, do Supremo Tribunal Federal, o Presidente do Tribunal de Contas, Dr. Rubem Rosa, o Ministro Ataulpho de Paiva, único sócio honorário; o acadêmico Roquette Pinto, o Dr. Themístocles Cavalcanti, Procurador da República, o representante do Comandante Amaral Peixoto, Interventor Federal no Estado do Rio; e o Dr. Carlos Kieli, Presidente do Centro Paulista. Nos lugares de honra sentaram-se os representantes das seguintes comissões do Ministério das Relações Exteriores, Dr. Manuel Teffé, da comissão do cerimonial; Cônsul Nelson Tabajara, da Divisão de Política e Diplomacia; Cônsul José Gomide Júnior da Divisão de Economia e Comércio; Dr. Luiz Dodsworth, pela Sociedade Brasileira de Economia Política; Dr. Pedro Calmon, Diretor da Faculdade de Direito da Universidade do Brasil; o Ministro João Felipe; Dr. Luiz Galotti, Procurador da República; Ministro Júlio de Faria, do Tribunal de Apelação de São Paulo; R. de Azevedo, representando a Federação das Academias de Letras e muitos representantes de outras associações.[335]

Cavalcanti discorreu a respeito do que deveria ser a organização do Estado em moldes “verdadeiramente democráticos”. A participação do povo, central na sua análise, traria os avanços necessários para aquele momento e contaria com a execução de suas vontades por parte do executivo e seus órgãos administrativos.

> “O pensamento político democrático deve basear-se na proteção dos direitos individuais para integrar o Estado e a Administração e os serviços públicos na democracia”. Quanto a estes últimos, sendo o regime democrático um regime “do povo pelo povo e para o povo” (...). O Estado democrático deve afastar a opressão e a predominância de grupos. A sua finalidade e o equilíbrio jurídico em todos os setores, social, político e econômico. Mas para isso é preciso encontrar as formas assecuratórias dos direitos, já tantas vezes consagrados nas Constituições e Conferências Internacionais”. Concluiu por indicar quais as bases que na concepção social e no estado humano individual e coletivo que se seguirá a esta tremenda

[335] Idem.

> catástrofe bélica, poderão dar à paz a forma duradoura que é o ideal dos espíritos democráticos.[336]

Por meio dessa e de outras afirmações, mesmo que não divulgada ou publicada em sua totalidade nos jornais, fica evidente que o convidado estava na contramão da ordem estabelecida. Pelo menos os presentes pareciam concordar que o ideal de governo se relacionava com a pluralidade de pensamentos e de grupos na disputa pelo poder e tinha na sua base a vontade popular. Esse conjunto de conferências configura o único momento em que, sob a presidência de Cláudio de Souza, o PEN Clube promoveu um evento contra o que imperava no governo Vargas.

Ainda que se observe posicionamento contrário ao Estado Novo nos eventos promovidos pelo PEN nesse momento, isso não significa o abandono do conservadorismo. Por certo pesou a maré contrária aos governos autoritários, que começavam a perder força à medida que a guerra avançava.

É verdade que tais eventos não foram registrados no boletim da associação, menos pela falta ou crise de papel e mais pelo fato de se tratar de uma atividade com claras conotações políticas, na contramão dos ideais professados pelo PEN local. Contudo, a presença de autoridades é um indicio de que a postura da associação não se alterou de forma radical.

### 3.3 A “ameaça comunista”

Com o final do conflito mundial e os acordos de paz assinados, restava ao PEN Clube do Brasil voltar seus esforços e a sua atenção, ou apreensão, para um inimigo de longa data: o comunismo, “perigo” esse que, na perspectiva dos seus integrantes, crescia com força no Brasil desde a chamada “Intentona Comunista” (1935), ocorrida um ano antes da fundação do PEN.

A historiografia tem mostrado o quanto os grupos ligados ao catolicismo, ao nacionalismo e ao liberalismo lutaram contra a ameaça vermelha.[337] No caso do PEN brasileiro, parece que seus argumentos filiavam-se sobretudo aos provenientes do campo religioso. Como bem destacou Motta, o anticomunismo ganhou diversos tons e reuniu um espectro ideológico amplo:

---

[336] Idem.
[337] MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Op.cit.* 2000.

> A representação do comunismo como inimigo absoluto não derivava apenas do medo que conquistasse as classes trabalhadoras. A questão central, na ótica dos responsáveis católicos, no que não estavam desprovidos de razão, é que a nova doutrina questionava os fundamentos básicos das instituições religiosas. O comunismo não se restringiria a um programa de revolução social e econômica. Ele se constituía numa filosofia, num sistema de crenças que concorria com a religião em termos de fornecer uma explicação para o mundo e uma escala de valores, ou seja, uma moral. A filosofia comunista se opunha aos postulados básicos do catolicismo: negava a existência de Deus e professava o materialismo ateu; propunha a luta de classes violenta em oposição ao amor e à caridade cristãs; pretendia substituir a moral cristã e destruir a instituição da família; defendia a igualdade absoluta contra as noções de hierarquia e ordem, embasadas em Deus. No limite, o sucesso da pregação comunista implicaria no desaparecimento da Igreja, que seria um dos objetivos dos líderes revolucionários.[338]

O viés católico dos membros do PEN brasileiro apresentasse de forma mais clara quando se analisa os discursos pronunciados por seus membros nos eventos oficiais. Veja-se o exemplo do discurso de Cláudio de Souza na homenagem a Winston Churchill por ocasião de seu aniversário. O político inglês, segundo Souza, provava que Deus,

> Na sua imensidade infinita, e incompreensível para nosso entendimento, Ele se multiparte em fragmentos sem conta, como nos deu simbolicamente a ver na multiplicação dos pães e dos peixes, e a todos nós dá a nutrição espiritual de uma partícula desse pão, de uma hóstia de sua própria substância (...).[339]

O escritor não se deteve apenas no elogio ao comandante inglês e, de forma maniqueísta, opôs a Inglaterra e o seu “salvador” a Hitler,

> um gênio demoníaco, como do Anticristo, que a Bíblia preanunciou, irrompe contra todos aqueles princípios sagrados de cultura e de humanidade. Queima todos os livros daquela, calca aos pés todos os evangelhos desta. Exila ou mata os sacerdotes da Fé e os evangelistas do pensamento. Transforma a Alemanha num fogo de ódio contra as nações, (...).[340]

---

[338] Idem. p.38.
[339] Churchill. *Relatório,* Ano VII, n.11, p.4, abr. 1943.
[340] Idem.

Exemplos dessa natureza são comuns em discursos dos demais sócios do PEN e o uso recorrente de palavras como “família”, “fraternidade”, “moral”, sugere que o catolicismo era uma presença fundamental a guiar o clube.

Destaca-se, mais uma vez, a questão feminina na visão dos integrantes do clube e o papel da mulher numa sociedade ameaçada pelo comunismo. No *Boletim* do PEN, em 1953, insistia-se no papel destrutivo daquela ideologia para a moral:

> Por que a mulher – que deve ser amiga do lar e de suas tradições, adere ao comunismo? Por três motivos, que assim se expuseram: Há as exibicionistas, principalmente moças, que o fazem para chamar a atenção. Antipáticas e intelectualmente ridículas. Há as que o fazem por desejo de sujeição. A mulher trás o hábito plurissecular da sujeição. Vai-se libertando dele, com suas conquistas emancipadoras. No fundo, porém, fica aquele complexo. Gosta do homem forte, dominador: - a escravidão comunista da força e da imposição satisfaz-lhe o desejo de servidão. Há um terceiro motivo: o egoísmo. Muitas criaturas entram para os conventos para fugir da luta da existência. Ali nada tem que pensar: basta rezar. E como rezar é satisfazer sua fé, o convento torna-se a realização de um ideal místico absorvente. No comunismo dá-se, também, a abolição da personalidade. O partido é que resolve”.[341]

Esta luta não era um dado peculiar do clube brasileiro. Em 1937, Jules Romains, presidente do PEN internacional, deixava claro que o comunismo apresentava-se não somente como uma ameaça política, mas se constituía num inimigo que atentava contra os ideais da moral e da família.[342] E foi além ao evidenciar, de maneira clara, o compromisso do clube e de seus membros com o catolicismo, aliado na luta frente aos comunistas:

> *De même est-il besoin d'être catholique, et cognant, pour comprendre qu'une brusque ruine de l'Eglise catholique, en ce moment, serait un très grand malheur, supprimerait encore entre les peuples, malgré les gouvernements; et que le jour où il n'y aurait plus à Rome un pasteur désarmé pour le régime des troupeaux parqués*

---

[341] *Relatório.* Ano XVII, n.21, p.24, mar. 1953.

[342] Novamente cabe o destaque a obra e os exemplos dados pelo historiador Rodrigo Patto Sá Motta: “Exemplo: num dos livros anticomunistas publicados à época Vicente Rao, futuro Ministro da Justiça, se dedica a analisar os fundamentos da legislação soviética relativa à organização familiar. Após constatar que a propaganda comunista vinha fazendo progressos no Brasil, “entre patrícios menos avisados”, o autor resolveu fazer um livro para mostrar a realidade social soviética, que teria na destruição sistemática da instituição familiar uma característica essencial”. MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Op. cit.* 2000. p.28.

> *entre des fils barbelés, autour desquels trottent des chiens de garde*.[343]

Em texto publicado em 1947 no *Boletim* do centro brasileiro, destacava-se que o nazismo e o fascismo, ameaças recém vencidas, não eram "menos opressores do que o comunismo" e que "o perigo adensa-se numa tempestade ainda mais violenta. (...). As correntes vermelhas que nos ameaçam tiram sua força da sua agremiação fanática".[344]

No mesmo ano, ao receber e homenagear os Deputados eleitos para o primeiro governo democrático depois do fim do Estado Novo, Cláudio de Souza novamente expôs, agora diante de parte dos parlamentares brasileiros, sua preocupação frente ao avanço do "extremismo internacional" e a sedução de parte daquela geração àqueles ideais:

> Outra parta dessa geração filia-se ao extremismo internacional, fogo destruidor ativado pela guerra, que o sangue derramado para extinguir parece ter aumentado como a água pouca no incêndio imenso.
> Essa consciência arrasadora nega tudo: Deus, a tradição e a própria pátria. Só há pátria para lhe dar alimento e meios, instrução e força que lhe permita em caso de guerra, apunhala-la pelas costas, abrindo-lhe as portas ao inimigo.

Tal declaração vinha ao encontro das ações do governo que, em janeiro do ano seguinte, cancelou o registro do Partido Comunista do Brasil, perseguido desde o deferimento de seu registro, entre outros motivos pelo seu internacionalismo. O clima interno não pode ser apartado do cenário internacional, como mostra Dulce Pandolfi:

> No primeiro ano do governo Dutra, por conta de uma conjuntura internacional favorável à cooperação entre países capitalistas e socialistas, a atuação dos comunistas, apesar das restrições, foi tolerada. Prova disso é que, em janeiro de 1947, quando se realizaram eleições para governadores, deputados estaduais, prefeitos e vereadores, o PCB obteve boa votação, chegando a formar, com a eleição de 18 vereadores, a maior bancada da Câmara Municipal do Distrito Federal. Mas as mudanças ocorridas a partir de

---

[343] "Da mesma forma, é necessário ser católico, e cruel, para entender que uma súbita ruína da Igreja Católica, neste momento, seria uma infelicidade muito grande, ainda suprimiria entre povos, apesar dos governos; e aquele dia em que não haveria mais em Roma um pastor desarmado para o regime de rebanhos escrito entre arame farpado, ao redor do qual cães de guarda trotam". O P. E. N. e o catolicismo – *Boletim.* Ano III, n.6, p.2, nov. 1938.
[344] *Relatório*. Ano XI, n.15, p.1, jan. 1947.

> então no cenário internacional logo se fariam sentir. No início de 1947, a aliança entre os Estados Unidos e a União Soviética começou a ser desfeita. Era o início da chamada Guerra Fria. Segundo o presidente americano Harry Truman, as potências mundiais da época estavam divididas em dois sistemas nitidamente contraditórios: o capitalista e o comunista. E a política externa americana voltou-se para o combate ao comunismo.[345]

A posição do PEN brasileiro foi expressa no Congresso de Zurich, realizado em junho de 1947, oportunidade em que o nosso centro submeteu para avaliação cinco resoluções a serem votadas e, se aprovadas, adotadas pela organização. Tais resoluções versavam sobre a oposição dos escritores frente a regimes ditatoriais/totalitários; a impossibilidade de filiação dos membros de qualquer centro do PEN a esses governos; a necessidade de denúncia e repúdio por parte do clube a tais práticas e, em especial, a quarta e quinta resolução que elucidavam o entendimento do centro brasileiro frente aos assuntos apresentados:

> *4. Le P.E.N. Club considère non démocratique les régimes politiques et les gouvernements qui ne permettent pas aux citoyens spécialement aux journalistes et aux écrivains, le libre accès aux sources d'information avec la conséquente liberté de divulgation et de transmission des nouvelles, excepté seulement quand il s'agit de matière de nature technico-militaire manifestement liée à la sécurité nationale ou internationale et qui soit alors considérée comme un secret d'État.*
> *5. Ne sont pas également démocratiques les régimes politiques ou les gouvernements fondés sur un parti ou une classe unique, aussi bien que ceux dont les institutions ne permettent pas ou ne rendent pas possible l'existence ou la formation de pluralité de partis politiques.* [346]

Essas resoluções estavam em concordância com as conferências pela paz realizadas pelo do PEN em 1943. Agora, num discurso do próprio centro brasileiro – e não por meio de seus convidados – os escritores definiam o que era, para eles, a

---

[345] PANDOLFI, Dulce. *A cassação do Partido Comunista no cenário da Guerra Fria*. Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/artigos/DoisGovernos/CassacaoPC Acesso em: 29 de maio de 2018.

[346] "4 - O PEN Clube considera não democrático os regimes políticos e os governos que não permitem aos cidadãos, especialmente aos jornalistas e escritores, o livre acesso às fontes de informação com a consequência e liberdade de divulgação e transmissão de notícias, excetuando somente quando se trata de natureza técnico-militar que manifestam ligação com a segurança nacional ou internacional e que sejam considerados segredo de Estado. 5- Não são igualmente democráticos os regimes políticos ou governos fundados sob um partido ou uma classe única, bem como aqueles em que as instituições não permitem a existência de pluralidade de partidos". Resolutions and propositions for the 19th International Congress, Zurich 2-6th June, 1947: Faustino Nascimento (BRAZILIAN CENTRE). *P.E.N. News*. n.149, p.5, abr. 1947.

democracia e delimitavam claramente quem respondia ou não aos critérios propostos.

Os membros do PEN começavam a tomar posição, mesmo que no *Boletim* o tema ainda não fosse dominante, muito provavelmente pelas vigência da democracia no país e a legalidade do Partido Comunista que, como se viu, não duraria por longo tempo.

Dois anos depois, em 1949, o PEN alertava os seus sócios para que tomassem cuidado com o que consideravam falsos congressos pela paz:

> O P.E.N. Clube Internacional convidado para tomar parte no Congresso Cultural pela Paz enviou como delegado seu secretário geral Hermon Ould. Compareceram outros escritores ingleses e americanos. Disseram os despachos da United Press, vindos de Wroclaw o seguinte: "O escritor brasileiro Jorge Amado, ex-deputado comunista, transformou em arena política o Congresso, e acusou o governo de seu país de estar submetendo o Brasil à pressão dos Estados Unidos (...)".
> (...).
> Segundo outros despachos de L. Allen do A. P. para a imprensa do Rio, corrente comunista constituiu a maioria do Congresso, que estabeleceu um "Comité Internacional de Defesa da Paz", para funcionar em Paris, e do qual farão parte dois sul-americanos: o escritor Jorge Amado, ex-deputado comunista e o escritor chileno Pablo Neruda, também comunista.
> Os delegados britânicos e norte-americanos declararam que o congresso não era da paz, mas de ódio e de guerra, e foi lhes retirado o ingresso.
> Ilaqueado em sua boa-fé Julien Huxley, da ONU, aceitara a presidência desse congresso, o que ele declarou no protesto que publicou ao regressar da Polônia, (...): "Pensei que o Congresso se consagraria em plano não governamental, como a Unesco (...). Assim não aconteceu, infelizmente".[347]

O congresso em questão foi o *World Congress of Intellectuals in Defense of Peace,* realizado na *Wroclaw University of Technology*, Polônia, em agosto de 1948, portanto, promovido por intelectuais comunistas soviéticos, visto o controle da URSS sobre o território polonês na época. O Congresso contou então com 600 delegados, dentre eles figuras ilustres como Pablo Picasso, György Lukács e o brasileiro Jorge

[347] *Relatório.* Ano. XIII, n.17, p.17, mar. 1949.

Amado, que representavam 46 países, configurando, assim, um evento de grandes proporções.[348]

Anos depois, em 1950, a calmaria mantida no Boletim do PEN cessou, quando publicou-se um dos únicos, senão o único, artigo impresso em caixa alta e em tom alarmista. "*TOLLE, LEGE!".* Além de trazer tradução para o inglês, o que demonstra uma possível intenção de difusão do texto para interlocutores internacionais, já que havia distribuição do *Boletim* para os outros centros da agremiação:

*TOLLE, LEGE!*

> Iniciamos este nosso 15° ano de vida com a decepção de verificar quão pouco eficiente foi nos últimos doze meses a ação das grandes potências na defesa da liberdade e dos direitos humanos contra a invasão cada vez mais audaciosa das hordas da força aniquiladora desses princípios.
> Em janeiro do ano passado a Rússia bolchevista dominava, direta ou indiretamente, dez nações, que enumeramos em nosso Boletim: mais uma está hoje sob seu jugo: a China. Conta com um contingente dez vezes maior que o da Alemanha, ao iniciar a guerra mundial. Da China prepara-se para se apoderar da Indochina, onde já estabeleceu um governo comunista. Firmada neste ponto terá o caminho aberto para o Sião, a Malásia, a Birmânia. Grandes potências democráticas, entretanto, tem reconhecido os novos estados comunistas, e a Rússia, apesar de sua notória interferência nesse movimento contra a democracia, continua a fazer parte da Organização das Nações Unidas (O.N.U.), com direito de veto, enquanto se arma e se municia a seu bel prazer, e continua a enviar agentes de sedição e espiões bem providos a outros países. [349]

O PEN postava-se, portanto, contra a política internacional em voga, à exemplo da Associação Brasileira de Imprensa, que fizera pronunciamento semelhante.[350] A alusão à ONU não era aleatória, pois, além da organização ser herdeira dos objetivos de paz da Liga das Nações, possuía agência para assuntos relativos às ciências e à educação, a UNESCO, que mantinha forte vínculo com o PEN internacional, auxílio mútuo este estabelecido desde1948.[351] O centro brasileiro

---

[348] *WORLD CONGRESS OF INTELLECTUALS IN DEFENSE OF PEACE*. Disponível em: https://ipfs.io/ipfs/QmXoypizjW3WknFiJnKLwHCnL72vedxjQkDDP1mXWo6uco/wiki/World_Congress_of_Intellectuals_in_Defense_of_Peace.html. Acesso em: 01 de jun. 2018.

[349] *Relatório.* Ano XIV, n.18, p.1-2, mar. 1950.

[350] "A Associação Brasileira de Imprensa, entretanto, sem a força e o poder daquele bloco de potências, não hesitou em enviar uma mensagem de solidariedade a seus confrades oprimidos, dos quais alguns estão reduzidos à miséria". Idem. p.1.

[351] A questão a respeito do PEN e a UNESCO é um assunto bastante controverso durante seus primeiros anos. Apresentada na publicação inglesa *PEN News*, as negociações começaram a partir do congresso do PEN em Estocolmo, 1946, quando o escritor polonês Antoni Slonimski propôs a

clamava por ação contra a ameaça comunista que, a exemplo da guerra recém finda, assombrava os escritores de todo o mundo em sua liberdade e autonomia:

> O principal causador da situação que acabamos de esboçar é o comodismo egoísta ou o conformismo timorato, quando não o interesse comercial. As nações poderosas, exaustas e receosas de nova guerra, em vez de reagirem contra os assaltantes do maior bem humano, condescendem com fórmulas turvas e nefastas e subterfúgios calvos, deixando-os operar à vontade. O que está hoje faltando é a coragem do ideal, a inteligência da fé, a abnegação do sacrifício.
> (...).
> Dessa fé nasceu nossa associação, surgindo do coração de uma mulher para propugnar pela paz depois do morticínio da guerra de 1914. Essa fé difundiu-se por 63 centros em 47 países. E continuou sempre vigorosa e inflexível, sem que nem mesmo a segunda grande guerra, que derrubou tudo quanto se lhe opunha, tenha podido destruí-la ou enfraquecê-la, ou impedir seus congressos anuais de escritores de todas as raças.
> (...).
> *Tolle, lege,* toma, lê as torturas, os martírios que sofrem tantos escritores inocentes levados ao suicídio ou ao patíbulo nos últimos tempos; *tolle, lege,* toma, lê as perseguições que continuam a sofrer muitos de nossos irmãos, e que continuarão a seviciar, a vexar e algemar o pensamento livre.
> *Tolle, lege* e vem para nossas fileiras, escritor imprevidente, se não por ti, ao menos por teus irmãos algemados!
>
> *A diretoria*.[352]

Interessa notar que, segundo as palavras dos membros brasileiros do clube, o PEN como um todo estava em luta contra os avanços comunistas, configurando, assim, uma ação coletiva, mesmo que se continuasse a professar os contornos apolíticos de sempre. É verdade que, na conjuntura anterior à guerra, o PEN internacional não excluiu completamente a União Soviética, como atesta o jantar, oferecido em dia 02 de março de 1937, em honra do centenário de morte do escritor russo Alexander Puchkin (1799-1837), e que teria Alexei Tolstoy (escritor soviético, eleito naquele mesmo ano como o Supremo Soviete da União Soviética, mais alto órgão legislativo da União; 1883-1945) no posto de convidado de honra, mas que não pôde comparecer por motivos de saúde.[353]

---

ideia. Após anos de conversas a situação se consolidou em 1948, pois o interesse da agência da ONU recaía sobre a infraestrutura mundial, disponível no PEN. Brief report of the proceedings of the 19th Congress of the International PEN Club, Zurich 2nd-6th June,1947. *PEN News*. n.150, p.5, jul. 1947.

[352] *Relatório.* Ano XIV, n.18, p.1-2, mar. 1950.

[353] Pushkin Centenary. *P.E.N. News*. n.87, p.3, mar. 1937.

Porém, após o evento, que contou com longa exposição a respeito da vida literária e cultural na URSS, feita pelo embaixador russo em Londres, M. Maisky, o presidente do PEN, H. G. Wells, teve de vir a público se retratar, pois o evento havia sido tomado como uma virada à esquerda ou uma aproximação com os ideais soviéticos e com outro clube inglês de grande importância na época e que se propunha a divulgar a literatura comunista, o *Left Book Club*.[354] Como forma de posicionar-se frente à questão, concluiu Wells:

> *In this matter I know I speak in the spirit of my predecessor, John Galsworthy, as well as on my own behalf. The P.E.N. Club has to remain catholic, open to every shade of opinion – or I for one have no use for it whatever. And so I ask my colleagues on the Committee of the Club to confirm my repudiation of this apparent leftward slant.*[355]

O tema só voltaria a ser tratado pelo clube internacional anos mais tarde, já com o fim da guerra[356] e de forma velada, em comentários relativos às diversas conferências que abordavam o clima literário na Europa frente à influência soviética. A instituição internacional tentava aproximar-se de todos os países ao seu alcance, o que por certo não incluía os do leste europeu.

Essa diferença entre o centro brasileiro do PEN e a agremiação internacional, representa, por fim, a contradição dos nossos intelectuais diante da bandeira apolítica levantada pelo clube, bandeira essa ativamente defendida pelos brasileiros durante o período de guerra, mas que agora entrava em conflito com os interesses do momento.

Os Estados Unidos pouca atenção dispensou à América Latina nos primeiros momentos da Guerra Fria, situação que somente se alterou depois da Revolução Cubana, na década de 1960. De outra parte, a Europa se apresentava como um dos campos de luta, assim como os países asiáticos e africanos que iam adquirindo a sua independência. De maneira geral, a posição do clube brasileiro estava em sintonia com as dos demais clubes do mundo ocidental, tanto que não houve nenhuma nota de repúdio ou coisa parecida aos consócios brasileiros, fosse por parte da sede ou de qualquer outro afiliado. Assim, essa constitui-se na última

---

[354] Sobre o clube, há o trabalho que vem sendo desenvolvido por Matheus Cardoso da Silva: *O Left book club e seus associados*: circulação transnacional das ideias socialistas em rede atlântica (1935-1948). Pesquisa de pós-doutorado em andamento.
[355] Idem. p.5.
[356] Brief Report of the Proceedings of the 18th Congress of the International PEN Club, Stockholm, 2nd June 1946. *P.E.N. News. n*.144, p.5, jul. 1946.

atuação do PEN Clube do Brasil no que dizia respeito aos assuntos externos durante a presidência de Cláudio de Souza, que acabava por dar o tom religioso dos posicionamentos assumidos pelo “seu” clube.

**O fim de uma Era**

Com a morte de Cláudio de Souza em 28 de junho de 1954, logo seguida pela de sua esposa, Luiza Leite de Souza, houve uma mudança significativa na atuação do PEN Clube do Brasil no cenário intelectual, com notória perda de protagonismo. Entretanto, tal alteração não pode ser creditada apenas ao falecimento de Souza, antes deve ser remetida às transformações de ordem mais profunda que já estavam em curso em função da centralidade progressivamente assumida pela universidade. Não apenas o PEN, mas o IHGB e a ABL deixaram de ser os nucleadores do pensamento nacional, o que já se anunciava em meados dos anos 1950.

A visão de que, após o falecimento do presidente perpétuo, o PEN estagnou e chegou, em alguns momentos, a cogitar o encerramento de suas atividades, resulta, em grande parte, da perspectiva dos contemporâneos. Ainda sob o impacto do desaparecimento de Souza, a escritora Dinah Silveira de Queiroz (1911-1982), afirmou: “Cláudio de Souza foi um escritor que muito fez pela sua classe. Tenho mesmo as minhas dúvidas se haverá sobrevivência para o P.E.N. Clube do Brasil (...). Penso no P.E.N. Club, que sobrevive a Cláudio de Souza, nessa instituição marcada agora por um destino incerto”.[357] .

Também seus membros atuais, como apontou o presidente, Cláudio Aguiar, reafirmam as dificuldades pelas quais passou o clube com a partida de seu fundador:

> Sua generosa e exemplar atitude, infelizmente, jamais foi imitada pelos que vieram depois. Ocorreu, de fato, nesse particular, o contrário, uma vez que, em alguns casos, diga-se de passagem, configuraram-se situações em que sequer os bens (móveis e imóveis) da entidade foram preservados.[358]

---

[357] Jornalzinho pobre. *Jornal do Commercio*, ano 127, n. 228, p.3, 30 jun. 1954.
[358] PEN Clube do Brasil (Org.). *Op.cit.* 2016. p.63.

O fato é que, após Cláudio de Souza, a dificuldade de manter seu legado estava posta. Sucedeu-o o jornalista e escritor Barbosa Lima Sobrinho (1897-2000), que na época também presidia a Academia Brasileira de Letras.

Em 1954, a Revista *da Academia Brasileira de Letras* dedicou artigo de abertura a Souza, intitulado "O 'adeus' da Academia", de Lima Sobrinho. Ele fez questão de se referir à personalidade do autor de *Flores de Sombra* e destacou, por exemplo, seus "ares severos de censura, palavras de reparo, observações alarmadas", palavras logo seguidas de elogios reparadores: "É que a nossa experiência humana nos habilitara a compreender, que o teu receio maior era o de que se conhecesse o caminho de tua bondade, tão frágil no íntimo te sentias".[359] Fez ainda questão de frisar "a ação de todas as horas nesse P.E.N. Clube de que soubeste fazer <u>um prolongamento da própria Academia</u>, o meio de continuar, fora daqui, a convivência e a amizade de teus companheiros desta casa".[360]

Outro fato curioso apresentado por Sobrinho no necrológio diz respeito à sua própria percepção frente à eleição de Cláudio de Souza para ABL que, para na sua perspectiva, representava o ingresso da "'família dos solitários de *Port-Royal*'", associação que remetia a uma forma rígida e regrada de estudos em articulação com a piedade religiosa. "'a serviço das altitudes da Inteligência e da fé'".[361]

Além da revista, a Academia homenageou Souza em sessão na qual depuseram: Rodrigo Octávio Filho, Dom Aquino Correia, Peregrino Júnior, Aloysio de Castro, Osvaldo Orico, Pedro Calmon, José Carlos de Macedo Soares, Clementino Fraga, João Neves da Fontoura, Elmano Cardim, Hélio Lobo e Ribeiro Couto; todos relembrando a convivência com o escritor, sua atuação no PEN Clube, tal como também se observa nas páginas do *Boletim*, que reproduziu alguns desses discursos e outros tantos.

No que respeita à publicação do PEN internacional, *PEN NEWS*, não houve sequer menção à morte do escrito brasileiro, que apenas deixou de figurar naquele boletim como presidente do centro brasileiro no exemplar de n.189, publicado no inverno de 1955, dado que surpreende. Não há como afirmar o motivo de tal ausência, que abre para uma infinidade de hipóteses, mas que demonstra

---

[359] SOBRINHO, Barbosa Lima. O "adeus" da Academia. *Revista da Academia Brasileira de Letras.* Ano. 53, vol.88, p.3, jul. a dez. de 1954.
[360] Idem. p.4 (grifo nosso).
[361] Idem. p.5. Com base no que se sabe, *Port-Royal* fora uma abadia fundada em 1204 e que sua forma de ensino se desenvolveu até a criação de uma lógica própria pelo livro de Antoine Arnauld e Pierre Nicole, *La logique ou l'Art de penser*, 1662.

efetivamente o enfraquecimento (e uma possível irrelevância) do centro no contexto internacional daquela década. É certo que muito do contato de Cláudio de Souza com a sede internacional ocorreu durante o secretariado de Hermon Ould, falecido em 1951, questão que pode ter afetado a troca de correspondência, tendo em vista a boa relação entre o secretário e Souza.

A partir de então, o PEN brasileiro retomou a prática de eleições para presidente, com mandatos de dois anos, passíveis de reeleição, como ocorreu nos casos de Celso Kelly (1956-1961), Elmano Cardim (1961-1967) e no caso de Marcos Almir Madeira (1968-2003),[362] que chama a atenção por ter ficado à testa da entidade por mais tempo do que o próprio Cláudio de Souza. Tal como o presidente perpétuo, Madeira também ficou no cargo até sua morte.

O *Boletim*, por sua vez, teve ainda uma certa sobrevida, mas não foi possível divisar seu fim em função das lacunas do acervo. Nos exemplares que foram preservados, evidenciam-se alterações tanto de ordem estética, agora mais leve e moderna, quanto em seu formato (Figura 18).

[362] Aos exemplos citados, há que se acrescer o do atual presidente, Cláudio Aguiar, que também foi reeleito. Para a listagem geral dos que dirigiram a entidade, consultar: Galeria de Ex-Presidentes. Disponível em: http://penclubedob.dominiotemporario.com/diretoria.html Acesso em: 08 de jun. 2018.

**Figura 18: *Boletim* do PEN Clube do Brasil, número 25, 1958.**

PEN Clube do Brasil

BOLETIM N.º 25 RIO DE JANEIRO, MARÇO DE 1958

*Brito Broca Obtém o Prêmio "Luiza Claudio de Souza"*

**Sessão pública presidida pelo ministro Clóvis Salgado**

Como fase inicial do processo de concessão, pela 3.ª vez, do prêmio literário "Luiza Cláudio de Souza", do PEN Clube, sua diretoria solicitou aos críticos e redatores literários Antônio Olinto, Eduardo Frieiro, Eduardo Portella, Georgenor Franco, João Climaco Bezerra, Ledo Ivo, Maria de Lourdes Teixeira, Múcio Leão, Mauro Mota, Olívio Montenegro, Permínio Asfora, Raul Lima, Renato Jobim, Sergio Milliet e Umberto Peregrino o obséquio de indicarem as três melhores obras publicadas em 1956.

Várias obras receberam indicações. As três mais recomendadas foram "Grande Sertão: Veredas", de Guimarães Rosa; "Vida Literária no Brasil: 1900", de Brito Broca; e "Vila dos Confins", de Mário Palmério. De acôrdo com o regulamento, sòmente essas três obras poderiam ser votadas pelo júri.

Decidido pelos escritores Anna Amélia Carneiro de Mendonça, Dinah Silveira de Queiroz, Peregrino Júnior, Barbosa Lima Sobrinho, Rodrigo Octávio Filho, Herbert Moses, Paschoal Carlos Magno, R. Magalhães Júnior, Jaime Adour da Câmara e Valdemar Cavalcanti, foi concedido unanimemente o Prêmio "Luiza Cláudio de Souza" ao livro "Vida Literária no Brasil: 1900", de Brito Broca.

*O Ministro Clovis Salgado faz a entrega do cheque a Brito Broca. Ao lado, o Senhor Peregrino Junior, 1.º vice-presidente do PEN CLUBE DO BRASIL*

Na data aniversária de Cláudio de Souza, foi entregue o Prêmio, correspondente a 1956. Além do premiado, falaram Jayme Adour da Câmara, o presidente do PEN e o ministro da Educação, professor Clovis Salgado, que dirigiu a sessão pública. Foram mencionados o Serviço de Documentação e o sr. Simeão Leal, como lançadores da obra laureada.

REGULAMENTO

"1 — O PRÊMIO LUIZA CLÁUDIO DE SOUZA do PEN Club do Brasil, no valor de 30 (trinta) mil cruzeiros, resultante de bens legados para êsse fim por seu benemérito fundador Cláudio de Souza, será concedido, novamente êste ano, de acôrdo com o presente Regulamento.

2 — Destina-se o prêmio à melhor obra publicada no ano ante-

(Continua na pág. 4)

Fonte: *Boletim*, n.25, capa, mar. 1958. Acervo do PEN Clube do Brasil

Ao observarmos a capa do exemplar acima, chama atenção a denominação da premiação, “Luiza Cláudio de Souza”. Nesse ano de 1958, a honraria foi concedida ao crítico literário Brito Broca. O prêmio, por sua vez, foi criado em 1955, com recursos do legado deixado por Cláudio de Souza. A decisão de homenagear Dona Luiza pode ser entendida como um agradecimento às doações feitas pelo casal ao PEN, cabendo ressaltar que também foram generosos com e outras

instituições intelectuais do país, a exemplo da Academia Brasileira de Letras e da Academia Paulista de Letras, que receberam parte da herança do casal.

Entre as condições estipuladas no testamento por D. Luizinha, como era carinhosamente chamada, estava a de denominar o tríplex onde viveram e que era legado ao PEN, Casa Internacional Cláudio de Souza, clara alusão ao modelo do PEN de Paris,[363] que recebia intelectuais de diferentes partes do globo de passagem pela cidade. Esse gesto pode ser interpretado como um esforço para manter viva a memória de seu marido, que tanto lutou e se empenhou em prol da agremiação, a ponto de esta confundir-se com ele próprio. Certamente caberia averiguar o grau de sucesso da estratégia a partir da trajetória do PEN após a era Cláudio de Souza, desafio que ultrapassa os limites desta pesquisa, que se concentrou justamente nos anos em que o fundador se constitui na figura central da agremiação.

[363] PEN Clube do Brasil (Org.). *Op. cit.* 2016, p.65

## Considerações finais

A pesquisa revelou um rol muito diversificado de fontes sobre o PEN Clube, seja em âmbito nacional ou internacional. Por certo, este é um dos resultados importantes e que já indica o quão pouco se sabe sobre a entidade, que não atraiu, pelo menos até agora, a atenção dos estudiosos da nossa vida intelectual. A despeito de o material relativo à sede estar numa das universidades mais prestigiosas do mundo, ele ainda aguarda descrição e adequado tratamento arquivístico.

O conjunto consultado permite afirmar que foram diversos os fatores responsáveis pela implementação de um centro do PEN Clube no Brasil, dentre os quais merece destaque o fato de o campo intelectual brasileiro haver se torando mais complexo, especialmente a parte da política cultural varguista, que ganhou fôlego particular depois do Estado Novo.

Era atraente, para pelo menos parte dos letrados locais, alinhar-se com uma organização que se propunha a reunir escritores em todo o mundo, colocá-los em contato e estabelecer trocas. Com seus regulamentos, congressos, publicações e boletins, tal comunidade voltava-se para os problemas da arte e da cultura, alheia, pelo menos nos momentos iniciais, aos imperativos da política, o que por certo atraía os brasileiros, com pequena capacidade de interlocução em âmbito internacional. Como Cláudio de Souza logo percebeu, o projeto colocava problemas e desafios de natureza diversa, sobretudo em vista da conjuntura política que marcou as décadas de 1920, 1930 e 1940, tal como se procurou evidenciar ao longo da dissertação.

De outra parte, as fontes evidenciaram como, no Brasil, foi fundamental para a trajetória da agremiação os vínculos que o clube sempre manteve com diretores de jornais, que lhes franqueavam as páginas, inclusive porque tinham a honra de sentar-se ao lado de importantes escritores, honra que lhes era negada na ABL. Ao lado dos periódicos de grande circulação, outro material precioso é o *Boletim*, publicado de maneira ininterrupta e que contém rico repositório de informações a respeito do centro, possibilitando acompanhar sua trajetória, materializada em diversos projetos, todos fortemente ligados aos interesses do grupo.

Entretanto, a despeito da grande quantidade de fontes, há lacunas, sobretudo no que respeita às críticas dirigidas à associação. Sobre esse ponto a documentação silencia e não há, nas páginas do *Boletim,* menção aos que dirigiam suas armas contra os integrantes do grupo. Resta ao pesquisador a tarefa de rastrear esse material, desafio que não pôde ser cumprido de forma sistemática nos limites da dissertação. Por vezes, os dissabores enfrentados aparecem nas entrelinhas, como um breve lamento daqueles que se colocavam na posição de vítimas e que não viam a necessidade de "retificar qualquer erro":[364]

> Além dos comunistas, que nos movem guerra contínua porque são contrários a nosso programa tradicionalista, temos desafetos por erro de interpretação ou por prevenções pessoais, que, entretanto, o homem de cultura deve afastar quando se trata de ação coletiva.[365]

Foi possível indicar as críticas que Jorge Amado dirigiu ao PEN via imprensa, num jornal cujo proprietário fez questão de se manter afastado do clube, razão pela qual podia expressar opiniões pouco abonadoras. Se as críticas de Amado foram públicas, outras ficaram limitadas à "correspondência confidencial" entre Cláudio de Souza e o secretário internacional, Hermon Ould. Este comunicou ao presidente perpétuo a posição do correspondente do centro brasileiro em Londres, o diplomata Paschoal Carlos Magno (1906-1980). Em entrevista à imprensa inglesa, Magno teria criticado a pouca atenção do centro brasileiro em relação às obrigações para com o PEN:

> *What he seems to criticize is that the Rio Centre lays more stress than it ought to on the social aspect of the P.E.N. That is not for me to judge. (…). I hope that if there is anything I can do to help in getting Magno to cooperate more closely with you, you will let me know. I like him personally and am on very good terms with him. (…). Such incidents are inevitable, I suppose, in the life of an association of artists. We must expect them, and not be too distressed by them.*[366]

Dessa forma, é preciso relativizar a versão fornecida pelos documentos internos do PEN brasileiro, daí a importância de colocar a entidade em relação aos demais centros e avaliar o lugar que ocupava na agremiação como um todo. De

---

[364] *Boletim*, Ano II, n. 5, p.7, nov. 1937.
[365] Idem.
[366] *Confiential*. 10 abr. 1945. PEN Records. Harry Ransom Center - University of Texas at Austin. (grifo do autor).

outra parte, é preciso também posicioná-la no campo interno, no qual esteve longe de ser unanimidade, além de ter que se diferenciar de outras associações, como a ABL, com maior força, prestígio e poder simbólico.

Finalmente, cabe voltar a uma das questões iniciais que ainda permanece, em grande parte, sem resposta: afinal, porque o PEN Clube do Brasil não tem sido objeto de estudos historiográficos? A partir da pesquisa realizada, pode-se aventar a hipótese que o seu grande idealizador, Cláudio de Souza, que tanto investiu de seu tempo, esforços e fortuna, também tenha sido um dos fatores da expressão relativamente modesta do clube no cenário nacional. O fato de o clube tornar-se sinônimo de seu fundador, pode ter impedido que ele se tornasse um espaço aberto de sociabilidade, de debates e de troca de ideias, condição que se constitui em pré-requisito para que uma agremiação de intelectuais de fato frutifique. O modelo imperante na era Cláudio de Souza, que faz lembrar o despotismo esclarecido, não parece ter funcionado para enraizar o clube no meio social e nem mesmo fortalecer os laços entre os seus integrantes.

Outro ponto a se considerar diz respeito à Academia Brasileira de Letras, afinal qual seria a especificidade do PEN frente à prestigiosa ABL? O PEN não reuniu um conjunto de pessoas excluídas da ABL, o que poderia criar uma identidade própria e fornecer um inimigo comum. Pelo contrário, as mesmas pessoas estavam em ambas as entidades, o que enfraquecia a posição do PEN. A situação tornou-se ainda mais complexa quando a universidade começou a dar seus frutos. Já em 1945, o experiente acadêmico Afrânio Peixoto, em entrevista a Homero Senna, ponderou:

> Ela [a Academia Brasileira de Letras], que de início se destinava a ser apenas um grêmio de escritores e, portanto, de homens dispostos a fazer alguma coisa em benefício da Língua e da Literatura, hoje não é mais do que uma sociedade de mútua exibição (...). A consequência é que suas finalidades culturais, quando não se restringem, estacionam.[367]

A luta do PEN clube em prol da conquista de direitos sociais para os escritores brasileiros, que poderia ser a pedra de toque da entidade, não se concretizou e isso em grande parte pela própria condição do campo intelectual

---

[367] SENNA, Homero. *República das letras:* Entrevistas com vinte grandes escritores brasileiros. 3ª ed. rev. e atualizada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996. p.86

brasileiro naquele momento, ainda sem autonomia e com a predominância do emprego público. Ainda que sem resultados concretos expressivos, o estudo do PEN clube ajuda a compreender os desafios, dilemas e as condições do trabalho intelectual no Brasil, razão pela qual vale à pena toma-lo como objeto historiográfico.

# Anexos

## 1. 1° Estatuto do P.E.N. Clube do Brasil (setembro de 1937)[368]

“Ilmo. Snr. Oficial do Registro de Títulos e Documentos.
1° Ofício

O P.E.N. CLUBE DO BRASIL, por seu Presidente abaixo assinado, requer a V. S. o seu registro como pessoa jurídica de direito privado, de acordo com o artigo 129 do regulamento a que se refere o Dec. 18. 542 de 24 de dezembro de 1928, combinado com o artigo 18 do Código Civil Brasileiro, para o que junta os documentos exigidos.

E. Deferimento.

Rio de Janeiro, 25 de setembro de 1937.

P.E.N. CLUBE DO BRASIL

(Extrato de Estatutos)

Fundado nesta Capital, sua sede e foro jurídico, em 02 de abril de 1936, o P.E.N. Clube do Brasil é uma associação de fins puramente literários, fará parte do P.E.N. Internacional e terá por programa estreitar as relações dos escritores nacionais, defender-lhes os direitos e pô-los em comunicação com os escritores de outros países.

Será dirigido por um Presidente (que o representa em Juízo e fora dele e nas suas relações com terceiros), Secret° Geral, Secret°, Tesoureiro, 3 Diretores e um Conselho de Contas de 3 membros, cujas funções durarão 3 anos, podendo a diretoria ser reeleita integralmente ou em parte.

O P.E.N. terá duração de 20 anos, podendo este prazo ser prorrogado. Os sócios não respondem, subsidiariamente, pelas obrigações sociais.

[368] O texto que se segue é uma transcrição de seu conteúdo. O original encontra-se nos arquivos do PEN Clube do Brasil no Rio de Janeiro.

Os presentes Estatutos só poderão ser reformados em Assembleia Geral especialmente convocada obedecido o que determina o artigo 21°.

O P.E.N. dissolver-se-á no fim do prazo social, se o mesmo não for prorrogado, e se não poder preencher seus fins, em Assemb. Geral Extraordinária, especialmente convocada para tal fim e composta, no mínimo de 2/3 de sócios efetivos quites, na forma do artigo 23° dos Estatutos.

No caso de dissolução a Assembleia Geral designará uma sociedade literária nacional de fins mais ou menos idênticos para receber o patrimônio social. (Artigo 24°).

A diretoria atual e os fundadores constam dos Estatutos.

ESTATUTOS DO P.E.N. CLUBE DO BRASIL

(Com as modificações aprovadas em diversas assembleias)

Art. 1° - Fica fundado pelos escritores que assinam estes estatutos o P.E.N. Clube do Brasil nos moldes do P.E.N. Club

Art. 2° - O P.E.N. Clube do Brasil é associação de fins puramente literários, fará parte do P.E.N. Clube Internacional, funcionará na cidade do Rio de Janeiro, e terá por programa estreitar as relações dos escritores nacionais, defender-lhes os direitos e pô-los em comunicação com os escritores de outros países. Adota o título de sua congênere P.E.N., que significa prosadores, poetas, ensaístas e novelistas, mas se comporá de escritores de qualquer gênero literário, que tenham obras publicadas em volume, e de diretores de jornais e revistas de edição comprovada de mais de dez mil exemplares.

Art. 3° - O P.E.N. Clube do Brasil será dirigido por um presidente, um secretário geral, um secretário, um tesoureiro, três diretores, e um conselho de contas de três membros, cujas funções durarão três anos, podendo essa diretoria ser reeleita integralmente ou em parte.

Art. 4° - Só podem ser sócios efetivos os escritores brasileiros residentes no Rio de Janeiro, propostos por dois sócios e aceitos por maioria de votos, e os escritores estrangeiros com residência de mais de cinco anos ininterruptos no Brasil. Os sócios que assinam estes estatutos terão o título de sócios fundadores.

Art. 5° - Enquanto não dispuser de fundos suficientes terá o P.E.N. Clube sua secretaria na casa do secretário.

Art. 6° - Os sócios se reunirão para jantar uma vez por mês, de março a novembro, na data e no restaurante que o presidente escolher, pagando cada qual seu talher, constituindo esses jantares suas assembleias gerais.

Art. 7° - A sociedade poderá convidar para seus jantares os escritores estrangeiros de visita ao Brasil. Podem os sócios levar pessoas de sua família ou escritores e artistas de qualquer gênero, pagando a respectiva quota de jantar.

Art. 8° - Será publicado um *Boletim* trimestral, que constituirá na ata das deliberações sociais, e ficará a cargo do secretário.

Art. 9° - O P.E.N. não poderá tomar parte direta ou indireta em qualquer manifestação política ou estranha a seus fins.

Art. 10° - O P.E.N. Clube poderá eleger membros correspondentes ou honorários.

Art. 11° - O P.E.N. será representado por seu presidente ou pelo sócio que ele designar nos atos públicos, cerimônias ou congressos em que tomar parte, sendo as despesas de representação custeadas pelo seu representante.

Art. 12° - Será excluído o sócio que faltar com os deveres de fraternidade para com qualquer de seus consócios atacando-lhe a honra ou ofendendo-o por meio de qualquer espécie de publicações, não ficando, porém, tolhido o direito de crítica exercido dentro dos limites do respeito mútuo e da polidez. Será ainda motivo de exclusão o plágio devidamente apurado, ou a falta de pagamento da quota correspondente a um semestre. A exclusão deverá ser pronunciada por maioria absoluta de votos de sócios presentes, em reunião convocada por carta registrada com a necessária antecedência. A falta de pagamento de 2 trimestres consecutivos acarretará a exclusão do sócio após a extinção do prazo que lhe conceder a diretoria para quitar-se.

Art. 13° - Os sócios pagarão a quota trimestral adiantada de vinte mil reis para despesas do expediente.

Art. 14° - Os sócios que forem admitidos depois do primeiro semestre da fundação pagarão uma taxa de entrada de cinquenta mil reis.

Art. 15° - Consideram-se sócios correspondentes todos os sócios dos outros centros mundiais de P.E.N. que, como tais, serão recebidos e acompanhados quando em visita ao Brasil.

Art. 16° - O P.E.N. fornecerá aos sócios que saírem do país uma carta de apresentação aos centros estrangeiros do P.E.N. Internacional, com um relatório resumido de sua obra literária e de seus títulos.

Art. 17° - O P.E.N. terá a duração de vinte anos e se regulará no que sejam omissos estes estatutos pelas leis em vigor, podendo aquele prazo ser prorrogado.

Art. 18° - A comissão organizadora do P.E.N. do Brasil fica constituindo sua primeira diretoria com a seguinte discriminação:

Presidente – Dr. Cláudio de Souza. Secretário Geral – Dr. Múcio Leão. Secretário – Raul Pedroza. Tesoureiro – Dr. Victor Viana. Diretores: Conde de Affonso Celso, Barão de Ramiz Galvão e Dr. Paulo Filho.

Art. 19° - Os sócios não respondem, nem mesmo subsidiariamente, pelas obrigações sociais.

Art. 20° - O P.E.N. Clube do Brasil será representado em juízo ou fora dele em suas relações com terceiros por seu presidente, podendo este delegar poderes a um procurador para aquele fim.

Art. 21° - Os presentes estatutos só serão reformados em assembleia geral especialmente convocada com a declaração dos artigos que devam ser reformados. Esta assembleia deverá ser composta no mínimo de dois terços de sócios fundadores e dois terços de sócios efetivos. Não se reunindo esse número na primeira convocação será feita segunda convocação, resolvendo a assembleia com o número de sócios que comparecerem.

§ Único – Apenas tem direito de voto os sócios quites.

Art. 22° - O P.E.N. Clube do Brasil adota as resoluções Canby e Raymond aprovadas pelo V Congresso dos P.E.N. realizado em Bruxelas, nos seguintes termos: 1° Defenderá a livre circulação das obras literárias em todos os países, se embargo de dissenções internacionais. 2° Defenderá as obras de arte, batendo-se para que, ainda mesmo em caso de guerra, sejam respeitadas como patrimônio da humanidade. 3° Trabalhará pela concórdia entre as nações sem prevenções políticas ou raciais.

Art. 23° - O P.E.N. Clube do Brasil se dissolverá no fim do prazo social se os sócios não quiserem prorroga-lo por mais tempo. Deverá dissolver-se, também, no caso de não poder preencher seus fins, devendo esta resolução ser tomada por uma assembleia geral extraordinária, especialmente convocada para tal fim e composta por no mínimo de dois terços de sócios efetivos e quites.

Art. 24° - No caso de dissolução a assembleia designará uma sociedade literária nacional de fins mais ou menos idênticos para receber o patrimônio social.

DIRETORIA ATUAL

Presidente – Cláudio de Souza

Secretário Geral – Múcio Leão

Secretário – Raul Pedroza

Tesoureiro – Vago

Diretores – Conde de Affonso Celso, Barão de Ramiz Galvão, Paulo Filho.

SÓCIOS FUNDADORES

B. F. Ramiz Galvão
Raul Pedroza
M. Paulo Filho
Antônio Leão Velloso
Oswaldo Orico
Castilho Goycochéa
Cláudio de Souza
Maria Eugênia Celso
Chermont de Britto
Conde de Affonso Celso
Olegário Marianno
Miguel Ozório de Almeida
Laudelino Freire
Harold Daltro
Filinto de Almeida
Adelmar Tavares
Pedro Calmon
Múcio Leão
Octavio Mangabeira
Rodolfo Garcia
Fernando Magalhães
Celso Vieira
Austregésilo
Rodrigo Octavio
Victor Viana
A. Amoroso Lima
A. J. Pereira da Silva
João Luso
Roquette Pinto
C. da Veiga Lima
Orris Soares
Jarbas de Carvalho
Berilo Neves
Rodrigo Octavio Filho
Peregrino Júnior
Viriato Correia
Luiz Edmundo
Oswaldo Souza e Silva
Christovam de Camargo
Raul de Azevedo
Elmano Cardim
Rosalina Coelho Lisboa
Herbert Moses
Osório Dutra
Angyone Costa

Rio de Janeiro, 25 de setembro de 1937”.

## 2. Os membros fundadores do P.E.N. Clube do Brasil[369]

| Nome | Família e Estudo | Profissional | Política | Grupos e Instituições |
|---|---|---|---|---|
| **Adelmar Tavares**<br>1888-1963<br>(75 anos)<br>Natural da PE | Formado em Direito pela Faculdade de Direito do Recife em 1909.<br><br>Mudou-se para o Rio em 1910. | Redator do *Jornal Pequeno*.<br><br>Foi professor de Direito Penal na Faculdade de Direito do Estado do Rio de Janeiro.<br><br>Curador de órfãos (1918-1940); Advogado do Banco do Brasil (1925-1930); Desembargador da Corte de Apelação do Distrito Federal (1940). | Promotor público adjunto (1910).<br><br>Presidente do Tribunal de Justiça (1948-1950). | Membro da Sociedade Brasileira de Criminologia, do Instituto dos Advogados, da Academia Brasileira de Belas Artes, membro e patrono da Academia Brasileira de Trovas.<br><br>Eleito para a cadeira n°11 da ABL em 1926, que presidiu em 1948. |
| **Antônio Austregésilo**<br>1876-1960<br>(84 anos)<br>Natural de PE | Era filho do advogado José Austregésilo Rodrigues Lima e de Maria Adelaide Feitosa Lima.<br><br>Educou-se no Colégio das Artes, em Recife.<br><br>Aos 16 anos, mudou-se para o Rio de Janeiro para cursar a Faculdade de Medicina. Formou-se em 1899. | Médico da Santa Casa de Misericórdia (1902).<br><br>Professor substituto de Clínica Médica, Patologia Interna e Clínica Propedêutica<br><br>Cátedra de Neurologia na Universidade do Brasil. | Foi deputado federal por Pernambuco, de 1922 à 1930. | Membro da Academia Nacional de Medicina e da Sociedade Brasileira de Neurologia, das quais foi presidente.<br><br>Membro correspondente da Academia das Ciências de Lisboa.<br><br>Eleito para a cadeira n°30 da ABL em 1914. |
| **Antônio Joaquim Pereira da Silva**<br>1876-1944<br>(68 anos)<br>Natural da PB | Aos 14 anos foi matriculado no Liceu de Artes e Ofícios do Rio.<br><br>Em 1895, matriculou-se na Escola Militar, onde fez os preparatórios.<br><br>Cursou a faculdade de Direito. | Trabalhou na Estrada de Ferro Central do Brasil.<br><br>Foi crítico literário nos jornais *A Cidade do Rio*, *Gazeta de Notícias*, *Época* e *Jornal do Commércio*.<br><br>Dirigiu a revista *Mundo Literário*. | Em 1897, foi preso em função de movimento revolucionário entre os alunos. Foi implicado e, preso incomunicável, levado para o 13o Batalhão de Cavalaria, no Paraná. | Participou do grupo simbolista que publicou a revista Rosa-Cruz.<br><br>Eleito para a cadeira n°18 da ABL em 1933. Recebido por Adelmar Tavares. |
| **Berilo Neves**<br>1899-1974<br>(75 anos) | | Cronista e crítico literário do *Jornal do Commércio*, contribuiu com | Chamado pelo Governo da República, em 1944, "para um dos cargos | |

[369] Todas as informações contidas na tabela foram retiradas do *Boletins* do P.E.N. Clube ou da internet, principalmente do site da Academia Brasileira de Letras. Casos contrários estão indicados. Não constam na tabela os nomes dos membros: Angyone Costa e Chermont Britto, pois não foram encontradas informações suficientes a respeito. Há que se destacar também alguns nomes ilustres que se filiaram ao PEN no primeiro ano de funcionamento do clube: José Lins do Rego, Barbosa Lima Sobrinho, Jorge de Lima, Júlio Barata, Raul Pederneiras, Sérgio Buarque de Holanda e Ivan Lins.

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| Natural do PI | | crônicas em *A Noite* e *A Manhã*. | de direção da Companhia Nacional de Álcalis".[370] | |
| **Castilhos Goycochea** 1891-1969 (78 anos) Natural do RS | Estudou na Escola Militar do Rio de Janeiro, que não concluiu, transferindo-se para a Bahia, onde se formou em engenharia civil (1914). | | Prefeito de Barra Mansa/RJ. | Estreitamente ligado ao movimento positivista.<br><br>Membro do IHGRGS, da Academia Sul-rio-grandense de Letras, da Sociedade de Geografia do RJ. |
| **Celso Vieira** 1878-1954 (76 anos) Natural da PE | Fez seus primeiros estudos no Ginásio Pais Leme, no Pará onde iniciou, também, o curso de Direito que concluiu no Rio de Janeiro. | Auxiliar do chefe de Polícia no Rio de Janeiro;<br><br>Diretor do gabinete do Ministro da Justiça e Secretário do Tribunal de Apelação. | | Um dos fundadores da Academia Pernambucana de Letras.<br><br>Eleito para a cadeira n°38 da ABL em 1934, que presidiu em 1940. Recebeu Vitor Viana, 1935. |
| **Cláudio de Souza** 1876-1954 (78 anos) Natural de SP **Pseudônimos:** Mario Pardal e Ana Rita Malheiros | Sua esposa, Luísa Leite de Souza, era herdeira dos Barões do Socorro.<br><br>Graduou-se em medicina na Faculdade do Rio de Janeiro em 1897.<br><br>Abandonou a medicina em 1913, dedicando-se às viagens e à literatura. | Colaborou com os jornais *O Correio de Tarde* e *A Cidade do Rio*.<br><br>Após sua formação no Rio, voltou para São Paulo, clinicando e lecionando na Faculdade de Farmácia (hoje pertencente à USP).<br><br>Sua estreia no teatro ocorreu em 1915, com a comédia *Eu arranjo tudo*. Pouco depois, apresentou *Flores de sombra*. | Membro do setor de Cooperação Intelectual da Liga das Nações e do International Institute of American Ideals. | Membro fundador da Academia Paulista de Letras, 1909.<br><br>Eleito para a cadeira de Martins Pena na A.B.L. em 1924. A qual presidiu em 1938 e em 1946.<br><br>Fundador e Presidente do P.E.N. Clube do Brasil, 1936-1954. |
| **Cristovam Camargo** | Fixou residência na Argentina. | | | Delegado do PEN brasileiro no Congresso dos PEN Clubes em Buenos Aires.<br><br>Presidente do Instituto Argentino Brasileiño. |
| **Elmano Cardim** 1891-1979 (88 anos) Natural do RJ | Estudou nos Colégios Pedro II e Alfredo Gomes.<br><br>Concluiu o curso de Direito na Faculdade do Rio de Janeiro em 1914. | Jornalista em *O Selo* e no *Diário de Notícias.* Integrou-se, em 1909, a equipe do *Jornal do Commércio*, do Rio de Janeiro, onde redigiu por algum tempo as famosas "Várias", e depois passou de | Integrou a missão cultural no Uruguai em 1943, onde pronunciou conferências na Universidade daquele país. | Foi eleito sócio honorário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1937, passando a efetivo em 1970 e a benemérito em 1976. |

[370] Notícias de Nosso Sócios. *Relatório,* Ano IX, n.13, p.15, mar. 1945.

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| | | revisor de provas a diretor e proprietário.<br><br>Exerceu cargos públicos, no Arquivo Nacional e mais tarde foi indicado escrivão de uma das Varas de Órfãos e Sucessões. | | Presidente da ABI (Essa informação não consta no site da ABI)<br><br>Eleito para a cadeira n°39 da ABL em 1950. |
| **Fernando Magalhães**<br>1878-1944<br>(66 anos)<br>Natural do RJ | Depois de se bacharelar em ciências e letras pelo Colégio Pedro II, doutorou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1899.<br><br>Livre docente de Obstetrícia, de 1901 a 1910 | Professor interino de Clínica Ginecológica e Obstétrica na Faculdade de Medicina do Rio, em 1900-1901.<br><br>Professor de Clínica Obstétrica, de 1911 a 1915; diretor do Hospital da Maternidade do Rio de Janeiro, de 1915 a 1918; catedrático de Clínica Obstétrica, em 1922.<br><br>Foi diretor da Faculdade de Medicina, em 1930; reitor da Universidade do Rio de Janeiro, em 1913. | Deputado do Estado do Rio de Janeiro à Constituinte em 1934. | Foi o fundador da Pró-Matre.<br><br>Membro da Academia Nacional de Medicina, do Conselho Nacional de Ensino; do IHGB, da Academia das Ciências de Lisboa; entre outras.<br><br>Eleito para a cadeira n°33 da ABL em 1926, que presidiu em 1929, 1931 e 1932. Recebeu João Neves da Fontoura, Barão de Ramiz Galvão e Alceu Amoroso Lima. |
| **Filinto de Almeida**<br>1857-1945<br>(88 anos)<br>Natural de Portugal<br>**Pseudônimos:** Chico Férula, A. Bomtempo, A. Julinto, Munícipe Urbano, João da Luz, Justo Leal, e Zé Bananal. | Veio para o Brasil, na companhia de parentes pelo lado materno, que eram capitães de navios, com dez anos, fixando-se no Rio de Janeiro a partir de 1868.<br><br>Não cursou qualquer estabelecimento de ensino.<br><br>Casou-se com a romancista Júlia Lopes de Almeida, em 28 de novembro de 1887, em Lisboa. | Encontra-se colaboração da sua autoria nas revistas *Branco e Negro* (1896-1898) e *Serões* (1901-1911).<br><br>Colaborou no jornal literário *A Semana*, escrevendo, de 1885 a 1887, com o pseudônimo de *Filindal*.<br><br>Redator de *A Província de São Paulo*<br><br>Contribuiu em quase todos os jornais do período. | Foi deputado na Assembleia Legislativa de São Paulo, de 1892 a 1897. | É o fundador da Cadeira nº. 3 da Academia Brasileira de Letras, que tem como patrono Artur de Oliveira, de quem fora amigo. |
| **Harold Daltro**<br>1884-1972<br>(88 anos)<br>Natural do RJ | | Crítico Literário e redator da revista *O Beira Mar*, dirigida por Theo Filho. | Promovido em 1941 à Oficial da secretaria do Ministério da Agricultura. | Presente durante a reorganização da Sociedade de Homens de Letras do Brasil e eleito como 2° secretário da organização (1940). No Conselho Deliberativo da entidade |

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| | | | | constavam também presentes, M. Paulo Filho, João Fontoura e Jarbas de Carvalho. |
| **Herbert Moses**<br>1884-1972<br>(88 anos)<br>Natural do RJ | De origem judia, Moses era filho de pai austríaco e mãe estadunidense.<br><br>Aluno do Colégio Pedro II, ingressou no jornalismo com 14 anos, ao fundar em 1898, com Pedro Berquó, o jornal *O Estudante*, dedicando o resto de sua vida a essa profissão. | Dirigiu a *Revista Moderna*, foi membro da direção do jornal *A Noite*, juntamente com Irineu Marinho, fundador do vespertino *O Globo* (1925). | | Líder da comunidade israelita e presidente do Instituto Cultural Brasil-Israel.<br><br>Presidente da A.B.I. entre 1931 e 1964.<br><br>Presidente do Automóvel Clube do Brasil e do Jockey Club; Diretor da Associação Comercial do Rio de Janeiro e diretor do Instituto dos Advogados Brasileiros. |
| **Jarbas de Carvalho** | | Dramaturgo. | Nomeado para diretor do serviço de imprensa do DIP em 1940. | Eleito presidente da Associação dos Artistas Brasileiros entre 1942 e 1943, e vice-presidente em 1948.<br><br>Delegado do P.E.N. no Congresso dos PEN em Viena, 1949. |
| **João Luso (Armando Erse)**<br>1875-1950<br>(75 anos)<br>Natural de Portugal | Realizou seus primeiros estudos em Coimbra, deixando-os incompletos apos a morte do pai.<br><br>Emigrou para o Brasil com 18 anos, fixando-se em São Paulo. | Colaborou no Estado de São Paulo em seus primeiros anos na cidade.<br><br>Ao mudar para o Rio entrou para a Imprensa de Ruy Barbosa, passando para o Jornal do Commércio.<br><br>Crítico teatral, cronista, contista e dramaturgo. | | Sócio Correspondente da ABL.<br><br>Amigo de Cláudio de Souza quando ainda estava em São Paulo, começando juntos no Diário Popular de São Paulo. |
| **Laudelino Freire**<br>1884-1972<br>(88 anos)<br>Natural do RJ<br>**Pseudônimos:**<br>Lof e Wulf | Foi aluno da Escola Militar do Rio de Janeiro, tendo interrompido o curso por doença. Formou-se em Direito em 1902. | Foi professor catedrático do Colégio Militar.<br><br>Foi diretor da *Gazeta de Notícias* e colaborou em diversos jornais, entre eles o *Jornal do Brasil*, *Jornal do Comércio* e *O País*. | Três mandatos como Deputado Estadual na Assembleia Legislativa de Sergipe. | Eleito para a cadeira n°10 da ABL em 1923. |

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| | | Em 1918 fundou a *Revista da Língua Portuguesa*. | | |
| **Luis Edmundo** 1878-1961 (83 anos) Natural do RJ | | Encarregado, por Cardoso Júnior, da direção da *Revista Contemporânea*, uma dentre as muitas publicações de vanguarda do Simbolismo brasileiro.<br><br>De 1899 a 1900, trabalhou na *Imprensa*, de Alcindo Guanabara, passando em seguida para o *Correio da Manhã*. | | Aos 20 anos Luís Edmundo fazia parte do grupo simbolista.<br><br>Eleito para a cadeira n°33 da ABL em 1944. |
| **Manuel Paulo Teles Filho** 1890-1969 (79 anos) Natural da BA **Pseudônimo:** João Paraguaçu | Filho do comerciante Manoel Paulo Teles de Mattos, um dos principais líderes abolicionistas da região.<br><br>Formado pela Faculdade Livre de Direito da Bahia, exerce por breve tempo a carreira de promotor público em comarcas do interior da Bahia, antes de ir para o Rio, em 1911, e dedicar-se a carreira jornalística. | Diretor do jornal *Correio da Manhã.* | Deputado da Assembleia Constituinte de 1934.<br><br>Procurador do Tribunal de Contas do Estado da Guanabara em 1937. | Presidente da ABI 1928-29.<br><br>Integrou a Academia Carioca de Letras e o IHGB. |
| **Maria Eugenia Celso** 1886-1963 (77 anos) Natural de MG | Filha do Conde de Afonso Celso. | Conferencista. | | |
| **Miguel Osório de Almeida** 1890-1952 (62 anos) Natural do RJ | Educado nos colégios Kopke e Alfredo Gomes. Ingressou, depois, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, pela qual se doutorou em 1911. | Uma vez formado, dedicou-se à profissão, ao magistério superior e ao serviço público. Preparador de fisiologia, interno de clínica médica do Professor Miguel Couto, foi livre-docente da referida Faculdade.<br><br>Diretor do laboratório do Instituto Osvaldo Cruz, diretor do Instituto de Biologia Animal do Ministério da Agricultura.<br>Professor e reitor da Universidade do Distrito Federal. | | Laureado com o Prêmio Einstein da Academia de Ciências do Brasil e com o Prêmio Sicard da Faculdade de Medicina de Paris.<br><br>Membro da Comissão Internacional de Cooperação Intelectual da Sociedade das Nações.<br>Eleito para a cadeira n°22 da ABL em 1935. Recebido por Roquette-Pinto. |

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| **Mucio Leão**<br>1898-1969<br>(71 anos)<br>Natural de PE | Bacharelou-se em Direito, em 1919, e logo a seguir transferiu-se para o Rio de Janeiro. | Redator do *Correio da Manhã* até 1932, transferindo-se para o *Jornal do Brasil*.<br><br>Em 1941 fundou, com Cassiano Ricardo e Ribeiro Couto, o matutino *A Manhã*, onde criou o suplemento literário Autores e Livros, que dirigiu desde então.<br><br>Professor do curso de Jornalismo da Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil. | Oficial de gabinete do Ministro da Fazenda (1925); fiscal geral das Loterias (1926); agente fiscal do Imposto de Consumo (1926); presidente da Comissão do Teatro do Ministério da Educação (1939) | Eleito para a cadeira n°20 da ABL em 1935. Presidiu-a em 1944. |
| **Octavio Mangabeira**<br>1886-1960<br>(74 anos)<br>Natural da BA | Fez os estudos primários e secundários na cidade natal e formou-se em Engenharia pela Escola Politécnica, hoje Universidade da Bahia. | Engenheiro encarregado da inspeção dos trabalhos do porto da Bahia e professor de Astronomia da Escola Politécnica da Bahia (1907-1911) | Eleito deputado federal de 1912 a 1926. Foi convidado pelo presidente Washington Luís para gerir a pasta das Relações Exteriores.<br><br>Exilado em 1930, volta em 1945 e entra para a UDN. Eleito para a Câmara Federal em 1946.<br><br>Em 1947, foi eleito governador do Estado da Bahia | Eleito para a cadeira n°23 da ABL em 1930. |
| **Olegário Mariano**<br>1889-1958<br>(69 anos)<br>Natural de PE<br>**Pseudônimo:**<br>João da Avenida | Filho de José Mariano Carneiro da Cunha, herói pernambucano da Abolição e da República.<br><br>Fez o primário e o secundário no Colégio Pestalozzi, na cidade natal, e cedo se transferiu para o Rio de Janeiro. | Censor do Teatro.<br><br>Exerceu o cargo de oficial do 4o Ofício de Registro de Imóveis, no Rio de Janeiro, tendo sido antes tabelião de Notas.<br><br>Publicou durante anos, nas revistas *Careta* e *Para Todos*, sob o pseudônimo de João da Avenida | Foi deputado à Assembleia Constituinte que elaborou a Carta de 1934. Em 1937, ocupou uma cadeira na Câmara dos Deputados. Foi ministro plenipotenciário nos Centenários de Portugal, em 1940; embaixador do Brasil em Portugal em 1953-54. | Frequentou a roda literária de Olavo Bilac, Guimarães Passos, Emílio de Meneses, Coelho Neto, Martins Fontes e outros.<br><br>Eleito para a cadeira n°21 da ABL em 1926. |
| **Orris Soares**<br>1884-1964<br>(80 anos)<br>Natural da PA | Bacharelou-se pela Faculdade de Direito do Recife.<br><br>Obra ligada ao expressionismo alemão de Ernst Toller, principalmente drama *Rogério*. | Funcionário Público no sistema de publicações oficiais, coordenado pelo Instituto Nacional do Livro.<br><br>Elaborou o Dicionário de Filosofia.<br><br>Um dos fundadores do jornal *O Norte*, ligado aos *Diários Associados* de Assis | | |

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| | | Chateaubriand. | | |
| **Osório Hermogênio Dutra** 1889-1968 (79 anos) Natural do RJ | Em 1911 bacharelou-se em Direito pela Faculdade do Rio de Janeiro. | | Vice-cônsul em Marseilles (1918-19); em Kobe, Japão (1920-21); Argentina (1921-24); Romênia (1929-30); Portugal (1930-31); Le Havre (1938-40); Lyons (1940-43). | "dir., service of intellectual co-operation (1936-37), chief, div. Of intellectual co-operation (1944-46)".[371]<br><br>Secretário Geral do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura. |
| **Osvaldo Orico** 1900-1981 (81 anos) Natural da PA | Bacharelou-se em Direito pela Universidade do Rio de Janeiro. | Dedicou-se inicialmente ao magistério. | Diplomata em Santiago do Chile, Buenos Aires, Haia e Beirute; delegado adjunto na UNESCO, conselheiro comercial da Embaixada do Brasil na Espanha e na Bélgica; Dep. Fed. pelo Pará; Min. para Assuntos Econômicos e para Educação, Ciência e Cultura, na ONU. | Membro do IHGP; da Academia Portuguesa da História; da Academia das Ciências de Lisboa; da Real Academia Espanhola e da Academia da Latinidade, de Roma.<br><br>Eleito para a cadeira n°10 da ABL em 1937. |
| **Oswaldo de Souza e Silva** 1908[372] | | Diretor da revista Ilustração Brasileira e O Malho. | Secretário da comissão que representou o Brasil na posse do presidente de Cuba em 1944. | Eleito Vice-presidente da Associação Brasileira de Imprensa em 1943.<br><br>Presidente da Associação de Artistas Brasileiros.<br><br>Eleito em 1946 para o Conselho Administrativo da A.B.I. |
| **Pedro Calmon** 1902-1985 (83 anos) Natural da BA | Fez os cursos primário e secundário no Colégio Antônio Vieira e no Ginásio da Bahia, de 1914 a 1919. Em 1920 ingressou na Faculdade de Direito da Bahia, onde cursou por dois anos. Continuou os estudos na Universidade do Rio de Janeiro, diplomando-se em dezembro de 1924. | Habilitou-se, em 1925, em concurso de provas para conservador do Museu Histórico Nacional.<br><br>Livre-docente de Direito Público Constitucional na Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil onde ascendeu de cargos até a Reitoria da Universidade. Em 1935 regeu a cadeira de História da | Ingressou na política, como deputado estadual da Bahia, ao tempo dos governos baianos Góis Calmon e Vital Soares (1927 a 1930). Eleito deputado federal em 1935 (da minoria parlamentar de então), ligou o seu nome à primeira lei protetora, na Bahia, do patrimônio cultural. Voltou em 1950 à atividade política, como ministro da Educação | Sócio Efetivo do IHGB em 1931. Presidiu-o em 1968.<br><br>Membro da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro e dos Institutos Históricos de vários Estados brasileiros; membro correspondente da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Portuguesa da História, e de |

[371] HILTON, Ronald. *Who's Who in Latin America*: Part VI, Brazil. Stanford: Stanford University Press, 1948. p.83.

[372] Nascimento aproximado por meio do artigo em comemoração de seu 29° aniversário, publicado em 1937.

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| | | Civilização Brasileira na Universidade do Distrito Federal; foi professor da PUC, desde que foi fundada, e da Faculdade de Filosofia Santa Úrsula do Rio de Janeiro. Conquistou, em 1955, a cátedra de História do Brasil do Colégio Pedro II. | e Saúde (1950-1951) no governo do presidente Dutra. | várias outras instituições.<br><br>Eleito para a cadeira n°16 da ABL em 1936. |
| **Pedro Leão Veloso**<br>1887-1947<br>(60 anos)<br>Natural de SP | | | Assumiu interinamente o Ministério das Relações Exteriores do Brasil no governo de Getúlio Vargas por três vezes entre os anos de 1944 e 1945.<br><br>Ministro das Relações Exteriores do Brasil no governo José Linhares, de 31 de outubro de 1945 a 30 de janeiro de 1946. | Fundou o Instituto Rio Branco, destinado à formação dos diplomatas.<br><br>Assinou, no ano de 1945 em São Francisco, a Carta de Fundação da ONU. |
| **Peregrino Júnior**<br>1898-1983<br>(85 anos)<br>Natural do RN | Fez o curso primário no Colégio Diocesano Santo Antônio e no Grupo Escolar Augusto Severo, os estudos secundários no Ateneu Rio-Grandense, cursando ao mesmo tempo a Escola Normal.<br><br>Em 1920, fixou-se no Rio de Janeiro.<br><br>Formou-se em Medicina em 1929, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. | Em Natal, funda dois jornais: *A Gazeta de Notícias* e *O Espectador.*<br><br>Em *A Folha da Tarde* ocupou, gradativamente, as funções de suplente de revisor, repórter de polícia e redator. Trabalhou, ainda, em *A Tarde* e *A Rua*, além de secretariar *A Semana*. Fundou e dirigiu *A Guajarina*, antes de iniciar os estudos de Medicina.<br><br>Escrevente na *Gazeta de Notícias* (RJ). E outros diversos jornais do Rio.<br><br>Foi professor de várias instituições de medicina. | | Eleito para a cadeira n°18 da ABL em 1945. |
| **Ramiz Galvão (Barão)**<br>1846-1938<br>(92 anos)<br>Natural do RS | Após os estudos primários no Colégio Amante da Instrução, fez gratuitamente, com o apoio do Imperador, toda a instrução secundária no Colégio Pedro II, bacharelando-se em Letras, em 1861. | Trabalhou inicialmente como cirurgião no Hospital Militar da Ponta da Armação.<br><br>Professor de Grego no Colégio Pedro II, e de Química orgânica, Zoologia e Botânica | Gozou da amizade de D. Pedro II desde os anos escolares. De 1882 a 1889, foi preceptor dos príncipes imperiais, netos de D. Pedro II e filhos do Conde d'Eu e da Princesa Isabel. | Fez parte da Comissão do Dicionário (1928) e da Comissão de Gramática (1929).<br><br>Sócio grande benemérito do IHGB; membro honorário da |

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| | Formou-se em Medicina, em 1868.<br><br>Por decreto do governo imperial de 18 de junho de 1888, recebeu o título de Barão de Ramiz (com grandeza). | na Escola de Medicina do Rio de Janeiro.<br><br>Primeiro reitor da Universidade do Brasil. | | Academia Nacional de Medicina e de diversas associações científicas e literárias.<br><br>Eleito para a cadeira n°32 da ABL em 1928. Presidiu-a em 1934. |
| **Raul de Azevedo**<br>1875-1957<br>(82 anos)<br>Natural do MA | Estudou em sua cidade natal, não chegando a cursar nenhum curso superior. | Destacado burocrata.<br><br>Fundador da revista *Aspectos.* | Convidado pelo governo do Capitão Fileto Pires Ferreira para exercer a função de Secretário Geral do Estado.<br><br>Cônsul do Chile por muitos anos, participou de Comissões importantes do Estado e Federal. | Concorreu para criar algumas associações culturais e científicas, entre outras a Academia Amazonense de Letras e o IHGA. |
| **Raul Pedroza**<br>1892-1962<br>(70 anos)<br>Natural do RN | Educado em Pau, Lower Pyrenees, France e na escola de Belas Artes da Universidade do Brasil. | Pintor e dramaturgo. | Condecorado com a comenda da Ordem de Orange Nassau pela Rainha da Holanda em 1950. | Diretor da Associação dos Artistas Brasileiros entre 1942 e 1943, e Presidente da Associação em 1953. |
| **Rodolfo Garcia**<br>1873-1949<br>(78 anos)<br>Natural do RN | Cursou o Colégio Militar do Ceará e a Escola Militar da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro, de onde acabaria sendo desligado. Retornando ao Nordeste, matriculou-se na Faculdade de Direito do Recife de onde saiu, bacharel e doutor em 1908. | Em Pernambuco lecionou História, Geografia, Francês e Português nos Colégios Wolf e Santa Margarida. | | Na década de 1910 radica-se no Rio de Janeiro e se torna amigo do Conde de Afonso Celso, de Américo Lacombe, Capistrano de Abreu e Hélio Viana.<br><br>Pertencia Rodolfo Garcia ao quadro social do IHGB desde agosto de 1921, passando de sócio efetivo a benemérito em 9 de julho de 1943.<br><br>Eleito para a cadeira n°39 da ABL em 1934. |
| **Rodrigo Octavio**<br>1884-1972<br>(88 anos)<br>Natural do RJ | Filho de dr. Rodrigo Otávio de Oliveira Meneses, advogado e homem público filiado ao Partido Liberal, e d. Luísa Langgaard, filha do médico dinamarquês dr. Theodoro Langgaard, estabelecido no Brasil. | Exerceu a advocacia até 1929.<br><br>Professor da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais da Universidade do Brasil. | Iniciou a vida pública na magistratura, tendo sido nomeado, em 1894, secretário da Presidência da República no governo de Prudente de Morais (1894-1896). | Por diversas vezes foi presidente do Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros; presidente da Sociedade Brasileira de Direito Internacional; membro honorário e vice-presidente |

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| | Aos cinco anos veio, com sua família, para o Rio de Janeiro. Fez seus estudos de Direito na Faculdade de São Paulo, onde se formou aos 20 anos, em 1886. | | Nomeado por Washington Luís, ministro do Supremo Tribunal Federal, em 1929.<br><br>Foi consultor-geral da República (1911-1929) e delegado plenipotenciário do Brasil em diversas conferências Internacionais, tendo assinado o Tratado de Versalhes.<br><br>Subsecretário de Estado das Relações Exteriores no governo Epitácio Pessoa (1920-1921). | do IHGB.<br><br>Foi o fundador da cadeira n. 35 da ABL, que tem como patrono Tavares Bastos. Presidiu-a em 1927. |
| **Rodrigo Octavio Filho**<br>1892-1969<br>(77 anos)<br>Natural do RJ | Filho do Dr. Rodrigo Octavio de Laggaard Meneses.<br><br>Fez o curso secundário no Ginásio Nacional, hoje Colégio Pedro II, e no Colégio Alfredo Gomes, recebendo o grau de bacharel em Ciências e Letras em 1909. Bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais, em 1914, pela Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro. | Fundou, com seu pai, a *Revista Jurídica*.<br><br>Amigo de Álvaro Moreira, fez parte do grupo de colaboradores da revista *Fon-Fon*. Colaborou em vários jornais, entre os quais o *Correio da Manhã*. | Foi membro da Comissão Legislativa do Governo Provisório.<br><br>Foi um dos delegados brasileiros nos plenários do Conselho Interamericano das Câmaras de Comércio e Produção, realizados em Chicago (1948) e Santos (1950). | Fundador e presidente da Sociedade Felipe d'Oliveira.<br><br>Organizou e foi o secretário-geral do Congresso Brasileiro de Língua Vernácula, comemorativo do centenário de Rui Barbosa e promovido pela Academia Brasileira de Letras, em 1949.<br><br>Eleito para a cadeira n°35 da ABL em 1944. Presidiu-a em 1955. Recebido por Pedro Calmon. |
| **Roquette Pinto**<br>1884-1954<br>(70 anos)<br>Natural do RJ | Fez o curso de humanidades no Externato Aquino. Ingressou, em seguida, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Colou grau em 1905. | Professor assistente de Antropologia no Museu Nacional em 1906, tornou-se em pouco tempo conhecido como um dos mais sérios antropólogos que o país conhecera.<br><br>Professor de História Natural na Escola Normal do Distrito Federal (1916) e professor de Fisiologia na Universidade Nacional do Paraguai (1920).<br><br>Diretor do Museu Nacional de 1915 a | Delegado do Brasil no Congresso de Raças, realizado em Londres, em 1911. | Fundou, em 1923, a Academia Brasileira de Ciências, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, que tinha fins exclusivamente educacionais e culturais.<br><br>Eleito para a cadeira n°17 da ABL em 1927.<br><br>Fundou e dirigiu, no Ministério da Educação, o Instituto Nacional do Cinema Educativo e o Serviço de |

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| | | 1936. | | Censura Cinematográfica.<br><br>Eleito em 1940 diretor do Instituto Indigenista Americano do México.<br><br>Membro do IHGB e outras associações. |
| **Rosalina Coelho Lisboa Miller**<br>1900-1975<br>(75 anos)<br>Natural do RJ | Seu pai foi Deputado e Senador federal pela Paraíba, além de professor do Colégio Pedro II e da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. | Colaboradora assídua da revista *Careta*.<br><br>Anticomunista. | Em artigo publicado pela imprensa carioca em 2 de maio de 1928, conclamava as mulheres brasileiras a promoverem a luta pela anistia.<br><br>Defendia a intervenção da mulher na política, a igualdade de direitos entre os sexos e o aproveitamento da força de trabalho feminina. Em 1930, representou a Paraíba no Congresso Feminino Internacional realizado no Rio Grande do Sul. Foi também a primeira mulher brasileira a ser enviada ao exterior em missão intelectual (Montevidéu, 1932). | Adepta da Ação Integralista Brasileira (AIB), apoiou a candidatura do líder nacional Plínio Salgado às eleições presidenciais previstas para 1938. |
| **Viriato Correia**<br>1884-1967<br>(83 anos)<br>Natural do MA | Começou a escrever aos 16 anos os seus primeiros contos e poesias. Concluídos os preparatórios, mudou-se para Recife, cuja Faculdade de Direito frequentou por três anos. Terminou seu curso no Rio de Janeiro. | Por interferência de Medeiros e Albuquerque, de quem se tornara amigo, Viriato Correia obteve colocação na *Gazeta de Notícias*.<br><br>Colunista do *Correio da Manhã*, do *Jornal do Brasil* e da *Folha do Dia*, além de fundador do *Fafazinho* e de *A Rua*. | Foi deputado estadual no Maranhão em 1911, e deputado federal pelo estado do Maranhão em 1927 e 1930. | Conviveu com Alcindo Guanabara e João do Rio.<br><br>Eleito para a cadeira n°32 da ABL em 1938. Sucedendo Ramiz Galvão e recebido por Múcio Leão. Recebeu Luís Edmundo. |
| **Vitor Viana**<br>1881-1937<br>(56 anos)<br>Natural do RJ | Era filho do professor da Escola Nacional de Belas Artes Ernesto da Cunha de Araújo.<br><br>Após os estudos de humanidades e de Direito, entrou para o jornalismo. | Colaborou nos jornais *O século*, *Cidade do Rio*, *Imprensa* (de Alcindo Guanabara), passando para *O Paiz* e, finalmente, para o *Jornal do Commércio*, do qual chegou a ser o redator principal e diretor. | Representou o governo no Congresso da Instrução Primária, reunido no Rio de Janeiro em 1921. Fez parte do Conselho Superior de Comércio e Indústria. Serviu em comissão junto ao | Membro do Conselho Federal de Comércio Exterior, da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro e membro titular da Sociedade Brasileira de Direito Internacional. |

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| | | | gabinete do Min. da Fazenda, de 1919 e 1922, e ao gabinete do Min. da Agricultura, de 1922 a 1925. | Eleito para a cadeira n°12 da ABL em 1935. |

## 3. Membros das diretorias do P.E.N. Clube do Brasil (1936-1954)[373]

| Ano | Secretário Geral | Secretário | Tesoureiro | Diretores |
|---|---|---|---|---|
| **1936** | Múcio Leão | Raul Pedroza | Victor Viana | Affonso Celso<br>Ramiz Galvão<br>M. Paulo Filho |
| **1937[374]** | Idem | Idem | *Cargo Vago* | Idem |
| **1938** | Idem | Idem | Raul Azevedo | Miguel Osório de Almeida<br>M. Paulo Filho |
| **1939** | Idem | Idem | Idem | Idem |
| **1940** | Idem | Idem | Idem | Idem<br>+ Oswaldo Orico |
| **1941** | Idem | Idem | Idem | Idem |
| **1942** | Idem | Idem | Idem | Idem |
| **1943** | Idem | Idem | Idem | Idem |

| Ano | Vice-Presidente(s) | Secretário Geral | Secretário | Tesoureiro |
|---|---|---|---|---|
| **1944** | Elmano Cardim | Clementino Fraga | Faustino Nascimento | Harold Daltro |
| **1945** | Idem | Idem | Idem | Idem |
| **1946** | 1° Elmano Cardim<br>2° Clementino Fraga | Rodrigo Octavio Filho | Idem | Idem |
| **1947** | 1° Elmano Cardim<br>2° Rodrigo O. Filho | Raul Machado | Meira Penna | Idem |
| **1948** | Idem | Idem | Idem | Carlos da Silva Araújo |
| **1949** | Idem | Idem | Idem | Idem |
| **1950** | Idem | Idem | Idem | Idem |
| **1951** | Idem | Idem | Idem | Idem |
| **1952** | 1° Elmano Cardim<br>2° Osório Dutra | Berilo Neves | Nelson Tabajara | Idem |
| **1953** | 1° Barbosa Lima Sobrinho<br>2° Celso Kelly | Othon Costa | Idem | Idem |
| **1954[375]** | Idem | Idem | Idem | Idem |

[373] Nos quadros a seguir não consta o cargo de *Presidente*, ocupado por Cláudio de Souza durante todo o período.
[374] É no ano de 1937 que se configura oficialmente a primeira diretoria do PEN Clube do Brasil.

## 4. Lista completa das obras de Cláudio de Souza[376]

### TEATRO E CINEMA

*Mata-a ou ele te matará* – comédia em 1 ato representada em 1896 pela Cia. Ismênia dos Santos.

*Eu arranjo tudo*, três atos, comédia 1915.

*Yo arreglo todo*, versão espanhola, 1915.

*Flores de sombras*, três atos, comédia 1916.

*Fiori de Ombra*, versão italiana.

*A renúncia*, peça em três atos, 1917.

*O assustado das pedrosas*, um ato, 1917.

*Um homem que dá azar*, um ato, 1918.

*Outono e primavera*, três atos, 1918.

*O turbilhão*, três atos, 1921.

*El turbellino*, tradução espanhola.

*A jangada*, três atos, comédia, 1920.

*As sensitivas*, três atos, comédia, 1920.

*O exemplo de papai*, um ato, 1921.

*O conto do mineiro*, um ato, comédia, 1923.

*O milhafre*, três atos, 1921.

*Oisean de rapine*, tradução francesa representada pela cia. de Theathre Athenée de Paris, 1921.

*Le petite et le grand*, um ato, 1920.

*Os bonecos articulados*, três atos, 1921.

*Noves fora… nada!*, ato infantil, 1924.

*Uma tarde de maio*, três atos, 1921.

*Ave Maria*, um ato, 1921.

*A escola da mentira*, três atos, 1923.

*O galho seco*, três atos, comédia, 1922 (inédita).

*A arte de seduzir*, três atos, comédia, 1927.

*A matilha*, peça em três atos, 1924.

*Os mestres do amor*, um ato, 1928.

*O que não existe*, um ato, s/d.

---

[375] Aparecem também: **Diretora teatral:** Maria Wanderley Menezes; **Bibliotecário:** Arnaldo Brandão; e **Consultor Jurídico:** Dr. Thomas Leonardos.

[376] Disponível em: http://penclubedob.dominiotemporario.com/fundador.html. Acesso em: 26 jan. 2017.

*Os arranha-céus*, três atos, 1929.
*Rosas da Espanha*, um ato, 1933.
*Papai, mamãe, vovó*, três atos, s/d.
*O grande cirúrgico*, três atos, comédia, 1933.
*Mariuza, opereta*, três atos, 1933.
*Teatro ligeiro*, 1º volume, 1936.
*Fascinação*, peça em três atos, 1936.
*Pátria e bandeira*! (Cinema), s/d.
*Le sieur de Beumarchais*, peça em francês com quatro atos.
*O velho ciumento* (tradução de Cervantes) s/d.
*A mulher que se queixa do marido*, (extraído de Erasmo), s/d.
*A maça do paraíso*, um ato, extraído de *Los Hermanos parecidos,* de Tirso Molina (versos de C. Paula Barros).
*Uma balzaquiana em apuros*, um ato.
*Resposta à As mãos de Eurídice*, dois atos.

**ROMANCES, NOVELAS E VIAGENS**

*Pela mulher*, 1898 (1º livro publicado).
*Pater!*, 1913.
*Pater!*, edição espanhola, 1913.
*Pater!*, 2ª edição revista e alterada, 1950.
*A conversão* (novela).
*La conversion*, tradução espanhola.
*Ritmos e idéias*, 1920.
*De Paris ao oriente*, dois volumes, 1928.
*As conquistas amorosas de Casanova*, 1931.
*Um romance antigo*, 1933.
*As mulheres fatais*, 1928.
*Las mujeres fatales*, edição espanhola.
*Chair de peché*, edição francesa, 1932.
*Carne di peccato*, tradução italiana.
*Três novelas*, 1933.
*A luta de gerações*, romance, 1952.
*Os infelizes*, romance, 1926.
*Viagem a região do pólo norte*, 1939.
*Terra do fogo*, 1939.
*A vida e o destino*, contos, 1944.

*Sol e sombra*, contos, 1945.

**CONFERÊNCIAS E DISCURSOS**

*Impressões do Japão*, 1940.

*Maria e as mulheres bíblicas*, 1921.

*Da era antiga à era moderna*, 1917.

*Das belas artes*, 1910.

*A saudade*, 1921.

*A vida e a dor*, 1921.

*Discursos na Academia Brasileira* – recepção do autor, dr. Osvaldo Orico, de Clementino Fraga*,* de Joaquim Leitão e sessão de saudade de Medeiros e Albuquerque.

*Nosso primeiro comediógrafo*, 1934.

*O teatro brasileiro*, revista IHGB, 1935.

*O humorismo de Machado de Assis*, 1939.

*Os paulistas, seu passado, seu presente*, 1941.

*Os últimos dias de Stefan Zweig,* 1942.

*O teatro luso-brasileiro do século XVI ao XIX*, 1941.

*As duas realezas*, 1944. (Conferência sobre Vicente de Carvalho).

*Raul Pompéia*, 1944 (conferência).

*Assistência aos escritores*, 1944.

*Milton e a liberdade de imprensa*.

*As amantes de Chateaubriand*, (conferência).

*Pela mulher,* 1898.

*A vida e a obra de Strindberg*, conferência.

*A vida tormentosa de Edgar Poe*, conferência.

*Bernard Shaw*, conferência.

*Sá de Miranda*, conferência.

**MEDICINA**

*Os nevropatas e degenerados*, laureada com distinção pela faculdade de medicina do Rio de Janeiro, 1908.

*A responsabilidade civil dos sifilíticos*, 1904.

*Do alcoollismo*, 1905

*Sur l'Anaphylarie*, 1905.

*Os primeiros sinais de turbeculose*, 1906.

## Bibliografia

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). *Usos e abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa:* Brasil, 1800-1900. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BARROS, Orlando de. *O pai do futurismo no país do futuro*: As viagens de Marinetti ao Brasil em 1926 e 1936. Rio de Janeiro: E-papers, 2010.

BASSANEZI, Carla Pinsky (org). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto 2005.

BOMENY, Helena (org.). *Constelação Capanema:* intelectuais e políticas. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2001.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte:* gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil:* 1900. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

BROWN, Jonathan. *A brief History of Argentina*. *Facts On File*, 2003.

BUITONI, Dulcília Schroeder. *Mulher de papel.* A representação da mulher pela imprensa feminina. 2ed. São Paulo, Summus Editorial, 2009.

CAMARGOS, Marcia. *Villa Kyrial*: crônica da Belle Époque paulistana. São Paulo: Editora SENAC, 2001.

CAMINHA, Adolfo. *Cartas literárias*. Fortaleza: Editora UFC, 1999.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Multidões em cena:* propaganda política no varguismo e no peronismo. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

COLLINI, Stefan. *Absent Minds*: intellectuals in Britain. New York: Oxford University Press Inc, 2006.

COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?* Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

DUMONT, Juliette. L'Institut International de Coopération Intellectuelle et le Brésil: le pari de la diplomatie culturelle. *Collection "Chrysalides"*, n°4, editions de l'IHEAL, 2008.

EL FAR, Alessandra. *A encenação da imortalidade*: uma análise da Academia Brasileira de Letras nos primeiros anos da República (1897-1924). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. *Vidas de romances:* as mulheres e o exercício de ler e escrever no entresséculos. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

ENGEL, Magali Gouveia; SOUZA, Flavia Fernandes de; GUERELLUS, Natália de Satanna (Orgs.). *Os intelectuais e a imprensa*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2015.

FERREIRA, Antônio Celso. *A epopeia bandeirante*: letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940). São Paulo: Editora UNESP, 2001.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de A. N. (org.). *O Brasil Republicano.* Vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FRAIZ, Priscila. A dimensão autobiográfica dos Arquivos Pessoas: o arquivo de Gustavo Capanema. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.11, n. 21, p.63, 1998.

GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

_____. *Essa gente do Rio...:* modernismo e nacionalismo. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.

_____. (org.). *Capanema:* o ministro e seu ministério. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2000.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil:* sua história. Tradução de Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza, 2a ed., São Paulo: Edusp, 2005.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

LIMA, Felipe Victor. *Literatura e Engajamento na trajetória da Associação Brasileira de Escritores (1942-1958)*. Tese (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2015.

LIMA, Sandra Lúcia Lopes. Imprensa feminina, Revista feminina. A imprensa feminina no Brasil. *Projeto História*, São Paulo, n.35, p. 225-240, dez. 2007.

MACHADO, Hilda. *Laurinda Santos Lobo*: mecenas, artistas e outros marginais em Santa Teresa. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.

MASCARO, Sônia de Amorim. *A Revista Feminina*: imagens de mulher (1914-1930). Dissertação (Ciências da Comunicação). São Paulo, ECA/USP, 1982.

MELO, Ana Amélia M. C. de. *Jorge Amado:* a militância das letras*. Latin American Research Review*, vol. 51, n.1, 181-197, 2016.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MOREYRA, Álvaro. *As amargas, não...*: lembranças. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007.

MOTTA, Rodrigo Pato Sá. *Em guarda contra o "perigo vermelho":* o anticomunismo no Brasil, 1917-1964*.* São Paulo: Perspectiva, 2002.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta; GOMES, Ângela Maria de Castro. *Estado Novo: ideologia e poder.* Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1982.

PANDOLFI, Dulce (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999.

PEDRO, Joana Maria; PINSKY, Carla. (Org.). *Nova história das mulheres no Brasil*. 1ed. São Paulo: Contexto, 2012.

PEN Clube do Brasil (Org.). *PEN Clube do Brasil: 80 anos (1936-2016): promovendo a literatura e a liberdade de expressão*. Rio de Janeiro: Batel, 2016.

RÉMOND, René (org.). *Por uma história política.* Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Ed. FGV, 1996.

ROCHE, Anne. Une crainte qui les rassemblait: Paris 1935. Pour la défense de la culture. Les textes du Congrès international des écrivains*, Paris, juin 1935. Les Temps Modernes,* 2006/1 (n° 635-636).

RODRIGUES, Cândido Moreira; PAULA, Christiane Jalles de (org.). *Intelectuais e militância católica no Brasil*. Cuiabá: EdUFMT, 2012.

RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza. *A dança das cadeiras*: literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913). Dissertação de Mestrado. *Universidade Estadual de Campinas* – Programa de Pós-Graduação em História. Campinas, São Paulo. 1998.

SCATIMBURGO. João de. *Memória da pensão Humaitá:* Crônica nostálgica da legendária casa de Yan de Almeida Prado. São Paulo: Editora Nacional, 1992.

SCHPUN, Mônica Raisa. *Beleza em jogo*. Cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20. São Paulo: SENAC; Boitempo Editorial, 1999.

SENNA, Homero. *República das Letras:* entrevista com 20 grandes escritores brasileiros. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI:* no loop da montanha-russa. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *Literatura como missão*: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SOUZA, Camila Maria Bueno. *Ziembinski, o encenador dos tempos modernos:* a construção de uma trajetória na crítica de Décio de Almeida Prado (1950-1959). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

VIDAL, Laurent; LUCA, Tania Regina de (orgs.). *Franceses no Brasil:* séculos XIX-XX. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

WATTS, Marjorie. *P.E.N. The early years (1921 – 1926)*. London: Archive Press, 1971.

WILFORD, R. A. The PEN Club, 1930-50*. Journal of Contemporary History*, v. 14, n. 1, p.99-116, Jan. 1979.

WILNOCK, Michel. *O século dos intelectuais*. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

ZOLA, Émile. *J'accuse:* a verdade em marcha. Porto Alegre: L&PM, 2010.